

amor em
JOGO

CIDADE DO PECADO
LIVRO I

MARI CARDOSO

amor em
JOGO

CIDADE DO PECADO
LIVRO I

MARI CARDOSO

OceanofPDF.com

amor em JOGO

OceanofPDF.com

Nome da obra: Amor em jogo

Revisão: Dani Smith Books

Diagramação: Veveta Miranda

Capa: Mavlis Editora

Nome do autor: Mari Cardoso

<http://www.maricardoso.com.br/>

Copyright © 2021 por Mariana Cardoso

I N F O R M A Ç Õ E S

Esta é uma obra de ficção que não deve ser reproduzida sem autorização.

Nenhuma parte desta publicação pode ser transmitida ou fotocopiada, gravada ou repassada por qualquer meio eletrônico e mecânicos sem autorização por escrito da autora. Salvo em casos de citações, resenhas e alguns outros usos não comerciais permitidos na lei de direitos autorais.

Esse é um trabalho de ficção. Todos os nomes, personagens, alguns lugares, casos envolvidos, eventos e incidentes são frutos da imaginação da autora.

Qualquer semelhança com pessoas vivas ou mortas, ou eventos reais é apenas espelho da realidade ou mera coincidência.

OceanofPDF.com

Sumário

[Sinopse](#)

[Prólogo | Katrina](#)

[1 | Katrina](#)

[2 | Katrina](#)

[3 | Devon](#)

[4 | Katrina](#)

[5 | Katrina](#)

[6 | Devon](#)

[7 | Katrina](#)

[8 | Katrina](#)

[9 | Devon](#)

[10 | Katrina](#)

[11 | Katrina](#)

[12 | Devon](#)

[13 | Katrina](#)

[14 | Katrina](#)

[15 | Devon](#)

[16 | Katrina](#)

[17 | Katrina](#)

[18 | Devon](#)

[19 | Katrina](#)

[20 | Katrina](#)

[21 | Devon](#)

[22 | Katrina](#)

[23 | Devon](#)

[24 | Katrina](#)

[25 | Katrina](#)

[26 | Devon](#)
[27 | Katrina](#)
[28 | Katrina](#)
[29 | Devon](#)
[30 | Katrina](#)
[31 | Katrina](#)
[32 | Devon](#)
[33 | Katrina](#)
[34 | Katrina](#)
[35 | Devon](#)
[36 | Katrina](#)
[Epílogo | Katrina](#)
[Sobre a autora](#)

OceanofPDF.com

Sinopse

Sorte no jogo e azar no amor? Sorte nos... dois? Será possível? Quando o amor está em jogo, o que é impossível?

Katrina Summer é uma aspirante à jornalista de dia, hostness de noite, uma menina-mulher única. Divertida, usa o bom o humor e inteligência como as suas principais armas de sobrevivência. Criada apenas pela mãe, abandonada pelo pai quando criança, Kat tem dificuldade de confiar nos homens de modo geral. **Apesar de manter um relacionamento com seu vizinho e amigo de infância, ela rapidamente percebe que tem algo errado com o comportamento do Jared e decide pôr um fim no relacionamento.**

Em uma noite de bebedeira com sua melhor amiga, Vanessa, ela passa um tempo a mais com o homem que ela mais detesta na vida: Devon Winterfield. Essa noite inconsequente, trouxe consequências para o resto de suas vidas.

Devon é presidente de uma rede de hotéis e cassinos em Las Vegas (e alguns outros espalhados pelo país). A rede Winterfield era muito boa em proporcionar atrações para a cidade do pecado. Ele era um homem implacável, feito para os negócios, mas que sabia muito bem como se divertir. Criado por babás e responsável pela sua irmã desde que se entendia como pessoa, Devon tinha receio em se relacionar. Mas quando se tratava da louca, porém, linda e fascinante, Katrina Summer, ele poderia mudar a sua opinião.

Sem assumir um compromisso sério, Devon mantém um relacionamento sexual com a sua advogada e amiga de longa data, que

não vai aceitar em nada a rapidez que ele vai mergulhar em um relacionamento com a Kat.

Katrina e Devon protagonizam uma disputa sobre quem vai se apaixonar primeiro.

OceanofPDF.com

Prólogo | Katrina

Abri os olhos e fechei, tamanha dor que explodiu com a claridade. Meu corpo estava pesado. Deitada de lado, tentei me mover erguendo o braço e senti um outro, masculino, em cima do meu. Lívida, tentei lembrar quem poderia ser e tudo sobre a noite anterior eram flashes confusos. Recordei uma dança horizontal muito prazerosa que tive com um homem de cabelos escuros. Ainda de olhos fechados, tive a lembrança de uma cabeleira escura entre as minhas pernas...

Merda. *Uau...*

Foi uma excelente lembrança. Caramba, com *quem* eu fiz sexo?

Abri os olhos e virei na cama.

Devon estava dormindo atrás de mim, descoberto, nu e *hum ...* Dei uma boa olhada em seu corpo, tendo pedaços de lembranças vívidas de tudo que fizemos desde que tropeçamos pela porta aos beijos. Como essa *porra* foi acontecer? Não podia ser real. Tentei colocar a noite inteira em ordem cronológica e nada fazia sentido. Ele se moveu e me abraçou, então, eu reparei que estávamos algemados.

— Bom dia... — Beijou o meu ombro.

— Bom dia? — Sentei de forma brusca. — Como isso foi acontecer? — Ergui o punho que estava com a algema. — Nós fizemos sexo!

— Huum, sim — cantarolou com um sorriso safado, misturado a um sonolento. Era uma visão esplêndida. — Pelo que lembro, fizemos *muito* sexo.

OceanofPDF.com

1 | *Katrina*

Abri os olhos, desconfiada. Estava muito claro para o meu despertador não ter tocado. Sonolenta, tateei a cama, procurando o telefone e ouvi o barulho da maçaneta.

— Katrina! Estamos atrasadas! — mamãe gritou, aparecendo vestida com a calça do uniforme hospitalar, sutiã e os cabelos todo em pé. — Levanta! Eu tenho que estar lá em trinta minutos.

Tentei me desvencilhar dos lençóis, caí de joelhos no chão e corri para o banheiro. Não daria tempo de tomar banho, o que, para mim, era horrível, achava nojento sair de casa com cheiro de cama. Passei uma toalha molhada com sabonete líquido, renovei o desodorante e o perfume. Escovei o cabelo, prendendo em um coque para ficar domado quando precisasse soltar. Vesti a calça jeans pulando, tentando escovar os dentes junto e procurei a minha bolsa, jogando tudo que precisava dentro dela.

Recolhi meu celular, carregador e peguei as chaves do carro, com o tênis nas mãos e as meias debaixo do braço. Minha mãe já estava do lado de fora, tranquei a porta da frente e pulei até o carro para não sujar os meus pés. Abri o meu fusca laranja, carinhosamente apelidado de Bertie e rezei para que pegasse de primeira. Ele colaborou, soltando o seu famoso estrondo e me deixando sair de casa com rapidez.

Cresci em um dos bairros mais distantes do centro da cidade, era preciso pegar a estrada no meio do deserto para chegar até o hospital onde a minha mãe trabalhava.

Parei na entrada de funcionários vinte e cinco minutos depois. Estive ali para buscá-la no meio da madrugada, ela estava fazendo turnos

duplos para juntar um dinheiro. Precisávamos reformar o telhado, estava chovendo na cozinha e ao contrário de muitas famílias, nós não tínhamos dinheiro na poupança.

Gastamos tudo que juntamos em uma viagem maluca que fizemos até a praia. Mamãe e eu gostávamos de viver alucinadamente.

Afobada, saiu do Bertie depois de me dar um beijo e reparei que o meu telefone estava tocando.

Nick .

Meu recente ex-namorado. Rejeitei a chamada. Não estava com cabeça para falar com ele depois do término tão estressante e intenso na noite anterior.

Nós nos conhecíamos a vida inteira, crescemos como vizinhos e os pais dele ainda moravam no mesmo lugar. Ele sempre gostou de mim e nunca desistiu de me convidar para sair.

Oito meses atrás, finalmente, decidi dar uma chance. Ele era alguém que conhecia a vida inteira e, carente, aceitei ir a um encontro. Ele parecia querer me dar tudo que precisava: companhia, um ombro amigo, sexo até era ok (podia ser melhor se ele não fosse apressado e egoísta), mas tudo foi ficando intenso muito rápido. Não era só o fato de que ele não deixava a minha casa, como também começou a querer controlar todos os meus passos.

No começo, tentei conversar, orientar, falar que não gostava, por fim, as nossas brigas foram ficando cada vez mais sérias, frequentes e eu não ia ceder. Não ia permitir que ele me fizesse sentir refém. Sempre fui uma mulher livre. Com vinte e sete anos, apesar dos poucos relacionamentos que tive, sempre fui dona de mim mesma.

Nick não conseguia entender a importância de cada um ter o seu espaço pessoal. Se ele me visse *online*, perguntava porque não estava falando com ele, o que estava fazendo, se meu carro estava na garagem, questionava porque não avisei imediatamente ao chegar em casa...

Fiquei sufocada. A paixão e empolgação do começo desapareceram como vapor. Em nossa última briga, ele me segurou forte pelos braços e sacudiu ao ponto de bater com minhas costas na parede. Assustada, acalmei a situação e por fim, terminei tudo por e-mail. O medo me fez dar a notícia dessa maneira.

O que ele poderia fazer ao ser contrariado?

Não gostava nem de pensar o que ele faria. Minha mãe não aprovava o namoro, deveria ter prestado atenção na sua opinião, assim como ela, minha melhor amiga nunca se sentiu confortável perto dele.

Culpava a carência.

Liguei o rádio, a única coisa realmente nova no meu carro e coloquei a minha *playlist* animada para espantar o espírito do término. Enquanto dirigia pelo trânsito maluco de Vegas, cantei bem alto junto com Corine, *Girls Put Your Records On*.

Entrei no prédio comercial onde ficava a revista que trabalhava, vesti as meias, abri a porta e coloquei o tênis. Peguei a minha bolsa e tranquei o carro apenas por trancar, com tantos outros carros mais novos e mais potentes por ali, trancar o fusca era apenas um hábito.

Corri para o elevador, passando entre as duas portas que estavam quase fechando e sorri para o entregador, que me olhou como se eu fosse maluca. Soltei o cabelo e ajeitei a minha aparência contra o reflexo, as portas abriram no décimo terceiro andar, acenei para a recepcionista que gritou o óbvio, que estava atrasada e deslizei para dentro do meu cubículo.

— Oi! A noite foi boa? — McKenna se aproximou. Ela era a minha "colega", colunista de fofoca e uma das funcionárias mais antigas. — Aquele bonitão moreno deu jeito?

— Não. E bom dia para você também! — murmurei, ligando o notebook. Tudo para McKenna era sobre sexo. Ela só conheceu Nick porque um dia parei de respondê-lo por estar muito ocupada, e ele apareceu para ter certeza de que estava no trabalho e não o evitando. — O que tem de bom hoje?

— Nenhuma fofoca quente. Sabe, você é amiga da Vanessa Winterfield, bem que poderia me dar uma dica quente sobre o relacionamento do Devon com a advogada bonitona, a Everly. — Apoiou o queixo na divisória que separava as nossas mesas.

Vomitei mentalmente com a imagem dos dois juntos.

— Se você quer saber sobre o relacionamento dele, fale com ele. Já te pedi para não me fazer perguntas sobre os Winterfields. — Abri um sorriso, ela fez uma careta e voltou para o seu lugar.

Dei a língua para a divisória e enviei uma mensagem para minha melhor amiga, dizendo que estava querendo comer as paredes e muito enrolada. Me concentrei nos meus e-mails com as pautas para a revista. Estava investigando uma matéria à parte. Mesmo que o meu chefe tenha dito para não meter o meu nariz, eu sabia que tinha uma grande história por trás da demissão em massa dos operários da construção de um resort.

Enquanto escrevia sobre o signo dos famosos, liguei para uma das minhas fontes. Recebi a denúncia no meu blog anônimo, sobre coisas esquisitas que aconteciam em Vegas. No meu fórum, as pessoas contavam seus casos e dependendo do que fosse, poderia investigar. Mais de uma vez me dei bem e tive minhas matérias publicadas no jornal.

Ser colunista freelancer da revista não era o meu sonho. Queria ser repórter investigativa, sentar com as pessoas adultas e bem arrumadas do andar de cima e ter espaço nas principais capas. Antes, eu tinha que provar a minha capacidade.

— Katrina Summer? — Um entregador chamou da entrada. Ergui a minha mão enquanto equilibrava o telefone no ouvido e digitava. Ele carregava um saco marrom e dois copos térmicos no isopor. — Café com leite vaporizado, café puro com açúcar, um bolinho de chocolate com avelã e pretzel de queijo. Já está pago — avisou e deixou na minha mesa. Estiquei uma nota de dois dólares de gorjeta, era o que eu podia dar e era melhor que ficasse feliz.

Faminta, puxei o bilhete grampeado com o recibo e sorri. Vanessa me enviou. Tirei uma foto, postei no storie do instagram e enviei uma mensagem de áudio, agradecendo a pessoa incrível que ela era. Enviar o meu café no dia em que estava praticamente virada era uma prova de amor.

Comi, trabalhando, atendendo telefonemas e acatando as milhares de solicitações que o meu chefe mandava. Ele me pagava por hora e achava que eu tinha que dar a minha vida pelos míseros seis dólares. Como se só isso pagasse cada hora de estudo na faculdade, morando em Los Angeles.

Quatro da tarde me despedi dos meus colegas e da fofoqueira da McKenna, encerrando o meu horário. Sem precisar correr, dirigi devagar até o cassino que trabalhava como recepcionista do salão de jogos de luxo. Era o local que ficavam os empresários vips que não queriam e não precisavam se misturar com a multidão do salão principal.

Meu trabalho era recepcionar com um sorriso, levá-los aos seus lugares, apresentar à garçonete que iria atender e de vez em quando,

assoprar os dados, dar beijos (na bochecha) da sorte, flertar com o crupiê a favor do cliente e bancar a linda inacessível.

Corri para o vestiário e tomei banho, fiz uns cachos de modelador de cachos, e uma maquiagem elaborada, como todo dia. Vesti um macacão preto, de shortinho, com saltos altos e coloquei as minhas semijoias. Guardei as roupas no armário, tranquei, enfiando o telefone no bolso e assinando a minha entrada.

Ainda faltava um tempinho para começar, olhei o salão e estava sendo arrumado. Entrei no elevador e andei pelo cassino, até o restaurante do hotel. Empurrei a porta pesada da entrada dos funcionários e a cozinha estava a todo vapor. Desviei dos garçons saindo apressados, da gritaria e corri para os fundos, sentando no meu lugarzinho usual.

Jean Pierre é um chef francês que foi perseguido pelo dono do hotel, até assumir a principal cozinha da casa. Ele chegou na cidade sem falar inglês direito, confundindo tudo e eu fui uma das primeiras pessoas a ensinar como sobreviver no caos que se chamava Las Vegas.

Ele me alimentava sempre que eu aparecia como um cachorro pedinte em sua cozinha. Sorri para a figura alta e magra, de nariz proeminente, segurando uma bandeja.

— O que tem hoje? — Estiquei as minhas mãos para o prato.

— Fritas com o melhor filé da casa e uma porção de risotto funghi que você tanto gosta. — Me deu o garfo e uma faca. — A cozinha está com muitos pedidos hoje, daqui a pouco eu volto. Coma tudo. — Piscou e voltou para o seu lugar. Um dos chefes assistentes me trouxe uma taça de vinho.

Escondida nos fundos, fiz a minha refeição. Deixei o prato na pia e bebi o vinho para ficar relaxada. Lavei a minha boca, acenei para Jean e entrei no elevador de serviço. Para minha grande infelicidade, a primeira

pessoa que vi foi a insuportável da Everly Mendez. Ela era advogada, supostamente tinha um relacionamento com o dono do hotel e achava que era a futura sra. Winterfield.

— Aí está você. — Ela abriu um sorriso nojento. — Os convidados desta noite são amigos que o sr. Winterfield tem interesse de negócios, portanto, seja a melhor anfitriã e faça com que eles se sintam em casa, além de gastar muito dinheiro conosco. — Apontou para o bar. — John já está ciente que o sr. Winterfield disponibilizou garrafas de uísque para o consumo liberado.

— Sim, senhora — murmurei com um tom de deboche entredentes. Ela não era minha chefe, mas gostava de agir como dona do lugar.

Ridícula.

— Obrigada. Eu vou sair para jantar com Devon, mas se precisar de algo, pode me ligar. — Sorriu de um jeito irritante e foi andando com um perfeito vestido branco, cabelos com tanto laquê que não se mexiam e entrou no elevador, indo direto para a cobertura. Enfiei o dedo na minha garganta fingindo vomitar e fiz o pessoal rir. *Vaca de Prada*.

Tirei o meu telefone do bolso e enviei uma mensagem para Vanessa, contando que o irmão dela iria jantar com a *vaconilda mor*, ela riu e respondeu que ele estava em casa, jantando na cozinha com ela.

Avisei que ia começar a trabalhar e nos falávamos mais tarde. Eu tinha aquele emprego graças à Vanessa, porque ela era uma Winterfield e única irmã do dono do lugar. Quando voltamos de Los Angeles há dois anos, Vanessa nunca se preocupou em trabalhar ou fazer qualquer coisa da vida, simplesmente porque ela não precisava.

Durante a faculdade, nós moramos no apartamento do irmão dela, ele nunca nos cobrou aluguel e também pagava as contas, porque o lugar

era muito caro. Eu trabalhei para me manter, Vanessa ficava o dia inteiro estudando, na praia, fazendo o que bem entendia. Ela tinha uma boa condição de vida desde que nasceu, a mãe era uma famosa cantora, ganhadora de vários prêmios e teve milhares de residências em Vegas. Atualmente, Shannon vivia em Los Angeles com o marido número dezoito.

Vanessa sempre viveu com babás e com o irmão, Devon. Ele era o dono do lugar. Um cretino de carteirinha, safado, galinha, com um belo par de olhos azuis impressionantes, uma boca tentadora e um corpo que dava vontade de lamber. Era um homem implacável nos negócios e criou a Winterfield Entertainment com a herança que recebeu, triplicando os ganhos em poucos anos. Apesar de ser grata ao meu trabalho, Devon e eu não ficávamos na mesma sala sem rolar algum choque. Ele me irritava desde o dia em que nos conhecemos.

Minha melhor amiga foi um anjo que caiu do céu na escola de riquinhos. Sempre fui uma aluna exemplar. Em um concurso de escrita, ganhei uma bolsa de estudos. Não era fácil ser a garota pobre na escola de garotas ricas. As meninas eram cruéis, principalmente porque eu usava o mesmo tênis o ano inteiro, não desfilava com bolsas caras e muito menos tinha muito para gastar depois da aula no shopping.

Meu pai foi embora quando eu era pequena, ainda lembrava do dia que ele me disse que ia comprar pão, me deixou com a vizinha e nunca mais voltou. Não foi uma realidade fácil de aceitar. Minha mãe era enfermeira e ela sempre trabalhou muito para manter a nossa vida. Nunca fui o tipo de garota fútil, mas foi difícil fazer amizade no primeiro ano.

No segundo ano, Vanessa entrou. Ela era toda tímida com a atenção excessiva que recebia dos alunos, por ser filha de uma mulher famosa. Foi educada em casa antes de entrar na escola. Em um dia, ela foi encurralada por um grupo de jogadores do ensino médio, tinha apenas treze anos, eles

estavam querendo assustar. Vanessa estava quase chorando. Joguei uma bandeja em um e bati com o taco de beisebol na canela de outro, agarrei-a pelo pulso e saímos correndo. Olhamos uma para a outra, rimos e nos tornamos amigas. Nunca nos separamos depois disso.

Ela ia para minha casa todos os dias depois da escola, ficava para o jantar, conversava com a minha mãe e eu dormia na casa dela quando a minha mãe trabalhava de madrugada. Devon sempre esteve por perto, ele nunca ficava longe da irmã, mas sempre foi o garoto bonito, inatingível, que tinha dinheiro e bons amigos. Ele fazia festas desde que me lembrava como gente e só quando completamos quinze anos que ele deixou que participássemos. Tinha certeza que ele ganhou dinheiro no ensino médio com as festas que organizava. Mesmo assim, suportamos a presença um do outro por amor à Vanessa.

Como precisava do meu trabalho, coloquei um sorriso no rosto e recebi o grupo de empresários ansiosos para começarem as apostas. Quando se acomodaram, passei para o grupo seguinte e foi assim a noite inteira, até às duas da manhã. Meus pés estavam podres, doloridos, quando acabou o turno, tirei os sapatos e joguei-os no canto, sentada no bar.

John, o barman regular, estava terminando de lavar os copos. Ele me deu uma batida de morango sem álcool, já que voltaria dirigindo para casa e estava esgotada.

As portas dos elevadores se abriram e Devon saiu, usando uma camisa branca de mangas, puxadas até os cotovelos, calça jeans escura e sapatos. Como sempre, de tirar o fôlego. Ignorei a sensação de borboletas voando na boca do estômago que ele me causava desde que nos conhecemos. As garçonetes até pararam de limpar as mesas. Vanessa estava com ele, ela usava jeans, camisa preta e tênis brancos. Seus cabelos estavam soltos, a franjinha arrumada e me deu o seu usual sorriso amoroso.

— Festa do pijama hoje! — Parou na minha frente.

— Jura? Estou tão cansada...

— Você terminou com Nick ontem, apesar de querer estourar champanhe por isso, eu preparei um monte de coisa legal para fazermos juntas.

— Tenho que buscar a minha mãe no trabalho de manhã cedinho.

— Já cuidei disso. Programei um motorista de confiança para buscá-la e levá-la para casa, assim você poderá dormir até mais tarde, podemos aproveitar a piscina e beber alguma coisa, como não fazemos há tempos.

— Eu te amo.

Ela sorriu.

— Eu sei.

— Vamos? — Devon se aproximou.

Peguei os meus sapatos no chão, fui andando descalça até o vestiário e recolhi as minhas coisas. Devon ficou em silêncio enquanto Vanessa falava sem parar. Ela ficava o dia inteiro em casa, mandando mensagens, falar nunca foi um problema. Divertida, me fez rir, mesmo caindo de sono. Ela me seguiu até o carro, entrando no lado do carona. Do lado de fora, o irmão aguardava dentro de seu carro esportivo.

— Oi, Bertie. — Ela acariciou o carro. — Você se comportou hoje?

— Hoje sim.

Era muito esquisito dirigir o meu fusca ligeirinho, laranja, no caos de Vegas com um carro de luxo colado na minha bunda até o bairro residencial nobre que Vanessa vivia com o irmão. A nova mansão deles era linda. A primeira vez que a vi, meu queixo caiu nos pés e ficou por todo o

tour. Era impressionante o quanto eles conseguiam ficar ainda mais ricos ao longo dos anos.

Vanessa dizia que o irmão queria ter a certeza de nunca depender do dinheiro da mãe louca e relapsa que eles tinham, já que ela não parava de casar e pagava pensão para dois dos ex-maridos.

O atual tinha a idade de Devon, mas a maioria costumava ser muito mais jovem.

Estacionei o carro no lugar que Vanessa indicou, ela pegou as minhas coisas e andou devagar comigo, porque os meus pés estavam doendo. Subimos para o quarto, desejamos boa noite a Devon e fechamos a porta. Ela encheu a banheira enquanto eu tirava a roupa, lavava o rosto para tirar o excesso de maquiagem e usava todo demaquilante do mundo para remover o delineador.

— Como foi ontem à noite?

— Mandeí o e-mail. — Afundei na banheira, ela sentou no chão ao meu lado. — Não consegui fazer pessoalmente. Ele me assustou muito na briga, como sempre teve dificuldade de aceitar o que eu falava, imaginei que um término seria ainda pior. — Suspirei e ela fez um pequeno beicinho. — Não estou triste. Nem com o coração partido. Estou decepcionada. Nick era um bom amigo, mas hoje eu vejo que ele fingia ser um homem bom só para me conquistar.

— É uma característica de homens narcisistas.

— Não precisa me dizer “*eu te avisei ...*” — murmurei.

— Não vou dizer, você tinha o direito de tentar. A mesma coisa aconteceu comigo e com Luke, lembra?

— Não gosto de lembrar.

Luke foi um pesadelo difícil de desvencilhar, e esperava que Nick pegasse a dica e não seguisse pelo mesmo caminho.

Após o banho, vesti um dos muitos pijamas que ficava na casa dela, nos refugiamos no sofá da antessala de seu quarto, ligamos a televisão e colocamos *Uma Linda Mulher* para assistir. Era um dos nossos filmes favoritos, junto com *Dirty Dancing* e um monte de filmes bobos de menina. Com vinho, pipoca e conversa boa, dormi relaxada. Por mais que Nick tenha me assustado, eu tinha pessoas que me amavam muito e queriam o meu bem.

OceanofPDF.com

2 | *Katrina*

Me esgueirei em meio a umas plantas espinhosas, me arrastando pela terra até o canteiro, apoiando a minha câmera na grade de madeira. Fotografei o descampado que a empresa de construção deixou. Ali era uma reserva ambiental protegida, que foi vendida para a construção de um resort, com a promessa de que eles manteriam a rara vegetação intacta. Las Vegas era um deserto infernal, qualquer vegetação era rara, mesmo assim, eles destruíram e pior ainda, fazia semanas que não tinha movimentação nas obras.

Clicando os maquinários abandonados, reparei que havia água vazando de um dos lados, parecia ser o buraco de uma das piscinas. Olhei ao redor, e vi que o segurança estava comendo na parte da frente, não seria um problema entrar e sair sem ser vista. No entanto, seria um enorme problema ser pega. Ele andava armado e não queria levar um tiro. Pulei a cerca com a câmera no pescoço e andei entre as máquinas, sendo o mais silenciosa possível.

O cheiro era podre. Uma mistura de chorume com amônia. *Eca!* Havia diversos sapos mortos, entre outros bichos que eu não podia identificar. Fotografei porque parecia que o problema era a água. Ouvi um barulho de carros passando pela estrada de terra e corri de volta para a cerca. Pulando, peguei a minha bolsa no chão e voltei para o carro, saindo de lá o mais rápido possível.

Então... *O que tinha com o abastecimento de água da região?*

Dirigi batucando os meus dedos, pensativa e no primeiro lugar seguro que encontrei, estacionei. Tirei meu caderninho e anotei tudo que vi

com o máximo de detalhes, repassando as fotos, dando zoom e circulando coisas que precisaria investigar com mais calma.

Meu telefone estava tocando e ignorei, poderia ser Nick pela décima vez no dia. Ele estava me ligando todos os dias. Como a minha mãe andou trabalhando de madrugada na última semana, não dormi em casa, fiquei com Vanessa e me dedicando a fazer daquela matéria, a minha porta de entrada para o jornalismo investigativo.

Não tinha horários todos os dias na revista e eu não iria lá para ser enxotada. Primeiro buscaria mais informações. Mandeí uma mensagem para minha mãe e em seguida, para Vanessa, assim elas não ficariam preocupadas. Voltei para casa e estava um calor insuportável. Toda suada, estacionei na garagem e saí com as minhas coisas.

— Kat?

Merda.

— Oi, Nick. — Suspirei e me adiantei para a porta.

— A gente precisa conversar. Você não pode terminar por e-mail assim... — Ele passou a mão na cabeça. — Olha, eu já pedi desculpas por ter perdido a paciência e ter te machucado. É que você me tirou do sério e eu...

— *Eu te tirei do sério?* — cortei, incrédula. Nick era um homem lindo, moreno, latino, malhado, que deixava a mulherada da vizinhança com a calcinha pegando fogo. Ah se elas soubessem que ele gozava rápido, querendo transar o tempo todo e me deixava frustrada com a meia foda irritante. — Nós estávamos discutindo sobre a sua tendência de ser sufocante.

— Eu estava errado, ok? Eu preciso aprender a ser um homem melhor, quero ser homem para você, por favor, não faz isso comigo! Não

faz isso conosco! — Se aproximou e sinalizei para que não se aproximasse de mim. — Kat...

— Nick, eu sinto muito. — Suspirei logo quando Vanessa parou o carro esportivo no meio fio, buzinou e saiu. — Não vai dar. Tenho que entrar agora. — Abri a porta. Vanessa passou por ele sem falar nada, entrou logo atrás de mim, fechou a porta e trancou. — Ele queria conversar. — Liguei o ar-condicionado. — Eu fico mal vendo ele assim, mas ele teve coragem de dizer que foi minha culpa ele ter perdido a paciência.

— Idiota. Não vamos falar dele. O que descobriu? Entraram boas denúncias hoje, imprimi algumas e o que encontrei sobre elas. — Tirou a pasta da bolsa.

Vanessa vigiava o fórum do meu blog anônimo por mim, ela tinha mais tempo ocioso. Acabou se empolgando e fazendo por conta própria, mesmo quando não pedia. Preparei uma limonada bem gelada e doce, enquanto ela espalhava o material de trabalho na mesa da sala.

Tirei a roupa, ficando de sutiã e calcinha. Estava com preguiça de tomar banho. Enquanto ela revisava os meus textos, fiz uma pesquisa sobre o fornecimento de água ali. *Pro Valley Vegas* era uma das companhias de saneamento básico da cidade, que era responsável por alguns bairros próximos à construção.

Dei uma olhada no site, nada demais, procurei por matérias lançadas e nenhuma parecia ter algo. Olhei no site da prefeitura e encontrei alguns processos por parte de um grupo de moradores, denúncias comuns, fui rolando até achar um que parecia interessante... A maior parte estava rasurada em preto porque era confidencial.

— Sarcoma é câncer, certo?

— É um tipo, pelo que sei. Mas não tenho certeza, por que? — Vanessa se inclinou para olhar. — A empresa de água está sendo processada?

— Aparentemente sim, ou é apenas uma denúncia. — Rolei a página. — Não dá para entender muito com as páginas censuradas. Considerando o quanto aquela água estava fedendo, a maior parte pelos bichos mortos, não vai ser uma surpresa. Talvez seja por isso que a construção do resort parou...

— Tem algo mais aí. — Vanessa me olhou, empolgada e abriu um sorriso. — Se você descobrir, vai ser a sua grande matéria.

— Temos que ler esse processo por completo. — Mordi a pontinha da minha caneta.

— Não conhecemos ninguém na prefeitura.

— Talvez um dos clientes do cassino trabalhe na prefeitura, vou dar uma olhada nas fichas, fazer uma amizade e quem sabe, conseguir algo. — Dei de ombros.

— Se não conseguirmos, podemos pedir ao Devon — sugeriu com calma. Bufei. — Sabe que ele conhece muita gente e não vai negar ajuda.

— Em *último dos últimos* casos. — Dei de ombros.

— Não entendo porque vocês se detestam tanto.

— Nada pessoal. Não gosto do estilo de vida dele.

— Então você não gosta do estilo de vida de todos os homens bonitos e com dinheiro que vivem em Las Vegas. — Soltei uma risada e lhe dei a língua. — Em falar nisso, ele vai dar uma super festa no final de semana e nós duas iremos. Sei que estará de folga e poderemos curtir um pouquinho.

— Tudo bem. — Cedi. As festas de Devon eram realmente boas e precisava mesmo me divertir.

Trabalhamos o dia inteiro. No final da tarde, percebi que o meu pagamento caiu e quase fiz dancinhas ao ver o extra. Tomei banho, me arrumei para buscar a minha mãe e levá-la para jantar com a minha melhor amiga. Eu sabia que mamãe estaria exausta, optaria na certa por vir para casa e dormir, mas, depois de semanas trabalhando em dobro para consertar o telhado, ela merecia uma boa refeição e ainda por cima, paga pela filha favorita.

Vanessa me seguiu com o carro, parei para buscar a minha mãe e ela entrou, jogando a bolsa no banco de trás, me dando um abraço apertado.

— Como foi o plantão?

— Dois partos e no mais, até bem tranquilo. Apenas alguns curativos. E você? Encontrou algo?

— Sinto que estou prestes a achar algo grande, mamãe. Vanessa e eu trabalhamos nisso o dia inteiro, acho que vai ser a minha matéria de capa, porém, aprendi a minha lição. Não vou entregar o ouro antes de ter tudo em mãos para fazer com que Jeremy me publique.

Minha mãe era uma das pessoas mais incríveis do mundo, ela apoiava todos os meus sonhos. Nunca colocou um homem dentro de casa porque não confiava em ninguém, mesmo que tivesse alguns casinhos. Até conheci alguns dos seus namorados, mas eles não dormiam na nossa casa. Ela dizia que me preservar era mais importante que tudo. Esperava que ela encontrasse um amor e vivesse a vida do jeito que merecia. Depois do meu pai, mamãe não se permitiu ceder.

Parei em um pequeno restaurante não muito caro à beira da estrada. Vanessa saiu do conversível e rapidamente abraçou a minha mãe. Nós três

entramos de braços dados, andando iguais e rimos ao esbarrar em uma mesa. Escolhemos uma no jardim e o garçom não levou dois minutos para brotar do lado, cheio de sorrisos e com os menus.

— Quero hambúrguer! — Vanessa e eu falamos ao mesmo tempo.
— Muita batata frita. — Continuei e dei uma olhada. — Chá gelado para mim.

— Coca-Cola com gelo e limão — minha mãe pediu. Ela sempre pedia a mesma coisa.

— Acho que vou pedir chá, mas quero o mais doce que tiver e com gelo — Vanessa escolheu.

Ele deixou uma cestinha com batatinhas no estilo chips e foi fazer os nossos pedidos. As bebidas foram entregues primeiro. A melhor parte de sair com a minha mãe e a minha melhor amiga era que elas tinham uma relação estreita e isso fazia com que tivéssemos os melhores momentos de risadas escandalosas. Era impressionante a quantidade de besteira que saía da nossa boca.

— Aí meninas, eu precisava disso e não sabia. Obrigada por esse jantar maravilhoso. — Mamãe suspirou, ela estava exausta. Esperava que tirasse folga nos próximos dias.

— Mel, meu amor. O que seria da sua vida sem nós? — Vanessa brincou.

— Entediante e triste, tenho certeza.

Do restaurante, Vanessa foi para casa, minha mãe e eu seguimos para nossa casinha amarela, com um lindo jardim cuidado e amado por nós duas e uma muretinha de pedras que construímos juntas, como nas casas dos filmes.

O local era bem pequeno, a sala de estar não cabia três pessoas, a mesa da sala de jantar tinha quatro cadeiras e era redonda, o que facilitava a passagem para o único banheiro da casa. Em seguida tinha a porta do quarto dela, pouco a frente, ao lado do banheiro, estava o meu quarto. Nos fundos da casa, ficava a cozinha, que era um pouco maior do que a parte da frente, com uma saída para o quintalzinho dos fundos.

Apesar de pequena, era bem cuidada, decorada e o nosso lugarzinho favorito no mundo inteiro.

Estacionei na garagem e reparei que o carro de Nick estava em frente à casa dos pais dele. Ele estava ficando ali todos os dias, pude vê-lo na janela, olhando. A sensação que eu tinha era de que ele estava me vigiando entrar e sair, como se de alguma maneira, ainda pudesse controlar a minha vida. Esse sentimento me deixava maluca.

— Não gosto disso, só para constar — mamãe falou de forma severa logo que entramos. Fechei as cortinas e ela deixou as nossas coisas na mesa.

— Ele vai parar. É muito recente — murmurei, sem ter nenhuma certeza de que era verdade.

Entrei no meu quarto, dando privacidade para minha mãe sair do modo trabalho e relaxar no banheiro. Coloquei uma música suave, começando pelas acústicas do John Legend.

Nick ficou me ligando, mandando mensagens, tirei a internet do aplicativo de mensagens e coloquei o telefone no modo avião, navegando no instagram. Vanessa postou uma foto engraçada de nós duas fazendo um bigode com batatas fritas e comentei. Alguns minutos depois, Devon curtiu o meu comentário. Ele era assim, curtia, mas não falava nada.

Curiosa, dei uma olhada no perfil dele. A última foto era do nascer do sol, visão de seu quarto. Ele postava poucas fotos pessoais, apenas no

stories para a lista de melhores amigos e alguém vivia vazando.

Obviamente, nunca era algo realmente demais, mas alimentava o ego dele em ser chamado de gostoso por toda população feminina e fazia com que McKenna tivesse um emprego. Ela era obcecada pela vida dos Winterfield. Tinha até uma página no instagram exclusiva para compartilhar todos os babados, que não eram poucos, por causa da Shannon.

Apesar de seguirmos um ao outro no instagram, raramente curti algo dele. Mas sem querer, curti uma foto sem camisa. Me odiando por isso, rapidamente descurti e saí do perfil para não cometer nenhuma besteira. Devon estava online e, quase no mesmo instante, curtiu uma foto minha de biquíni. *Filho da mãe!* Ele gostava de provocar. Como diziam as mocinhas dos romances de época, era um libertino. Vanessa vivia reclamando que antes de ele comprar o flat, a porta de casa deveria ter mudado para uma giratória.

O idiota tinha um lugar para foder. Inacreditável.

Meu telefone vibrou com um e-mail. Era de um endereço desconhecido.

“Oi, Katrina.

Estou retornando o seu contato agora porque foi parar no spam. Se está procurando informações sobre o sistema de abastecimento de água do Valley, você pode ter acesso nas estações públicas. Lá deve ter, obrigatoriamente, todas as informações, processos, etapas e até mapas. São registros públicos.

Atenciosamente,

Prof. Jones”.

Vanessa enviou um e-mail a um antigo professor do ensino médio, nós ainda não tínhamos certeza se ele usava o mesmo endereço, felizmente

sim. Sem sono, procurei onde ficavam essas estações, vi que precisava de agendamento e fiz um, recebendo uma senha por e-mail. Eles iam me informar os horários disponíveis apenas na semana seguinte. Como não queria esperar muito tempo, decidi ir lá sem agendamento.

Anotei tudo na agenda, me preparei para dormir e ao voltar para a cama, vi que tinha um comentário de Devon na minha foto de biquíni na piscina da casa dele.

— Ele é tão idiota se pensa que eu me importo... — falei sozinha, olhando o emoji de foguinho que deixou. Minha vontade foi de responder, mas, eu era superior à galinhagem dele e apaguei o comentário.

Caí em um sono fácil, gostoso, acordei no horário e não precisei correr feito louca. Me arrumei silenciosamente, não querendo acordar a minha mãe. Ela inevitavelmente acordaria com o escândalo que Bertie fazia quando dava partida, mas pelo menos não seria perturbada com a minha barulheira. Saí de casa animada, cantarolando *Fuck You* da Lily Allen, que representava bem o meu humor do dia.

— Bom dia, McKenna. — Passeei para dentro do meu cubículo. Encomendei o meu café e ela se pendurou na divisória. — Seja o que for, a resposta é não.

— Então... — cantarolou. — É verdade que Devon Winterfield comentou um emoji de foguinho na sua foto de biquíni? Tiraram print.

Porra. Eu odiava a internet.

— Foi de brincadeira. Ele tem um senso de humor estranho.

— Foi o que imaginei. — Ela sorriu. — Até porque ele é um gato e tem a deusa da Everly Mendez como namorada. Comprei o curso dela sobre práticas de negócios, é muito bom. Custou quinhentos dólares.

— Nossa... Quero trabalhar com fofoca para ganhar tão bem ao ponto de gastar tanto com um curso inútil. — Sorri e ela bufou, voltando para o seu lugar. O que ela quis dizer sobre Devon ser bonito? Ele era bonito demais para mim?

Eu era linda e, sem modéstia, se não me colocasse lá no alto, ninguém me colocaria. Meu cabelo era longo, bonito, sempre bem hidratado... loiro falso, mas quem não pintava hoje em dia? Meus olhos castanhos claros, o que eu achava um charme, cílios não eram lá grandes coisas, mas ficavam ótimos com o rímel certo. Meu rosto de boneca não precisou de trinta plásticas como o da Everly. *Vontade de pegar as fotos dela da escola e jogar na internet...*

De corpo, não tinha os atributos chamativos, era por isso que eu malhava para ter alguma coisa. Era peituda, magra, mas não muito, tipo, não *muito* mesmo, só não era idiota e ficava praticando gordofobia. Tinha consciência que o meu corpo era de uma mulher de vinte sete anos, sem filhos, que bebia, mas se cuidava. Gostava das minhas coxas e o meu quadril era bonitinho. Não tinha lá muita bunda, como disse, ninguém podia ser tão perfeito. Amava meu corpo feminino, do jeito certo, sem ser demais ou de menos. O equilíbrio perfeito.

Eu podia ser chamativa se quisesse e também podia passar despercebido. Era uma vantagem. Devon não era bonito demais para mim. Eu que era muita areia para o caminhão gasto dele! Rodado!

Abri as solicitações e, de novo, precisava escrever porque o casamento da Angelina Jolie havia dado errado. Estava cansada de falar sobre aquilo e pior, tinha acesso. Como não era idiota, usava um codinome, não queria relacionar o meu nome a um seguimento do jornalismo que não gostava e não me identificava. Era um lado que muitos gostavam, porque era fácil estar no meio dos famosos, das melhores festas e, por

consequência, ficar sabendo de tudo em primeira mão. McKenna recebia ligações de empresários para espalhar a fofoca, ajudar a impulsionar carreiras ou alimentar rumores de relacionamentos propositalmente armados.

Escrevi as minhas matérias ouvindo McKenna falar que Everly atualizou o instagram stories, com um boomerang em um almoço no qual Devon estava ao lado dela. Ela alimentava os rumores para benefício próprio. Devon nunca postou nada, ele nem a seguia no instagram, mas eu sabia que eles já tinham ficado algumas vezes. Ela não era tão maluca ao ponto de inventar uma intimidade, além do mais, Vanessa disse que por um tempo, ela tinha a chave do flat.

— Viu o sapato que ela estava usando? — McKenna parou no meu caminho na hora da saída.

— Eu não me interessou — rebati e passei por ela. — Até semana que vem. Tchau, gente.

Apesar de não gostar da Everly porque ela era um ser mal educado e nojento, normalmente, não me interessava por fofoca.

Pensando na minha matéria investigativa em andamento, cheguei ao cassino com tempo de sobra. Vanessa avisou que estava no andar da presidência e queria falar comigo sobre umas coisas que descobriu em sua pesquisa. Não gostava de ir lá, porque ali era o meu local de trabalho e não queria que ninguém pensasse que eu tinha um favoritismo.

Apertei o botão da cobertura e o elevador viajou com rapidez. Ao sair, estava meio vazio, ali as pessoas trabalhavam em um expediente normal, então, a maioria já tinha ido embora. Virei no corredor procurando Vanessa e bati de frente com uma pessoa.

— Opa.

— Devon. — Me afastei e quase caí na poltrona atrás de mim, mas me ajeitei rápido. — Desculpa, não te vi e acabei esbarrando. Estou procurando a Vanessa.

Ele inclinou a cabeça para o lado e passou a língua no lábio inferior. *Indecente. Cretino. Lindo. Quer dizer, cretino! Isso!*

— Claro que está. — Me deu um sorriso zombeteiro. — Ela está usando o computador da minha sala. Precisa que eu te acompanhe?

— Não. Obrigada. Eu sei o caminho. — Dei a volta por ele.

— Boa noite para você também! — falou atrás de mim e fingi que não ouvi, andando bem rápido para sua sala. Eu ia matar Vanessa por me fazer ir ali em cima.

Droga. Tudo que eu não precisava era trombar com Devon e ele pensar que me afetava de alguma maneira. Ele já era irritante o suficiente.

3 | *Devon*

Vanessa desceu a escada arrumada para sair. Fingindo que não me viu jogado no sofá, passou por mim e estava quase saindo quando gritei seu nome. Ela voltou e me deu um olhar desinteressado, ainda irritada com a discussão boba que tivemos no café. Minha irmã era ótima para rir e zoar, mas caía na minha rapidinho. Minha missão de vida como irmão mais velho era tirá-la do sério e eu estava disposto a perturbar.

— Eu sou invisível nessa casa?

— Infelizmente? Não. — Abriu um sorrisinho debochado. — O que você quer?

— Paramos de avisar quando vamos sair? Perdi o memorando — ironizei.

— Você só está curioso. — Se aproximou e sentou no encosto do sofá. Ela odiava que eu fizesse isso, porque amassava as almofadas e brigava que o meu peso iria destruir a estrutura acoplada. A bonita, aparentemente, podia fazer. Bati em sua bunda e ela riu, correndo de mim. — Eu sou leve!

— Osso pesa! — Dei de ombros. — Então?

— Katrina terminou o relacionamento com Nick. — Aquela notícia me fazia muito feliz. O namorado de Katrina era um idiota. Ela merecia alguém melhor. — Mesmo depois da nossa noite de meninas, ela ainda está meio desanimada.

— Está triste?

Se ela quisesse um consolo, eu podia dar um.

— Não exatamente. Ele a deixou assustada e decepcionada. — Brincou com a chave do carro nas mãos. — Nós vamos ao parque de diversões. Se quiser, depois que for dar a sua verificada nos negócios, vai lá. Jantaremos no restaurante mexicano.

— Se cuida. Se der, eu vou.

Voltei a ler meus e-mails, respondendo solicitações de Alicia, minha assistente, e tive uma reunião por vídeo com os advogados de um *pub* que estava interessado em comprar. Eles estavam cheios de exigências, fazendo parecer que o ambiente estava lucrando, o que não era verdade. Tive acesso aos números. Parte da culpa era a má gestão, parte porque não tinha todos os atrativos que a minha empresa poderia oferecer. Não estava interessado em uma parceria e sim, na compra.

Exausto, fui até a cozinha procurar algo para comer e liguei para Everly, pedindo que agilizasse todos os documentos pedidos. Ela tentou enrolar o assunto, usando seu tom de voz sexy e eu cortei, encerrando a chamada porque tinha mais o que fazer.

Era impressionante como ela conseguiu me irritar ao ponto de que até o puto do meu pau se encolhia com a ideia de termos qualquer coisa íntima novamente. Conversei com Matt, meu advogado particular, sobre um investimento, olhando o que tinha na geladeira e decidi que poderia encher o saco da minha irmã enquanto aproveitava a comida mexicana.

Não demorei a sair de casa. Por mensagem, ela me avisou que ainda estava no parque. Foram na roda gigante e na montanha russa, estavam andando entre as barracas. De carro, levei quinze minutos para chegar e mais quinze para encontrá-las no estande de tiro ao alvo. Vanessa era boa de

mira e ganhou um urso enorme, já Katrina, era um problema sério. Ela conseguiu atirar no dono da barraca.

— Desculpa! Você estava na frente do alvo!

— É assim que você se desculpa, Katrina? — falei atrás dela, que dentro de um vestidinho esvoaçante azul com bolinhas brancas, deu um salto e olhou para trás. Ela era bonita, peituda de um jeito que me fazia pensar merda o tempo todo, coxas bonitas e a cinturinha fina que dava curvas nos lugares certos.

— Ah, é você. — Me deu um sorriso seco. — O que ele está fazendo aqui? — cochichou com a Vanessa.

— Fui convidado e sim, eu posso te ouvir — respondi pela minha irmã e Katrina ignorou. Peguei uma ficha de Vanessa, uma pistola livre e acertei bem no meio do alvo. As duas pularam empolgadas quando as serpentinas caíram e a barraca piscou várias luzes.

O velho rabugento que estava colocando um gelo na testa devido ao galo que Katrina lhe deu, se aproximou com um enorme urso azul escuro. Peguei-o, agradeci e virei para Katrina.

— Por que está me dando isso? — Ergueu o queixo, desafiando como sempre.

— Peguei para você.

— Não te pedi nada. — Arqueou a sobrancelha.

— Eu sei. Essa é a graça. Vai negar o meu presente? — Me aproximei, forçando uma expressão solene, quase de coração partido.

Desconfiada, puxou o urso rapidamente da minha mão e abraçou. Ursinho sortudo.

— Vamos jantar? — mudei de assunto rapidamente e elas prontamente concordaram.

Fomos um dos mais badalados restaurantes mexicanos da cidade, que éramos clientes do serviço de delivery. A comida era picante no ponto certo, porém, tanto Katrina quanto Vanessa gostavam de pimenta extra em quase tudo. No final, aconteceu a mesma coisa de sempre: as duas reclamando de calor, com a boca ardendo, bebendo muita água e quando chegamos em casa, correram porque estavam apertadas para ir ao banheiro. Sempre do mesmo jeito.

Me joguei no sofá, liguei a televisão e coloquei os pés para o alto, procurando um filme para distrair a minha mente antes de precisar ir até o meu principal hotel. No dia seguinte, estava programada uma festa e eu queria ter certeza de que o espaço de eventos estava pronto para decoração logo pela manhã. Fazer essa verificação de madrugada era melhor, não tinha tantos hóspedes, curiosos e os apostadores já estavam encerrando as atividades.

Ouvi um barulho suave na escada e virei o rosto.

— Obrigada pelo urso. — Katrina sorriu e voltou correndo para o quarto da minha irmã.

— De nada, baby — falei sozinho e voltei minha atenção para a televisão.

...

Shape Of You tocava de forma eletrônica na festa. A pista de dança estava lotada, as pessoas pulavam conforme o DJ incitava. Da sala de supervisão, observei o andamento antes de descer para fazer a minha aparição e curtir o que programei. Vi o momento em que a minha irmã

chegou, de mãos dadas com a inseparável melhor amiga, automaticamente vários homens se aproximaram da entrada do camarote que elas foram levadas pelo organizador.

O garçom entrou com bebidas e enviei uma mensagem para Vanessa não começar bebendo demais, ela ficava louca muito rápido. Teimosa, enviou uma mensagem de volta me chamando de chato e riu com Kat.

Katrina.

Mesmo de longe eu podia ver que estava linda em um curto vestido verde escuro, seus cabelos estavam presos fazendo parecer volumosos, com várias mechas caindo pelo rosto. Kat era linda e o que tinha de linda, tinha de insuportável. Fazia jus ao nome como um dos furacões mais devastadores da história. Fiquei parado olhando-a dançar, os quadris se moviam conforme as batidas e eram mais hipnotizantes do que deveriam ser para mim.

Ouvi passos atrás de mim e pelo reflexo, vi que era Everly. Porra. A mulher era incansável.

— Você não vai descer, querido? — Colocou a mão no meu ombro.
— Estou te esperando.

— Vou descer e sozinho, Everly. Precisamos conversar novamente?

Ela fez uma careta, tirando a mão e colocou o cabelo atrás da orelha, relaxando a postura e soltando uma risada. Recostou na mesa, cruzando os tornozelos.

— Não precisamos conversar, não foi por mal, apenas pensei que podíamos aproveitar a festa como amigos. Vários dos nossos amigos estão no camarote X...

— Eles não são meus amigos, são parceiros de negócios e essa festa não é a trabalho. Você sabe que é para mostrar o novo espaço de eventos. —

Peguei o meu telefone e enfiei no bolso. — Eu vou para o meu camarote. Aproveite a festa. — Parei, esperando que saísse da sala. Ela não ia ficar ali sem supervisão.

— Claro. Boa festa. — Ela sorriu e saiu rebolando. Por um tempo, aquela bunda me chamou muita atenção, até me diverti, mas era apenas mais uma bunda sem compromisso. Sempre deixei claro para todos os meus envolvimentos que não eram relacionamentos. Não estava me privando de um, poderia acontecer, mas não fazia promessas, assim ninguém saía machucado.

Fechei a sala por dentro e abri a outra porta, que dava para um dos corredores principais. O lugar estava lotado. Cumprimentei algumas pessoas no caminho, tirei foto com conhecidos e sozinho, acenei para algumas pessoas da imprensa e entrei em meu camarote com os meus convidados. Meu amigo, Stuart, mais conhecido como Don Hedrer, um famoso lutador de MMA peso pesado, já estava lá. Batemos nossas mãos, e passei cumprimentando mais alguns colegas mais próximos e as garotas selecionadas para estarem ali.

Havia outros camarotes que foram distribuídos para pessoas específicas, que convidaram famosos que poderiam se interessar em alugar o meu novo espaço.

Me aproximei de Vanessa que, sentada no sofá, gargalhava com algo que um homem falava em seu ouvido. Kat estava com o canudinho na boca, drenando todo o drink azul e me deu um sorriso educado, revirando os olhos para Vanessa, que já estava de papo com um. Um garçom chegou com a minha bebida, uma dose do meu uísque mais caro de coleção e Stuart apontou para uma garota gostosa rebolando no meio do camarote com as amigas. Ergui o meu copo e pisquei.

Kat bufou quando o cara sentou entre ela e Vanessa. Se aproximou e a sua coxa tocou a minha.

— Ela prometeu que seria apenas vocês duas?

— Como sempre — murmurou e sinalizou para o garçom trazer outra.

— Isso não é suco — provoquei.

— Tome conta da sua vida — ela rebateu e ri. Kat era arisca comigo desde que nos conhecemos. Eu não me importava. Toda sua fúria era divertida, parecia um gatinho bravo querendo morder com dentinhos inofensivos. — Ah, eu amo essa música. Eu vou dançar! — Me entregou o copo, pulando as minhas pernas. Aproveitei para dar uma olhada em sua bunda. Era uma bela bunda.

Próxima ao sofá, ficou dançando sozinha, gritando *Titanium* da Sia com David Guetta. O DJ mesclou com *Bad Guy*, Vanessa levantou, as duas se agarraram, dançando e mesmo sem ser intencional, estavam provocando milhares de homens ao redor. Minha irmã sinalizou para que eu me livrasse do cara, virei no meu lugar e apenas com um olhar, ele saiu de perto sem falar nada. As duas riram, gritando uma com a outra algo que só elas sempre achavam graça.

— Vem dançar! — Vanessa me puxou. — Vamos fazer um sanduíche dele! — falou com a amiga, ficando atrás de mim. Parei frente a frente à Kat. Observei o rosto de boneca brilhando com as luzes coloridas da boate.

— Você não sabe dançar? — Se estressou quando não me movi.

— É um desafio, Kat? — Sorri torto e agarrei sua cintura, ela arquejou e tentou soltar as minhas mãos, mas não deixei, puxando-a em minha direção e me movendo na versão eletrônica de *Beautiful People*.

Virei-a para ficar de costas, colando o meu peito em seu corpo torneado. Sorrindo, rebolou contra mim, me fez perder a concentração por alguns segundos, logo, estávamos dançando *Old Town Road* olhando nos olhos um do outro. Ela não ia fugir porque sabia que a chamaria de covarde.

— Pronto. — Se afastou. — Dançamos. — Foi embora de volta para o sofá, pegou a bebida e tomei de sua mão. — Porra, qual o seu problema?

— Você deixou o seu copo aqui e alguém pode ter colocado algo — expliquei e pedi outro.

— Ah... Obrigada. — Ficou sem graça. — Desculpa.

— Você adora me fazer de vilão — cochichei e beijei sua bochecha. Saindo de perto, pegou a nova bebida que o garçom trouxe e foi para o sofá.

Kat estava tão linda que atraiu atenção de outros homens. Ela se afastou de cada investida. Em dado momento, Vanessa desapareceu e Kat ficou sozinha com a bebida. Me joguei ao seu lado, ganhei um sorriso tenso e parecendo nervosa, virou quase todo copo.

— Por que você não gosta de mim?

Era a pergunta que sempre quis fazer. Nunca dei muitos motivos para Kat agir de maneira tão furiosa em alguns momentos e fria em outros. Ela vivia na minha casa e não era nada além de educada. No começo, era muito engraçado, depois, ficou irritante, hoje em dia, incomodava, mas eu respeitava.

— Por que se importa? — rebateu, cruzando as pernas e olhei para as coxas bonitas. — Meus olhos estão aqui em cima, espertinho. Não adianta agir comigo como você faz com todas as garotas. Sei muito bem das suas artimanhas.

Soltei uma risada.

— Sabe mesmo? Será que você resiste? — Me aproximei. Ela revirou os olhos e colocou o copo em cima da mesa. — Não vai me responder? — insisti e ela deu de ombros, virou o rosto e me encarou. — Nunca vai esquecer o que eu disse? Eu já pedi desculpas, já passou mais de dez anos, não sabia que era tão rancorosa.

— *Rancorosa* ? — ela guinchou. — Não sou rancorosa. Não é só o que disse no passado, é que você me enerva — confessou e ri alto. — Sempre tão certinho, dono de si, cheio de controle e tudo bem, a coleção de mulheres é muito irritante. Faz parecer que você é incapaz de honrar um compromisso com uma pessoa, que se acha bom demais para qualquer uma.

Peguei o meu copo e dei um gole. Ainda sem saber o que dizer, virei todo. *Certinho* ? Sempre fui muito responsável, mas não exatamente *certinho* . Sabia me divertir e ter equilíbrio. A vida precisava de dosagens certas, caso contrário, coisas ruins poderiam acontecer e as consequências devastariam as vidas alheias.

— Viu só? Nada a dizer. — Kat aceitou o copo que o garçom renovou.

— Na verdade, estava pensando. É realmente engraçado e até meio gratificante ouvir o que uma pessoa acha de mim. Não é algo que estou acostumado a me importar.

— Arrogante.

— Não é arrogância, é segurança, sei quem sou, mas se você me vê dessa maneira, estou falhando em alguma área. Você é praticamente da família. — Virei-me de frente. — O que você nunca me vê fazendo?

Kat bebeu e me analisou, olhando de cima a baixo. Mordeu o lábio e reparei o quanto eles eram carnudos, tentadores.

— Acho que eu nunca te vi bêbado. — Inclinou a cabeça para o lado. — Eu não sei se você é capaz de relaxar o suficiente para ficar bêbado, perder o controle de tudo ao redor, parar com a imagem de gostoso inatingível.

— *Gostoso ?* Você me acha gostoso, Kat?

Ela se irritou.

— Vai se ferrar! Quando penso que estamos tendo uma conversa, você está de palhaçada.

— Não estou de palhaçada, eu juro. — Coloquei a mão no coração. — Tudo bem, vamos ficar bêbados e perder o controle.

— Vamos? Você está louco. — Kat riu e a encarei bem sério.

— Não aceita o desafio, Katrina?

— Eu te desafio a perder o controle, ao contrário de você, não sou tão certinha.

— Desafio aceito. Vamos ver o quanto pode aguentar. — Sorri, ela mordeu o lábio e sinalizei para o garçom. — Traga quatro doses de tequila para começarmos, por favor.

— Tequila? Não. — Kat sinalizou desesperadamente. — Devon, você lembra quando Vanessa e eu dormimos no banco de uma praça em Los Angeles?

— Infelizmente, sim.

— Foi a tequila — enfatizou.

— Então, estamos no caminho certo.

O garçom voltou com quatro copinhos, sal e limão, colocando em cima da mesinha à nossa frente. Peguei um copinho, entregando a ela, o sal, viramos um pouco na mão, lambemos ao mesmo tempo e viramos. Ela

pegou a fatia do limão, mordeu, sacudindo o rosto e me entregou. Peguei o segundo copinho, entreguei e ri de sua careta. Kat respirou fundo e chegou a dar pulinhos sentada, reagindo à dose.

— Foda-se.

— Foda-se não, mais uma dose. — Sinalizei para o garçom.

Kat iria conhecer o meu lado realmente divertido.

OceanofPDF.com

4 | *Katrina*

Minha cabeça estava doendo! Abri os olhos e fechei de tamanha dor que explodiu com a claridade. Meu corpo estava pesado, deitada de lado, me movi, ergui o meu braço e um masculino foi erguido junto. Lívida, tentei lembrar quem poderia ser e tudo sobre a noite anterior eram flashes confusos. Recordei uma dança horizontal muito prazerosa que tive com um homem de cabelos escuros. Ainda de olhos fechados, tive a lembrança de uma cabeleira escura entre as minhas pernas...

Merda. *Uau...*

Foi uma excelente lembrança. Caramba, com *quem* eu fiz sexo?

Abri os olhos e virei na cama.

Devon estava dormindo atrás de mim, descoberto, nu e *hum ...* Dei uma boa olhada no seu corpo, tendo pedaços de lembranças vívidas de tudo que fizemos desde que tropeçamos pela porta aos beijos. Como essa *porra* foi acontecer? Não podia ser real. Tentei colocar a noite inteira em ordem cronológica e nada fazia sentido. Ele se moveu e me abraçou, então, eu reparei que estávamos algemados.

— Bom dia... — Beijou o meu ombro.

— Bom dia? — Sentei bruscamente. — Como isso foi acontecer?
— Ergui o punho que estava com a algema. — Nós fizemos sexo!

— Huum, sim. — Cantarolou com um sorriso safado misturado com um sonolento. Era uma visão esplêndida. — Pelo que lembro, fizemos muito sexo. — murmurou satisfeito e as minhas bochechas ficaram

vermelhas. — Quanto às algemas, eu não lembro. — Esfregou as têmporas. — Porra, minha cabeça está me matando.

O latejar nas minhas têmporas era extremamente nauseante. Enfiei a mão no cabelo, estava embolado e eu exalava um cheiro de bebida intragável.

O que foi que eu fiz?

— Preciso tomar um banho. Cadê a chave dessa coisa estúpida?

Devon sentou-se e ficamos lado a lado. Havia penas de um travesseiro destruído pelo quarto, roupas espalhadas, roupas de cama pelo chão e parecia que um furacão havia passado ali. *Furacão Katrina* bêbada e com tesão, porque não parecia real que eu estava nua na cama com Devon. Olhei para o lado sem acreditar.

Sáímos da cama devagar, nus como viemos ao mundo e paramos em frente um ao outro. Eu estava quase chorando de vergonha, confusão e medo. Observei o quarto, procurando o meu vestido e não estava em lugar algum.

— Será que nós usamos camisinha? — perguntei baixinho.

— Não sei, acho que sim... — Devon puxou o cabelo. — Porra. Isso é fodido.

Seu comentário foi o suficiente para me fazer chorar. Eu nunca fui irresponsável, nunca fiquei tão bêbada e tão inconsequente. A única vez que perdi totalmente o controle foi na faculdade, mas foi junto a Vanessa e tudo que aconteceu foi um desmaio em uma praça. A polícia nos encontrou, ligou para a minha mãe e para Devon porque nós duas tínhamos apenas dezenove anos. Depois disso, nunca mais aconteceu.

— Preciso tomar banho. — Funguei.

— Ei, não chore. Está sentindo dor? — Se aproximou e me encolhi.
— Kat? Você está ferida? — Devon travou no lugar. Seus olhos demonstravam preocupação e medo. — Te machuquei?

— Não. — Sequei o meu rosto. — Isso é constrangedor. Nunca aconteceu... — Mordi o lábio. Ergui os olhos, enquanto me sentia atropelada por um caminhão, ele parecia apenas desalinhado pós sono. — Estou tentando lembrar porquê...

Eu não tomava pílulas, se não usamos camisinha...

— Acho que tudo começou com o desafio da tequila. — Devon me deu um meio sorriso adorável.

— Parece que sabemos como nos divertir... — Suspirei. Por que fui inventar a merda do desafio? Ele quis saber porque eu não gostava dele, depois de alguns drinques, a verdade escapou da minha boca. Não que eu não gostasse, só tinha uma forte opinião sobre ele e as atitudes que tomava.

— Eu lembro como viemos parar aqui, mas talvez você precise de um café antes.

— Vamos procurar a chave dessa coisa. — Apontei para o quarto. — Deve estar em algum lugar...

Começamos a revirar a cama o máximo que conseguimos, presos um ao outro. Não parecia estar em lugar algum. Minha cabeça doía tanto que meus olhos não paravam de lacrimejar.

— Não posso sair do seu quarto assim. — Estava a um passo de começar a surtar. — Preciso tomar um banho — reclamei com a minha depressão alcoólica chegando ao máximo.

— Vamos tomar banho juntos. — Deu de ombros. — Até porque, não tem nada aí que eu não tenha visto.

— Está achando esse desastre o máximo, não é? — Explodi, colocando a mão livre na cintura. — Escuta bem, Devon! Não sou uma garota emocionada por estar na sua cama! — Apontei e ele simplesmente mordeu o meu dedo.

— Não seja tão dramática, Kat. Apenas falei a verdade. — Inclinou-se e o nariz ficou próximo ao meu. — Lembro de ter chupado essa boceta deliciosa e nós fodemos de um jeito bem gostoso. — Me deu um sorriso torto.

— Cretino.

— Prefiro gostoso. Você me chamou assim mais de uma vez.

Empurrei seu peito, irritada, virei e o puxei para o banheiro.

O quarto de Devon era imenso, só o closet e banheiro eram do tamanho da minha casa inteira! Ele tinha dois chuveiros em um espaço reservado, mas com a algema, precisamos dividir o mesmo jato. Cada um de uma vez, nos lavamos com sabonete líquido.

Foi difícil lavar o meu cabelo, ele pegou o xampu da minha mão, fazendo por mim, com mais destreza que conseguia devido a todo tremor pós noitada com muito álcool. Secar foi outra novela. Fazer coisas normais presa a outra pessoa era um inferno.

— Como vou colocar uma roupa presa a você? — Parei com o meu cabelo molhado no meio do banheiro após escovar os dentes com uma escova reserva que ele me deu. — Isso só fica pior a cada segundo.

— Vamos dar um jeito — prometeu e me puxou para o closet. Pegou duas cuecas e me entregou uma. Ele vestiu primeiro, evitei olhar, era simplesmente estranho fazer algo tão íntimo com Devon. Vesti a cueca, uma calça de moletom e ele ficou sem camisa. — Vou cortar a manga e amarrar em seu ombro. — Tirou uma camiseta branca simples, pegou uma tesoura

na gaveta e cortou um lado. Vesti e ele amarrou no lado que o meu braço estava preso a ele.

Meu telefone ou a minha bolsa não estavam em lugar algum a serem vistos. Entre os lençóis, achamos pacotes de camisinha, o que me rendeu uma onda de alívio. Mesmo acostumada a estar na casa, sair do quarto de Devon me deixou envergonhada. O corredor tinha alguns vasos virados, a mesinha estava fora do lugar e o quadro muito caro que Vanessa comprou em Miami descansava torto no chão.

O cheiro de café nos saudou logo que descemos a escada. Meu vestido, calcinha e bolsa estavam na sala. *Que vergonha...*

— Meu Deus. — Recolhi tudo rapidamente e embolei nos braços. — Acho que nós começamos aqui... — Olhei e ele estava sorrindo. Irritante.

— Na verdade, foi no carro.

— No carro? — grunhi e lembrei. *Ah, sim.* Foi no banco de trás. Bancos de couro e um cheiro muito bom vieram à memória. Ou era ele que cheirava muito bem. — Não sabia que podia ser tão...

— Eu também, bela surpresa. — Sorriu torto e dei um soco em seu braço.

Rindo, me puxou para a cozinha, empurrou a porta aberta e Vanessa estava bebendo café. Ela nos olhou juntos, inclinou a cabeça para o lado, viu a algema e começou a rir.

— Bem que eu achei que conhecia a calcinha que estava no sofá. — Continuou rindo. — Felizmente, agora sei porque vocês sumiram.

— Acho que você sumiu primeiro — murmurei e puxei um banquinho.

— Fui ao banheiro, encontrei uma conhecida, fiquei conversando, quando voltei, vocês tinham sumido. — Inclinou-se no balcão. — Pelos gemidos que ouvi quando cheguei em casa... — Arqueou a sobrancelha. — Uma coisa que eu pensei que nunca fosse acontecer na vida, mas, até que faz todo sentido. Vocês se detestavam tanto, era tesão reprimido.

— *Tesão reprimido*, Vanessa? — reclamei e a minha cabeça doeu.

— Pelos barulhos, foi uma explosão. — Soltou uma risada.

— Cale a boca e me sirva com café. Preciso de aspirina e nascer de novo. — Tombei a minha cabeça no mármore frio do balcão. — Parece que tem uma escola de samba descoordenada aqui dentro.

Sem conseguir esconder o sorriso divertido, Vanessa me serviu com café e colocou um comprimido à minha frente. Devon digitava em seu telefone, a mão presa à minha foi parar na minha coxa. *Oh, inferno*. Fiquei toda arrepiada só de lembrar o quanto aquelas mãos sabiam como me pegar. Como pude ter dormido com Devon Winterfield? Como pude ter me sujeitado a ser mais uma na cama dele? Não era mulher de ser mais uma. Sempre me dei ao respeito para simplesmente acabar na cama de um galinha, com a casa virada e algemada.

— Stuart está chegando com uma chave. Vamos nos livrar das algemas — avisou e assenti. Livrar-nos das algemas era fácil, o que aconteceu na noite anterior é que me marcaria para sempre. As poucas coisas que lembrava me fizeram entender porque a mulherada não conseguia esquecê-lo, a chupada estrondosa no sofá estava cravejada no meu cérebro.

Bebi todo meu café e engoli a aspirina. Vanessa seguia me olhando como se eu fosse um animal exótico. Fiz uma careta, voltei a me debruçar no balcão e fechei os olhos. Stuart entrou na casa fazendo barulho e quis

matá-lo. Ele morava bem próximo, por isso chegou tão rápido e rindo. Esticou a chave para Devon, que rapidamente tirou as algemas e meu braço estava machucado. Massageei, olhando a pele cortada.

— Estava muito apertada. — Ele passou o dedo no meu pulso, olhei em seus olhos e ficamos presos naquilo. — Acabei de lembrar que colocamos as algemas depois que entramos no carro.

— Vou buscar uma pomada. — Vanessa correu para fora da cozinha.

— Carro de quem? — murmurei.

— Meu carro, inclusive, precisei deixar aqui porque vocês dois começaram a se pegar no banco de trás e ainda tentaram me dar uma gorjeta — Stuart comentou. Eu pensei que não podia ficar pior.

— Por que fomos parar no seu carro? — Estava confusa.

— Devon me ligou pedindo para buscar vocês dois na capela — Stuart respondeu divertido. Girei no banquinho, lívida.

— *Capela* ? — Ofeguei. Meu estômago chegou a doer. — Por favor, me diga que fomos rezar.

— Hum... — Stuart tirou a mão do bolso e deslizou um anel. — Ficou um pouco largo no seu dedo, me pediu para guardar. Eu sou o padrinho!

É, podia ficar muito pior.

— Não, não, pelo amor de Deus, não! — Esfreguei o meu rosto, puxando o cabelo em total desespero. — Isso é um completo pesadelo!

— Merda. — Devon estava com os olhos fixos na tela. — Acho que alguém gravou o casamento. — Virou em minha direção.

No vídeo, estávamos em uma pequena capela muito conhecida, um Elvis vestia rosa e uma mulher fantasiada de Lady Gaga cantava uma

música que era impossível de identificar. Felizmente, não estava nas redes sociais. Era só um vídeo na memória do telefone de Stuart.

— O que eu perdi? — Vanessa voltou com uma caixa de remédios.
— O que houve?

— Nós nos casamos — murmurei e olhei para o anel.

— O que deu em vocês? — Colocou a caixa no balcão.

— Tequila. Tudo começou com um... — Parei de falar, virando para ele. — Devon Winterfield! Era isso que você ia me contar?

— Você me desafiou a fazer coisas que eu jamais faria, começou com ficar bêbado, depois a fazer algo completamente impulsivo, nós fomos no cofre da minha sala e pegamos a aliança. Em seguida, eu te desafiei a aceitar o casamento. — Encolheu os ombros. — Aí, nos casamos.

— Eu vou te matar! — Me joguei nele, batendo com os meus punhos em seu peito. — Tudo por uma aposta maldita!

— Eu estava tão bêbado quanto você, Katrina. — Me segurou. — Só estou lembrando de algumas coisas agora. Se acalme.

— Ficar calma? Nós casamos, Devon! Você entende o que é isso?

— Amiga, é só anular. — Vanessa esfregou os meus braços. — Apesar de terem consumado o casamento. — Soltou uma risada. — É só anular, calma, não chora. Eu sei que você não faz loucuras, mas de vez em quando até que é bom. — Me abraçou e podia sentir o seu tremor. — Desculpa não conseguir parar de rir.

— Eu vou me vingar quando precisar.

— Kat, não chore, por favor. — Devon pediu solene e suspirei. Não era só culpa dele. Era nossa culpa. Começamos um desafio idiota que teve um resultado catastrófico.

— Acho que preciso deitar.

— Está sentindo-se mal? — Stuart se aproximou. — Você precisa repor tudo que o álcool consumiu. — Tem algum gatorade?

— Tem na geladeira — Vanessa respondeu. Stuart pegou duas garrafas, entregou uma a Devon e Vanessa pegou a outra. — Vem, eu vou cuidar de você e rir um pouco mais. — Me puxou para fora da cozinha.

— Sei que é inacreditável. Acho que quando acordar vou descobrir que tudo não passa de um sonho muito ruim. Como posso ter sido tão irresponsável?

Subimos a escada, viramos para a esquerda e entramos em seu quarto. Imediatamente corri para o refúgio da cama da minha amiga, ela abriu o gatorade e me entregou. Bebi devagar porque não queria passar mal. A aspirina fez um excelente trabalho em diminuir a dor de cabeça, mas ainda estava com ressaca. Precisava curar a desidratação.

— A matemática é muito simples para mim. — Vanessa sentou-se ao meu lado. — Você e Devon são dois cabeças duras, imagino que passaram a noite desafiando um ao outro a fazer algo que jamais fariam. Como chegaram ao sexo depois do casamento, foi bem bíblico. — Balançou as sobrancelhas.

— Estou sem forças para te bater.

— Vai ficar tudo bem, em alguns dias vamos rir de tudo isso. Beba tudo e deite para dormir. — Ajeitou as cobertas em cima de mim.

— Não sei onde está o meu telefone, pode verificar se a minha mãe está bem?

— Claro. Vou descer e procurar, aí volto para deitar com você. — Pegou minha garrafa quase vazia e levantou. — *Cunhadinha* .

— Paraaaa... — choraminguei, puxando a coberta e me escondendo na cama.

Dormir não foi difícil, estava cansada, dolorida e quando acordei, me senti um pouco melhor. Vanessa dormia ao meu lado e o quarto estava todo escurinho, fresco, perfeito para continuar dormindo. Minha bexiga tinha outras ideias e me expulsou da cama, assim que terminei de usar o banheiro, vi que a minha mãe estava me ligando. Atendi, saindo do quarto e minha mãezinha só queria saber se estava tudo bem, avisando que estava voltando para o hospital, para seu plantão noturno.

Não tive coragem de contar a loucura que foi a noite anterior, não por telefone, por isso, apenas desejei um bom trabalho. Silenciosamente, desci a escada na pontinha dos pés. Estava tudo parcialmente escuro, apenas com pequenas luzes amarelas dos corredores para não ficar tão impossível de andar pela casa. Bati na porta do escritório de Devon, se ele estivesse em casa, estaria ali, mesmo após uma noite destruidora como a que passamos.

— Pode entrar, Kat.

— Como sabia que era eu? — Entrei em seu escritório. Era lindo, moderno, espaçoso e de alguma maneira, bem a cara dele.

— Vanessa tem sérios problemas em bater na porta. — Recostou na cadeira. — Então, esposa. Em que posso te ajudar?

— É justamente sobre o casamento. Como vamos fazer a anulação?

— Não quero anular o casamento — falou como se estivesse falando sobre as notícias matinais. — Encontrei a nossa certidão de casamento enrolada no bolso da minha calça jeans.

— Como assim não quer anular o casamento?

— É bem simples. — Apoiou-se na mesa. — Você me acusou de ser incapaz de manter um relacionamento. Disse que eu aparentava ser um

homem que tem medo de compromisso... O casamento foi um desafio, Kat. Eu não vou perder!

— Não podemos ficar casados, você está maluco? Não estamos em um relacionamento. Foi algo que aconteceu pela bebida, uma estupidez, sem controle... — Comecei a falar, nervosa, parei recobrando o fôlego. — Eu quero a anulação!

— Eu não quero e neste caso, você precisa entrar com um pedido de divórcio e me pedirá desculpas por me julgar por tanto tempo sem nenhuma necessidade. E claro, vai perder o nosso desafio. — Arqueou a sobrancelha com os seus impressionantes olhos azuis me encarando de um jeito que parecia desnudar a minha alma. — Além do mais, assinamos um acordo nupcial bem estúpido. O primeiro a pedir o divórcio pagará cinquenta mil dólares ao outro. Foi assinado junto com a certidão de casamento, então, tem validade legal.

— Cinquenta mil? — Ofeguei. Ele me entregou a folha. — Isso não pode ter validade, estávamos bêbados.

— Será que estávamos? Em todo caso, precisará de um advogado. — Sorriu. O meu sangue estava fervendo. — Vamos a um novo desafio, Kat.

— Chega de desafios!

— Está com medo de perder para mim?

— Não é isso! Não podemos... — Ele estava sorrindo de um jeito irritante. Joguei o contrato amassadinho em seu rosto. — Chega dessa conversa idiota.

— Me dê seis meses para provar que sou um homem altamente capaz de assumir um relacionamento e ter um compromisso com uma mulher — pediu e cheguei a sentar. — Não era exatamente isso que te

irritava? Acho que mereço essa chance, ou vou entender que você simplesmente não gosta de mim por não gostar.

— Você quer ficar casado por seis meses? — guinchei. Era inacreditável.

— Por que não? Pode dar certo, como pode não dar, vai ser um jogo diário. Se você tem medo de perder, pode sair por essa porta. — Apontou e rangi os meus dentes. Ele deu a volta na mesa, recostando e se inclinou para olhar em meus olhos. — E então, Katrina Winterfield?

— Eu nunca perco um desafio, Devon.

Lindo, excitante e com um sorriso que fazia a minha calcinha entrar em chamas, segurou o meu rosto e me deu um beijo suave nos lábios.

— Vamos ver, esposa.

OceanofPDF.com

5 | *Katrina*

Cretino, miserável, filho de uma... Enfiei o meu telefone no bolso para não o xingar um pouco mais. Irritante de uma figa.

— Kat! — Vanessa gritou, acenando loucamente, como se não estivesse com um vestido amarelo berrante e um par de óculos escuros com a armação branca, no meio da praça. Para melhorar, o chafariz explodiu atrás dela. — Ai que legal!

— O que deu em você com esse look exótico? — Me aproximei e soltei uma risada quando ela rodopiou, fazendo graça, exibindo o bom humor no qual eu era apaixonada. — Está linda.

— Encontrei esse vestido em um brechó e a dona disse que ele era rejeitado por ser horrível. Eu disse a ela que o vestido só precisava encontrar alguém que soubesse usá-lo.

— Claro que esse alguém seria você. — Demos os nossos braços e começamos a andar.

— Por que estava tão irritada?

— Seu irmão, é claro. Quem mais poderia estar elevando os meus níveis de pressão arterial com apenas dois dias de casados? Essa ideia é a coisa mais estúpida de toda a minha vida. — Me abanei, morrendo de calor. — Ele está decidido em se fazer presente. Ainda não acredito que bebi, casei e transei com Devon.

— Também não, parece pegadinha, mas está sendo muito divertido acompanhar.

— Divertido? — Bufeí, e paramos em uma barraquinha de sorvete. Tirei o meu telefone do bolso. — “*Bom dia, linda esposa. Como você está essa manhã?*” — Li a mensagem e a encarei. — Ele enviou muitas dessas ontem à noite.

— Bom que você vai aprender a não desafiar um oponente disposto.

— Não é isso. — Fiz um pequeno beicinho. — Não pensei que a coisa toda iria tão longe, sabe? Era só um estúpido comentário, ele perguntou a minha opinião.

— Esse casamento vai ser muito físico? Ou ficaram no zero a zero depois de quase derrubar o teto solar da casa? — Balançou as sobrancelhas do mesmo jeito irritante que o irmão fazia.

— Não vai ser nada físico. Ele quer me provar que pode ser comprometido e leal, não precisamos adicionar o sexo na equação porque ele já fodeu com metade da cidade sem compromisso.

Pedimos o nosso sorvete e nos afastamos, procurando um banquinho na sombra. Vanessa me ligou quando estava finalizando meu meio expediente na revista. Ela tinha algumas coisas para resolver no centro da cidade, e eu tinha algumas horas para matar antes do meu horário no cassino começar.

— Não pode julgar Devon por ter atitudes de um homem solteiro.

— Se ele fosse uma mulher, seria julgado, então, eu posso julgar. — Dei de ombros, lambendo a bola e foi uma maravilha doce naquele calor. — Se ele quer provar compromisso, por que cederia ao sexo?

— Sexo faz parte de um relacionamento, do comprometimento, em se doar e provar — Vanessa falou toda sonhadora. — Eu espero encontrar um homem que seja honrado, que me valorize, cuide de mim e me faça sentir única.

— Eu amo o seu jeito de pensar, me faz sentir esperança que exista um homem incrível por aí apenas esperando que o destino nos cruze em algum caminho.

— Você é casada, mulher. Sossega. — Me empurrou com o ombro e rimos juntas.

Olhei para a ostentosa aliança na minha mão e me perguntei como explicaria o que ela significava. Ainda não tive coragem de contar para minha mãe. O motivo pelo qual estava usando a aliança fazia parte do acordo com Devon, ele insistiu que um casamento não podia ser apenas no papel e com isso, eu fiz que ele usasse uma também. Se eu andaria pela cidade marcada como um gado, não seria a única. Devon Winterfield estava fora do mercado por seis meses.

Terminado o nosso sorvete, andamos com calma para o Bertie, que estava no estacionamento perto da praça. Ele demorou para pegar, me estressei, reclamei, batendo no volante e Vanessa ficou filmando porque ela sempre se divertia com as minhas conversas com o carro. Os seguidores dela amavam o Bertie, ele tinha até um fã clube. Eu tinha um instagram com muitos seguidores por causa de Vanessa, que tinha muitos por causa do irmão.

Quando Bertie pegou, acelerei pelas ruas. Não estava atrasada, mas queria me arrumar com calma porque era uma noite importante. Alguns dos empresários mais ricos da cidade reservaram um salão, e se eles gastassem, ganharia uma boa graninha.

Apesar de amar o Bertie e ter uma relação maravilhosa com o meu fusquinha laranja temperamental, precisava muito de um carro mais novo. Bertie me deixava na mão nos piores momentos, além de fazer um escândalo sem precedentes em seus dias ruins.

Estacionei na minha vaga costumeira, no andar dos funcionários e, felizmente, Bertie não ficava solitário ali.

— Oi, Kat. — O manobrista que cuidava do estacionamento apareceu logo que parei. — Sua vaga mudou. Recebi um comunicado dizendo que você tem que parar no terceiro andar. Remanejei a sua vaga para a nova hostess.

O terceiro andar era exclusivamente da presidência. Apenas Devon, Vanessa, o tio e poucos funcionários tinham permissão de parar ali. Devon era sorrateiro porque ele sabia que negaria a vaga e me recusaria a tirar o carro, mas eu não ia colocar a organização do manobrista em risco e muito menos queria que ele levasse uma advertência por minha causa. Vanessa ficou quieta enquanto subia as rampas e propositalmente parei ao lado do carro esportivo do Devon.

Ao parar, Bertie soltou um estouro e o cheiro de combustível dominou o ambiente.

— Tudo bem, foram muitas rampas, sei que você é sedentário. — Acaricieei o painel.

— Temos que cuidar das suas coronárias entupidas — Vanessa brincou.

— Vem, eu não quero me atrasar. Vai pedir um táxi ou vai embora com o seu irmão?

— Não quero ficar em casa sem o meu maninho favorito e a minha cunhadinha.

— Cada vez que você me chama de cunhadinha, sinto um arrepio na espinha. — Saí do carro e bati a porta. — Nada a ver ele me colocar aqui em cima. Todo mundo vai pensar que é favoritismo, porque obviamente é.

Esperava que ninguém soubesse do casamento, não preciso de fofocas e sim de manter o meu emprego.

— Não sei porque fez isso, talvez devesse falar com ele e deixar claro o seu posicionamento. Se você não falar, não pode brigar. Comunicação, lembra? — Vanessa me cutucou, revirei os olhos. Odiava a sensatez dela. — Não pode perder o desafio por ser cabeça quente.

— Por esse ângulo, tudo bem. Você tem razão.

— Sempre tenho razão.

O vestiário estava vazio quando entrei. Vanessa ficou comigo enquanto me arrumava, modelou meu cabelo e ainda colocou cílios em mim. Usando um justíssimo vestido preto, com os meus longos cabelos loiros de um jeito bem fatal e de saltos altos, me preparei para receber os convidados. Estava com fome, não daria tempo de jantar antes, quando eles comessem a jogar, fugiria para a cozinha. Pierre certamente guardaria um pouco de comida para sua amiga sempre morta de fome.

Vanessa avisou que subiria para o escritório do irmão para atrapalhar o trabalho dele. Escondi a aliança no decote do meu vestido, segurando o telefone e reparei que havia outra mulher no meu lugar usual. John franziu o cenho quando me viu aproximar.

— Oi, Kat. Parabéns! — Ele sorriu de trás do bar e eu gelei, esperando que falasse algo referente ao casamento. — Ouvi dizer que foi promovida.

— Desculpa, o quê?

— Promovida. Não foi? Já colocaram outra menina no seu lugar, avisando que foi promovida lá para a presidência. — Completou. Franzi o cenho. A troca da vaga fez sentido, principalmente pelo fato de que o manobrista disse que a minha vaga foi remanejada para a menina nova.

Devon! *Cretino, miserável, filho da mãe!*

Sorri para John e dei meia volta em direção aos elevadores. Irritada, praticamente soquei o botão do andar da cobertura, apertando repetidamente. No andar, as portas se abriram e avancei pelo corredor até chegar à sala dele. Vanessa estava jogada no sofá na sala ao lado, mexendo em seu telefone, empurrei a porta com brusquidão. Everly e um grupo de homens estavam reunidos ao redor da mesa dele, que ergueu o olhar para a minha entrada explosiva.

— Você colocou outra pessoa no meu lugar? — gritei, tão furiosa que não estava me importando com as pessoas na sala.

Everly virou, ultrajada, enquanto Devon apenas recostou em sua cadeira, me olhando com interesse.

— Katrina! Esses não são modos de entrar na sala, principalmente do presidente desta empresa e se decisões foram tomadas, foi para o melhor. Lamentamos a sua saída, tenho certeza que Devon pode preencher uma carta de recomendação — Everly começou a falar. Ergui a minha mão.

— Cale a boca que não estou falando com você!

— Desculpe? Quem você pensa que é? — Ela colocou as mãos na cintura.

— E quem você pensa que é? — rebati e virei para Devon, que assistia à cena divertido. — Por que fez isso?

— Eu não te demiti, apenas mudei o seu trabalho — falou tranquilamente do seu lugar. — A sua formação em jornalismo será muito bem aproveitada no setor de comunicação da Winterfield. — Ficou de pé. Respirei fundo. *Ele realmente me promoveu?* — Como você é a minha senhora, vai ter um lugar de destaque.

— Sua *o quê* ? — Everly gritou.

— Senhores, essa explosiva, porém muito linda senhora, é a minha esposa. Katrina Winterfield. — Apresentou com orgulho. Filho da mãe! Fiquei vermelha de vergonha. Os homens se levantaram e me cumprimentaram com todo respeito. — Já estou terminando a reunião e converso com você, tudo bem?

Muda, balancei a cabeça e saí da sala. Entrei na sala ao lado, fechando todas as persianas. Vanessa estava rindo. Ela sempre ria. Meu sangue quente sempre me colocava em problemas e o pior era que Devon não parecia nada estressado com o meu rompante. Na verdade, ele parecia satisfeito que arrancou uma reação minha. Seus olhos estavam brilhando em diversão, a boca com um sorriso torto, mesmo com Everly quase explodindo as veias da testa.

— Eu pensei que ela fosse desmaiar — Vanessa sussurrou quando ouvimos os homens saindo da sala. — Vamos ouvir. — Corremos para a parede e colamos nossos ouvidos. A persiana da sala dele estava fechada, então, ele não podia nos ver ali.

— Casado? — Everly perguntou. — Você se casou, Devon?

— Aparentemente, sim. Katrina é minha esposa e você, minha advogada, talvez precise moderar o seu tom com ela. Como a nova *senhora Winterfield*, ela pode ter uma forte opinião sobre os funcionários.

O engraçadinho estava me usando como desculpa, porque obviamente, eu não tinha opinião sobre nada ali. Os meus sentimentos contra Everly eram fortes por muitos motivos, mas eu jamais tiraria o emprego de uma pessoa apenas porque ela tinha dormido com o meu “*marido*” e sempre me tratou como o cocô do cavalo do bandido. Eu era muito mais legal que isso.

— Um casamento? Você nunca quis um relacionamento e agora apareceu casado?

— Nós terminamos tem quase dois anos, Everly. — Devon usou o tom de voz desinteressado. — Eu não preciso te dar satisfação do que faço da minha vida. A reunião está terminada, então, você pode ir. Por favor, não bata a porta.

— É uma tremenda falta de respeito e de responsabilidade afetiva...

— Responsabilidade afetiva? — Ele ficou de pé. — Falta de respeito? Nós nunca tivemos um namoro. Sempre foi sexo. Você disse que queria apenas sexo tanto quanto eu. Quando acabou, passou dos limites, nós conversamos como dois adultos. Após o término, não preciso te dar satisfação. Agora, por favor, me dê licença.

Furiosa, Everly saiu batendo a porta. Cheguei a pular no lugar.

— Vocês duas podem sair daí — Devon falou. — Dá pra ver a silhueta contra o vidro.

Começamos a rir e aparecemos em sua sala. Everly ainda estava na frente do elevador e o seu olhar de puro ódio me atingiu. Eu meio que a entendia. Deveria ser horrível ser apaixonada por uma pessoa e não ser recíproco. Ninguém poderia dizer que ela não tentou enlaçar o homem que tanto queria.

— Acho que você acabou de partir o coração de uma mulher. — Cruzei os meus braços.

— Mais uma vez me julgando sem saber de todos os fatos. Como vamos lidar com essa mania, querida esposa? — Ele inclinou a cabeça para o lado.

— Eu vou deixar vocês dois sozinhos. Estou na copa pegando um cafezinho. — Vanessa saiu rapidamente e fechou a porta atrás dela.

— Que história é essa de setor de comunicação? — Continuei parada, de pé, de braços cruzados.

Devon ficou em seu lugar e o olhar subiu dos meus pés, parando nas minhas coxas e voltou a subir com uma lentidão exagerada, me comendo com os olhos sem nem disfarçar. Limpei a garganta e ganhei um sorriso safado. Ele me devastava com uma atitude daquelas.

— O meu mais novo setor de comunicação precisa de uma jornalista bastante eficaz e nada melhor do que a minha linda esposa para fazer parte da equipe. Acabei de romper com a empresa que gerenciava os meus eventos e contato com a imprensa. — Bateu a caneta na mesa.

— Como você pôde fazer isso sem conversar comigo antes? — Me aproximei da mesa, erguendo o meu dedo. Ele me deixava tão louca que me vi agarrando o seu pescoço e sacudindo. — Você me substituiu sem me falar nada. Eu cheguei e já tinha outra pessoa no meu lugar. Devon, independentemente de qualquer desafio ou “amizade” ao longo dos anos, é uma tremenda falta de respeito. É o meu emprego, preciso do salário, isso não pode ser uma brincadeira.

— Ainda quero entender em que momento da vida você me viu como uma pessoa capaz de brincar com o sustento de outra. — Ficou sério. — Vanessa me impediu de te dar a promoção antes, não foi pelo dinheiro e sim porque ela se preocupava que você sentisse que foi por favoritismo. Aparentemente, minha irmã sabe que você beija o orgulho com paixão.

— Não é orgulho, é justiça. Você me promoveu no lugar de outra pessoa? Me colocou em outro lugar porque nós nos casamos?

— O setor é novo, Katrina. Não está no lugar de ninguém.

— Eu vou ceder e acreditar na sua palavra. — Puxei a cadeira e me sentei, cruzando as minhas pernas. Devon puxou o cabelo e riu. — O que

foi?

— Você é impossível — reclamou e abriu um sorriso.

— Eu quero uma vaga no jornal que eu trabalho, meu sonho é ser uma jornalista investigativa, mas posso ouvir a sua proposta de emprego.

— Por que não responde as minhas mensagens?

— Porque não sou obrigada.

— Tudo bem, isso só contribui para minha vitória. — Deu de ombros.

— Vamos falar sobre o trabalho?

— Não. Amanhã falaremos, hoje, meu expediente encerrou e eu quero comer uma boa comida, me jogar no sofá e assistir algum jogo. Portanto, esposa... vamos para casa.

Vanessa bateu na porta.

— Oi, já terminaram? Estou faminta. Podemos pedir comida tailandesa? — Nos deu um olhar de cachorrinho. — Dorme lá em casa hoje, sei que a Mel está no trabalho. Não quero ficar sozinha.

— Obrigado por dispensar a minha companhia, Vanessa — Devon brincou.

— De nada! — Ela sorriu. — Por favorzinho, Kat!

Não queria ficar sozinha em casa, não me sentia segura, não com Nick ainda me ligando e vigiando o meu entrar e sair. Para falar a verdade, não queria conversar com ele. Não tinha mais nada para explicar e ao mesmo tempo, não queria passar a imagem de que estava fugindo de Devon. Eu precisava criar as minhas próprias armas para vencer aquele desafio.

— Tudo bem, eu topo comida tailandesa. Eu preciso limpar o meu armário no vestiário e descer com as minhas coisas.

— Eu vou te ajudar. — Vanessa se empolgou.

Sáímos da sala de Devon e entramos no elevador. Por coincidência, descemos ao mesmo tempo em que o grupo de empresários, esperados para a noite, estava chegando. A nova garota parecia nervosa, quase histérica, e parei para ajudá-la, apresentando os clientes e cochichando para ficar calma ou eles iriam perceber e começar a brincar com ela. No começo, os clientes me faziam de gato e sapato, só porque morria de medo deles e de decepcionar a oportunidade que Vanessa conseguiu para mim.

Quando eles começaram a apostar, me afastei e caminhei para o vestiário. Foi estranho arrumar a minha bolsa, tirar tudo e deixar o armário limpo.

— A nova oportunidade que Devon deu é maravilhosa, sei que você pode ganhar muito dinheiro, mas não desista do seu sonho — Vanessa comentou. — Não quero que desperdice esse talento por causa de um salário maior. Eu não consigo evitar a culpa de...

— O *quão* maior? — brinquei e ela me empurrou. — Sei que você protege o meu sonho como se fosse seu e isso é uma das coisas que me faz te amar incondicionalmente. Eu realmente te prometo com o meu coração que não vou desistir. Já pedi para não se culpar pelo que aconteceu. Já passou.

— Mesmo que seja apenas uma capa, mas não desista. Eu vou emoldurar e pendurar na minha parede. — Me deu um abraço. — O mundo que Devon vive é cheio de glamour e ostentação.

— Você me conhece, sabe que não sou de me deslumbrar fácil e eu já observei o mundo em que ele vive. Vou ficar bem, nós vamos trabalhar

juntos para desafiar um ao outro. Obrigada por se preocupar comigo.

Sáímos de braços dados. Devon estava encostado no carro, mexendo em seu telefone e nos deu um sorriso. Coloquei a minha mala no banco de trás do Bertie, ele me deu uma piscada e percebi que fiquei com a bunda empinada na sua direção. Droga. Ajeitando o vestido e tirando os saltos, entrei no lado do motorista. Ele avisou que nos seguiria, fechando a minha porta e não consegui desviar o olhar de sua bunda bem ajustada no jeans azul escuro.

Maldito homem gostoso...

OceanofPDF.com

6 | *Devon*

Parado no chuveiro, deixei a água cair forte nas minhas costas, ajudando em meu relaxamento mental para sair do modo de trabalho. Lavei o cabelo, de olhos fechados, e meus pensamentos imediatamente correram em direção à Kat e às lembranças vívidas da noite mais intensa da minha vida. Kat me desafiou a ser diferente, a sair da minha zona de conforto e ela deveria saber melhor: eu não era um homem de fugir dos meus desafios — sóbrio ou não.

Lembrar dela nua, da noite de prazer, sua pele vermelha, os mamilos arrepiados e a boca proferindo palavrões provocados pelo tesão me deixava duro. Tocar uma punheta pensando em Kat não era uma novidade, não depois que provei o seu sabor. De pequena com um rostinho de boneca, era um furacão que sabia como corresponder à dança quente que protagonizamos juntos.

Terminei o meu banho, me sequei e entrei no closet. Vesti uma calça de moletom, saindo do quarto com o meu telefone. Desci a escada que ficava em um lado reservado da casa e virei para a sala. Kat estava sentada no chão, em cima de uma almofada, usava um pijaminha rosa claro que era bonitinho e ao mesmo tempo tentador. Ela me deu um olhar avaliativo, mordeu o lábio e apareceu um blush natural no topo de suas bochechas.

— Pode apreciar — provoquei e me sentei no sofá bem atrás dela. — Eu certamente irei apreciar esse pijaminha bonitinho. — Me inclinei e beijei sua bochecha bem devagar. — Tão cheirosa... — Desci para o pescoço e beijei.

— Devon... Não invada o meu espaço pessoal — brigou, mas com a voz fraca.

— Não pode nem um pouquinho? — Beije o ombro, enfiando a mão em seu cabelo, massageando o couro cabeludo. Kat suspirou, sem resistir, relaxando e virou o rosto, olhando nos meus olhos de seu jeito intenso. — Não estou brincando, pare de ficar na defensiva, apenas relaxe...

— Isso é gostoso e inapropriado. — Suspirou e não parei, explorando a pele macia com a boca. Kat gemeu, segurando o meu braço, arranhando um pouco. — Devon...

— Shhh...

Kat precisava relaxar ao meu lado. Ela sempre estava pronta para brigar ou jogar alguma piadinha. No passado, nós tivemos um desentendimento, mas no mesmo segundo em que ela se defendeu com firmeza, me arrependi do que disse e mudei o meu posicionamento. Me senti mal e me desculpei, mas parecia que ela nunca me perdoou de fato.

Desci as minhas mãos, massageando os seus ombros, as costas, os braços e brinquei com os meus dedos na lateral do pijaminha. Seus mamilos ficaram arrepiados, marcados na camisetinha.

— Ai gente, pelo amor de Deus, eu preciso comer antes que vocês dois entrem em lua de mel! — Vanessa entrou na cozinha com uma garrafa de vinho e com três taças presas entre os dedos. Kat se assustou, ficou vermelha e quase tombou para o lado, querendo fugir das minhas mãos.

— Não tem nada de lua de mel. Era apenas uma massagem — murmurou, e sorri.

— Massagem que deixou seus peitinhos arrepiados. — Vanessa rebateu, e nós três rimos.

— Você não deixa passar nada, garota. — Kat balançou a cabeça, ainda rindo.

— Perder a oportunidade de te zoar? Nunca nessa vida. — Vanessa serviu vinho nas taças, me entregou uma e pegou o telefone, abrindo no aplicativo do restaurante tailandês que costumávamos pedir. — Todo mundo com muita fome?

Enquanto as duas ficavam no chão à minha frente, verifiquei o andamento dos cassinos. Os hotéis não me davam tanto trabalho, principalmente porque eu tinha uma empresa especializada em hotelaria cuidando de cada detalhe. Os cassinos e as boates, a minha equipe cuidava e com isso, precisava ficar muito atento. Havia um grupo de empresários de Miami no salão vip e apesar de não precisar estar lá pessoalmente, gostava de ficar de olho.

Vanessa procurou um filme, começou a assistir, e Kat estava concentrada em uma planilha com vários cálculos. Ela esfregou os olhos, parecendo cansada, mesmo assim, anotou uma série de coisas com canetas de diferentes cores em uma agenda. Colocou a mão na nuca, massageando e aproveitei a oportunidade para largar o meu telefone e voltar com as minhas mãos para o seu corpo. Comecei massageando usando apenas os polegares. Satisfeito por ela ter permitido, avancei com as mãos para os ombros.

Quando o interfone tocou, avisando ser a nossa comida, fui atender descalço e sem camisa. Ao voltar com as inúmeras sacolas, espalhamos em cima da mesinha de centro e abrimos as embalagens. Entreguei o Pad Thai de Kat, o arroz frito de Vanessa e fiquei com a minha sopa de camarão.

— Por que você pede assim? — Kat pegou um camarão frito. — Não consigo comer com essas perninhas e a cabeça. Parece que a casquinha vai grudar na minha garganta.

— Se come assim... — Peguei um com a mão, tirei a cabeça, segurei o rabo e puxei a carne para fora. Levei até seus lábios e ela aceitou, pegando meio desconfiada, mas quando mastigou, percebeu que era apenas a carne do camarão temperada. — Suja um pouco mais as mãos, mas, é bem gostoso.

— É bem mais temperado.

— Eu divido a minha porção com você, esposa. — Empurrei o pratinho entre nós.

— Obrigada. Eu nunca nego comida. — Sorriu toda indulgente.

Nós comemos conversando, bebendo vinho, e no final, Vanessa distribuiu sorvete com uma porção de arroz frito doce, leite de coco e pedaços de manga.

— Acho que comi demais. — Vanessa esfregou a barriga. — Estou com a sensação de que irei explodir se beber um gole da água, que eu preciso porque a minha boca está pegando fogo de tanta pimenta.

— Meus lábios estão ardendo.

Olhei para boca de Kat e ela me bateu.

— Não tenha a mente suja. — Me deu um chutinho, e comecei a rir.

— A mente dele é uma poluição — Vanessa murmurou. — Ele quase caiu no estacionamento quando você se inclinou e ficou com a bunda virada.

— Foi uma bela visão — assumi a verdade. — Minha mão coçou para dar um bom tapa.

— Devon! — Kat gritou, rindo.

— É verdade. — Sorri e me aproximei, beijando a sua bochecha. — Sua bunda é maravilhosa — cochichei. Ela ficou toda arrepiada.

— Eita, eita. A irmã ainda está na sala! — Vanessa jogou um pedaço de guardanapo em nós, rindo.

— Eu preciso beber água. — Kat levantou, olhei a sua bunda por todo caminho até o corredor que dava para a cozinha. Comecei a recolher as embalagens vazias e jogar no saco plástico, sorri para minha irmã e saí da sala, com a desculpa de que iria jogar o lixo fora, mas eu só estava querendo ficar sozinho com Kat. — Ai meu Deus, Devon! O que você quer?

— Por que está fugindo de mim?

— Não estou fugindo, eu vim beber água. — Balançou a garrafa de água na mão.

— Você vai dormir comigo? — perguntei diretamente.

— Claro que não. Vou dormir com Vanessa ou no quarto de hóspedes.

— Pessoas casadas dormem juntinhas. — Me aproximei e parei atrás dela, me inclinando em seu ouvido. — De conchinha. Talvez tenha um pouco de ação antes ou depois, tudo depende.

— Você não vai ter ação nenhuma — Kat guinchou.

— É por isso que não quer dormir ao meu lado? Tem medo de não resistir?

— Não é uma questão de resistir ou não. — Se afastou, virando de frente. — Eu posso muito bem dormir ao seu lado sem ceder a nada, não sou uma mulher fácil e sei muito bem que nós dois não precisamos de sexo.

— Perfeito. Te espero na cama. — Roubei um beijo e saí da cozinha.

Ouvi o seu gritinho consternado atrás de mim e sorri. Peguei o meu telefone e dei boa noite para minha irmã. Não costumava dormir tão cedo, mas eu tinha que sair cedo no dia seguinte. Liguei a televisão para assistir ao noticiário noturno, deixei o quarto parcialmente escuro, diminuí a temperatura apenas do meu quarto. Desforrei a cama e deitei, programando o meu despertador.

Fiquei na cama por horas ainda sem sono e ouvi uma batida tímida na porta.

— Não precisa pedir permissão para entrar no seu quarto, baby.

— Vá se ferrar. Esse não é o meu quarto e nós não vamos morar juntos. — Se aproximou da cama. — Não abra a sua boca para me desafiar, Devon. Vou perder a minha cabeça.

— Tudo bem, mas não precisa bater na porta, esquentadinha.

— *Esquentadinha ?* — Tirou as almofadas do seu lado da cama. — Pareço ser a única sensata.

— Sensatez nem sempre é bom. A vida é sobre dosagens, Kat. Saber quando arriscar, quando ser cauteloso, quando se jogar de cabeça... — Puxei o edredom para que deitasse. — Você não precisa segurar o controle para não extravasar o tempo todo, existem momentos que deixar o pote transbordar, vale a pena.

— Foi assim com os negócios? — Se acomodou ao meu lado, mas ainda havia um bom espaço entre nós. — Você cresceu muito rápido.

— Não ignoro que precisei trabalhar muito, mas eu tive uma vida muito privilegiada. Cresci com uma boa educação, acesso às pessoas certas e tive a oportunidade com a herança do meu avô. Foi assim que conquistei o primeiro hotel, o restante foi investimento de risco.

— Parece loucura ser assim. Eu nunca ia imaginar que você faria tal coisa, sempre pareceu ser a pessoa controladora, que tomava conta de tudo.

— Você viu o meu lado irmão mais velho, a pessoa que precisava ser responsável por Vanessa, caso não tenha percebido, não tinha mais ninguém para cuidar dela. — Desviei o olhar para a televisão. Kat pegou a minha mão e segurou.

— Você é um bom irmão, ela te idolatra e te ama incondicionalmente.

— Chega um pouquinho mais perto, vai — pedi, fazendo um pouquinho de charme. — Preciso sentir que tem companhia aqui, seu cheiro bom...

— Se toca, Devon. — Soltou a minha mão.

— Seria mais divertido com a sua participação ativa — provoquei e ela riu, me empurrando. Cheguei mais perto, deitando a minha cabeça em seu colo e joguei as minhas pernas em cima das dela. — Mas se não quiser brincar, dá para ficar de conchinha.

— Devon... — Suspirou e parecendo hesitante, colocou a mão na minha cabeça, fazendo cafuné. — É estranho pensar que a gente foi íntimo. Nós nunca nos tocamos muito e de repente... *boom* .

— Foi um boom mesmo. Derrubamos muitas coisas — brinquei. — Foi muito bom, Kat. Eu não consigo tirar a noite da minha cabeça. Eu penso em você o tempo todo...

— Não devíamos ter feito nada. — Arranhou o meu couro cabeludo com as unhas de maneira suave, me deixando arrepiado. Porra, eu adorava arranhões e mordidas que me deixassem todo arrepiado.

— Por que não? Somos adultos e livres. Pelo que sei, você estava solteira.

— Não é isso... Você é o Devon e eu sou eu.

— Ninguém tem nada a ver com a nossa vida e decisões, podemos fazer o que bem entendermos. Não estamos cometendo nenhum crime. Na verdade, se você se permitisse relaxar, faríamos coisas realmente boas.

— Sossega. — Deu na minha cabeça, e ri. — Isso não passa de um desafio, o sexo só vai atrapalhar tudo. Pode confundir as linhas e tornar o relacionamento ainda mais complicado.

— Sexo nunca é problema. Normalmente, ele é a solução.

— Em falar nisso, eu sei que nós não faremos nada, mas como sua esposa, eu também não quero que faça com outra pessoa. Serão seis meses de celibato.

Foda-se a minha vida.

— Você realmente se incomodava com a minha vida sexual? — perguntei divertido.

— Na outra casa, você poderia trocar a sua porta por uma roleta. Depois que comprou o flat, o desfile de mulheres diminuiu bastante.

Porra. Vanessa era muito fofoqueira.

— Não sabia que você sabia sobre o flat, mas sim, o propósito dele era para diversão.

— Estou feliz que não fomos para lá, acho que ficaria ainda pior do que fiquei na manhã seguinte. Eu me sentiria como uma mulher descartável.

— Eu nunca te levaria no flat, não quero soar machista, mas pessoas transam, e eu não tenho essa de que mulher não pode ter uma vida sexual livre. — Ergui o meu rosto para olhar em seus olhos. — Nenhuma mulher é descartável. Não sou do tipo que descarta a possibilidade de algo legal e

duradouro, mas eu nunca iludi mulher alguma. Sempre foi consensual de ambas as partes.

— Não vou pedir desculpas por te julgar, mas acho que você representa o que a sociedade acha bonito e aceitável em um homem, porém, se fosse mulher, massacraria.

— Embora a ideia da minha irmãzinha estar com um homem faça os meus ossos doerem, eu nunca fui idiota com Vanessa sobre isso. Sempre pedi que ela não confiasse à sua saúde, que usasse camisinha e se cuidasse, filho não seria um problema, mas uma doença sim. — Voltei a deitar. — Não posso responder pela sociedade, o que posso fazer é ajudar a mudar esse pensamento. Exceto se a pessoa for casada, porque aí eu acho uma tremenda falta de respeito.

— Isso quer dizer que você não me trairia? — brincou, e mudei de posição na cama, puxando-a pela cintura. Ela soltou um gritinho ao ser colocada no meu colo. Acariciei as suas coxas, devagar, enquanto ela subia as mãos pelos meus braços e parou no meu pescoço. — Você pularia a cerca?

— Está tentando me enforcar com essas mãozinhas pequenas e delicadas?

— Não me daria o trabalho. — Deu de ombros. — Faria algo como água quente no ouvido ou fatiar o seu pênis como um sushi.

— Mulherzinha perigosa. — Passei minhas mãos para a bunda, apertando. Ela arquejou, e não esperei que reclamasse. Tomei a sua boca, beijando do jeito que estava morrendo de vontade. Kat correspondeu o beijo com fervor, bagunçando os meus cabelos e se esfregando em mim. — Cacete, que beijo bom. — Distribui beijos por seu pescoço, apertando o seu

peito, puxando um pouco o mamilo pela camiseta. Ela gemeu contra os meus lábios.

— Não me faça sair correndo dessa cama. Você joga pesado. — Fez um beicinho.

— Tudo bem, vamos dormir. Eu sou um homem muito paciente, Katrina.

Ela me olhou com diversão, em seguida, abriu um sorriso enorme.

— Acha que vai me convencer?

— Sexo não é uma questão de convencer e sim de desejo. Algo que entre nós tem de sobra...

— Boa noite, Devon. — Sorriu e saiu do meu colo. Ela evitou a questão do desejo pelo simples fato de que não queria dar o braço a torcer. Fazer Kat assumir que sentia qualquer tipo de atração por mim seria muito difícil, mas, eu não tinha pressa. — Fique do seu lado da cama, eu não gosto de dormir de conchinha — murmurou, mexendo em seu telefone.

— Eu vou tentar me comportar. — Dei um tapinha em sua bunda, e ganhei um chute. — Mantenha as suas mãos para si mesmo — ordenou. Kat fazia o meu dia ser tão difícil e ao mesmo tempo, esfregava o seu pezinho delicado no meu.

Desliguei a televisão, o quarto ficou bem escuro, me acomodei na cama e não demorou muito para pegar no sono. Apesar de não estar acostumado a dormir com outra pessoa, Kat era muito tranquila dormindo. O máximo que aconteceu foi que no meio da noite, ela rolou para o meu lado e ficou próximo, quase me tocando.

Voltei a dormir e quando acordei novamente, estávamos abraçados. Ela parecia estar em um sono profundo, relaxada e com o dia amanhecendo de sua maneira esplêndida ao fundo, observei a perfeição de seu rosto,

cílios que descansavam nas bochechas, as poucas sardas salpicadas no nariz e os lábios que estavam entreabertos para respirar melhor.

Era perfeita, mesmo babando no meu peito. Eu nunca imaginei que acharia uma mulher tão bonita em seu momento mais vulnerável. Kat dormia na minha casa muitas vezes por semana, ela aparecia descabelada e de pijama várias vezes, nunca me importei. Stuart e os meus outros amigos sempre implicaram que eu não deixava que chegassem nela, porque no fundo, havia algo. Talvez eles tivessem razão.

Pensei que a ponte entre nós dois havia caído definitivamente, no entanto, ela se tornou a minha esposa. Depois de provar o doce sabor dos seus lábios, eu não queria outra coisa além de beijá-la o tempo todo.

Ao amanhecer, eu proporia outro desafio e este, fazia questão de ganhar.

7 | *Katrina*

Acordei com mãos suaves passeando pelo meu corpo e enfiei o rosto no travesseiro para esconder o sorriso satisfeito, porque aquilo era muito bom. *Ina-cre-di-tá-vel!* Bastou uma noite bem dormida, sentindo um bom corpo quente, um carinho matinal e eu estava toda derretida.

Devon se aproximou, me puxando e beijou a minha bochecha. Virei de lado, abri os olhos e admirei seu rosto, amassado da noite de sono. Seus olhos estavam brilhantes, como se estivesse feliz e o sorrisinho sonolento me fazia derreter por dentro.

— Bom dia, esposa. — Enfiou a mão por dentro da minha blusa, parando pertinho do meu peito. Não avançou, o toque foi bom o suficiente para me fazer desejar que subisse um pouco mais.

— Bom dia, Devon.

— Não... você tem que dizer... — falou baixinho com a voz grossa de sono e parou pertinho da minha boca. — *“Bom dia, marido”*.

— Nos seus sonhos... — Suspirei e ele me beijou. Eu nunca beijei uma pessoa logo pela manhã, paranoica com hálito matinal e por ser algo muito íntimo. — Por que está me acordando tão cedo? Meu despertador não tocou.

— Eu vou sair e precisava te dar um beijo de bom dia. Não é assim que maridos fazem?

— Não sei, nunca fui casada. — Revirei os olhos.

— Seu horário de trabalho começa às nove horas, eu vou te encontrar na empresa.

Era cedo demais para começar a trabalhar, minha curiosidade estava além da educação.

— Aonde você vai tão cedo?

— Comprar meu próximo negócio. — Sorriu e me deu mais um beijo. — Me deseje boa sorte.

— Uau. Boa sorte! — murmurei, admirada com a simplicidade na qual ele falou sobre comprar um negócio. — Te vejo mais tarde para me explicar como será o meu novo trabalho.

Saindo da cama, se espreguiçou e tirou a roupa, indo nu para o banheiro. Mordi o lábio admirando a sua bunda, ele olhou para trás, piscou e entrou. Inferno de homem gostoso. Ele era alto (qualquer pessoa era alta para mim, mas Devon deveria ter quase um metro e noventa), cabelos castanhos, quase pretos, sobrancelhas grossas escuras e olhos azuis impressionantes. Ele cuidava do corpo, treinava sozinho ou com Stuart, que era um lutador profissional.

O sexo foi muito bom. Cada partezinha que lembrava me deixava arrepiada e cheia de tesão. Me toquei duas malditas vezes pensando nele. Dois podiam jogar o mesmo jogo. Se ele ia desfilar nu para me fazer reviver a noite que passamos juntos, eu também iria. Pulei fora da cama, tirei a minha roupa e entrei no banheiro. Ele tinha dois chuveiros, então, só embolei o meu cabelo no alto e abri a segunda torneira.

Comecei a tomar banho, ignorando-o, mas estava propositalmente me enchendo de espuma e brincando com as mãos pelo meu corpo. Ele estava parado, eu não desci o olhar para ver a prova física da minha provocação, ou o jogo poderia virar. A ideia era ser indiferente. Assim que terminei, fechei a torneira e peguei uma toalha, me sequei, parei na frente do espelho e reparei que a escova que usei no outro dia estava no suporte ao

lado da dele. Escovei os meus dentes um pouco assustada por ele ter deixado ali.

Era cedo demais para estar fora da cama, mas estava sem sono. Poderia começar o meu dia, principalmente porque havia muito para organizar com os meus novos horários de trabalho. Enrolada na toalha, saí do banheiro e estava prestes a sair do quarto quando ele me pegou, virou e me beijou apaixonadamente. Foi um beijo que senti até a planta dos meus pés.

— Agora... você pode ir.

Sem fôlego, tontinha, me afastei e andei pelo corredor com os meus lábios formigando. Entrei no quarto da Vanessa e, como ela sempre acordava muito cedo, estava se preparando para a sua corrida matinal. Encostei na porta, toquei os meus lábios e fiquei reunindo os meus pensamentos para não surtar completamente. Ela parou, me analisou só enrolada na toalha e sorriu.

— Deu a noite toda, safada? — me provocou.

— Não. Eu disse que não vou transar com Devon. Só provocamos um ao outro e agora, ele me fez questionar se eu posso contra ele.

— Vocês dois exalam tensão sexual. Depois que descobriram que são muito bons na dança do acasalamento, se olham e se comem. — Sorriu e colocou a mão no meu ombro. — Querida, se eu tivesse um homem bonito querendo me comer, eu estava dando mais que não sei o quê.

— Isso é o seu lado passador de pano para o seu irmão e o lado de quem está sem transar há muito tempo. — Soltei uma risada e me afastei. Abri a minha bolsa, tirei uma calça jeans mais nova, calcinha e procurei um sutiã. Me vesti e peguei um par de meias. Escolhi uma blusa preta simples da Vanessa. Precisava ir na minha casa. — Vou buscar minha mãe no

trabalho, vou para casa e depois vou para o cassino. Não sei como vai funcionar o meu novo horário, mas irei fugir se preciso. Tenho que ir na estação pública e pegar mais alguns materiais. O que eu fotografei não é o suficiente.

— Se quiser, eu vou para você. Tenho consulta no médico e depois estou livre. Sabe, agora que está trabalhando com Devon, pensei em procurar um trabalho.

— Por que não trabalhamos juntas?

— Vou ver se tem alguma coisa que possa me encaixar.

— Não seja tão insegura, amiga. Você é tão doce e inteligente. É a jornalista com o olhar mais romântico para o mundo e as pessoas precisam dessa fé que tem em abundância no seu coração.

— Fofa. — Apertou as minhas bochechas.

— Tento ser. — Sorri e nos abraçamos. — Vamos nos falando. Eu te amo!

Peguei as minhas coisas e carreguei de volta para o Bertie. Devon já tinha saído, seu Mercedes não estava no lugar usual. Bertie soltou um estrondo quando liguei, eu precisava levá-lo ao mecânico com urgência, mas ainda não tinha dinheiro o suficiente para gastar com ele.

Levei quarenta minutos para chegar até o hospital, a entrada de funcionários estava movimentada devido à troca de turno. Minha mãe estava conversando com um médico bonito, tirei uma foto e enviei para Vanessa, nós fofocamos sobre o quanto minha mãe precisava sair mais vezes.

Eles se despediram com um abraço rápido, minha mãe se aproximou e entrou no carro. Fiquei sorrindo de um jeito provocante.

— Pare de me olhar assim, menina. — Me deu um tapa no braço.

— Não estou olhando de um jeito diferente, apenas quero dar um abraço de bom dia na minha mamãe — brinquei e ganhei um empurrão de leve.

— Sonsa. Vamos embora, estou cansada e faminta.

Bertie fez o seu usual estrondo ao ser ligado novamente, todo mundo parou para olhar e nós rimos. Conversamos sobre o médico, era um cardiologista novo na cidade, ela estaria trabalhando com ele naquela semana. De longe, parecia ser bem bonito.

— Mãe... Se eu te contasse que eu me casei, o que você diria? — Comecei a falar calmamente.

Mamãe virou o rosto na mesma hora.

— O que você aprontou, Katrina Summer? — falou entredentes. Caramba, ela fazia parecer que vivia aprontando, o que não era exatamente uma verdade.

— Na verdade, não foi bem aprontar. — Soltei, nervosa. Minha mãe brava era muito assustadora. — Foi um acaso. Quase como um acidente, sabe? — Fingi naturalidade. — Eu saí com a Vanessa, fomos a uma festa que o irmão dela organizou, o lugar estava lindo, cheio, ela sumiu e eu fiquei sozinha com ele. Nós começamos a conversar, beber, provocar um ao outro, acordei no dia seguinte casada e com um acordo nupcial de que nós não poderíamos anular o casamento em seis meses, a não ser que uma multa de cinquenta mil dólares fosse paga, então, eu dormi o dia inteiro e à noite, ele disse que não queria anular, muito menos se divorciar, me desafiou a ficar casada por seis meses.

— Ele quem? — Mamãe estava se segurando para não gritar.

— Devon — falei baixo.

— Desculpe, não ouvi!

— Devon, irmão da Vanessa. Eu me casei com ele.

Houve um silêncio sepulcral no carro.

— Conversamos em casa, Katrina. — Foi tudo que ela murmurou depois de um tempo.

Merda.

Dirigi em silêncio e quase diminuí a velocidade, porque eu não fazia ideia de como a minha mãe iria reagir. A nossa rua sempre tinha uma movimentação pela manhã, vizinhos caminhando, crianças saindo para os últimos dias de aula antes do verão e muitos indo para o trabalho. Entrei na nossa garagem, Bertie resmungou e morreu. Dei um beijinho no volante, pedindo desculpas por ele estar sofrendo, abri a porta, peguei as minhas coisas e minha mãe foi andando para casa depois de bater à porta do carro.

Suspirando, abri a porta malas e peguei a mala. Precisava lavar roupas com urgência.

— Kat? — Nick atravessou a rua. — Reparei que você não tem aparecido em casa em muitas noites. Sabe, estou falando isso porque estou preocupado. Eu entendo que você esteja triste comigo, mas sempre fomos amigos e quero te dizer que estou aqui se precisar de mim. — Ele parou bem no meu caminho para me impedir de passar, encarando com uma expressão de cachorrinho bom amigo.

— Obrigada, Nick. Estou bem, apenas trabalhando. — Abri um sorriso educado e dei a volta por ele. Rápido, me deu a volta e as minhas coisas quase caíram. — É sério, sei que um dia poderemos ser amigos, no momento, só é um pouco estranho. Então, eu preciso entrar agora. Nos falamos depois...

Era difícil ser educada com Nick quando eu sabia do que ele era capaz de fazer. Homens como ele usavam a pele de cordeiro como capa

para esconder o verdadeiro lobo que eram. Segundo a minha mãe, o meu pai era exatamente assim: oportunista, se fazia de bonzinho para conseguir o que queria e sempre que a magoava, a fazia acreditar que o problema estava nela. Por muitos anos, minha mãe se culpou por tudo que aconteceu no casamento deles. Eu não queria viver o mesmo.

Ele me deixou ir, mas ficou parado na calçada. Entrei em casa tirando os sapatos, tranquei a porta e deixei as minhas coisas na mesa. Mamãe estava tomando banho, para acalmar a fera, decidi adiantar um cesto de roupas que precisava lavar, preparei café, ela saiu do quarto vestida para dormir, mas antes, parecia que refletia se era uma boa ideia arrancar o pescoço de sua única filha.

— Kat. — Começou e me preparei. — Sei que você vai fazer vinte e sete anos em algumas semanas e que é uma garota que sempre me deu orgulho, nunca me fez perder noites de sono, eu tenho muito carinho por tudo que você faz pensando em nós duas. Eu não te criei para ser tão irresponsável. Sempre te disse que a cidade era cheia de pecados e diversões que poderiam causar sérias consequências. Você cresceu aqui, minha filha. Como pode ter bebido tanto ao ponto de casar com um homem como o Devon?

— Eu posso explicar!

— Como pode explicar? Eu admiro Devon por ele ser um irmão muito bom para Vanessa e sempre serei grata por ter permitido que você vivesse no apartamento dele enquanto estudava, ainda pagava as contas, nunca aceitou nenhum dos meus depósitos. — Ela apoiou as mãos no balcão. — Um casamento é algo realmente sério. Tão sério que eu nem sei como exemplificar. Como pode ter feito isso como um desafio? Uma brincadeira?

— Mãe, eu sinto muito por te decepcionar, mas eu comecei isso e não vou sair como uma provocadora. Eu tinha questões com Devon além do que deixava transparecer. O casamento é sério, tão sério que desafiamos um ao outro o quanto podemos ser comprometidos. Além do mais, ele se recusa a anular e eu não tenho cinquenta mil dólares, então, será por seis meses.

— O que vocês dois vão ganhar com esse desafio?

— Eu não sei, mãe. Nós dormimos juntos e algo está acontecendo, eu não sei o que é, não sei explicar. É confuso dentro da minha cabeça. Não esconderia isso de você, prometo ser o mais responsável possível, mesmo diante da minha recusa em ceder. — Segurei a sua mão. — Devon me promoveu, ele quer que eu trabalhe no setor de comunicação da empresa e talvez Vanessa trabalhe comigo.

— Você nasceu quando completei dezesseis anos, não gosto de falar de tudo que passei para que se tornasse essa mulher linda e determinada, eu te amo, vou confiar na sua criação e no seu coração.

— Obrigada, mamãe. — Nos abraçamos apertado.

Deixei que fosse descansar e me arrumei para o meu dia no trabalho. Levei o meu equipamento necessário: câmera, celular, computador, pen drives, cartões de memória, cadernos e estojo recheado de canetas, lápis e borrachas. No visual, optei por um vestido azul escuro, de alça, marcado na cintura com uma saia plissada até os joelhos. Escolhi um par de sandálias plataforma com tiras em creme, amarrada no tornozelo e uma bolsa caramelo grande.

Com calor, enrolei o cabelo no alto, não queria chegar de rabo de cavalo, não sabia muito bem como era o ambiente. Sabia que os funcionários diurnos não usavam roupas muito formais, exceto os que

ficavam nos salões dos hotéis, nas salas de cassino ou na recepção dos lugares de evento.

Terminei a minha maquiagem básica, sem muita coisa ou poderia chegar manchada. Meu carro não tinha ar-condicionado e o ar quente do deserto faria o meu rímel escorrer até as bochechas. Avisei a minha mãe sonolenta que estava saindo e lutei com Bertie para sair do lugar.

A cada sinal que passávamos, ele morria. Cheguei ao prédio principal da Winterfield quinze minutos atrasada. Estacionei ao lado do carro de Devon e assim que bati a porta, dei de cara com Everly saindo de seu conversível de luxo. Ela jogou a chave na bolsa, colocou os óculos de sol e saiu rebolando dentro de um vestido magenta, justo, com um par de scarpins maravilhosos. Entramos no mesmo elevador, eu apertei o botão da cobertura, ela só ficou ao fundo. Podia sentir o olhar queimando na minha nuca.

As portas do elevador abriram e nós duas andamos na mesma direção: a sala do Devon.

Alicia, assistente muito antiga do Devon, estava na ante-sala, olhando um tablet e falando com uma mulher que parecia trabalhar na empresa.

— Olá, Alicia. Quero ver Devon agora. — Everly parou e jogou a bolsa no sofá.

— Bom dia, srta. Mendez. — Alicia abriu um sorriso profissional. — Devon irá falar com você no horário agendado. Infelizmente, terá que aguardar. — Virou-se para mim. — E você, mocinha. Pode entrar, ele já estava reclamando... — Apontou para a porta.

Sem esperar mais, dei uma suave batida e abri. Ele ergueu o rosto, parecia estar lendo algo, olhou para o relógio e me encarou.

— Desculpa o atraso. Bertie não queria colaborar.

— Você precisa trocar de carro.

— Não inventa. — Coloquei a minha bolsa na poltrona. — Vanessa já chegou?

— Ela está se familiarizando com a sala. Obrigada por incentivá-la, ela disse que quer tentar.

— Sei que ela não precisa de um trabalho e sim de uma ocupação, de se sentir útil e produzindo algo, mas ainda é muito difícil, então, tenha paciência.

— Não precisa me pedir paciência com a minha irmã. — Ele saiu de seu lugar e fiquei parada, observando-o. — Você está linda.

— Devon...

— Não vai me impedir de te elogiar, Kat. Tenho seis meses para provar o meu total comprometimento... — Segurou o meu rosto. — É a minha capacidade de ser um marido incrível. — Beijou os meus lábios. — Portanto, sinta-se lisonjeada e se acostume.

— Não joga para perder, não é?

— Nunca. — Piscou e me deu mais uma bitoquinha. — Vem, vamos trabalhar.

Segurando a minha mão, me puxou para fora da sala. Everly estava na sala de visitas, bebendo um cafezinho e digitando em seu telefone. Ela nos deu um olhar mortal quando Devon disse que falaria com ela quando voltasse.

Fiquei sem graça de estar andando com ele na frente de todo mundo, principalmente porque estavam nos observando discretamente. A empresa

era bem grande, tinha os setores comuns bem preenchidos como financeiro, recursos humanos, administração e por fim, comunicação.

Vanessa estava em uma sala, ela levantou alegre e acenou.

— Ainda não temos funcionários além de vocês duas — Devon explicou. — E vocês serão responsáveis por fazer as contratações e gerenciar a equipe de marketing e comunicação. Eu não tive boas experiências com três empresas que prestam esse tipo de serviço e, sendo a pessoa controladora que eu sou, quero acompanhar todos os processos e ter bons resultados.

— Caramba. Nós não temos experiência alguma... — Vanessa arregalou os olhos. — Dev, é muita responsabilidade.

— Nós daremos conta. — Cortei o discurso de insegurança. Eu não ia deixar que ele pensasse que não sabia o que estava fazendo. Eu não sabia, mas iria aprender.

Devon me encarou e, lentamente, abriu um sorriso.

— Mais um desafio, Katrina?

— Prepare-se para perder. — Dei de ombros.

— Alicia virá com o escopo dos próximos passos. Tenho uma reunião agora, volto na hora do almoço. Se comportem e tentem não incendiar o lugar — avisou, seu telefone tocou e ele saiu, depois de atender. Virei para Vanessa.

— Estamos ferradas, mas ele fez de propósito, não por sua causa, mas sim por mim. Não entre em pânico, vamos fazer dar certo, nós sempre conseguimos fazer um bom trabalho — garanti.

— É bom mesmo, não quero Devon me enchendo o saco porque não correspondemos às suas expectativas, que sobem até o sol — reclamou e

sorri. Eu sabia que ficaria no meio da briga de irmãos dali em diante. — Você pelo menos tem alguma experiência, eu nunca fiz nada.

— Vai aprender como eu aprendi. Então, já escolheu a sua mesa?

Distrair Vanessa de suas inseguranças era algo que eu fazia desde o dia que nos conhecemos. Ela passou por um abandono materno, não conhecia o pai e na faculdade teve uma experiência traumática com um namorado psicopata. Aconteceram coisas que apenas eu sabia e por isso me sentia tão protetora. Vanessa e eu éramos almas gêmeas, irmãs da vida e melhores amigas. Ela e a minha mãe eram as pessoas que eu mais amava no mundo e por isso, eu daria o meu sangue por elas.

OceanofPDF.com

8 | *Katrina*

Dois dias depois que comecei a trabalhar no setor de comunicação, ainda estávamos analisando a grande pasta de currículos que Alicia entregou logo depois que Devon saiu. Nós tivemos acesso às redes sociais da empresa e eu fiquei rodando na sala com a cadeira de rodinhas ao ter a senha do instagram de Devon no meu telefone celular.

A quantidade de mensagens de mulheres era impossível de calcular. Algumas enviavam nudes, outras, mensagens ousadas com seus números de telefone. Muitas queriam uma oportunidade de aparecer para ter uma carreira.

Fugi de Devon nos últimos dias, saindo da empresa quando ele não estava. Mal respondendo às suas mensagens e ficando o máximo de tempo com a minha mãe, que ainda estava meio chateada comigo. Meu marido por desafio era um bom oponente, mas ele entregava o seu jogo sempre que me desafiava a algo físico, isso dava fôlego à minha tática de soar indiferente às suas investidas. Não que eu tivesse muita resistência em estoque.

— Eu vou na estação pluvial mais próxima da *Pro Valley* hoje, você me cobre?

Vanessa desviou os olhos do celular.

— Tome cuidado. — Soprou um beijo.

Peguei a minha bolsa e saí da sala que compartilhávamos. O andar estava meio vazio porque era horário do almoço e a maioria saía ao mesmo tempo. Ainda não tinha feito muitas amizades, diferente do cassino, onde todo mundo se ajudava e compartilhava boas risadas, os funcionários do

último andar eram meio na deles. Acreditava que o meu novo sobrenome não ajudava em nada.

Cada vez que relia o contrato de casamento no qual, não só assinei concordando com uma multa ridícula, como também mudei o meu amado sobrenome Summer para Winterfield, tinha vontade de me chutar.

Se eu pudesse, me chutava de verdade.

Entrei no Bertie, me preparando mentalmente para a missão. Na primeira estação que visitei, percebi que o atendente ficou um pouco resistente em me receber e permitir que olhasse os documentos, mesmo sendo de domínio público. No segundo, ficou nítido que eles se comunicaram e os documentos foram mais restritos, precisei fazer um pouco de escândalo. Reuni coragem para o terceiro e mais próximo da estação da companhia.

Bertie não pegou de jeito nenhum.

— Vamos lá, meu filho. Eu preciso de você — choraminguei. Ele continuou apenas no ensaio de pegar e não pegou. Frustrada, bati minha cabeça no encosto do banco mil vezes. — Porra, Bertie!

Ouvi um barulho suave que o meu carro não fazia e suspirei. Devon voltou antes que conseguisse sair. Olhei para o lado, ele só desceu o vidro, sorrindo.

— Vai sair no meio do seu expediente?

— Ser a sua esposa precisa me dar alguma vantagem ou é um casamento inútil. Além do mais, Bertie não quer pegar.

— Precisa ir a algum lugar em especial?

— Está me perguntando como chefe ou apenas querendo meter o seu nariz curioso nos meus assuntos? — Virei de lado e sorri.

— Estou perguntando como marido.

— Então, não é da sua conta. — Abri um sorriso irritante, peguei a minha bolsa e saí do carro. Vanessa precisaria me levar em casa porque eu me recusava a pagar um uber. Custaria uma fortuna. — Vou voltar para minha sala.

— Eu te levo! — gritou do carro e virei no meio do caminho para o elevador.

— Nem sabe onde é.

— Não importa, eu te levo. Deixe de ser cabeça dura e orgulhosa, entra aqui no carro. — Esticou o braço e abriu a porta de seu Audi. — Vem.

Quando ele fazia aquela expressão solene com o sorrisinho de quem podia ser doce e simpático, meu interior se contorcia de vontade de pular nele e encher o seu rosto de beijos. Esses sentimentos afloraram depois do dia X. Antes, eu reconhecia a beleza e charme dele, porém, recusava considerar um contato físico.

Ceder fazia parecer que estava perdendo, mas olhando por outro ângulo, me perguntei se ele teria a paciência de Vanessa em me levar por aí.

Entrei, coloquei a bolsa no chão, aos meus pés e puxei o cinto. Ele ligou o carro novamente, saindo do estacionamento com calma. Digitei no GPS do painel o endereço que precisava ir. Como nunca tinha ido para aquele lado da cidade, não podia dar as direções.

Devon era um motorista que gostava de velocidade, ele costurava no trânsito e parecia que era a própria polícia ou um homem sendo perseguido por uma.

— Isso é coisa de babaca. Pare de piscar os faróis, ele vai sair — reclamei.

— Ele está demorando!

— Que tal parar de correr tanto? — briguei, ficando meio irritada.

— Estou dentro do limite da velocidade permitida. — Deu de ombros e apenas suspirei. Ele estava me cansando. Ao entrarmos na estrada, avançou ainda mais rápido, mas o carro potente não fazia parecer. Bertie estaria berrando e cuspiendo como um velho mal humorado. O GPS sinalizou que estávamos chegando e eu reparei a pequena casinha no meio do nada. — Você viria sozinha nesse lugar deserto?

— Eu não sabia que era deserto. — Olhei ao redor. — Ou tão sinistro. Vai entrar comigo?

— Claro que sim.

— E se roubarem o carro? — Estava com medinho. Uma moto parou poucos minutos depois.

— O helicóptero vem nos buscar — me provocou. — Sozinha você não vai.

— Hum, desculpa, Riquinho. — Peguei a minha bolsa. — Não fale que sou jornalista, eu estou usando a desculpa que sou professora formulando matéria para os meus alunos.

— Tudo bem. Serei apenas o marido. — Saiu do carro e acenou para o homem na moto. — Ele é meu segurança. Sou dono de cassino, as pessoas me odeiam.

— É bom saber que você não anda sozinho. É o Mac?

— Sim. Nem você e Vanessa. Tenho dois desses seguindo vocês por aí o dia inteiro.

— O quê?

— Você é publicamente conhecida como a melhor amiga da minha irmã. É apenas perigoso, entende? Cassinos atraem todo tipo de gente...

agiotas, empresários, mafiosos e pessoas de dúvida caráter. Manter os negócios na linha e equilibrar a presença de todos eles, é bem complicado, nem sempre agrado e nem sempre faço o que querem, então, é melhor proteger de qualquer possível retaliação — explicou e segurou a minha mão. Como estava com medo, entrelacei os nossos dedos.

Era a estação mais detonada de todas. Digna de um filme de terror.

— Depois falamos sobre o fato de que você paga alguém para me seguir por aí sem o meu consentimento, agora, só fique por perto.

O lugar estava quente, cheirava a mofo e papel velho. O senhor de idade atrás do balcão ergueu a cabeça quando o sino da porta fez barulho. Me aproximei e não encostei em lugar algum. Solicitei as pastas do saneamento básico da cidade e do sistema pluvial, ele me deu um olhar e disse que não podiam ser acessadas.

— Claro que podem, são de domínio público e eu sou contribuinte.

— Não, não pode.

Devon suspirou atrás de mim e, de repente, só vi uma nota no balcão.

— Ela pode, não pode?

— Segunda porta à esquerda — o senhor rabugento resmungou depois de embolsar cem dólares.

Fui andando na frente e abri a porta com o cotovelo. Paranoica, tirei as luvas da minha bolsa, as vesti rapidamente e olhei para o alto. As câmeras me chamaram atenção. Eram modernas e pareciam novas demais para um ambiente caindo aos pedaços com folhas amareladas.

Peguei o meu telefone e enviei uma mensagem para Devon, pedindo que ele encostasse na parede, erguesse a mão e virasse a câmera para o lado. Ele leu, franziu o cenho, mas fez o que eu pedi. Rapidamente peguei as

pastas fechadas com cadeados e tirei o meu conjunto de chaves mestras que carregava na bolsa.

— O que está fazendo? — ele cochichou.

— Violando arquivos públicos que precisam de uma autorização especial. Essas pastas o velho lá fora precisaria me acompanhar para xerocar, mas eu não quero que ele saiba que eu vi — expliquei e peguei a câmera, fotografando o máximo que conseguia sem flash. Pedi que ele ligasse a lanterna de seu telefone e do meu, segurando acima de cada um. — Hum, isso é interessante. — Passei as folhas. — Caramba...

— Katrina, anda logo — Devon murmurou.

Fotografei tudo que encontrei, até o que não tinha certeza que era necessário, devolvi para as pastas e guardei no mesmo lugar. Tirei as luvas, joguei na minha bolsa e saímos sem falar muito com o velho. Ele estava falando ao telefone com um sorrisinho feliz. Ganhou um dinheiro e ficou bem humorado. Voltamos para o carro e Devon arrancou dali em alta velocidade, parecendo querer sair o mais rápido possível.

— O que você está fazendo com essas informações? — perguntou e me entregou seu telefone. — Avise ao Mac que estamos voltando para a cidade. — pediu e rapidamente digitei a mensagem.

— Estou montando uma matéria, ainda não sei ao certo o que busco, mas estou farejando algo. Você sabe algo sobre o resort na reserva ambiental?

— Sei que a companhia foi vendida para duas empresas no meio da construção e elas nunca chegaram a um acordo para o final da obra — explicou. — Foi uma venda sigilosa. Tudo aconteceu por debaixo dos panos, por enquanto, a construção ficará como um gigante elefante branco à beira da estrada. É ruim porque comeu a reserva ambiental pela metade.

— Não tenho certeza se é só isso e estou investigando. Acho que tem algo realmente grande por trás e talvez seja a minha chance de parar na capa do jornal. Em falar em jornal, preciso que me leve lá.

— Em algum momento deste dia você vai trabalhar?

— Se você não percebeu, estou trabalhando. Eu não abri mão do meu horário na revista, vou tentar fazer as duas coisas.

— Não estou te pagando o suficiente?

— Agora? Sim. Antes? Definitivamente não. Usar roupas bonitas, normalmente caras, salto alto, maquiagem e cabelo feito para atender um monte de velho rico custa caro.

— Anotado. — Me deu um sorriso. — Como vai gerenciar as duas coisas? Não é muito?

— Contando com a paciência do meu chefe em não me demitir, porque eu não posso perder a oportunidade dentro do jornal e ao mesmo tempo, não posso perder o seu salário. Eu vou trabalhar em ambas as coisas e com um pouco de organização, irei conseguir.

— Veremos se você não vai desmaiar de exaustão.

— Minha mãe sabe sobre nós — mudei de assunto.

— Eu sei, ela me ligou. — Sorriu torto.

Bem típico dela.

— O que ela disse?

— Apenas me pediu para pensar bem se eu acho que você é uma mulher qualquer, que ela não vai aceitar que brinque com algo tão sério quanto casamento e que é melhor que cuide de você. — Ele colocou a mão no meu joelho e apertou, subindo um pouquinho — Expliquei o que aconteceu e prometi que cuidaria *muito bem* de você.

— Olha essa mão boba. — Bati em sua mão e ele subiu por dentro do meu vestido branco com flores rosa. Comecei a rir porque estava fazendo cosquinha. — Para idiota. Coloque as duas mãos no volante.

— Sua mãe está certa — ponderou do nada.

— Ela está furiosa comigo. — Suspirei. Minha mãe estava no tratamento do silêncio.

— É bastante compreensível. Foi um impulso...

— Contou a Shannon?

Devon fez uma careta.

— Eu não falo com ela. — Deu de ombros. — Tio Saul está vindo para a luta do Stuart. Gostaria que me acompanhasse, tenho lugares privilegiados e depois, um camarote na comemoração. Vanessa disse que é tudo muito violento e não quer ir...

— Ir juntos... como um casal?

— Não é o que somos?

— Gosto do Stuart e adoro o Tio Saul. Quanto a aparecer publicamente, vai estar em todos os veículos de mídia. Não sei como até agora não vazou que nos casamos, já que várias pessoas sabem.

— Meus funcionários possuem acordo de confidencialidade.

— Eu sei, assinei um monte. Posso pensar?

— Claro. Só me avise com uns dias de antecedência, vou precisar procurar uma companhia — falou com naturalidade e belisquei o seu braço. Ele riu, feliz com a minha reação. Eu quis me bater. — Ciumenta, esposa?

— Cale a boca. Aqui, pode parar ali, eu volto de táxi para o cassino.

— Não precisa, vou subir.

— De jeito nenhum! McKenna Foy está louca para obter um furo estrondoso e ela vai morrer ao te ver — contrapus. Devon entrou na garagem da revista. Ele estava prestes a sair e o segurei. — Eu preciso entregar as matérias, estão no pen drive, não vou demorar. Me espere aqui.

— Antes de sair, me dá um beijo. — Agarrou a minha mão. — Eu mereço um beijinho... — Fez um pequeno beicinho. Adorável e gostoso.

— Merecer? Não merece, mas... — Segurei o seu rosto e o beijei de um jeito para deixá-lo maluco. Ele gemeu contra a minha boca e me afastei, saindo do carro com um sorriso no rosto. Aquela pequena batalha... eu venci.

No elevador, pensei sobre o tempo que passamos juntos. Apenas alguns dias atrás, cinco minutos era o suficiente para sermos grosseiros um com o outro. Parecia que a intimidade quebrou essa barreira. Ele ainda era irritante, mas, ter a companhia dele e o quanto me senti segura com isso era uma novidade estranhamente bem-vinda.

Devon nunca foi intencionalmente maldoso comigo. Ele não era um cara babaca. Era um cretino, que com um sorriso safado e com um pouco de charme ganhou o beijo que tanto queria, que normalmente, era ele quem tomava a iniciativa em me dar.

Passei por McKenna no corredor e ocultei o sorriso ao perceber que tinha em mãos a bomba que ela tanto queria sobre os Winterfield. Devon, casado e ainda por cima, com a melhor amiga da irmã dele e não com Everly, a mulher que ela idolatrava. Senti uma grande vontade de tripudiar. Ele acabou casado com a mulher que McKenna não achava bonita o suficiente.

Entrei na sala do editor, ele estava me esperando e revisou a matéria comigo.

— Você escreve muito bem. Nunca tenho o que revisar. — Ele aprovou a matéria inútil sobre como estava o elenco de Friends após o encerramento da série e usando a viagem à Vegas apresentada em alguns capítulos do seriado, como pano de fundo. — Obrigado por isso. Seu pagamento foi creditado, tenha um bom restinho de semana.

Senti uma imensa vontade de contar que estava pesquisando, mas toda vez que falei, ele entregou a minha matéria para um jornalista mais experiente e funcionário fixo. Segurei a ansiedade, saí da sala e passei no pequeno lugar que costumava trabalhar, pegando algumas notas e coisas que a assistente de publicação deixou separado. Eram as pautas que precisava desenvolver. Normalmente deixava ali, mas trabalhando em horário comercial na Winterfield, precisaria carregar comigo.

— Bonita aliança, Katrina. — McKenna e os seus olhos de falcão.

— Obrigada.

— O bonitão latino vai te levar para o altar? Está no dedo errado.

— Não. Eu já me casei. — Sorri e me afastei. — Ah... Não foi com ele. — Pisquei e entrei no elevador. Ela ficaria rolando de curiosidade até que voltasse.

Voltei para o estacionamento e Devon estava encostado no capô do carro, uma mão enfiada no bolso e a outra brincando com o telefone na perna. Era por isso que ele vivia com o telefone quebrado. Mesmo assim, era uma visão e tanto. Não podia acreditar que estava casada com aquele homem. Ainda me irritava que ele havia dormido com metade da cidade (talvez do país) e me deixava maluca pensar que ele conseguia o que queria com um sorriso, mas ele era gostoso e praticamente irresistível.

Pedi ajuda aos céus para ganhar o desafio. De todas as pessoas que eu não gostaria de perder uma aposta, Devon era a primeira delas.

OceanofPDF.com

9 | *Devon*

Como um apostador nato, eu sabia quando e como arriscar. Com Katrina, o jogo era sempre perigoso. Ela era uma mulher de muitas facetas e eu, alguém que gostava de jogar pesado. Pensando no meu próximo passo em fazer com que ela relaxasse e confiasse em mim, após sair do prédio do jornal, pedi que me acompanhasse em uma visita. Ela aceitou com um olhar desconfiado, levantando suas defesas.

Um dia, eu fiz por merecer. Hoje, não mais.

Kat estava lindamente ao meu lado e usando toda a sua concentração para não deixar transparecer que estava admirada. Coloquei o capacete de obras para proteger a sua cabecinha e instruí onde pisar. Incerta, agarrou o meu braço e andou atrás de mim, olhando ao redor com curiosidade. O engenheiro responsável da construção se aproximou e começou a falar sobre a estrutura montada para a luta no sábado.

— Você comprou a antiga arena? — Kat sussurrou. — Eu sempre quis vir aqui, mas o lugar fechou quando eu fiz doze anos.

— Estava preso em uma briga judicial entre os herdeiros, foi resolvido apenas ano passado e então, foi para venda. Tentei comprar da primeira vez e não deu certo, fiquei insistindo até conseguir. Fechei contrato de exclusividade com uma emissora e com a UFC para uma temporada de lutas bem aqui. A estreia será no outro sábado, meio em cima da hora, mas tenho uma boa equipe e vai dar certo. — Segurei-a antes que virasse o pé em uma madeira. — O que acha?

— Isso é incrível. Esse é o negócio que saiu para comprar outro dia?

— Não. Estou comprando um novo pub, sendo esse, abaixo do solo. É um novo conceito, estamos analisando todas as viabilidades de segurança, funcionários e em breve, a minha equipe de comunicação vai lidar com isso.

— E essa luta?

— Será apenas para convidados. Vamos distribuir os convites para clientes e amigos. — Olhei ao redor. — Não vamos atingir a capacidade máxima, será bem privado, para mostrar o espaço e preparar para os próximos eventos.

— É enorme. — Ela sorriu. — Gostei.

— Isso significa que vai vir comigo?

— Talvez... — Deu de ombros. Tudo para não dar o braço a torcer. — Se me pedir para avisar com antecedência para trazer outra mulher, eu vou dar com esse capacete em você.

— Não seja ciumenta, esposa. — Puxei e segurei os seus punhos nas suas costas. Seu capacete bateu na minha testa quando tentei beijá-la e nós rimos. Abaixei o meu rosto, sem desistir e a beijei. — Eu adoro essa sua boca...

— Até que você beija bem. — Sorriu contra os meus lábios.

Após olhar algumas mudanças, saímos. Era o fim do dia e o sol estava se pondo. Seu telefone tocou e era sua mãe.

— Mãe, o Bertie não está funcionando. Eu não sei o que é. Vou pedir um táxi, não esqueça de conferir a placa e o nome do motorista, ok?

— O que foi?

— Eu levo a minha mãe no trabalho, ela vai fazer um turno de doze horas agora — explicou.

— Vou mandar alguém buscá-la. Não se preocupe. — Peguei o meu telefone, pedindo que Mac mandasse um dos nossos motoristas de confiança buscar a minha sogra bem brava em casa e levá-la até o seu trabalho. Pedi a placa e o nome, para que Melanie pudesse conferir.

Passei as informações para a Kat. No carro, ela foi digitando e falando que Vanessa já tinha ido embora para nossa casa. Queria sair sozinho com Kat, levá-la para jantar, mostrar um lado doce e romântico que eu não sabia se tinha, mas iria me esforçar. Ela iria morder a própria língua ao dizer que eu era incapaz de ser um bom homem em um relacionamento.

— Já que a sua mãe não está em casa essa noite, você vem embora comigo?

— Só porque eu quero comida japonesa e um bom vinho — me respondeu sem desviar os olhos do telefone celular. — Devon, pare de correr. — Bateu na minha coxa e voltou a mandar áudios para minha irmã. Um táxi entrou bruscamente, precisei frear. — Viu só? Você vai me matar!

— Eu não vou te matar, ele que é um cuzão e está errado — reclamei do taxista idiota, cortando-o e entrando na agulha que levava em direção ao meu bairro.

Comprar aquela casa foi uma das melhores escolhas da minha vida, era em um bairro totalmente residencial e dentro de um condomínio que tinha várias famílias. Foi difícil ser aprovado, eles não aceitavam homens solteiros, tive que assinar uma cláusula de que nunca daria grandes festas e que elas não seriam frequentes. Morar com a minha irmã ajudou muito. Vanessa poderia ter o seu próprio lugar, mas ela sentia medo e eu não me importava. Moramos juntos a vida inteira.

Entrei em casa, Bertie já estava parado ali e Kat me deu um olhar confuso.

— Mandei rebocar. Amanhã procuramos um mecânico. — Desliguei o carro, ela estava enfiando o telefone na bolsa quando me aproximei e beijei a sua bochecha. — Senti sua falta na cama. — Movi os meus lábios contra sua pele macia. — Você disse que não faço o seu tipo e que não era uma garota de abraçar, mas pareceu gostar de dormir de conchinha.

— Você continua não fazendo o meu tipo — falou toda arrepiada. — Mas até que é bonzinho de dormir. — Fez um pequeno beicinho indiferente.

— Só dormir? Pelo que lembro, em outras coisas, você gostou muito. — Dei um beijo estalado em seu ombro, ela inclinou a cabeça para o lado e beijei seu pescoço. — Lembro do quão gostoso gozou na minha boca e no meu pau... — Apertei a sua coxa.

Kat suspirou, o barulho de uma porta batendo a fez sair do transe e saiu correndo do carro.

— Covarde! — gritei atrás dela e ganhei o dedo do meio. — Não adianta, você perdeu.

— Idiota — reclamou e parou. — Eu vou tomar banho, você vem?

Foda-se. Saí do carro rapidamente.

— Agora, você perdeu. — Me deu língua e saiu correndo.

Vanessa estava na sala principal, deitada no sofá, mexendo no telefone e sorriu ao nos ver. Kat parou de correr e se jogou nela.

— Minha irmã não vai te proteger do seu convite. — Peguei ela no colo.

— Devon! Me coloca no chão! — ela gritou, segurando o meu pescoço. Sua risada era tão bonita! — Não sobe a escada assim, vamos cair!

— A gente já volta — avisei à Vanessa, que estava filmando, ela não postaria nada, só queria registrar Kat se debatendo. Subi a escada com ela no colo, gritando de medo e ao mesmo tempo, se divertindo. A casa tinha um elevador, que ficava desligado porque não havia necessidade.

— Nós não iremos tomar banho juntos. — Me deu um olhar enviesado.

— Não quer me ver nu? — Fiz um pequeno charme.

— Quero. Eu nunca vou dispensar de te ver nu, mas eu não ficarei nua também. — Acariciou a minha nuca.

— Tem certeza? — Coloquei-a no chão, na frente da porta do meu quarto, abri e a empurrei para dentro.

Meu quarto era uma das maiores suítes da casa. Era muito maior que a última casa que Vanessa e eu vivíamos, mas comprei pelo simples fato de ser reservada, ter uma piscina e jardim agradável, não exatamente porque era grande.

— A piscina está pronta? — Kat se aproximou da janela.

Quando me mudei, a maior piscina precisava de reforma, apenas a menor, que era infantil, estava boa para uso. Os antigos donos tinham filhos pequenos e eles construíram a menor pensando neles. Ali não teria crianças tão cedo, a não ser que Vanessa tivesse filhos.

— Você gosta dessa casa? — Tirei a camisa que estava usando o dia inteiro e arremessei no cesto de roupas sujas dentro do closet.

— Ela é linda. É a típica mansão que mantém o estilo de Vegas e todo jardim ao redor dá uma sensação de privacidade. — Seu olhar parou nas minhas mãos abrindo a calça jeans. — Foi uma boa aquisição dentro do meu ponto de vista bem comum. Acho que é enorme, só você e Vanessa para seis quartos, mas é bom ter espaço para visitas.

O lugar tinha muitos quartos e três salas diferentes. A da entrada, que era de visitas, uma sala com lareira e sofás confortáveis e o lado da casa mais habitado, que era a sala de televisão, próximo à espaçosa cozinha, a copa e a saída para os fundos. O restante dos cômodos tinha sala de jantar sofisticada do jeito que Vanessa e Kat decoraram, uma sala de cinema que estava vazia, o meu escritório em um lado mais silencioso e a academia no subsolo.

Ela era amarela com detalhes em laranja, mandei pintar de tons claros e mudar todas as portas, assim como reformar alguns cômodos necessários.

Terminei de tirar a minha roupa, fui para o banheiro e liguei o chuveiro. Kat se jogou na cama, tirando as sandálias. O calor infernal e a poeira de Las Vegas era o que mais me irritava ao ficar muito tempo na rua. Saí de casa bem cedo, não almocei e queria devorar a minha geladeira.

As luzes do banheiro estavam parcialmente apagadas, apenas as do espelho estavam acesas. Fiquei debaixo do jato de água, massageando os meus músculos dos ombros. Fiquei surpreso ao ouvir que ela entrou no banheiro, virei o rosto e estava nua. Era uma bela visão.

Seus cabelos estavam enrolados no alto, os seios arrepiados, a barriga com a entrada suave para o monte com pêlos em uma trilha, aparados, eu sabia que ela depilava os lábios e as laterais, marca do biquíni. Ao invés de abrir a torneira do segundo, pisou no meu lado.

Puxei-a para ficar entre a parede e eu, ela ficou toda molhada, na ponta dos pés e sem falar nada, apenas me beijou. Seus mamilos esfregaram no meu peito, descí minhas mãos para sua bunda e a ergui no meu colo, pressionando-a contra a parede, apoiando-a na bancada de mármore. Beije-

a com toda vontade, explorando sua pele com os meus lábios e chupei os mamilos. Ela gemeu alto, arranhando a minha nuca e olhei em seus olhos.

— O que foi isso?

— É a segunda vez que tomamos banho juntos... isso é tão íntimo — refletiu com o nariz encostando no meu. — Ainda não sei como viemos parar nessa cama de gato. Um dia éramos completos estranhos e no outro...

— Não é assim com todas as pessoas que fazem sexo no primeiro encontro? Nunca fomos estranhos, nos conhecemos há mais de dez anos, você é a única que tem medo de ceder. Você acha que irei brincar e o propósito disso tudo é provar que eu sei falar sério quando devo. Você nunca foi mulher de brincadeira, Kat. Não será agora que farei tal coisa. — Dei um beijo suave. — Uma coisa é não dar certo porque somos diferentes, outra é por falta de caráter e comprometimento.

— Tudo que sai dos seus lábios é como música, sempre o que uma garota quer ouvir.

— Nem sempre foi assim e nem sempre vai ser, Kat. Você não me conhece como homem, apenas como o irmão mais velho da sua melhor amiga.

— Eu quero te conhecer como um homem, mas... não sou uma mulher fácil de lidar. Tenho os meus momentos...

Kat tinha óbvios problemas de confiança e não sabia o motivo.

— Só me dar uma chance. — Beije o seu pescoço.

— Estou nua em seus braços, quer chance maior que essa? — Arqueou a sobrancelha. Quanto mais vulnerável se sentia, mais brava ficava. Sorri e beijei os seus lábios macios, encerrando o assunto, ela já tinha respondido o que precisava ouvir.

Provando que podia controlar o meu pau e não era um moleque, nós só ficamos aos beijos. Sequer a toquei com mais intimidade. Sexo seria no ritmo dela. Estava nítido que a coisa toda como aconteceu, pesava uma culpa. Kat só teve dois namorados na vida e eu duvidava muito que teve vários parceiros sexuais. Tanto ela quanto a minha irmã gostava de se divertir, mas não se aproximavam muito dos homens.

Depois do ex namorado da minha irmã ter se mostrado um psicótico e Katrina ter sido detida por causa dele, perderam a confiança nos homens de modo geral. Eu não as culpava. Esse Luke era passado e nunca mais incomodaria nenhuma das duas.

— Vou pegar algo para vestir no seu armário — avisou depois de se secar.

— Fique à vontade. Você deveria trazer roupas para deixar aqui, ou eu posso ser como os mocinhos dos filmes que vocês assistem e mandar comprar.

— Só se você tiver um chicote. A algema já sei que tem. — Revirou os olhos e abriu as gavetas, pegou uma cueca samba canção e uma camisa, ficando sem nada por baixo, para a minha completa felicidade.

— Está guardada, quando quiser usar de novo... — Balancei as minhas sobrancelhas. Vesti uma calça sem cueca, minhas bolas precisavam de um refresco e a calça tinha um fundo que imitava uma.

— Devon! — Vanessa me gritou. Saí do quarto e me debrucei no parapeito do corredor. — Podemos ter um cachorro?

— Quem vai cuidar dele? — Arqueei a sobrancelha.

— Nós três,oras. Tem uns cachorrinhos realmente fofos na feira de adoção. — Fez o beicinho que a fazia conseguir tudo que queria desde que nasceu. — Eles são tão lindinhos.

— O que é lindinho? — Kat estapeou a minha bunda. Safadinha. — Certamente não é o seu irmão. — Desceu a escada correndo e parou ao lado de Vanessa, se jogando no sofá. — Awn, que fofo! Olha esse bebezinho!

— Vamos adotar? — Vanessa estava com os olhos brilhando. Foda-se. Elas trariam um cachorro para casa. — Olha só esse todo pretinho aqui.

— Não posso ter cachorro na minha casa, minha mãe tem horários malucos e eu vivo dormindo aqui quando ela não está em casa — Kat falou com desânimo. — Ele vai ter que ficar aqui o tempo todo e nós estamos trabalhando de dia.

— Durante o dia a Rosa está aqui. Eu sei que ela não vai negar tomar conta dele.

Rosa era a nossa governanta desde que Vanessa nasceu, ela nos criou e estava viajando de férias nas últimas semanas. Ela passou a morar conosco depois que ficou viúva. Nunca teve filhos, não podia ter e com a minha mãe sendo tão louca, foi bom Rosa ficar por perto. Ela fazia qualquer coisa por Vanessa, tinha certeza que tomaria conta do cachorro como se fosse um netinho.

Peguei o meu telefone e desci a escada. Fechei as janelas e liguei o ar condicionado, redirecionando uma temperatura agradável para a sala. Deixei as duas falando sobre as fotos do cachorro e fui para a cozinha, peguei uma cerveja para mim e vinho para elas. Recebi o modelo digital do convite para a luta no sábado, gostei do resultado e imediatamente aprovei.

Servi vinho branco nas taças, elas pegaram e brindamos.

— Kat estava me contando do evento de sábado. Tem alguma noção de quantos convidados? — Vanessa me encarou com interesse.

— A lista tem duzentos. Se todos irão confirmar, eu não sei. Vai ser meio em cima da hora...

Kat mordeu o lábio e pegou o telefone, digitando algo.

— Acho que seria interessante investir para que os próprios convidados fizessem stories do lugar. Não existe marketing melhor do que o boca-a-boca. Talvez devesse ter vários lugares bem provocantes para fotos, como pequenos ringues, luvas de boxes como decoração, pesos e sofás agradáveis. — Kat mostrou alguns modelos de decoração. — Sendo atraentes, os convidados vão se interessar em exhibir, o fato de ser restrito vai causar bastante alvoroço. Eu posso convidar alguns jornalistas bem legais, até vai me ajudar a fazer amizades.

Minha irmã ficou de joelhos no sofá, sem se conter no lugar.

— Sim! E se você chamar aquele jornalista super gato da área de esportes do jornal que trabalha? — Vanessa ficou empolgada. — Ele já te convidou para um encontro, é claro que vai aceitar ir a um evento privado da UFC com a Winterfield.

— Quem é o idiota? — Recostei no sofá.

— Gabriel Jones. Ele é correspondente e tem uma base de fãs bem legais...

— Com ciúme? — Kat me provocou.

— Você não foi ao encontro com ele e se casou comigo na primeira noite, acho que me saí bem.

— Arrogante.

— Verdadeiro. — Me inclinei e beijei os seus lábios. — Pode convidá-lo. — Dei de ombros. O idiota nunca chegaria perto dela, a imprensa teria um lado reservado bem longe do meu. — É bom que precisamos colocar a Arena de volta à ativa.

— Vamos fazer um filtro para o Instagram? Eles costumam aprovar em menos de vinte e quatro horas. Vai dar muito engajamento. Tenho que

anotar tudo isso para não deixar nada de fora. — Kat pulou do sofá, mas eu a puxei para o meu colo.

— Amanhã, garota. — Vanessa riu. — Você não consegue parar, não é?

Meu telefone vibrou e rejeitei a chamada.

— Quem é? Alguma garota? — Katrina arqueou a sobrancelha.

— Não. Ninguém especial.

Vanessa me deu um olhar divertido.

— Não vai falar quem é? — Me cutucou e eu suspirei. Katrina estava me olhando como se fosse uma mulher que eu não queria atender na frente dela. Não era isso.

— É o meu pai. Ele está na cidade — falei a verdade.

As duas não esperavam por isso, porque ficaram mudas.

— Não sabia que conhecia o seu pai — Vanessa acusou, magoada.
— Nunca me contou que falava com ele! Por que?

— Não é um conto de fadas.

Contei a elas toda a verdade sobre quem era meu pai e como descobri. No final, as duas pularam em mim, me abraçando e beijando. Me fizeram rir e esquecer a melancolia que me abateu só em mencionar o assunto.

Sempre observei a amizade das duas, era algo realmente verdadeiro e fazer parte era mais divertido do que olhar de fora. Nunca tive uma namorada ou estive em um relacionamento no qual envolvesse um convívio com a minha irmã. Era algo que eu não almejava, não sentia falta e estar com elas no chão da sala depois de um dia corrido era bom. Melhor do que pensei que seria.

OceanofPDF.com

10 | *Katrina*

A vida era uma caixinha de surpresas, o destino sempre dava um jeitinho de mostrar que nem tudo era escrito na pedra e nem todas as verdades eram absolutas.

Desde que comecei a trabalhar, o setor de comunicação de uma grande empresa, apesar de ser dentro da minha formação, não era algo que eu queria. Mas descobri o quão divertido e gratificante poderia ser. Fazia pouco tempo, mal completamos uma semana, mas os frutos eram mais rápidos, considerando que os jornais e revistas não paravam de acompanhar as novidades da Winterfield.

Uma empresa de entretenimento precisava ser mais ativa nas redes sociais, todo mundo sabia que os eventos e os hotéis (assim como cassinos) de Devon eram repletos de atrações, mas era o momento de atrair um público que viria para a cidade especificamente para ver as lutas, não somente para descobrir o quanto a Winterfield poderia marcar suas vidas para sempre.

Vanessa contratou mais duas pessoas para a equipe. Eram dois recém-formados, eu tinha muita dificuldade de memorizar os seus nomes, então, eles se colocaram apelidos. B1 e B2. Seus nomes eram Bruno e Bernie, não eram parentes, foi apenas coincidência que foram os únicos a passar pelo processo seletivo imposto pelo RH da empresa. Os demais currículos ainda seriam analisados.

Eles estavam responsáveis por todas as imagens, chamadas atrativas e contratar empresas de audiovisual para acompanhar os shows de mágica

dos hotéis, as aventuras dos crupiês, festival de dançarinas e o que mais Devon inventava dentro de seus clubes.

— Kat? Tem um homem te procurando na recepção — Bruno avisou ao retornar para a nossa sala.

— Obrigada, B1. — Sorri e deixei as amostras de cores para o filtro do Instagram.

Saindo da sala, vi um grupo de funcionárias da administração conversando, elas pararam de falar quando passei, e eu sabia que estavam falando de mim.

Não era nenhuma novidade, não depois daquela manhã, que ficou explícito para todos que Devon e eu estávamos “juntos”. Ele me agarrou no meio do corredor, e por mais que quisesse empurrá-lo, acabei rindo e aceitando o seu beijo, porque o idiota tinha um bom humor matinal quase impossível de controlar. Ele sequer se abalou com a minha crise por estar correndo demais.

Devon me deixava enjoada no tanto que avançava e costurava pelo trânsito sem nenhuma necessidade. Não era inconsequente e nunca demonstrava estar desatento, tinha um reflexo bem rápido, mas não deixava de ser desnecessário pisar fundo no acelerador. Parecia que vivia com a mãe na força. Se a mãe dele estivesse na força, ele não correria tanto e isso eu podia apostar, certa que iria vencer.

— Katrina Summer? — O homem de terno preto conferiu quando me aproximei.

— Em que posso te ajudar?

— Sou Magnum Jessen e estou aqui para falar sobre o seu recente interesse no sistema pluvial. — Tirou um cartão do bolso. Ele era advogado da *Pro Valley* . — Gostaria de convidá-la para ver os nossos documentos e

esclarecer quaisquer dúvidas que possa ter sobre a transparência da empresa com os contribuintes. — Inclinei a minha cabeça para o lado, farejando a ameaça que viria a seguir. — Caso contrário, a senhorita deveria redirecionar o seu interesse para qualquer outro lugar. — Me entregou uma foto. Era da minha mãe. — Cuidado com atitudes que possam machucar pessoas queridas. Nós não queremos isso. — Sorriu e deu a volta, saindo.

Filho da puta! Dei a volta e corri para a sala de segurança. Eu precisava guardar as imagens. Não teria áudio, mas poderia provar que ele esteve ali fazendo uma ameaça descarada. Só afirmava que eu estava no caminho certo, havia algo errado com o sistema de abastecimento da *Pro Valley* e eles estavam desesperados ao ponto de impedir uma aspirante a jornalista.

O segurança que estava na sala de monitoramento me deu o vídeo, meio desconfiado. Voltei para a sala que trabalhava e contei tudo a Vanessa, cochichando. Ela imediatamente ficou pálida, entrando em desespero, mas tudo que podia fazer era guardar as informações para registrar uma queixa ou anexar em uma matéria. Mais do que nunca, precisava saber o que estava acontecendo, por enquanto, iria fingir que me afastaria.

Existiam muitas maneiras de continuar investigando sem realmente dar a minha cara a tapa.

— Você vai parar — Vanessa comandou.

— Claro que não.

— Claro que sim! — Ela pegou a foto. — Eles sabem onde a Mel trabalha, provavelmente têm um arquivo onde reuniram tudo sobre você. Não vai ficar em risco por causa de uma matéria.

— Eles acabaram de me provar que existe algo errado. Mandaram um pseudo advogado, provavelmente um associado júnior, para me

ameaçar. Posso não ter entendido o que eles estão fazendo de errado, ou na minha ignorância, não percebi. É grave e eu quero saber o que é. — Bati meu dedo na foto. — Vou contar para minha mãe, vamos tomar cuidado, diminuir a ânsia e fingir que realmente parei.

— Não gosto disso, Kat.

— Eu sei. Vou ficar bem. — Abracei-a.

Não consegui trabalhar direito o restante do dia. Minha mente ficou dispersa. Sem carro, não podia sair por aí buscando informações como o meu coração mandava. Estava vivendo de carona e de táxi, o orçamento do conserto do Bertie custaria o meu salário do mês e ainda não sabia o que iria fazer. Encerrei o expediente quieta, andei ao lado de Vanessa até o estacionamento, ela entrou no lado do motorista e respeitou o meu silêncio.

Minha mãe ligou, avisando que estava começando a se arrumar. Devon iria nos levar para sair, ele queria fazer um charme para conquistá-la e ter uns pontos comigo. Era impressionante o quanto ele me fazia querer tirar a calcinha sem ter tentado nada nesse sentido.

Além das piadas de duplo sentido, me provocar com lembranças da nossa noite quente e me dar beijos que me deixavam maluca de tesão, não avançou, pediu ou jogou piada sobre sexo em momento algum.

Determinado a me fazer morder a língua e apontar o meu dedo julgador para mim mesma, me fez sorrir e quase derreter no lugar ao enviar um imenso buquê de flores mistas para minha mãe e convidá-la para jantar, com um cartão cheio de palavras bonitas. Ela ficou toda boba, sentindo-se lisonjeada, e eu fiquei irritada por achar que era uma boa atitude, ao mesmo tempo tendo que lutar com a minha determinação de não ceder tão fácil.

Queria mesmo conhecê-lo como o homem, o lado que como amiga da irmã dele passou despercebido em todos esses anos, mas isso não

significava que abriria mão do meu orgulho.

Vanessa estacionou o carro na minha garagem. Bertie ainda estava na garagem da casa deles, aguardando uma solução e eu não pagaria um reboque, já que eles tinham espaço de sobra.

— Uau, Tia Mel. — Vanessa assobiou logo que entramos e nos deparamos com a minha mãe usando um lindo vestido vermelho, saltos altos e os cabelos arrumados de maneira elegante. — Minha nossa, que mulher é essa!

— Mãe! Você está linda! — Levei minhas mãos à boca. — Perfeita!

— Não é sempre que o meu genro me leva para jantar. — Me deu um olhar, e ri, de nervoso. Só porque ela relaxou seja lá com o que Devon conversou com ela, não queria dizer que ela aceitou a história toda. — Estou feliz em sairmos um pouco e eu queria muito ir a esse restaurante para comemorar o seu aniversário, mas eles não tinham uma reserva disponível. Estava poupando para fazermos algo legal.

— Ah, mãe. Que fofo! — Me joguei nela. — Te amo!

— Devon conhece o dono, ele certamente pode conseguir uma reserva no dia do aniversário da Kat. É um restaurante muito bom.

— Vão se vestir, não gosto de sair atrasada.

Pedi que Vanessa fosse se arrumar primeiro. Ela trouxe uma bolsa de roupas, eu tinha que arrumar uma mala para ficar a sexta-feira e todo final de semana na casa deles, além de uma roupa para o trabalho segunda-feira, no qual o dia estava repleto de compromissos.

Abri uma pequena mala em cima da cama, separando as roupas, sapatos, minhas lentes para câmera, cadernos, o notebook e dei uma volta no quarto para não esquecer nada. Era horrível estar fora de casa e esquecer

o que precisava. Se eu morasse perto, até daria para vir e voltar rapidamente. Mas sem carro, ficava ainda mais complicado.

Vanessa e eu nos arrumamos no quarto, lembrando do tempo que fazíamos aquilo para irmos a alguma festa ou apenas passear no shopping. Caprichei no meu visual, deixei os cabelos escovados, bem lisos, sem as ondas suaves do dia a dia, fiz uma maquiagem tão elaborada que fiquei me abanando para não derreter. Vanessa fez um delineado em mim, achava difícil fazer sozinha, era preciso muitas tentativas para não borrar o olho todo.

— Batom vermelho ou rosa escuro? — Vanessa pegou os dois tubos.

— Rosa escuro.

Meu vestido era em tom de creme com um fundo rosa bem clarinho, tomara que caia, justo no busto e com uma saia que imitava pétalas de rosas com um tecido suave até o meio das coxas, um pouco longo atrás. Escolhi o meu par de sapatos mais novos, um scarpin magenta e um conjunto de jóias delicadas que a minha mãe me deu em um aniversário. Estava passando perfume quando ouvi uma batida na porta. Nós três ficamos em silêncio.

— Será o Nick? — Vanessa cochichou.

— Espero que não. — Suspirei e andei de fininho até a janela, puxei a cortina para o lado e sorri. — É o Devon! — avisei e abri a porta. Ele estava casualmente vestido com calça jeans, sapatos sociais e uma blusa social azul escura que combinava com os olhos. Lindo definia bem. — Pensei que fôssemos nos encontrar no restaurante.

— É o nosso primeiro encontro, por que não viria te buscar?

— Entra, estamos quase prontas. — Sinalizei para que entrasse, ele passou por mim e fechei a porta. Ele ia me beijar e parei. — Não. Minha

mãe ainda está desconfortável, não quero que ela fique falando nada. Quero que seja uma noite na qual ela possa relaxar.

Devon fez um beicinho.

— Tudo bem. — Ele desceu o olhar e subiu de novo. — Vai ser difícil. Você está linda, sexy, não poder te beijar ou abraçar vai ser quase como a morte. — Colocou a mão no peito.

— Não seja dramático. Posso deixar que segure a minha mão. — Sinalizei, e ele sorriu, mas se afastou quando a minha mãe apareceu na sala.

— Melanie, você está linda! — Ele se inclinou e beijou a mão dela. — Será uma honra sair com tantas mulheres lindas.

— Deixa de ser galante, menino. — Mamãe deu um tapinha no braço dele. — Todas prontas?

— Falta o meu batom! Não consigo decidir qual! — Vanessa gritou do meu quarto. Rindo, fui atrás dela, escolhi um, peguei as minhas bolsas e pedi que Devon levasse para o carro. Ele saiu, e Vanessa rodopiou com um vestido branco, parecia uma princesinha. — Como estou?

— Linda, é claro. Vocês duas estão sempre lindas. — Mamãe sorriu e pegou o telefone. — Pose para foto! — ordenou e nos abraçamos, fazendo a mesma pose boba com uma das pernas levantadas, exatamente como fazíamos desde novas. — Prontinho, vamos.

Nos dividimos nos dois carros. Devon abriu a porta para mim todo galante e a sua mão escovou a minha cintura, sorri satisfeita porque ele estava louco para me tocar e não podia. Dentro do carro estava fresco, coloquei o cinto e reparei que o melhor amigo do Nick estava na calçada do outro lado, olhando fixamente para o carro sem nem disfarçar.

Devon parecia muito aleatório, esperando Vanessa sair com seu conversível da Mercedes prata. Ele estava com o Audi R8 cinza chumbo

favorito.

Coloquei uma playlist de músicas pop e meio românticas. Devon não gostava muito quando Vanessa e eu ouvíamos esse tipo de música, sempre reclamava. Queria testar a sua resistência em aguentar John Legend descrevendo todo tipo de amor em uma voz melódica e piano, enquanto era agitado demais até para dirigir devagar. Sua expressão foi a melhor, mas não reclamou. Mantive a minha vontade de rir no limite.

— Porra — ele murmurou. — Esse homem é tão romântico que chega a ser depressivo.

— Qual é o seu tipo de música romântica? — Abaixei um pouco o volume.

— Algum rapper descrevendo o formato de uma bunda. — Me deu um sorriso torto. — Inclusive, estou com uma necessidade intensa de ver a sua. — Fez um pequeno beicinho. Ignorei e aumentei o som. — Mate-me.

Sorrindo, comecei a cantar junto, coloquei a mão em sua coxa e fiquei batucando.

O restaurante ficava dentro de um hotel em uma das avenidas mais badaladas da cidade e sempre recebia famosos da cidade ou os que estavam por ali. Fotógrafos ficavam acampados na porta apenas esperando pessoas conhecidas, e eu sabia que precisava engolir que em algum momento as pessoas saberiam sobre o nosso casamento.

O manobrista abriu a minha porta enquanto Devon dava a volta. Ele segurou a minha mão, e encontramos com a minha mãe e Vanessa no tapete principal da entrada.

Vanessa e eu tínhamos o costume de andar de mãos dadas ou de braços dados. Mais de uma vez ouvimos piadinhas e recebemos olhares tortos quando pensavam que éramos um casal. Eu não conseguia ter o

mesmo costume afetivo com um namorado, Nick me forçava a segurá-lo, e isso me irritava. Um namorado antes dele disse que eu era incapaz de demonstrar emoções afetivas, principalmente em público.

Devon e eu quase não andamos lado a lado, era cedo para dizer, mas ele segurou a minha mão de maneira suave e depois, coloquei a outra em seu braço. Minha mãe estava ao meu lado e Vanessa segurou o braço dele do outro lado.

O restaurante era francês e estava meio cheio, Devon estava sendo esperado pela gerente. O sorriso dela caiu um pouco, eu a conhecia, já estive em umas três festas e só me faltava ser uma das muitas que passou pela cama dele.

— Obrigado por nos receber pessoalmente, Janine. — Devon se adiantou, sendo galante. — Acho que lembra da minha irmã, Vanessa.

— Olá, Srta. Winterfield. Seja bem-vinda. — Ela apertou a mão de Vanessa e o seu olhar caiu sobre mim com muito interesse.

— Minha esposa, Katrina e a minha sogra, Melanie. É a primeira vez delas aqui, por favor, diga ao Twist que espero uma atenção especial.

— Sejam bem-vindas, senhoras. — Janine limpou a garganta e sinalizou para uma mulher se aproximar. — Essa é Gracie. Fará o atendimento especial da noite. Se precisar, por favor, me chamem.

Assim que Janine se afastou e Gracie pediu para segui-la até a nossa mesa, virei para Vanessa.

— Adeus reserva de aniversário — murmurei, ela riu, e Devon ficou confuso.

Nossa mesa era na área principal, na reta de todas as atenções e o restaurante era ativo nas redes sociais. Sentei de lado para minha mãe e Devon, de frente para Vanessa. Cruzei as minhas pernas nos tornozelos

como uma mocinha. Podia me comportar em restaurantes de luxo, mesmo não sendo o meu habitat natural.

Devon pediu água, a carta de vinhos, e um garçom deixou os aperitivos enquanto outro entregava os menus. Dei uma olhada nos preços e senti um arrepio na espinha.

— Aqui é muito mais bonito pessoalmente — mamãe comentou e me deu um sorriso. — Como anda a sua matéria? Acrescentou alguma coisa hoje?

— Ainda não. Estou esperando a análise daquele meu professor, ele se comprometeu em fazer tudo sigilosamente e me enviar um relatório prévio. — Peguei uma torradinha. — Então, você sumiu o dia inteiro. O que estava fazendo? — Desviei o assunto para Devon.

— Controladora? — Ele passou uma pastinha de azeitona apimentada na minha torrada. — Passei o dia na Arena. A decoradora chegou no final do dia, mas, pedi que voltasse amanhã cedo, assim você ou Vanessa vão poder falar com ela. As estruturas para essas áreas já estão prontas, montadas, só falta colocar o que vocês querem.

— Stuart está empolgado? — Vanessa ajudou a desviar o assunto.

A conversa fluiu fácil. Minha mãe estava interrogando Devon, ela não deixava passar nada. Principalmente que estava disposta a provocá-lo sobre o casamento. Felizmente, ele era educado demais para ser grosseiro. Rosa educou Devon muito bem, se dependesse de Shannon, os dois irmãos seriam selvagens.

Eu os conhecia há mais de dez anos e só a encontrei quando ela tinha temporada em Vegas. Quando moramos em Los Angeles, bem perto dela, só a vimos duas ou três vezes no ano.

A comida era tão incrível que não parecia real.

— Quer provar? — Devon me ofereceu a sua lagosta. — Sua costela de cordeiro parece macia.

— Eu te dou um pouquinho. — Dei-lhe uma garfada. Ele me deu um pouco do seu prato e estava divino. Vanessa pediu o mesmo que eu, e a minha mãe ficou com a mistura de massa, frutos do mar e um molho especial delicioso.

— E um beijo? Não quer me dar? — me pediu com um sorriso.

— O que eu disse sobre se comportar? — Me fiz de difícil.

— Estou me comportando, o que vou ganhar de recompensa?

— Ganhar recompensa por fazer a sua obrigação? — rebati, rindo.

— Tudo bem, se é assim... — Fez uma expressão de cachorro que caiu da mudança.

Me inclinei na mesa e lhe dei um beijo na bochecha, ele sorriu e virou o rosto. Dei um selinho bem demorado em seus lábios e voltei para o meu lugar. As duas bobas que me acompanhavam bateram palmas e ficaram zoando. Mudei de assunto, sabendo que as minhas bochechas deviam estar bem vermelhinhas porque me sentia quente, pedi as sobremesas e falei sozinha sobre o vinho enquanto eles riam.

Após o jantar, o chef passou na mesa para nos cumprimentar e tiramos uma fotografia oficial.

Abracei a minha mãe apertado na saída do restaurante, Devon iria levá-la em casa porque estava tarde, e eu iria embora com Vanessa. Ainda queria trabalhar um pouco, deixar muitas coisas adiantadas para o dia seguinte.

— Seu irmão ficou reclamando das músicas românticas — comentei no carro.

— Se quer torturá-lo, durma pelada do lado dele. Música ele pode superar, as bolas doendo eu já não tenho tanta certeza — brincou e eu bufei. Se ficasse pelada, eu sabia o que iria acontecer com um único beijo.

— Quero beber mais vinho...

— Kat... Acho que estamos sendo seguidas — Vanessa comentou nervosa.

— Carro ou moto? Não é o segurança do seu irmão?

— Não sei, eu o perdi de vista.

— É outro veículo? — guinchei e olhei para o lado, tomei um susto com o flash que estourou no meu vidro. — Porra, que susto.

— E que alívio! Uma coisa é a imprensa fofoqueira, outra coisa é um advogado psicopata que te ameaçou mais cedo! — gritou e deu uma acelerada. — Temos que contar para alguém, Kat.

— Era só a imprensa. Por que será? — Peguei o meu telefone. — Tem um monte de notificação no meu Instagram. — Abri e soltei um gritinho. — O restaurante postou a foto com o chef. A legenda diz: “Devon Winterfield com esposa, irmã e sogra”. Eles nos marcaram na foto. Exceto a minha mãe, porque ela não tem redes sociais.

— Tenho certeza que foi coisa da Janine. Nada melhor que atrair um monte de engajamento com uma fofoca quente. — Vanessa espiou o meu telefone. — Não para de subir notificação, nossa. Faz todo sentido que estão nos perseguindo, os que estavam na porta devem ter corrido para ter uma foto bem cara.

Droga. Não precisava da perseguição da imprensa.

11 | *Katrina*

Devon chegou em casa e me encontrou andando de um lado para o outro. Tão rápido quanto um raio, um monte de contas de fofocas fizeram pequenas matérias falando sobre a minha longa amizade com Vanessa e que não havia evidências de um relacionamento, mas não era nada difícil, considerando que eu praticamente vivia com eles desde nova.

Uma mentira! Alguns usuários disseram que eu deveria ser a típica mulher que insistiu até conseguir enlaçar o homem.

— Calma! — Ele ergueu as mãos em rendição. — Deixei a sua mãe em segurança. Eu a convidei para ir sábado conosco, ela aceitou vir almoçar aqui e ficar na piscina, mas prefere descansar nesses dias de folga.

— Não quero falar da minha mãe! Olha esses absurdos!

— Vamos fazer uma declaração simples e não dar confiança, assim eles param. — Se aproximou e me puxou para os seus braços. — Não fique estressada com isso. — Abaixou o rosto, e me preparei para o beijo. Seus lábios suaves tocaram os meus. — Você está tão linda...

— Obrigada, mas, eu preciso saber que declaração dar. — Me afastei um pouco. — Isso é muito complicado. Exposição pode colocar a minha chance de ser uma jornalista investigativa diretamente no ralo. — Coloquei as minhas mãos em seus ombros, ele só abaixou e me beijou de novo. Olhou ao redor, provavelmente procurando a irmã. — Ela foi dormir. Acredito que todo vinho e passar o dia inteiro trabalhando está deixando-a exausta.

— O que você quer fazer?

— Para ser bem sincera, estou cansada, mas ainda sem sono e penso que ficaria bem deitada.

— Vamos deitar.

— Quem disse que vou deitar com você? — Arqueei a sobrancelha, ele desceu as mãos para minha bunda e me colocou no colo. Cruzei minhas pernas em sua cintura, rindo. — Isso seria me forçar?

Me pegando gostoso daquele jeito? Devon era fruta que eu nunca deveria ter experimentado.

— Ainda posso usar aquela algema com você.

Devon me colocou no chão perto da escada porque lembrei de buscar minhas coisas no carro. Se oferecendo para carregar tudo, foi para a garagem e eu subi a escada. Dei uma passada no quarto de Vanessa, ela estava dormindo feito um anjinho. Fechei a porta e atravessei o corredor até o outro lado, entrando no quarto de Devon e ligando o ar.

A funcionária temporária que estava cuidando da casa deixou as janelas abertas e apesar do vento noturno, era um vento quente. Fechei as janelas, cortinas e mandei uma mensagem de boa noite para minha mãe.

Tirei o meu vestido, tomei banho e removi toda maquiagem. Peguei o roupão dele e achei minhas coisas no closet. Ele entrou e saiu sem que ouvisse. Abri minha mala e peguei o pijama vermelho de cetim, era um shortinho com um babadinho preto e uma blusa mais larga. ‘Sexy’ e ao mesmo tempo fofo. Escolhi propositalmente para atentar Devon.

Ele voltou para o quarto sem camisa, bebendo água e tirou o restante da roupa.

— Que delícia... — Estapeei sua bunda.

— Se quiser ver tudo, só vir.

— Ah, vou para a cama com meu computador. — Abracei o notebook e me acomodei em um lado da grande cama.

Devon levou um tempo no banheiro, o cheiro de seu xampu invadiu o quarto e em seguida, do perfume. Vanessa ficava com ódio quando eles dividiam o mesmo quarto e ele passava perfume para dormir, atacando a rinite dela. Aparentemente, não perdeu o costume. Saindo do banheiro de cueca, jogou a toalha no cesto, ela caiu no chão e ele não pegou.

— Muito bonito — ironizei.

— *Gostoso* . — Piscou, pegou o controle e se jogou ao meu lado, ligando a televisão e apagando as luzes principais, deixando apenas as de cima da cama. — Quer assistir alguma coisa em especial?

— Não gosto de filmes de terror.

— Eu sei. — Soltou uma risada. — Lembro da noite que vocês resolveram assistir um monte de filmes de terror, ficaram com medo e dormiram no chão do meu quarto.

— Estava apavorada, não tem graça, tive pesadelos por semanas. — Dei um chute de leve em sua perna.

— Esses filmes são mentirosos e mal feitos.

— Não coloque filme de terror.

— Eu poderia colocar, assim você largaria esse computador e ficaria agarrada em mim, com medo, buscando segurança em meus braços. — Passou os canais direto para os de terror, até que eu murmurei que estava anotando coisas para que ele ganhasse dinheiro.

Quieto, ficou mexendo no telefone, assistindo um filme chamado Colombiana, com uma atriz que eu amava. Ele enfiou a perna debaixo da minha que estava dobrada, aos pouquinhos, foi se aproximando.

— Shannon postou uma foto com o novo marido. — Mostrou a tela do telefone. — Passou de seis meses, está durando.

— Acho que por ser mais velho, ele pode ter mais paciência com os rompantes e o tempo fora. Além do mais, é o primeiro marido que ela não sustenta. Dessa vez, pode dar certo — comentei de volta. Shannon parecia ter colocado ainda mais preenchimento na boca. Estava estranho.

Fiquei concentrada digitando, ocasionalmente parava para prestar atenção no filme e voltava para os meus itens intermináveis. Meu telefone vibrou e era uma marcação no Instagram. Ele fez um boomerang, mostrando minhas mãos no teclado, nossas pernas nuas unidas na cama e a televisão. Ele adicionou ao stories com a legenda: *“Enquanto a patroa trabalha, eu tenho folga”*.

Devon basicamente confirmou o nosso casamento nas redes sociais. Só depois que vi todos os stories dele foi que percebi o alvoroço, ele postou a foto do restaurante e postou uma foto que Vanessa tirou quando ele me carregou na escada. Estava borrada e engraçada, era possível ver a minha boca aberta com um sorriso enorme segurando nele com medo de cair.

Terminei a minha checklist, enviei para o meu telefone e fechei o notebook, colocando na mesinha ao lado. Mal me acomodei e ele me puxou, ficando próximo. Pensei que seria a oportunidade que ele queria para avançar, mas ao contrário do que esperava, ficou comportado.

Devon estava brincando com as minhas previsões de jogada, ele me lia com muito mais facilidade do que eu a ele. Sempre foi assim.

Peguei o edredom e me embolei nele. O quarto estava no clima perfeito para criar um casulo agradável. Proximidade era algo que ele sempre quis (desde novos) e eu repelia, dessa vez, eu me aproximei. Por

uns segundos, Devon ficou tenso como se eu fosse aplicar algum golpe, mas eu só relaxei e tentei dormir.

Parte do meu cérebro me disse para jogar o desafio de lado, deixar o jogo e pular nele, de preferência, sem roupa e com o pau no lugar certo. Parte me disse para aquietar o fogo na pepeca e dormir. Como Devon não fez nada além de me dar beijos suaves que me faziam derreter na cama e no máximo, apertar a minha bunda durante o amasso tão leve que nem adolescentes praticavam, peguei no sono depois de um pouquinho de conversa baixa.

Acordei com o sol no rosto. Não adiantava nada fechar apenas as cortinas e não os blackouts. Uma frestinha miserável na cortina cinza-claro estava bem no meu olho. Suspirei e reparei que ele estava dormindo pesado ainda, com a mão no meu seio. Peguei o telefone e tirei uma selfie com rosto amassado, cabelo despenteado, roupa bagunçada e a mão grande do sr. "Comportado" segurando meu peito enquanto dormia. Era um tarado no sono.

Ainda dava para cochilar mais um tempinho e não desperdicei o tempo, voltando a dormir. O maldito do celular despertou mais rápido do que eu estava afim. Devon rolou para cima de mim, mas sem soltar o peso e deu um beijo barulhento no meu pescoço, fazendo com que a minha segunda reação do dia fosse dar uma boa gargalhada. Mesmo com sono, seus olhos estavam brilhando.

— Bom dia, esposa.

— Bom dia, Devon.

— Um dia, não muito distante, você vai me chamar de marido — cochichou, e seu telefone tocou.

Daquela vez, não era o despertador. Ele pegou e suspirou, saindo de cima.

— Oi! Everly. Bom dia! — Parou e ficou ouvindo. Fiz uma careta. Saí da cama, fui ao banheiro e comecei a me preparar para o dia. Ele ainda ficou no quarto falando, parecia um problema jurídico com os direitos de imagens da UFC. Fiquei atenta, principalmente porque era fofoqueira, uma partezinha porque era Everly. — Cacete, nem tomei café da manhã. — Jogou o telefone na cama quando encerrou a chamada.

Meu vestido para o dia era azul. Escovei os cabelos, coloquei um chapéu de camurça e uma bota de cano baixo do mesmo tom. Deixei todas as minhas coisas alinhadas na cama e fui até o quarto de Vanessa, bati e abri. Ela ainda estava no banho.

— Preciso de café — resmungou do banheiro.

— Pegando a sua bolsa! Vou descer para preparar um café caprichado, estou faminta — avisei, e ela enfiou a cabeça para fora do chuveiro. — O que foi?

— Vocês dois! Vai ou não vai?

— Curiosa. Está indo... Você acredita que ele só me abraçou? O máximo que fez foi apertar a minha bunda durante o beijo. Já sei o que irei fazer, eu vou deixá-lo maluco e virar para o lado e dormir. Ele vai se perder, ou eu não me chamo Katrina Summer.

— Na verdade, não se chama. Seu nome mudou e você está quase estourando o prazo de mudar os seus documentos. Apenas avisando, não fique com raiva de mim. — Voltou para o chuveiro com o meu olhar. — Te amo!

Bati a porta do quarto em resposta. Lembrar daquilo me deixava irritada. Arrumei a minha bolsa, Devon ainda estava se vestindo e falando

ao telefone. Estava indo para o trabalho de carona com ele e era bem provável que fosse novamente, Vanessa chegava atrasada todos os dias, e eu tinha nervoso de não cumprir o meu horário, exceto se eu tivesse outra coisa para fazer.

Deixei a minha bolsa na sala de TV e entrei na cozinha, sentindo cheiro de café.

— Rosa! Você está de volta!

Ela virou-se do fogão onde fritava ovos.

— Katrina! — Sorriu e parou. — Melhor dizendo, sra. Winterfield. — Piscou, soltei um bufo engraçado com a risada e abracei-a apertado. — Fiquei muito feliz em saber sobre o casamento. Meu menino merecia uma mulher tão linda e honesta como você. Não sabia que algo estava acontecendo... desde aquele dia, eu pensei...

— Não tinha nada acontecendo, Rosa. Nós bebemos e casamos em uma capela. — Cortei e contei a verdade.

— O quê? Eu não acredito que foram tão irresponsáveis, que coisa feia! — Apertou minha bochecha e ri.

— Devon se recusou a me dar o divórcio, então, apostamos se vamos aguentar um ao outro por seis meses. Todo dia é um desafio diferente. Ele é mau. — Fiz um beicinho.

Rosa balançou a cabeça. Ela era uma latina baixa, magra, de longos cabelos lisos.

— Vou dar na orelha desse menino. — Rosa suspirou, exasperada.

— Ela mal voltou e você já está colocando contra mim? — Devon entrou na cozinha. — Seja bem-vinda de volta. — Deu-lhe um beijo na testa. — Sentimos a sua falta. Gostou da viagem?

— Eu amei Cancún.

— Imaginei que iria amar.

— Só não imaginava que voltaria e te encontraria casado, garoto. Em uma capela? Bêbado? Eu não te dei educação e responsabilidade?

— Deu sim, tanto que ainda estou casado e me esforçando para ser um bom marido. — Revirei os olhos do meu lugar. Devon tinha uma fala doce do caramba! — Olha a mulher linda com quem me casei, Rosa. — Apontou para mim. — Não posso me divorciar.

Um cretino de boa lábia.

— Olha aqui, garoto. — Rosa agarrou a orelha dele e puxou. — Casamento não é brincadeira. É algo sagrado. Você não vai brincar com isso!

— Ai, Rosa — ele gemeu e segurou a orelha. — Não estou brincando. — Se defendeu, e ri. — Nem para me defender. — Fez um beicinho e me abraçou.

— Ah! vem aqui, apalpador de seio! — Acariciei suas costas, ainda rindo, e a sua orelha estava vermelha. — Quer um pouquinho de gelo na orelhinha, bebezão? — falei com uma vozinha fina, como se fosse um bebê e ele riu, tirou o chapéu da minha cabeça e me beijou.

Nossos lábios ficaram presos mais tempo do que o educado, cada beijo era ainda mais difícil de me afastar rapidamente.

Vanessa entrou na cozinha reclamando de fome e quase teve um ataque, porque Devon não contou que Rosa estava voltando. O café levou mais tempo que o normal, a conversa não parava.

Mandeí uma mensagem de bom dia para minha mãe, ela respondeu que acordou, comeu e voltou a dormir porque estava querendo descansar o máximo que podia. Era raro ela pegar folgas em dias seguidos. Me senti

mal por não estar em casa com ela, mas além de querer trabalhar no evento, eu tinha os horários na revista para cumprir e nos veríamos no dia seguinte.

— Acho que deveria trabalhar na minha sala hoje — Devon comentou no elevador da empresa. — Assim eu poderia ter um belo incentivo. Você é um colírio para os meus olhos.

Sorri quando as portas abriram.

— Você também é bonito, mas eu prefiro a Vanessa. — Dei o braço à minha melhor amiga, acenamos ao mesmo tempo, andando na direção oposta. Ele piscou e deu a volta, olhei para sua bunda enquanto pude. — Vou acabar transando com ele.

— Ainda duvida? — Vanessa riu. — Sabe quem me ligou? — Ela parou na minha frente. — Tyler Benson.

— Seu primeiro beijo na escola? Isso que eu chamo de ressurgir das cinzas. — Fiz o sinal da cruz para afastar a criatura Chernobyl.

— Acredita que ele começou dizendo que viu o meu Instagram em uma conta de fofoca porque nem lembrava do meu nome? — Colocou as mãos na cintura. — E ainda disse que ficou surpreso que fiquei muito gostosa.

— Ai que idiota. Bloqueia e finge que nem sabe quem é.

— Eu nem respondi. É impressionante o quanto atraio imbecil. Nunca vou ter sorte no amor?

— Claro que vai! Só não será esse babaca.

Nós começamos a trabalhar e fofocamos o dia inteiro. Os meninos não aguentavam o nosso falatório, mas adoravam saber de tudo.

Conseguimos nos reunir com a decoradora, ela basicamente já tinha uma ideia do que queríamos. Os móveis seriam levados dos depósitos dos

hotéis e daria para preencher os espaços das salas de espera espalhados. Colocamos bares com um menu de bebidas bem agradável, Devon selecionou alguns garçons e depois do almoço, metade das minhas ideias e do checklist estavam riscados.

Meu telefone vibrou em cima da mesa e era uma das minhas vizinhas mais antigas. Ela costumava tomar conta de mim quando eu era pequena.

— Olá, sra. Smith!

— *Katrina! Sua casa está pegando fogo!*

Fiquei em pé na mesma hora, derrubando o teclado do computador no chão. Vanessa se assustou e levantou-se também.

— O quê?

— *Pegando fogo! Eu estava nervosa pensando que estavam em casa.*

— Onde está a minha mãe? — gritei, perdendo totalmente a cabeça.
— Ela avisou que estaria dormindo!

— *Eu não sei, não estou vendo, tem muita gente na rua* — explicou, nervosa e não falava nada direito.

Simplesmente saí correndo, gritando que a minha casa estava pegando fogo. Vanessa não entendeu nada e me alcançou com a bolsa, suas mãos tremiam e gritava comigo, pedindo explicações. Nós descemos e corremos para o carro dela. Enquanto dirigia em alta velocidade, liguei para minha mãe repetidamente. Em menos tempo que o normal, Vanessa virou no meu bairro, e eu podia ver uma grande fumaça negra no céu.

— Não! Meu Deus! — Ofeguei. Ela freou bruscamente na barricada que os bombeiros fizeram. Pulei do carro, gritando. Um bombeiro me

segurou. — É a minha casa! Minha casa! MÃE! — Comecei a olhar ao redor. — MÃE! MELANIE! MELANIE SUMMER!

Meus vizinhos me olhavam com pesar, ninguém respondia onde estava a minha mãe. Andei entre as pessoas, nervosa, gritando. Minha garganta estava doendo e o fogo consumia a minha casa como uma lambida feroz. Minha casinha amarela apaixonante estava queimando diante dos meus olhos, e eu não sabia se minha mãe estava lá dentro, desmaiada.

— Não tem ninguém na casa, senhora. — Um bombeiro ouviu a resposta do rádio. — O fogo será contido agora.

— Kat? — Ouvi a voz da minha mãe. Ela largou as bolsas de papel do mercadinho no chão. — Nossa casa. — Apontou e chorou. Corri para os seus braços.

— Mãe! Eu pensei que você estivesse lá dentro! — Chorei, com o meu coração explodindo no peito.

De repente, minha mãe desmaiou. Foi difícil segurar. Gritei por ajuda, Vanessa me ajudou a ampará-la, e os paramédicos se aproximaram com a maca. Ela estava com a pressão arterial elevada, desmaiada, foi levada para a ambulância. A paramédica me informou que eles a levariam para o hospital imediatamente.

— *Srta.?* Precisamos falar. — O chefe dos bombeiros me chamou.

— Eu vou com ela. Vai ficar tudo bem. — Vanessa me deu um abraço e a chave do carro. Ela entrou na ambulância, e assisti a minha mãe partir ainda apagada.

— O que foi? — Virei para o bombeiro.

Ele me fez milhares de perguntas, queria saber se a casa tinha seguro, eles acionaram a equipe investigativa, e eu só respondi no automático. Minha casa estava pingando, destruída, o jardim todo amassado

pela passagem dos bombeiros. Eu não podia entrar, ela seria lacrada até a investigação da causa do incêndio terminar. Tudo que sentia era uma imensa devastação no meu coração.

— Kat! Eu vim o mais rápido que pude! — Nick chegou de repente e me abraçou. — Desculpa, amor. Sinto muito! Você e a sua mãe vão ficar comigo, eu vou cuidar de vocês! Te amo, querida. Vai ficar tudo bem...

— O quê? — Me afastei. — Me solta, Nick! — Balancei a cabeça, chorando. — Se afaste! — Eu queria cair no chão e continuar chorando para extravasar a dor.

— Katrina? — Virei o rosto e Devon saiu de trás de um grupo de bombeiros. Seu olhar doce me fez sentir que iria ruir. — Alicia me ligou quando vocês saíram, estava dentro da Arena e não tinha sinal. Eu sinto muito. — Me pegou em um abraço confortador. — Sinto muito, não chore, sua mãe vai ficar bem e você está bem.

— Nossa casa, é tudo que nós temos, nossas lembranças, fotos, nossas coisas... — Solucei. Ele esfregou minhas costas.

— Vamos construir de novo. Quanto às lembranças, vamos tentar recuperar o máximo delas — garantiu e beijou a minha testa, depois os lábios. — Sinto muito mesmo.

— Quem é você? — Nick ainda estava atrás de mim e parecia furioso. Devon o ignorou, olhamos para o capitão de um dos carros dos bombeiros que atendeu o incêndio, se aproximando com uma prancheta.

— Srta. Summer? Precisamos dos seus documentos.

— Meu sobrenome mudou, ainda estou com os meus documentos de solteira... acho que nem trouxe!

— Sou Devon Winterfield. Sou marido da Katrina, meu advogado vai entrar em contato com o corpo de bombeiros e fornecer o que for

necessário. Agora vou levá-la para o hospital para ver a mãe e depois, para casa.

— Entre em contato com esse número e devolva esse formulário preenchido. — Ele nos entregou as folhas. Se afastou e olhei para Devon, depois para minha casa e as lágrimas se reuniram em meus olhos de novo, escorrendo pelo rosto.

— Calma, vai ficar tudo bem. — Esfregou os meus braços.

— Quero ver a minha mãe agora — pedi, morrendo de preocupação. — Ela simplesmente desmaiou nos meus braços.

— Foi o susto. Vanessa disse que ela acordou ainda na ambulância.

Devon estava se afastando e me levando junto quando senti uma mão me segurando bruscamente. Nick me puxou ao ponto de quase me fazer cair. Devon reagiu, me firmando e o empurrando. Ele entrou entre nós dois, me protegendo com seu corpo.

— Que porra você está fazendo, seu idiota? — Devon gritou.

— Casada? Você me traiu com esse imbecil? Terminou comigo para se casar com outro? — Nick avançou e uns vizinhos o seguraram no lugar. — Piranha! Vagabunda! Eu te amando e você fodendo com outro nas minhas costas! — ele gritou e todo mundo parou, inclusive os bombeiros.

— Eu não fiz nada! Nicholas, foi depois que terminamos, eu nunca te traí! — gritei, sentindo a necessidade de me explicar de tanta vergonha.

Nick conseguiu se soltar dos seus amigos, mas Devon simplesmente deu um soco nele.

— Lave a sua boca antes de falar da Katrina! Ela não te traiu, babaca — Devon falou baixo, furioso. Nick cuspiu sangue. Estava congelada no lugar. Ele virou e passou o braço nos meus ombros. — Vamos embora, Kat. Vai ficar tudo bem.

Olhei para minha casa mais uma vez e chorei, mas não tive coragem de olhar para Nick. A história do meu casamento era realmente muito confusa e qualquer pessoa poderia chegar à mesma conclusão que ele. A culpa pesou. Eu não era infiel, nunca fui e foi humilhante tudo que gritou na frente de todos.

Seria pauta de fofoca por semanas e não precisava passar por nada daquilo em um momento tão horroroso da minha vida.

Se o incêndio foi criminoso, eu sabia que tinha dedos do homem que se deu ao trabalho de me avisar para ficar longe. A questão era: eu ainda não tinha descoberto nada, por que eles estavam tão preocupados? Talvez a verdade fosse tão óbvia que não enxergava, mas era sério o suficiente para incendiarem a minha casa, onde a minha mãe poderia estar dormindo em seu dia de folga.

Se eles queriam que me afastasse, tudo bem. Meu sonho de escrever uma grande matéria não era maior do que o amor pela minha mãe. Era hora de deixar a bobagem de ser uma grande jornalista e aceitar a vida que levava, porque não tinha condições de perder mais nada.

12 | *Devon*

Katrina estava encolhida no sofá, com os olhos inchados, fechados como se estivesse dormindo. Vanessa acariciava seus cabelos, fazendo um cafuné para acalmar a última crise de choro. Melanie, sua mãe, estava em um dos quartos no andar de cima, tombada pela medicação aplicada pelo médico. Trouxemos ela para casa depois de algumas horas em observação. Foi o susto de ver a casa em chamas. Eu não podia imaginar o quão devastador era.

Vanessa, que estava mais acostumada em frequentar o lugar, estava triste, a casa era como o lugarzinho sagrado para as Summers.

Estive lá apenas uma vez quando fui buscá-las para o jantar. Era uma casa pequena, charmosa, muito bem cuidada, decorada e representava bem a personalidade aquecida das mulheres que viviam lá.

Os bombeiros avisaram que o incêndio seria investigado. Rapidamente eles tiveram acesso ao seguro, que informou que Melanie estava com muitas dívidas e a hipoteca em atraso. Eles precisavam garantir que não era uma fraude. Assim que chegamos em casa, coloquei Katrina no sofá, a mãe na cama e liguei para o meu gerente, pedindo que quitasse todas as dívidas imediatamente.

Meu advogado particular estava cuidando de todo processo burocrático.

— Minha mãe acordou? — Kat abriu os olhos.

— Ela não vai acordar tão cedo — Vanessa garantiu. — Acho que você precisa de um calmante também. Sei que parece fácil falar, mas sua

mãe está bem e você também. Todo restante vamos conseguir reconstruir e nos reerguer.

— Eu sei. — Kat sentou com a mão na testa. — Minha cabeça está doendo muito. Tem alguma aspirina?

— Sim, é claro. — Vanessa saiu do sofá e foi para o banheiro em que ficavam os remédios da casa.

— O advogado disse algo mais? — Kat me encarou com ansiedade.

— Apenas para você não se preocupar — garanti e me sentei ao seu lado. — As investigações vão ser concluídas em breve, vamos reconstruir a casa e tudo vai ficar bem.

— Não tenho dinheiro para construir outra casa, não tenho dinheiro para consertar o meu carro, e onde nós vamos morar enquanto tudo isso precisa ser resolvido? — Começou a chorar pela milésima vez no dia. Não tive coragem de contar que quitei as dívidas, foi de impulso, eu faria mesmo se não estivéssemos casados. Melanie acolheu Vanessa muitas vezes. Katrina era como uma irmã para minha irmã. A amizade delas sobreviveu a muita coisa. Elas faziam parte da minha família, mesmo que eu não fosse próximo a elas. — Minha mãe não tem saúde para isso. Você viu? Ela caiu em meus braços!

— Kat, por favor, não se preocupe com nada. Vocês vão morar aqui até reconstruir a casa. Vou cuidar de você e da sua mãe, somos uma família!

Ela me deu um olhar exasperado, como se eu fosse um idiota por sugerir aquilo.

— Uma coisa é dormir aqui de vez em quando, outra coisa é *morar* aqui. Obrigada mesmo assim, é gentil da sua parte.

— Não vejo diferença. Você é melhor amiga da minha irmã e por seis meses, se eu vencer o desafio, bem mais, eu tenho uma

responsabilidade com você. — Abracei-a quando tentou retrucar. — Não discuta sobre isso, não é um jogo ou um desafio. Não vai me vencer.

Sem falar nada, continuou chorando e soluçando. Ela tomou o remédio que Vanessa entregou e senti que aos poucos foi se acalmando novamente. Subiu para ver a mãe e tomar um banho. Passei na cozinha, Rosa estava preparando o jantar e parecia triste.

— Estou fazendo a comida favorita de Katrina, não vai ajudar muito, mas pelo menos, vai dar conforto. — Mostrou a travessa imensa com batatas fritas, os filés assando no forno ao lado e a vasilha de vidro com uma salada tropical que Kat e Vanessa comiam o tempo todo. — Tem pão, assim podem fazer um sanduíche. Ela adora misturar tudo.

— Ela vai ficar feliz, obrigado.

Vanessa me avisou que iria tomar banho e aproveitei para fazer o mesmo. Matt, meu advogado, estava me atualizando com mensagens o tempo todo, mas o expediente tanto dos bombeiros quanto do seguro já tinha finalizado e eles só retornariam na segunda-feira. Não sabia se Kat estaria com cabeça para me acompanhar no evento no dia seguinte. Ela trabalhou muito e tudo que idealizou estava magnífico.

Entrei no meu quarto, tirei a camisa, e Kat estava escovando os cabelos molhados. Usava o seu tentador short de pijama vermelho e uma camisa minha, bem antiga, que deixava guardada em uma gaveta e usava quando precisava fazer alguns reparos em casa ou malhar. Seus olhos estavam tão inchados quanto vermelhos, o rosto pálido. Parei atrás dela, beijando a sua cabeça cheirosa. Abracei-a, sorrindo, e apertei os seus peitos. Ela riu e bateu nas minhas mãos, mas não me mandou parar.

— Acho que sei o que vai deixar todo mundo feliz.

— O quê? — Seu olhar curioso encontrou o meu através do espelho. Ela era linda mesmo depois de um dia inteiro chorando muito.

— Amanhã cedinho irei levá-las em um lugar. — Beije o seu ombro. — Rosa fez o seu jantar favorito. Eu vou tomar banho e poderemos descer.

— Vou te esperar na cama — avisou. Me despi, logo abrindo a torneira.

Olhei para o quarto e ela se jogou na cama, abraçando o travesseiro. Estava tudo escuro lá e se eu demorasse, ela iria dormir. Com certeza, estava esgotada.

Tomei banho, sentindo o peso do dia em meus ombros tensos, me sequei rapidamente e peguei uma calça de pijama, cueca e camisa, respeitando a presença da senhora minha sogra. Não andaria sem roupa como costumava andar quando estava só com a minha irmã e com Kat. Dei um tapa na bunda dela, que ergueu a cabeça mal humorada e me deu o dedo do meio.

Puxei-a pelo pé, rindo de seu grunhido de raiva e assim que virou, arranhou o meu braço como uma maldita gata.

— Filha da mãe! — gritei, esfregando o meu braço. — Que unha maldita...

— Você me puxou pelo pé!

— Eu também bati na sua bunda. — Sorri. Ela me olhou com raiva.

— Se está tentando me irritar, está quase conseguindo.

— O que posso fazer para ganhar o seu perdão? — Me inclinei, apoiando as mãos ao lado de suas coxas. Ela segurou o meu rosto e me beijou, porém, mordeu o meu lábio com força o suficiente para me deixar arrepiado de medo. — Ai, bruta.

— Agora está perdoado.

Sáímos do quarto e batemos na porta do quarto da mãe dela. Melanie abriu, estava com a mesma aparência inchada e triste que a filha. As duas se abraçaram sem falar nada. Vanessa nos encontrou e me abraçou também.

Descemos os quatro ao mesmo tempo e a mesa da cozinha estava arrumada para o jantar. Rosa estava tomando banho, esperamos e quando voltou, começamos a nos servir. Rosa costumava tomar conta da casa, a última cozinheira pediu demissão para cuidar dos netos.

Ainda precisávamos contratar outra equipe para trabalhar conosco.

— Batatas em formato de sorriso. São as suas favoritas. — Melanie pegou uma e sorriu para a filha. Ela ainda estava bastante letárgica. — Você sorria exatamente como essas batatas. Bochecha não faltava, hoje quase não tem, mas quando pequena tinha para dar e vender. — Ela me encarou. — O bebê de vocês será lindo.

Engoli a batata a seco, rindo de nervoso. Kat engasgou com o refrigerante na mesma hora.

— É o remédio, só pode. — Vanessa estava vermelha de tanto rir.

— Será um bebezinho lindo mesmo — Rosa concordou. Peguei a minha água, dando um gole. Decidi brincar com a situação.

— Seria impossível fazer um bebê, Mel. Kat me deixou de castigo desde a noite de núpcias. — Fiz uma expressão triste bem forçada. Melanie sorriu, e Kat me deu um chute. — Fale para sua filha fazer bebês comigo. Ou pelo menos treinar...

— Faça bebês com o seu marido — Mel orientou e bocejou.

Katrina bateu no meu braço.

— Não fique manipulando a minha mãe para dizer o que você quer, porque ela está drogada — reclamou e olhou para o prato da mãe. — Tem que comer ou vai continuar letárgica.

O restante do jantar foi bem engraçado com as pérolas que Melanie soltou devido a estar alterada pelos remédios. E Rosa, que já tinha o costume de falar coisas aleatórias. Foi bom porque todo mundo merecia sorrir depois de um dia tão estressante.

Fizemos um sorteio sobre quem lavaria a louça e quem secaria. Kat e eu perdemos para Vanessa e Rosa. Minha irmã subiu com Mel para colocá-la na cama e eu comecei a lavar a louça.

— Por que você está molhando tudo ao redor? — ela reclamou, me empurrando. Sem querer, bati com a mão na mangueira que estava enxaguando os pratos, o jato rodou como uma cobra furiosa, molhando a cozinha inteira. Para melhorar, a pia vazou sabão e tentei parar, quando consegui, estávamos ensopados. — Como um homem com mais de trinta anos não sabe lavar louça?

— Claro que sei lavar, você que estava muito estressada com uns respingos.

— *Respingos* ? — Gesticulou para si mesma. A blusa estava colada ao corpo, delineando os mamilos arrepiados. Delícia. — Meu rosto está aqui em cima! — Estalou um tapa no meu braço.

— Eu sei, mas esses biquinhos arrepiados... minha boca está salivando — falei a verdade.

— Devon! — Cobriu os seios. — Desisti de te ajudar.

Não queria ficar sozinho lavando a louça.

— Não, volta aqui. Me ajuda, por favor. — Fiz um beicinho.

— Sem comentários sobre os meus peitos — avisou severa. Sua expressão má era como a de uma gatinha furiosa.

— Tudo bem. Não vou comentar que estou louco para chupar esses peitos. — Suspirei, e ela só balançou a cabeça como se estivesse exasperada comigo. — Eu vou secar o chão e volto a lavar a louça.

Fizemos um trabalho rápido, deixando a cozinha limpa e com todas as louças guardadas porque Kat se recusou a deixar secando. A casa estava escura e silenciosa, acionei os alarmes, travei o portão da frente e verifiquei as câmeras, o sistema detectava qualquer movimento. Mostrei a Kat que o gato do vizinho estava deitado no sofá da varanda.

— Ele é tão lindinho, vou pegar pra mim. — Kat debruçou na janela.

— Ele é um endiabrado. Tem que deixar as portas da cozinha fechadas ou ele rouba o que estiver no alcance. — Fechei a janela, deixando-o lá fora. — Vem, vamos dormir.

Kat foi olhar a mãe antes de deitar definitivamente. Entrei no quarto, tirei a camisa e a calça molhada, ficando só de cueca. Também tirei as milhares de almofadas que Rosa colocou em minha cama, joguei tudo no chão, arranquei a colcha preta e fui no armário pegar o edredom.

A climatização da casa estava em 22 °C, lá fora estava quente e sem vento. Diminuí a temperatura para 17 °C e liguei a televisão para assistir o noticiário noturno. Kat levou uma vida para voltar para o quarto, decidi procurá-la, não estava com a mãe e muito menos com a Vanessa.

Abri a porta de um dos quartos de hóspedes e ela estava deitada na cama, mexendo em seu telefone.

— Que diabos você está fazendo aqui? — Acendi a luz.

— Tentando dormir, por que?

— Aqui?

— Não pode? Posso dormir com a sua irmã ou com a minha mãe. —
Sentou na cama, confusa.

— Você vai levar essa bunda para o meu quarto e dormir comigo. —
Apontei na direção do final do corredor. — Estava te esperando.

— Você ofereceu para que a gente ficasse aqui, mas isso não quer dizer que eu vá dormir com você.

— Sei que está com medo de ceder, não vou te atacar, pode ficar tranquila. Eu só quero dormir agarradinho e como sou seu marido, tenho direitos — argumentei, ela soltou uma risada irônica.

— Você tem direitos? — Arqueou a sobrancelha.

Cansado, querendo deitar, encerrei o assunto me aproximando e pegando-a no colo. Ela soltou um gritinho e agarrou o telefone, rindo. Ainda estava com a roupa molhada, o que significava que não iria dormir daquele jeito. *Droga.*

— Tudo bem, Katrina. Acabei de perceber que você queria que viesse atrás de você. — Suspirei. Ela não conseguia esconder o sorriso vitorioso. — Você venceu. Satisfeita? — Olhei em seus olhos e ganhei um beijo que me deixou aceso. — Porra, Kat. Que beijo...

Entrei no meu quarto e a joguei na cama.

— Precisamos te livrar dessas roupas molhadas. — Agarrei a barra da camisa, ela ajudou a tirar e jogou longe. Lambi os meus lábios, ansiando por aqueles peitos. Ela encaixou os dedos no short molhado e tirou, terminei de puxar por suas pernas. A calcinha era amarela, bonitinha, me inclinei e beijei a coxa, passei a minha língua, criando uma trilha até a virilha. — Acho que está molhada...

— Acho que deveria tirar... — Suspirou e estremeceu com o beijo que dei em cima da florzinha desenhada na calcinha. Puxei pelas laterais e joguei por cima dos meus ombros. Afastei os seus joelhos e beijei a parte interna de sua coxa, chegando até a sua virilha. Dei um beijinho em cada lado de seus grandes lábios, dando uma boa lambida, começando a chupá-la do jeito que fantasiava nos últimos dias. — Isso, sim!

Não lembrava muito da noite do nosso casamento, mas eu lembrava das partes importantes: o casamento e o sexo. A primeira coisa era uma insanidade, a segunda, uma loucura muito gostosa.

Seu gosto me deixava aceso, acariciei seu clitóris com a língua, provocando a entrada com meu indicador. Olhei em seus olhos enquanto chupava, sua expressão de prazer era a mais bonita do mundo inteiro. Ela queria mais, queria se libertar, seus músculos estavam retesando conforme o prazer crescia. Sensível e aberta, gozou gostoso.

— Que delícia, baby. — Suspirei, segurando o seu quadril no lugar e voltei a chupá-la. Descendo do ápice, soltou um gritinho, agarrando o meu cabelo. — Gostosa...

Kat suspirou, abriu um sorriso gostoso e com o indicador, me chamou. Subi beijos por seu corpo perfeito, dando uma atenção mais do que especial aos peitinhos lindos. Segurando o meu rosto, me beijou. Sua língua brincou com a minha, me provocando, a coxa roçando na minha e se afastou um pouco. Olhando em meus olhos, mordeu a pontinha do lábio.

— Promete que, entre nós, sexo não é sobre ganhar ou perder?

— Nunca será. Nós dois ganhamos.

— No sexo, sim. Ele está fora do desafio, promete?

— Prometo. — Selei a promessa com um beijo. — O que foi?

— Deite-se. Quero aproveitar você. — Me deu um sorrisinho safado.

— Meu corpo ao seu dispor, baby. — Deitei ao seu lado.

Nua, sem nenhuma vergonha, me inspecionou com os olhos primeiro, tocou a minha barriga, descendo delicadamente para a minha cueca e apertou o meu pau duro. Soltei um suspiro, ansiando que me despisse. Inclinando-se, voltou a me beijar, e eu percebi que poderia ficar o dia inteiro beijando a sua boca, que era maravilhosa. Apertei a bunda, explorando entre as pernas, espalhando a sua umidade e arrancando os melhores gemidinhos.

Sorrindo, tirou a minha cueca, meu pau saltou livre e o segurei, apertando-o. Kat estava olhando-o com um sorrisinho.

— O que foi?

— Agora eu sei porque estava meio dolorida no dia seguinte. — Pontuou com as bochechas vermelhas. Soltei uma risada. — Não fique se achando, seu grandíssimo idiota.

— Concordamos que sou um imenso idiota com um pau grande. — Sorri de lado. Se a deixasse irritada, o sexo seria rude? Eu queria.

— Se eu cortar pela metade, você vai continuar sendo um grande idiota. — Sorriu lindamente, prendeu o cabelo no alto em um coque e abaixou, mordendo a minha barriga.

A boca de Kat me fez ver estrelas. Ela chupou as minhas bolas e me deixou quase de joelhos. Estava pronto para ela, louco de tesão.

— Você tem camisinha? — Me beijou intensamente.

— Tenho no banheiro, eu vou buscar. — Saí da cama, ganhei um assobio, peguei as camisinhas e voltei. Ela ficou de joelhos na cama, abrindo um pacotinho com cuidado. — Coloque em mim.

— Eu nunca fiz sexo assim...

— Assim como?

— Tão calmo, exploratório, sempre foi meio confuso e rápido.

— Rapidinhas são sempre bem-vindas, mas explorar o contato íntimo é muito bom. Quero explorar tudo com você...

— Sempre é assim para você? — Seu olhar curioso encontrou o meu.

— Não. — Fui sincero. — Sexo raramente é algo pessoal para mim. — Me inclinei e beijei seus lábios. — Eu beijo você, quero compartilhar algo mais, porque você é você. Em algum nível, ter intimidade é bom, principalmente porque é algo totalmente novo para nós dois. Não vejo como separar a convivência, a intimidade e o sexo. Isso está bom para você?

Katrina me deu um sorriso lindo, que ficaria eternamente gravado na minha memória.

Desenrolando corretamente a camisinha no meu pau, voltamos a nos beijar, ela queria ficar por cima e eu estava muito bem com isso. Sentando devagar, fechei os meus olhos, melhor sensação que aquela não existia. Rebolando, subi minhas mãos por sua barriga, beliscando os mamilos e agarrando os peitos. Gemendo baixinho, apoiou as mãos nos meus ombros, começando a dança prazerosa que nos levaria ao ápice do prazer mútuo.

A primeira vez que nós transamos, foi alucinante e irresponsável, a segunda vez, foi completa. Uma noite inteira compartilhando o prazer de muitas formas, conhecendo posições, explorando gemidos e aproveitando o quanto estávamos dispostos a ter intimidade de uma maneira tão crua que, quando esgotamos, depois de algumas rodadas, ficamos conversando, abraçados. Ela me fazia rir com suas pérolas e o humor esquentadinho.

Kat estava me levando a muitas primeiras vezes, como tentar ter intimidade e conversar depois do sexo. Era algo novo, e eu não estava me importando em perder o desafio para conquistar o amor dela.

OceanofPDF.com

13 | *Katrina*

Senti um beijinho nas minhas costas e abri os olhos, tentando esconder o sorriso. Virei de lado e a cama estava uma bagunça. Devon estava com um calção de basquete e debruçado sobre mim. Ele me deu um beijo nos lábios e avisou que ia malhar, era sábado e eu estava cansada, não queria acordar cedo.

O dia anterior foi exaustivo, física e emocionalmente. Ver a minha casa em chamas me deixou sem chão e não saber o que fazer a seguir era ainda pior.

Não fazia ideia de como seriam os próximos dias. Eu tinha que conversar com minha mãe, tomar uma decisão e fazer um plano. Nunca chorei tanto em toda minha vida. Saber que eu não tinha para onde ir, que a casa que tanto cuidamos, nossos pertences e fotografias se tornaram cinzas, doía o coração. Doía na alma.

Minha mãe estava devastada, e eu entendia muito bem. Ela deu o sangue, muitas noites de folga e momentos que poderia aproveitar comigo, se entregou ao trabalho para ter dinheiro o suficiente para cuidar de tudo. Nós estávamos cheias de dívidas e sem saber como quitá-las. Eu não precisava de uma acusação de fraude no seguro, que por sinal, estava bem atrasado.

Suspirei e abracei um travesseiro, pensando que a noite de sexo era algo que eu precisava, mas foi diferente do que eu esperava. Foi melhor. Foi calmo, com a sensação de que era a coisa certa, prazeroso e nossa... Devon era muito melhor do que pensei.

Tinha vívidas lembranças da nossa primeira noite, mas era bastante confuso e foi meio rude, desleixado, estávamos bêbados demais para fazer algo direito. A segunda vez foi perfeita. Nós conversamos, brincamos, fizemos sexo mais de uma vez, ele me fez gozar com a boca, depois com os dedos, me levou ao limite do prazer ao ponto de me contorcer.

Foi a proximidade e conforto que desesperadamente precisava naquele momento.

Não foi uma cena, muito menos uma performance exibicionista e não foi falso. Era estranho pensar que podíamos ter uma conexão tão bonita no sexo. Nunca tive algo assim com os meus namorados. Quando morei em Los Angeles, tive apenas alguns casinhos e apenas dois chegaram ao sexo. Sempre fui reservada e com medo da intimidade, era difícil confiar.

Meu primeiro namorado não morava sozinho, e eu não conseguia ficar lá quando o seu colega de quarto estava. Sexo era sempre espaçado e meio rápido. Quando terminava, eu não tinha noção do que tinha acontecido. Com Nick era constante, ele vivia enfiado dentro da minha casa, mas não era satisfatório. Ele raramente conseguia me fazer gozar. Eu fingia mesmo, só para acabar logo e me sentia tão mal que não valia a pena.

Esperava que sexo com Devon não se tornasse algo ruim. Ele foi atrás de mim, ficou me esperando e pensei que ele poderia muito bem dormir e me fazer perder, ele perdeu e estava bem com isso. Foi assim que percebi que Devon tinha muita capacidade em se comprometer.

Muito mais do que eu.

Devon voltou para o quarto suado e vermelho.

— Está um calor miserável lá fora.

— Pensei que fosse malhar — comentei da cama, ainda com muita preguiça de me mover.

— Malhei um pouco e fui correr, me arrependi na metade do caminho, mas não podia fazer nada. — Tirou o short e foi para o banheiro. — Puta que pariu, estou vermelho como um tomate.

— Bom que renovou o bronzado — brinquei e me arrastei para fora da cama.

Estava só de calcinha e com o cabelo todo bagunçado. Ele estava nu na frente do espelho, separando coisas para fazer a barba. Belisquei sua bunda e fui tomar banho. Nunca fiquei tão nua em um chuveiro na frente de um homem e parecia ser algo que só Devon conseguia arrancar de mim.

Tudo começou com uma manhã algemados um ao outro.

Tomei banho e ele estava se barbeando na pia. Primeiro fui me vestir, escolhi um short jeans, um par de tênis da Adidas que tinha separado e uma camisetinha amarela com várias florzinhas brancas. Meu short era curto, mas estava calor, então, tudo bem.

Voltei para o banheiro, ele ainda estava espalhando a espuma de barbear com uma precisão tão séria que tirei uma foto. Ele fez uma careta na segunda foto. Pelo espelho, dava para ver que estava nu, mas não dava para ver a parte principal. Um privilégio só meu.

Escovei os meus dentes, penteei o cabelo e deixei molhado mesmo. Peguei a minha bolsinha de maquiagem, ligando a luz mais forte e comecei a me maquiar enquanto ele tomava banho.

— Você vai na Arena antes do evento?

— Só se acontecer algum problema — falou enquanto lavava o cabelo. — A decoradora deve te ligar em algum momento ao longo do dia. Eu disse a ela que seria difícil irmos lá e que deveria te ligar por vídeo.

— Tudo bem.

— Vou levar vocês três a dois lugares agora. Já avisei à minha irmã e à sua mãe.

— Posso saber onde? — Finalizei a minha maquiagem básica com um gloss. Não passei base, Vanessa até me deu uma base muito boa, com bastante fixação para o nosso clima, mas ela me fazia sentir usando máscara facial e que os meus poros estavam entupidos.

— Não. É uma surpresa. — Piscou e eu lembrei daqueles olhos impressionantes me encarando enquanto me chupava. Por sinal, excelente chupada. Nada de querer sugar o meu clitóris para fora do corpo ou ficar me fodendo com o dedo de maneira irritante. — Tem algo para você lá na sala, esqueci de avisar.

Desconfiada, terminei de me arrumar e guardei as minhas coisas. Tirei o lençol, recolhi os pacotes de camisinha abertos, arrumei a cama, forrando a colcha preta e deixei os travesseiros e almofadas no lugar certo. Dobrar o edredom enorme e pesado foi difícil, mas consegui.

Saí do quarto e passei no da minha mãe, que estava vazio. Havia uma infinidade de sacolas de roupas espalhadas pelo chão, procurei Vanessa e desci as escadas ouvindo as duas falando, cheias de risinhos.

— Bom dia, mocinhas. — Apareci na sala de jantar principal, que ficava entre a sala de visitas e o piano branco lindíssimo. Nenhum dos dois tocava, mas veio na casa e ficaram com pena de se desfazer. — Uau, flores lindas. — Me aproximei.

— Devon comprou flores e vai nos levar a algum lugar. — Os olhos de Vanessa brilhavam. — As suas estão na sala. — Apontou e subi os degraus, virando a esquina. Fiquei estagnada. — Parece que o meu irmão tem uma veia bem romântica.

Romântica e safada. A sala estava cheia de vasos com girassóis preparados para a replantação. A calcinha que usei na noite anterior, onde ele deu um beijinho na flor, era amarela com um girassol. Pilantra. Sorrindo, peguei o cartão de instrução e cuidados. Devon ia me pagar por aquilo.

Tirei várias fotos, postei uma no stories, marcando-o e agradeci com um coração.

— De quem são as roupas no seu quarto, mãe? — Enfiei o meu telefone no bolso.

— Eu encomendei ontem à noite. — Vanessa se adiantou. — Fiquei sem sono e preocupada com o que iriam vestir, se precisavam de alguma coisa, aí liguei para Grace, aquela menina que fazia parte do meu grupo de dança da academia, ela é gerente de uma loja de departamentos...

— Não precisava, amiga.

— Claro que precisava, sua mãe não tinha o que vestir de hoje até segunda-feira, precisavam pelo menos do básico. Sei que vai querer me pagar, depois acertamos, nosso dinheiro agora sai da mesma fonte. — Sorrii. Éramos duas garotas assalariadas. — Você e Devon assinaram algum acordo financeiro?

— Não. Só assinamos um que não podemos nos divorciar. — Revirei os olhos.

— Dois idiotas. — Mamãe bufou. — Obrigada pelas roupas, Vanessa. Eu realmente precisava. Liguei para o meu chefe, ele me deu folga. Terça-feira voltarei ao trabalho. Até lá, vamos organizar a nossa vida.

— Quando voltarmos da rua, conversaremos — prometi.

— Estão prontas, senhoras? — Devon desceu as escadas rapidamente.

— Obrigada pelas flores, maninho. — Vanessa lhe deu um beijo.

— Eu amei as minhas flores, um gesto muito gentil depois de tudo e agradeço imensamente por me acolher em sua casa, Devon. — Minha mãe o abraçou e bufei. Ele não ia parar de querer mimar a minha mãe, só para tê-la ao seu lado.

— *Nossa casa, Mel. Você é mãe da minha esposa.* — Devon sorriu.

Viu só? Eu sabia!

— Ainda preciso engolir a história desse casamento. — Mamãe foi severa.

— Estou dando o meu melhor, ontem à noite a senhora me aconselhou a fazer filhos com a sua filha. Parece que o seu subconsciente quer netos em breve — ele brincou. Contamos a ela as besteiras que soltou sob efeito do remédio.

— Nada de netos, vocês se comportem — avisou em um tom severo.

— Vou buscar minha bolsa para sairmos. — Vanessa subiu correndo.

Pedi que pegasse a minha que estava em seu quarto. Minha mãe foi ao banheiro antes de sair. Perguntei por Rosa e ela tinha saído com as amigas da igreja, era um passeio para uma paróquia em outra cidade e eles só retornariam no domingo à noite. Devon me encurralou contra a parede e me beijou.

— Obrigada pelas flores.

— Eu sabia que ia gostar e entender bem o meu recadinho. Vai ser eternizado no jardim. — Sorriu de lado. Era um sorrisinho que me afetava. Ele beijou o meu pescoço. Senti falta da barba me arranhando um pouco. —

Mais tarde ela já vai estar arranhando e prometo te dar aquela chupada para sentir. Que tal?

Minha nossa! Ele me deixava tonta indo direto ao ponto!

— Combinado. — Sorri contra seus lábios e escapei de seus braços quando ouvi a minha mãe voltar. Não queria ficar de agarrão na frente dela, achava que era falta de respeito.

Vanessa me entregou a bolsa, conferi meus documentos e dinheiro na carteira. Minha mãe estava apenas com a identidade, crachá do hospital e um pouco de dinheiro que estava dobradinho junto. Estava preocupada que havia documentações importantes na nossa casa, ficavam guardados em uma gaveta no armário dela, e eu não sabia se alguma coisa poderia ser recuperada.

Devon escolheu uma SUV espaçosa, era o carro que Rosa usava para ir ao mercado. Eles tinham cinco carros na garagem, um audi, um porsche, a SUV, uma mercedes comum, mas de luxo, e um outro que vivia coberto. Nunca perguntei, era novo e não era da minha conta. Pelo formato, era esportivo também, e do jeito que Devon gostava de correr, não era exatamente uma novidade.

Enquanto dirigia, Vanessa escolheu as músicas e fomos conversando. Aproveitei que ele estava dirigindo como uma pessoa normal, de vez em quando parando, colocando a mão na minha coxa. Fiquei no Instagram lendo todas as fofocas que saíram com meu nome.

O incêndio na minha casa estava sendo comentado, algum vizinho deve ter dito, assim como o fato de que terminei um relacionamento dias antes do casamento inesperado com Devon.

Os rumores eram muitos. Eu ia matar McKenna. Irritada, decidi responder algumas páginas, comentários e coloquei um comunicado direto

ao ponto no meu stories, já que iria se propagar. Devon parou no engarrafamento, deu uma olhada no telefone e tirou print, postando em seu stories também. Minha explicação era sobre o fim do meu relacionamento e o incêndio. Nada além.

Fiquei com tanta raiva da maneira que McKenna estava me depreciando na internet, me fazendo parecer a galinha que acabou com o relacionamento de Devon com Everly, um relacionamento que não existia! Peguei a foto dele daquela manhã e postei.

— Me exibindo por aí, esposa? — Ele arqueou a sobrancelha. Com a minha marcação, postou que eu estava muito observadora antes do café.

— Mostrando que não sou mentirosa. McKenna é uma vaca!

— Agora você sabe o que eu passo — Vanessa falou do banco de trás. — Pior que você ainda vai precisar trabalhar com ela.

— Se eu não a jogar lá de cima. — Bufe.

A primeira parada de Devon era em uma lanchonete badalada da cidade que tinha uma fila enorme para conseguir uma mesa. Ele reservou uma no dia anterior, então, não ficamos esperando. A mesa redonda no segundo andar tinha uma visão muito linda para a cidade. O sol estava forte e o ambiente climatizado era quase um paraíso. Fomos servidos com café de primeira, fizemos pedidos dos pratos bonitos que estavam no menu e aguardamos. O lugar ficou cheio rapidamente.

Ver a minha mãe sorrindo e empolgada me deixou feliz. Ela estava relaxando aos poucos. Vanessa sempre soube como fazê-la rir, mas Devon era uma novidade.

Escolhi ovos mexidos com tomate, queijo e temperos especiais da casa. O prato estava ornamentado com torradas pequenas e fatias de bacon. Devon pediu panquecas de pizza, era muito mais gostoso do que dei

crédito. Vanessa ficou com o prato tradicional de café da manhã com ovos, salsicha, bacon e torradas. Canecas de café foram renovadas, uma grande jarra de suco de laranja fresco foi deixada no centro da mesa e devoramos a comida.

Minha mãe pediu uma fatia de red velvet que estava delicioso, cookies e ficou apenas no café preto, beliscando um pouco de cada.

— Obrigada por essa refeição. — Mamãe segurou a mão de Devon. — Você está nos mimando demais. Muito gentil da sua parte.

— Eu adorei, obrigada. — Vanessa esfregou o estômago. — Não deveria ter comido o prato todo.

— Katrina não teve o mesmo problema, ela comeu o dela e o meu — Devon me provocou quando enfiei o seu último pedaço de panqueca na boca.

— Cale a boca! — falei de boca cheia. — Foram só uns pedacinhos! Eu te dei o meu bacon! — Fiz um beicinho. Ele se inclinou e me deu um beijo suave nos lábios.

— Como um bom marido, vou compartilhar mais. — Piscou. Naquela noite nós compartilhamos muito um com o outro. Foi uma dança chocante, gostosa e sentar naquele pau foi a melhor decisão de impulso da minha vida. — Quer compartilhar mais?

— Não, saia de perto de mim. — Fingi indiferença.

Devon riu e sinalizou pedindo a conta. Ele pagou e saímos, esqueci que ainda nos levaria a algum lugar, nos deixou curiosas de propósito, enquanto dirigia, verifiquei o resultado das minhas postagens. A página de McKenna estava bombando de comentários. Ela parecia meio surtada nos stories e assisti com prazer.

Everly curtiu um comentário que dizia que provavelmente Devon e ela nunca tiveram um relacionamento sério e que ele estava livre para se relacionar com outra pessoa, mas que era ruim, porque era bem óbvio que ela, no caso a Everly, tinha sentimentos por ele.

— O que estamos fazendo aqui? — Olhei ao redor. Era uma feira.

— Vocês queriam um cachorrinho... vamos adotar um.

Vanessa soltou um gritinho e saiu em disparada do carro. Fui atrás, quase na mesma empolgação. Minha mãe e Devon estavam mais devagar, olhando as baias dos cachorros. Eram muitos e todos fofos. Era impossível escolher, queria levar todos.

— Nada de gatos. Eles sobem em tudo. — Devon nos deu um olhar severo quando paramos em um cercado cheio de gatinhos. — Eles não obedecem. Já tenho você sem obediência.

— Engraçadinho — murmurei e andamos um pouco mais.

— Olha! Labradores! — Vanessa me puxou em direção a um monte de filhotes. A ninhada era gratuita, porém, eles estavam pedindo doações para a ONG que cuidava dos animais expostos para adoção. — Meu Deus, olha aqueles dois juntinhos ali, dormindo como bebês!

Nós pulamos a baia e nos aproximamos dos cachorrinhos. O voluntário disse que eram irmãos que não se desgrudavam. Devon deu um olhar carinhoso para Vanessa e sorrimos. Era como eles dois. Nunca se separavam.

— Vamos levar os dois — Devon determinou. Vanessa e eu gritamos de alegria segurando os filhotinhos. Eram dois machinhos lindos de pelos escuros. — O que preciso fazer?

Devon se afastou e foi para a barraca com os voluntários. Me aproximei com o cachorrinho e minha mãe pegou no colo. Sempre

quisemos ter um, mas ela quase não ficava em casa, depois eu fui morar fora, além de ser um gasto enorme que não precisávamos acrescentar no orçamento. Ela arrulhou com o bichinho, chamando de seu netinho e morri de rir.

Seriam os dois cachorrinhos mais mimados do universo.

— Tudo pronto. Agora precisamos comprar ração, brinquedos e coisas de cachorro. — Devon voltou com a carteira de vacinação.

— Tem uma grande loja no caminho de casa. — Vanessa olhou em seu celular. — Está aberta.

Era impressionante como duas coisinhas peludas fizeram o meu dia mais feliz. Devon nos levou até a loja. Vanessa e a minha mãe estavam com os cachorrinhos no colo e saíram primeiro.

Soltei o cinto e me inclinei na direção dele, beijando-o primeiro na bochecha. Ficamos com os nossos rostos bem próximos, meus cílios escovaram as maçãs de seu rosto e ao virar, nossos narizes ficaram pontinha com pontinha. Apertei meus lábios nos dele, suave, com todo carinho.

— Obrigada.

— De nada, esposa. — Sorriu contra minha boca. Aquele sorriso deixava as borboletas voando em meu estômago descontroladamente.

Sáímos do carro, ele deu a volta e ofereceu a mão. Eu peguei. De mãos unidas, andamos lado a lado, entramos na loja e encontramos um mundo para os animais domésticos. Vanessa pegou um carrinho, colocou duas camas e Devon pegou um saco enorme de uma ração, que o vendedor disse que era a melhor para filhotes. Peguei xampus, remédios para pulgas e toalhas. Levamos um tempo escolhendo milhares de brinquedos.

— Não acredito que temos dois filhos. — Devon colocou a mão no coração. Bobo.

— Com guarda compartilhada com a sua irmã? — Soltei uma risada.

— Fazer o quê? Ela é o terceiro elemento.

Vanessa e eu viramos ao mesmo tempo, olhamos uma para a outra e começamos a rir.

— *Você é o terceiro elemento, bobinho.* — Pisquei e voltei a empurrar o carrinho.

Devon fez o beicinho que Vanessa vivia fazendo. Era impressionante o quanto eles tinham expressões iguais, mesmo não tão parecidos, afinal, não eram filhos do mesmo pai. Shannon nunca falou quem eram os pais de seus filhos, ela dizia que era mulher de produção independente, mas nunca ficou por perto para criar ninguém.

De volta para casa, recebi a ligação de vídeo da decoradora. Vanessa e eu ficamos quase uma hora acertando os detalhes finais e quando parecia tudo certo, encerramos a chamada. Minha mãe deu banho nos cachorros, secou, deu comida e ainda os colocou para dormir.

— O que iremos fazer? — Sentou-se ao meu lado.

— Mãe... Acho que precisamos esperar o resultado da investigação. Vanessa e Devon nos convidaram para ficar aqui e é até mais perto do seu trabalho. — Segurei sua mão e beijei. — Eu quero ficar aqui, mas se você não quiser, precisaremos procurar um lugar dentro das nossas condições.

— Eu não quero ficar aqui para sempre, mas aceito que no momento, não temos dinheiro imediato para alugar um lugar e sou muito grata pela acolhida. Ainda não entendo o seu relacionamento com Devon, mas se quer ficar com ele, eu vou te apoiar. Enquanto isso, vamos juntando dinheiro, veremos se iremos reconstruir a nossa casa ou alugar algum lugar.

— Suspirou e deitou a cabeça no meu ombro. — Ainda é completamente surreal acreditar que perdemos o nosso lugarzinho.

— Vamos recuperar tudo que perdemos, mãe. Não é nosso fim, foi uma recuada para dar impulsionamento. Só de pensar o quanto senti medo que estivesse lá dentro...

— Eu sei, minha filha. Eu entendo. — Beijou a minha bochecha. — Teremos muito trabalho nas próximas semanas. Queria ir lá, ao mesmo tempo, não tenho coragem. Não sei se vou conseguir ver tudo destruído sem desmoronar.

— Não importa o que irá acontecer. Juntas, sempre conseguimos o nosso objetivo!

— Eu te amo, filha.

— Eu te amo, mãe. — Entrelacei os nossos dedos. — Vamos florescer onde ficarmos.

Olhei para nossas mãos unidas e o movimento da minha mão fez com que a luz batesse na minha aliança e ela brilhou. Pela primeira vez o significado dela pesou.

Casamento era algo realmente sério e em um momento tão complicado da minha vida, Devon estava me fazendo engolir as minhas acusações e julgamentos. Ele estava sendo um marido cuidadoso e comprometido. Estava errada, mas não estava pronta para ceder e dizer que errei. Ainda faltava muito para o nosso desafio terminar e havia muita coisa para acontecer entre nós dois.

14 | *Katrina*

Estava sentada no jardim, publicando algumas denúncias no meu blog pelo celular, quando Devon me chamou.

Depois do almoço, cada um foi para um canto e eu saí para brincar com os cachorros no quintal. Eles eram muito filhotes e adoravam correr na grama. Na sombra, até estava tolerável e coloquei as minhas pernas dentro da piscina enquanto eles corriam um atrás do outro soltando latidinhos suaves.

— Precisamos dar nomes a eles — Devon falou, sentando atrás de mim. O conforto de seu peito era gostoso.

— Já escolhi. Um vai se chamar Marco e o outro polo. — Sorri e virei para os dois, que corriam na grama com as orelhinhas pulando conforme davam impulso. — Marco! Polo! — gritei e eles me olharam. — Viu?

— Com esse grito, até os cães da vizinha pulariam a cerca. Não gostei desses nomes. — Me abraçou e puxou ainda mais para trás.

— Eu gostei.

— Tudo bem, mas eu não. Precisamos entrar em um consenso.

— Pensei que eles fossem um presente porque sua irmã e eu queríamos ter cachorro. — Virei um pouco e ele arqueou a sobrancelha.

— Só por isso não tenho direito a voto?

— Quais são as suas opções de nomes?

— Não sei ainda. — Deu de ombros. — Vou pensar em algo.

— Inacreditável! Você nem escolheu um nome! — Bufei e peguei o filhotinho. — Diga oi para o papai, Marco. Polo, vem aqui — chamei o outro que, correndo, chegou a capotar. — São tão fofinhos. Ai cacete, que dentinho fino!

Vanessa saiu de casa com um balde de cerveja.

— Esse calor está implorando. Parece que vamos esturricar nesse verão — reclamou e colocou o balde na mesinha, abriu três cervejas e nos entregou duas. — Um brinde ao Marco e ao Polo, novos integrantes da nossa família!

— Porra, eu não tive chance mesmo. — Devon brindou, meio contrariado.

— Ainda achou que teria? — Vanessa sentou em posição de borboleta, brincando com os nossos filhotes. — Lembra quando a gente dizia que se nada desse certo, iríamos casar e ter filhos? — Me olhou, e assenti, sorrindo. — Nunca imaginei que se casaria com o meu irmão e os filhos caninos fossem compartilhados entre nós três.

— Eu nunca imaginei que teria filhos com a minha esposa e a minha irmã. — Devon revirou os olhos.

— Os caninos, sim. Os bebês você vai ter sozinho com a Kat e eu serei a tia Vanessa — brincou, e lhe dei um chute. Nada de falar de filhos, o que eles tinham na cabeça? Era um casamento por aposta. Mesmo se fosse de verdade, eu ainda tinha medo da gravidez na adolescência, mesmo com vinte seis anos nas costas.

— Que tal nunca falarmos sobre bebês? Isso atrai e eu não vou ter filhos — reclamei. Beber era melhor.

— Nunca? — Vanessa fez um beicinho. Ela estava me provocando. — Eu vou parar. Sei que vocês estão nessa aposta estúpida, já sei o

resultado. Inclusive, Stuart e eu apostamos contra sua mãe. Até agora estamos em duzentos dólares.

— Apostaram contra ou a favor? — Devon perguntou.

— Não iremos dizer para não influenciar. Rosa vai entrar quando voltar. — Ela sorriu.

— Fizeram uma aposta em cima da nossa aposta? Muito maduro. — Fiz uma careta e terminei de beber a minha cerveja. Desceu muito bem.

— Diz a mulher que bebeu, casou e ainda assinou um contrato com multa de divórcio. — Vanessa rebateu e lhe dei a língua, porque sim, eu não era madura. — Em falar nisso, que roupa vai usar hoje à noite? Já pensou em algo?

— Não sei se vai ser de bom tom. Todo mundo sabe do incêndio. Eu queria ir apenas para trabalhar, tirar a minha mente disso, mas não quero gerar nenhum falatório. Apesar de estar mais calma, ainda sinto uma angústia no fundo do peito porque eu não sei o que vai acontecer. Minha mãe aceitou ficar aqui, não vai ser fácil, ela está acostumada com privacidade e ter o próprio cantinho. — Suspirei. Devon me abraçou de novo, e deitei a cabeça em seu ombro.

— Ela vai se sentir em casa aqui, tenho certeza. Vamos cuidar dela e quando voltar a trabalhar, vai se sentir menos ansiosa. Nada vai acontecer. — Vanessa me deu um olhar. Ela estava dizendo que nada mais iria acontecer porque eu desisti de investigar. Eles ameaçaram e fizeram algo para me assustar. Conseguiram. — Vocês duas vão ficar bem. Podemos levar e buscar sua mãe, se estivermos ocupados, vamos programar um dos motoristas de confiança da Winterfield.

— Obrigada. — Abracei Vanessa apertado. — Eu não sei o que faria sem você.

— E eu? — Devon acariciou a minha bunda.

— Ele está acariciando a sua bunda enquanto você me abraça? — Vanessa perguntou no meio do nosso abraço. Devon riu e apertou. Me afastei dela e o bati. — Tarado. — Vanessa riu.

— Tira a mão da minha bunda! — guinchei, batendo em seu braço. Peguei outra cerveja e abri, dando um gole. — Não pode ficar me pegando assim!

— Vanessa sabe que você está me usando para sexo — ele comentou e pulverizei a minha cerveja, rindo. Idiota. Limpei o seu peito e braço que estavam molhados com minha bebida. — Agora quer me afogar com cerveja. Me dá um beijinho...

— Só um beijinho — determinei e segurei seu rosto, dando um selinho. Ele me segurou e nos derrubou, me dando um beijo de língua com gostinho de cerveja. Beijo muito bom. — Eu disse só um beijinho, não um beijo de cinema. Se comporte!

— Não sei como vou ficar perto de vocês. — Vanessa virou a cerveja de uma vez. — Talvez bêbada. Que grude...

Apenas para implicar, pulei do colo de Devon para o colo da dela. Abracei a minha melhor amiga com os braços e as pernas, dando um beijo barulhento em sua bochecha. Nos desequilibramos, caímos de lado e os cachorrinhos subiram em cima de nós.

Ficamos no quintal bebendo as cervejas até o balde ficar vazio. Entramos com os cachorrinhos e peguei suas camas, levando para o quarto de Vanessa porque precisava dormir depois de ingerir quatro garrafas. Ela ficou lavando o cabelo, se depilando e eu dormindo.

Minha mãe entrou com lanches prontos, o que me fez sair da cama para comer e me preparar. Lavei o cabelo, passei creme depilatório nas

pernas e um creme hidratante nos cabelos.

— Como usa essa coisa? — Mamãe tirou a máscara do saquinho.

— Olhos e bocas. — Apontei para os buracos. Coloquei no rosto dela. — Bem assim... Tem que grudar no rosto. Mãe, não lambe!

— Tem um gosto bom.

— Eu duvido muito. — Soltei uma risada e coloquei a minha. — Essa é bem refrescante, ajuda a abrir os poros para tirar os cravos. — Me olhei no espelho. — Preciso retocar minha raiz.

— Vá de cabelo solto, bem escovado, vai ficar bem arrumada. — Mamãe me acalmou.

Vanessa saiu do closet com várias peças de roupas. Era horrível pensar que perdi tudo. Roupas que eu trabalhei muito para comprar, pequenos mimos que me fizeram feliz e o tanto que minha mãe trabalhou para manter nossa casa. Quando voltei de Los Angeles, a responsabilidade passou a ser minha, ajudando nas despesas, que não eram poucas.

— Devon vai usar a camisa da Arena, e eu consegui que Alicia enviasse mais uma, deve chegar daqui a pouco. Separei esses shorts para usar com um mega salto alto, deixar essas pernas lindas de fora. Vou customizar a sua camisa, pensei em fazer um decote na frente e deixar o símbolo da Arena atrás. — Ela parou quando comecei a abanar o rosto para não chorar. — Sei que parece fácil dizer que eram só bens materiais quando eu fui testemunha do quanto vocês sempre se esforçaram na vida, mas eu estou tão aliviada que estão bem. Poderia ser muito pior e eu me apego nisso.

— Ela tem razão, Kat. Por mais doloroso que seja, acredite em mim, meu coração dói ao pensar, estou feliz que o incêndio aconteceu enquanto estive fora e não dormindo como eu estava minuto antes. — Mamãe

esfregou os meus braços. — Sou grata que você sequer estava em casa. Perder a casa não se compara à dor que seria perder você.

— Além do mais, roupas, acessórios e qualquer coisa a mais podemos comprar de novo. Eu nunca poderia comprar uma melhor amiga como você. — Vanessa me deu um abraço. — Agora pare de chorar, invoque a menina má que vive aí dentro porque se casou com Devon Winterfield, queridinha. Urubus, piranhas entre outras coisas estão torcendo para te ver falhar.

— Eu nunca falho — resmunguei.

— É isso aí, gostosa! — Ela deu um tapa na minha bunda. — Agora vai tirar esse creme do cabelo, vou ver se Alicia trouxe as camisas e já volto.

Estava terminando de lavar o meu cabelo quando ouvi batidas muito conhecidas. Madonna. Saí do banheiro dançando. Minha mãe e eu costumávamos cantar músicas das nossas divas do pop favoritas quando estávamos em um dia de cuidados de pele e cabelo, ou fazendo faxina. Fiz os passinhos de Vogue e depois, Cher.

Vanessa voltou para o quarto já rodopiando. Nós cantamos e dançamos no quarto. Foi como a nossa adolescência quando mamãe nos levava para sair.

Devon me enviou uma mensagem dizendo que estava pronto e eu não tinha nem começado a me maquiar. Avisei que estava quase pronta, o que não era exatamente mentira. Vanessa e minha mãe não iriam ao evento. Mamãe estava sem clima e Vanessa evitava eventos de muita exposição. Ela tinha que ir porque todo nosso setor iria trabalhar, mas ser irmã do chefe lhe dava algumas vantagens.

— Esqueci o quanto você é peituda na hora de cortar o decote. — Vanessa fechou a blusa customizada. O decote era bonito, muito além do que estava acostumada a usar porque meus peitos chamavam um pouco de atenção. Quando trabalhava como hostess, nunca usava decote, eu não precisava dos clientes olhando para os meus peitos.

— Não está vulgar, está linda.

— *Katrina, pelo amor de Deus!* — Devon gritou do corredor. — *Eu tinha que estar lá trinta minutos atrás!*

— Você não me falou nada sobre horário! — Abri a porta do quarto. Ele ia reclamar e calou a boca, olhando para os meus peitos. — Gostou?

— Não. A blusa não era para usar assim. — Apontou para os meus peitos. Sorri e virei de costas, ele resmungou algo super baixo, parecia uma prece com alguns palavrões. — Tudo bem, você está linda, agora podemos ir embora? — Apontou para o relógio.

Fiz uma careta para o seu elogio apressado e peguei a bolsa que arrumei, conferindo celular e carteira. Me despedi dos meus filhotes, mãe e amiga. Devon desceu a escada na frente, todo apressadinho e não corri ou iria virar o meu pé com o salto fino que usava.

Meu short era branco, de cintura alta, de alfaiataria. Escolhi scarpin preto, simples, mas não tanto, afinal, Vanessa só colocava marcas de luxo nos pés. Apesar do nosso corpo ser diferente, ela um pouquinho mais alta, vestíamos o mesmo número de roupa e nos pés.

— Oi, estou saindo — Devon falou ao telefone. — Comecem a servir as primeiras doses, devo levar vinte minutos apenas para entrar e em seguida, vou direto para minha sala — explicou. — Vai me ligando e informando. — Encerrou a chamada, jogando o telefone no console do carro.

O audi tinha uma potência na estrada que me deixava assustada. Enquanto ele dirigia de seu jeito maluco, fiquei verificando as mensagens de Alicia sobre os jornalistas convidados que já estavam circulando pelo lounge. Dei uma olhada em quem estava usando os filtros e pedi para a equipe incentivar o uso das redes sociais, porque era importante que o evento ganhasse proporção na internet.

A equipe da filmagem avisou que estava tudo pronto para a live das lutas. Com a briga sobre quem iria transmitir, Devon fechou contrato com uma empresa e a transmissão mudou para online, no canal do youtube da Arena. Criei a conta há poucos dias e foi difícil fazer a plataforma liberar o que só era liberado para usuários antigos. Ainda precisei aceitar umas propagandas, mas eles foram bem flexíveis com o tipo de anúncio, optamos por algo relacionado ao evento.

Devon ficou o tempo todo no telefone. Ele era tão controlador, ditando cada movimento dos funcionários. Nós chegamos dez minutos mais cedo que o aplicativo do gps informou. Ele estacionou de um lado vazio, entregando o carro para um funcionário, segurou a minha mão e deu a minha bolsa para Alicia.

De repente, havia milhares de pessoas da equipe dele andando ao nosso redor. Uma menina me ofereceu um espelho para ver se eu queria conferir a minha maquiagem, aceitei insegura e estava tudo bem. Fiquei assustada com tanta gente e tanta informação.

— Está pronta? — Devon ainda estava me segurando. Assenti, ansiosa. — Não se preocupe, você está linda. — Me deu um beijo suave nos lábios e alguém abriu as portas pesadas.

Era o tapete vermelho. Porra. Flashes começaram a ser disparados. Eu nunca percebi o quão assustador e agonizante era ser alvo de tamanha

atenção. Devon parecia perfeito, imperturbável. Sempre soube que ele conhecia muita gente, fotógrafos viviam me fotografando com Vanessa, mas era uma escala muito menor. Aquilo era muito.

Fiquei um tanto perdida, sorri quando Alicia sinalizou para sorrir. Devon cochichou para me acalmar e olhou em meus olhos.

— Está tudo bem. Já vai acabar. — Me deu um beijo na bochecha. Muita gente gritou, o que me fez rir. — Isso aí, mostra pra todo mundo esse sorriso lindo. — Apertou a minha bunda e me chamou de gostosa.

— Tire a mão da minha bunda — briguei, sem muita força.

— Não consigo. — Sorriu e fiquei vermelha, porque obviamente, todos estavam vendo, mas ele queria me fazer rir e conseguiu.

As fotos terminaram e foi a vez de ele responder à perguntas. Aproveitei o momento para me afastar, porque não responderia nada e não ficaria parada como uma idiota ao lado.

Entrei com Alicia, que me devolveu meu telefone. Encontrei com o B1. O B2 estava monitorando as redes sociais e eu acabei passando no pequeno salão de apostas, encontrando com alguns clientes antigos e fiz a social, pedindo sutilmente que tirassem fotos e marcassem a página do evento.

Havia vários fotógrafos circulando. De longe, observei Devon passar por muitas pessoas e cumprimentar. Em dado momento, ele sumiu na multidão. Alicia estava sempre por perto, ou o B1, o que era mais prático na hora de verificar o trabalho.

Meus pés estavam doendo e me afastei para ir ao banheiro. Enviei uma mensagem de SOS para Vanessa. Era melhor ter ficado em casa. Estava meio estressada querendo que a imagem do evento ficasse perfeita nas redes sociais.

Retoquei o meu batom, ajeitei o cabelo e reparei que havia alguém parada de braços cruzados no final do banheiro. Everly. Puta merda. Era um encosto difícil de me livrar.

Ela começou a bater palmas.

— Tenho que te parabenizar pelo golpe. Acho que você foi bem paciente, se infiltrando na vida da Vanessa, se fazendo de amiga e por fim, mordeu o peixe de ouro. — Abriu um sorriso irônico. — Cedo ou tarde ele vai enxergar que você é apenas uma pobretona querendo subir na vida. Era assim na escola, sempre com inveja de mim, primeiro me tirou Vanessa e agora, Devon.

— A quantidade de plásticas que fez deve ter alterado o seu cérebro. Em primeiro lugar, pessoas não são objetos para serem tiradas de alguém e em segundo lugar, você deve ser maluca ao pensar que teria inveja de você. — Virei de frente. — Sua amizade com Vanessa acabou por culpa do acaso. Eu não faço ideia porque o seu relacionamento com Devon não deu certo, mas nas duas coisas, não tive nada a ver. Não estamos mais no ensino médio, portanto, pense bem ao me encurralar no banheiro como fazia na escola. Aqui eu posso arrancar esse seu aplique e deixar o seu nariz completamente torto sem medo de ser expulsa.

— Baixo nível — ela murmurou e saiu do banheiro.

Pobretona querendo subir na vida, a minha bunda! Irritada, não voltei para as áreas principais, pedi que Alicia me ensinasse o caminho para a sala do Devon. Ficava na parte mais alta da Arena.

Bati antes de entrar, ele estava com um fone e o telefone na mão, dali podia ver todo evento e ele estava controlando todas as áreas. Passou o braço por minha cintura quando me aproximei e encostei nele, olhando a

movimentação entre as cadeiras, as pessoas comprando pipoca e outros lanches para se acomodar nos lugares marcados para as lutas preliminares.

— Temos trinta minutos para encaminhar os convidados para as cadeiras, parem de vender bebida nos bares. Liberem as garotas com garrafas de água e suco para levar os convidados para a Arena — falou em seu comunicador. — Tem dois homens começando a se estranhar no bar do lado sul, quero dois seguranças lá imediatamente. Tragam bebidas e o jantar para minha sala — ordenou e tirou o fone. — Tudo bem?

— Controlador — murmurei.

— Você não faz ideia do quanto. — Me abraçou e se afastou. — Vamos fazer uma espanhola mais tarde? — pediu tão sério que comecei a rir. — Não estou brincando. Estou com um tesão...

— Pare de pensar putaria ao olhar para os meus peitos.

— É impossível. Gosto da sua bunda, mas estava pensando nisso já tem uns dias. — Me deu um sorriso sexy.

— Tarado. — Mordi o meu lábio.

— Tarado, controlador, se decide mulher! — Abaixou o rosto e beijou cada um dos meus peitos. — Se quiser me dar um presente, só tirar a blusa e dizer “vamos fazer uma espanhola”. Vai ser o dia mais feliz da minha vida.

— Anotado. — Revirei os olhos.

O jantar e algumas bebidas forem entregues, foi uma maravilha, porque eu estava faminta. Bebi um copo enorme de Coca-Cola, comi todas as minhas batatas fritas e metade das que ele demorou a comer. Para não ficar toda inchada, não comi o hambúrguer, lavei a minha boca e peguei um pequeno rolo de fio dental que deixava na minha bolsa para limpar entre os meus dentes.

Devon não desceria para as lutas preliminares, a principal aconteceria às três da manhã. Cansada, fiquei no sofá, sem sapatos, vendo quase tudo que já tinha saído sobre o evento. As nossas fotos no tapete vermelho estavam em todo lugar. Tinha comentários maldosos o suficiente para me deixar irritada e eu desisti de ler.

— A equipe do Don disse que ele está pronto — Devon avisou, empolgado. — Espero que ele ganhe de maneira estrondosa. Vai ser foda ter a reabertura da Arena com algo assim...

— Ele vai ganhar. — Levantei do meu lugar e me aproximei. — Então é assim? Você aparece lindo e gostoso no tapete vermelho, depois se esconde aqui e controla cada aspecto do evento?

— Obrigado pelo lindo e gostoso, querida esposa. — Ele sorriu. — Só nos primeiros eventos, para ensinar a equipe. Depois, eles lidam com tudo.

— Pensei que você ficasse na curtição e putaria.

— Só apareço quando Vanessa está.

— Para ficar de olho?

— Também. — Deu de ombros. — Talvez para olhar você.

— Está querendo ganhar o quê com essa informação gratuita? — Arqueei a sobrancelha, seu olhar desceu para os meus peitos e balançou as sobrancelhas. — Inacreditável, seu cretino!

— Custava nada tentar. — Riu e me beijou, baguncei um pouco o seu cabelo, ficando empolgada com o beijo. — Quer batizar a sala?

— Trouxe camisinha? — A esperança ficou evidente na minha voz.

— Merda. — Ele suspirou. — Deixei tudo em casa. Eu sou um homem casado, não ando mais com camisinha na carteira, mas eu posso

mandar alguém comprar.

— Você está maluco? Claro que não vai mandar ninguém comprar!
— Bati em seu ombro. Parei um pouco, absorvendo o que ele falou. — Por que tirou camisinha da carteira? É para não ceder e transar com outra pessoa?

Devon bufou e riu. Ele *riu* como se eu fosse idiota ou muito inocente, o que me deixou furiosa. Foi como se ele tivesse riscado um fósforo e jogado em uma pilha de madeira cheia de gasolina.

— Se eu quiser foder alguém e estiver sem camisinha, eu mando alguém comprar ou eu vou pessoalmente. Não é falta de camisinha na carteira que vai me impedir de transar. Não tem mais na carteira porque nós usamos e eu não coloquei mais no lugar, só tem no meu quarto e no carro.
— Piscou.

Não sabia porque a ideia de que ele poderia transar com qualquer uma me deixou tão irritada ao ponto de que eu não conseguia falar nada. Não queria que fizesse sexo com ninguém além de mim. Nem tive uma réplica irritada, inteligente ou um desafio a propor. O ciúme me pegou de guarda baixa. Eu nunca fui ciumenta com nenhum namorado...

Por que diabos estava com tanto ciúme de Devon?

— Eu vou descer. — Soltei o meu cabelo. — Vou ver se precisam da minha ajuda em algum lugar.

— O que foi, Katrina? Estávamos brincando há dois segundos...

— Não é nada.

— Fodeu. Agora eu sei que é alguma coisa. — Suspirou. — Cresci com a rainha histérica do *não é nada*. Pode me falar o que está acontecendo, para que possa resolver?

— Não sou um dos seus negócios, que você pode resolver tudo. —
Rebati, cruzando os braços.

— Muito maduro da sua parte — falou de forma seca. Meu rosto esquentou, droga, ele tinha razão. Por que ele me fazia parecer uma piralha petulante? — Vai, me fala.

— Se você rir, eu vou te castrar. — Apontei o meu dedo para seu rosto, ele mordeu a ponta. — Fiquei com ciúme — assumi com muita timidez.

Devon olhou ao redor.

— Do seu reflexo? Não tem ninguém aqui!

— Não, idiota. Do fato que você pode fazer sexo com quem quiser.

Para me enervar de uma vez por todas, ele jogou a cabeça para trás e começou a rir bem alto. Infeliz. Acabei rindo só de ouvir a risada dele, que era muito bonita.

— Deixa de ser maluca. Eu disse a verdade. Você também pode fazer sexo com quem quiser, basta querer. O que define fidelidade não é ter camisinha na carteira, o que no momento, é um enorme arrependimento. — Me puxou pela cintura. — Você ficou com ciúme?

— Pedi para não rir.

— Desculpa, foi mais forte que eu. Já ia sair com uma paranoia desnecessária na cabeça, não começa de maluquice não. Tenho controle da minha mente e do meu pau, não quero ficar com mais ninguém, sou casado e estou viciado na bocetinha gostosa da minha esposa... — Me virou e fiquei de frente para o vidro, com as minhas costas coladas em seu peito. Ele estava apoiado na mesa e eu entre as suas pernas. — Até quero ir embora mais cedo só para me enterrar aqui...

Devagar, enfiou a mão dentro do meu short, pelo espaço que sobrava na perna. Ele subiu o tecido e tocou a minha calcinha. Ele acariciou o caminho certo para me fazer pegar fogo, e dessa vez, não seria de raiva. Eu queria incendiar junto com ele ali, mesmo sem camisinha. Sedenta e cheia de tesão, o beijei.

Nosso amasso foi quente o suficiente para me fazer parar em cima da mesa e ele de boca nos meus peitos. Fomos interrompidos pelo telefone tocando.

— Está na hora de descer — reclamou e fez um beicinho. — Até daqui a pouco, melhores amigos. — Deu um beijinho em cada um.

— Você é tão bobo. Eu vou me ajeitar. — Apontei para o banheiro.

— Segredo nosso, vai lá, eu vou te esperar. — Sorriu e corri para o banheiro.

Acendi a luz, me olhei no espelho e não consegui segurar o sorriso. Quando nessa vida muito louca iria imaginar que Devon, o homem que mais me irritava no planeta, seria o motivo daquele sorriso?

15 | *Devon*

Katrina ficou com os olhos comicamente arregalados quando passamos pelo bloqueio dos seguranças de Don e entramos no vestiário. Ele estava pronto, soltando urros de adrenalina, enrolado no roupão de cetim vermelho com seu nome em dourado nas costas. Surtado, me deu um abraço e colou a testa na minha.

Ainda eufórico, pegou Kat e rodopiou. Ela gritou de susto no meio da risada.

— Dez minutos! — Alguém da equipe gritou.

— Vai ser foda, vai ser foda! — Stuart gritou comigo e rimos. — Vou te oferecer essa, maluco!

— As apostas estão rolando, vai com tudo! — Batemos nossos punhos juntos.

Segurei a mão de Kat, porque ela parecia em transe.

Saímos do vestiário e o seu nariz enrugou. Esqueci que o olfato feminino era algo sensível para um vestiário masculino cheio de homens. Olhei para o seu rosto e soltei uma risada, ela me bateu de leve, enquanto passávamos pelos corredores entre as cadeiras.

As luzes da Arena refletiam no ringue, era forte, segui as marcações no chão e falei com conhecidos. Como era um evento privado, a Arena estava apenas com vinte por cento do público total, mesmo assim, era uma barulheira com a música alta e as garotas dançando.

— Devon! — Tio Saul saudou de seu lugar, sorrindo. Ele me deu um rápido abraço. Seu cheiro de charuto de canela e menta era único.

— Pensei que fosse passar lá em casa antes do evento.

— Só consegui chegar agora. — Ele me deu um sorriso tenso. — Não vim sozinho — falou baixo e virou-se para Katrina. — Oi, querida! Como sempre, linda. Eu preciso parabenizar o casamento de vocês antes que...

Merda.

— Dev! Amor! — Shannon apareceu segurando uma taça de martini. — Acredita que eles não queriam me servir? Eu tive que dizer que sou sua mãe, embora pareça ser sua irmã. — Apertou a minha bochecha e me deu um sorriso. Ela virou-se para Katrina. — Kat, gatinha. Menina, sempre te achei esperta por colar na minha filha, mas casar com o meu filho foi além do esperado.

Katrina não parecia abalada.

— Como se você me conhecesse, Shannon. — Abriu um sorriso seco.

— É verdade. Eu não te julguei como um potencial caçador da fortuna do meu filho.

— Chega dessa merda, Shannon. — Cortei e mesmo não querendo causar uma cena, eu não ia permitir que ela fodesse com o meu evento. — Trate a Kat como alpinista social novamente e eu te mostro qual das duas realmente é. Meu pai vai bem?

Fazendo uma careta, Shannon se afastou.

— Não precisa me defender e se indispor com a sua mãe... — Katrina segurou a minha mão.

— Você sabe que não existe a possibilidade de não me indispor com ela — murmurei. — Porra, não queria que ela estivesse aqui. — Olhei ao redor e reparei que a imprensa estava interessada. Onde Shannon estava,

tinha uma matéria em potencial. — avise para Vanessa que ela está aqui. Eu quero que a minha irmã se prepare porque ela vai aparecer lá em casa.

— Tudo bem. Por favor, não fica chateado. Está sendo uma grande noite. — Kat acariciou meu braço e me inclinei, beijando seus lábios. — O que foi isso?

— Um beijo. Porque eu posso.

Ela sorriu e foi para o seu lugar. Eu não sabia ao certo como era a relação de Katrina com Shannon. Em Los Angeles, Vanessa tentou uma proximidade com a nossa mãe, mas isso só causou danos. Shannon era espinhosa, difícil de lidar, relapsa e a maior parte do tempo, mal intencionada.

Aceitei um copo de cerveja de meio litro porque precisava ingerir álcool para aguentar minha mãe.

Katrina cochichou algo em seu ouvido, a expressão dela foi cômica, imediatamente aprumou a postura e deu a taça de martini para tio Saul, que revirou os olhos em sua célebre expressão *cansado da irmã* e jogou a taça no lixo. Shannon ficou quieta, com o rosto de miss simpatia.

A câmera que estava transmitindo a luta ao vivo passou por nós bem devagar. Dei um sorriso, Katrina ficou tímida e a minha mãe fez a sua pose de atriz poderosa.

Don começou a sua entrada triunfal com a clássica música do Rocky Balboa e a plateia foi ao delírio. Ele deu o beijo de boa sorte em uma dançarina.

— Isso é ridículo. Quero ver quando ele for enlaçado se vai continuar beijando garotas aleatórias para trazer sorte. — Kat revirou os olhos.

— Me dá um beijo da sorte! — Segurei o seu rosto que rindo, me empurrou. — Ele precisa ganhar. Apostei um milhão e vou ganhar três.

Ela pulverizou a cerveja.

— Você só pode ser maluco! — Limpou a boca. — Desculpa, Shannon. Melhor trocar de lugar com tio Saul, eu não fui para a escola de etiqueta, só para a escola de alpinista social — murmurou para minha mãe e soltei uma risada alta que atraiu bastante atenção. — Agora, eu vou beijar o seu filho.

— Você se casou com ele, Kat. Imagino que tenha aproveitado... — Shannon provocou. — Se não aproveitou, é boba.

— *Ah, eu aproveitei* . — Katrina riu. — Mas não o suficiente.

— Vocês duas podem parar? — reclamei e virei o rosto de Katrina. — A luta vai começar. — Dei um selinho em seus lábios. — Meu. — Beijo. — Beijo. — Outro beijo. — Da. — Dois beijos. — Sorte. — Empurrei minha língua em sua boca. — Obrigado.

— Você sabe que vai ter que fazer algo maravilhoso com essa língua mais tarde, não sabe?

— É um desafio, Katrina?

— É sim. — Ela sorriu e piscou. — É melhor que você ganhe. Esse eu não me importo em perder.

A luta foi feroz. Os vinte e cinco minutos mais intensos e estressantes da minha vida, mas valeu a pena cada minuto. Don virou a luta e deixou os minutos finais tão eletrizantes que todos ficaram de pé, gritando suas torcidas. Ele deu um nocaute bonito, de ouvir de longe.

Quando seu oponente não levantou, pulei no lugar. Don teve o braço erguido no ringue e ergui o meu. Ele apontou para mim, a boca cheia de sangue e o rosto inchado, mas o sorriso vitorioso estava lá.

Apesar de ser três e meia da manhã, ainda havia muito o que comemorar. Don e o oponente foram para os vestiários dar entrevistas e eu levei Katrina para minha sala. Minha mãe e tio Saul foram levados para a área surpresa. Era uma festa. Dançarinas, pista de dança, DJ, muita coisa colorida em neon e o verdadeiro significado de diversão para comemorar a vitória.

— Nós vamos ficar? — Kat sentou-se em minha mesa.

— Não quer se divertir? — Abri uma garrafa de água, bebi e parei entre as suas pernas. — Pensei que a srta. Julgadora gostaria de conhecer como eu me divirto.

— Oi? Queridinho! — Ergueu a mão e mostrou a aliança. — A última vez que te desafiei à diversão, minha calcinha acabou na sala e o seu sobrenome no lugar do meu.

— O que pode acontecer? Já nos casamos.

— Tenho até medo, mas sim, vamos nos divertir. — Cruzou as pernas na minha cintura.

— Não vamos ficar muito tempo porque eu quero um tipo de diversão pervertida.

— É mesmo? — Ela sorriu e beijei o seu pescoço, levando a minha boca para o seu ouvido, cochichei o que planejava fazer quando chegássemos em casa e ela ficou toda arrepiada. — Porra. — Seu olhar estava nublado.

Deixar Katrina maluca era a minha nova missão de vida. Com um olhar excitado, descemos de mãos dadas e ela fez uma careta ao ver Everly dentro da área vip, conversando com a minha mãe.

— Devon, querido! Estava conversando com a Everly. — Shannon apontou e dei um aceno. — Sabia que foi ela quem me ligou para contar

sobre o casamento? — Abriu um sorriso. Everly ficou vermelha. — Ela está chateada que você se casou e tentou me jogar contra Katrina.

— Ninguém precisa te jogar contra mim, não é? — Katrina começou a rir.

— A rixa aqui é longa. — Shannon ergueu o copo.

Everly estava tão sem graça que não sabia o que dizer. De todas as coisas, ela não esperava que a boca da minha mãe fosse um problema. Me deu vontade de rir.

Shannon não guardava nada e não defendia ninguém além de si mesma. Ela era torcedora de seu próprio time, egoísta de primeira, as brigas com Katrina não eram novidade. Mais de uma vez Kat tomou as dores de Vanessa e colocou Shannon para correr com o rabo entre as pernas, então, Everly precisaria usar um veneno de cobra peçonhenta para entrar no ringue com elas.

Muda, Everly acenou que iria sair do camarote e acenei em despedida. Eu não podia dizer nada para amenizar sua confusão. Talvez aprendesse a não ser fofoqueira com os assuntos que não lhe diziam respeito. Katrina olhou para Shannon.

— Não se meta no meu casamento ou eu vou contar para todo mundo quantas plásticas você já fez. — Apontou. — Ou a sua idade real. Talvez eu possa fazer uma lista de coisas, sou uma jornalista. Tem um segredinho do seu marido atual com aquelas garotas de programa no hotel do Devon há algumas semanas... lembra?

— Por que eu me meteria? — Shannon se fez de santa.

— Porque eu te conheço. Amanhã à noite você está convidada para jantar conosco, mas, se abrir essa sua boquinha cheia de botox para fazer

Vanessa se sentir péssima ou provocar qualquer situação ruim, eu vou pegar o meu telefone e ligar para todos os meus colegas jornalistas.

Shannon fez um beicinho.

— Tudo bem. — Bufou. — Eu preciso beber. — Se afastou.

Tio Saul começou a rir e olhei com orgulho para minha mulher, que sabia muito bem como botar minha mãe em seu devido lugar. Levei-a para o bar, eu não podia beber mais, mas ela merecia uma bebida para relaxar. Pedi uma mistura colorida com gin e gelo. Ela ganhou uma taça enorme, ficou feliz e deu um golinho.

O problema era que a maioria das minhas festas eram do estilo que Vegas adorava. Com muita bebida e mulher seminua. Várias garotas dançaram ao meu redor e precisei colocar Katrina na minha frente.

Ela deixou claro que tinha ciúmes e pensando bem, se a situação fosse contrária, eu também sentiria. Apesar de ser bem tranquilo em relacionamentos, ao ver um lutador se aproximar de Katrina enquanto ela conversava com Alicia, fiquei com o sangue quente.

Ao longo dos anos, vi muitos homens se aproximando dela, chegando junto para uma ficada e ela até teve relacionamentos, mas foi a primeira vez que senti nas minhas entranhas.

— Eu vou matar o filho da puta. — Dei um passo à frente e Stuart me segurou.

— Enquanto eu tenho certeza absoluta que você sabe bater e é homem o suficiente para ter culhões, acho que ele sabe bater mais do que você. — Stuart me manteve no lugar. Quando ele estava no ringue como Don era um touro, fora dele, o homem mais pacífico do mundo.

— Foda-se.

Katrina riu de algo que o merdinha falou e mostrou a mão com a aliança.

— Eu sou casada — ela falou alto e rindo.

— É uma pena. Se quiser se divertir...

— Ah, caralho. — Bati meu copo na mesa e levantei. Stuart passou os braços por minha cintura. — Se oferecer diversão para minha mulher de novo, eu vou foder a sua cara feia na minha parede! — gritei do meu lugar. O idiota riu e ergueu as mãos, saindo de perto. Katrina voltou para o meu lado. — Ficou dando confiança pro idiota?

— Eu disse que era casada e que a cantada dele era muito ruim. — Deu de ombros, com um sorriso divertido. Seu olhar ficou provocante, passando o indicador na borda do decote. Gostosa.

— Vamos embora.

— Por que? Estava mais divertido quando tinha um monte de bunda querendo dançar ao seu redor? — Me encarou com um sorriso divertido.

— A única bunda que quero esfregando em mim é a sua.

— Fofo. — Sorriu e entregou seu copo para Stuart. — Vamos embora, Devon.

Ainda assim, ela não me chamava de marido. Oh, mulher difícil! Esse jeito determinado, era único. Katrina não se dobrava por nada. Não seria com glamour, dinheiro e ambição que ela mudaria. Por amor e amizade, minha mulher se entregava de corpo e alma.

16 | *Katrina*

Era a segunda manhã que eu acordava com a cabeça pesada, dor no corpo e na cama de Devon. Segunda vez que acordava nua como se tivesse tido uma noite e tanto. A diferença era que lembrava de cada segundo, aproveitei, gozei e gostei muito.

Depois de sairmos da festa da vitória do Don, nós fizemos uma festinha ruidosa e cheia de putaria no quarto. Sexo era infinitamente melhor quando havia prazer mútuo. Nós fomos dormir sete da manhã, tomei banho e desmaiei de exaustão.

Senti um cheirinho de café e virei na cama. Devon estava só de calça de pijama, bebendo café e lendo algo em seu iPad. Me aproximei, deitando a cabeça em seu peito e ele se moveu, de modo que parei entre suas pernas e deitada em seu torso. Ele continuou lendo o que descobri ser um site de notícias, bebendo café e eu fiquei dormindo e acordando por quase uma hora.

— Não vai acordar, preguiçosa? — Acariciou minhas costas.

— Você não está cansado? — Ergui o meu rosto.

— Estou acostumado. — Sorriu. Quis morder as suas bochechas. — Passarinho que acompanha morcego acorda de cabeça para baixo.

— Você me comeu contra a porta, como não está cansado? — Bocejei.

— Pronto para fazer de novo! — Apertou minha bunda.

Saí da cama para ir ao banheiro, usei o sanitário ainda com sono. Escovei os dentes na maior preguiça, preendi o cabelo e procurei uma roupa para vestir, mas estava consideravelmente sem opções.

— Volta para cama, zumbi! — me chamou. Voltei e ele me fez deitar em cima dele. — Precisa criar mais resistência, minha bonita.

— Pensei que o seu amor eram os meus peitos — brinquei e montei em seu colo. — Não posso voltar a dormir. Estou com sono, mas não quero perder o dia. Preciso assaltar o armário da sua irmã porque estou sem roupas.

— Você e a sua mãe precisam comprar algumas coisas. A assistente dos bombeiros entrou em contato com Matt, disse que a equipe fez uma limpeza, separando algumas coisas e eles irão entregar. Não deu para recuperar muito. — Devon estava sério. — A estrutura da casa foi comprometida, não é seguro. Eles devem solicitar a demolição logo que terminarem, porque pode causar acidentes.

Soltei um suspiro.

— Eu pensei nisso, nossa casa era pequena e a chama era tão alta. Imaginei que não seria possível entrar lá. Na verdade, não queria que a minha mãe voltasse lá, fiquei com medo que tivesse um ataque. — Mordi meu lábio.

— É melhor que ela não veja. A previsão de entrega dessas caixas é amanhã ou terça-feira, antes, teremos uma reunião com a equipe de investigação. Agendei lá na empresa. — Sorriu torto e seu olhar desceu para os meus peitos. Cruzei os meus braços, ele riu e puxou, tirando-os do caminho. Ele estava vestido, porém, animado em me ter nua em seu colo, mesmo com um assunto sério.

— Você é incorrigível! — Movi o meu quadril, ele riu e meio que gemeu. — Estamos falando de algo sério e está excitado?

— Está nua sentada no meu colo, tudo que o meu pau consegue fazer é lembrar do quanto você sentou gostoso algumas horas atrás. —

Sorriu. Ele era irresistível sorrindo daquele jeito, maroto, safado. Me inclinei e beijei seus lábios devagar, provocando com a língua. Suas mãos agarraram a minha bunda, moí contra ele e soltei um gemido. — Que delícia, baby.

— *Uhul!* — Ouvimos uma batida na porta. — Dev! Mamãe está entrando... — Shannon cantarolou. Ela girou a maçaneta. A porta estava trancada. — Querido, você está aí?

— Foda-se — ele gemeu, escondendo o rosto no meu pescoço.

— Eu não sei onde está sua irmã! Dev! Abre a porta para a mamãe!

Shannon estava sendo propositalmente irritante porque ela não permitia que os filhos lhe chamassem de mãe. Comecei a rir, ela era uma tremenda filha da mãe quando queria.

— Shannon! Estou nua e montada no seu filho, espera lá embaixo! — gritei de volta. Imediatamente parou de bater. Aparentemente, ela tinha senso de não querer ver o filho com a mulher em cima dele. Ficou um silêncio. — Ela foi embora. O que está fazendo aqui tão cedo?

— Achou mesmo que viria apenas na hora do jantar? Estamos falando da Shannon *Inconstante* Winterfield. Ela faz o que vem na cabeça disfuncional que tem equilibrada em cima do pescoço. — Devon sorriu, mas foi um sorriso melancólico. Mesmo adulto, ela ainda mexia com as emoções dele.

— Se ela veio cedo, não vai ficar para o jantar. — Me movi para sair da cama e ele me segurou. — Sua mãe está solta na sua casa, tem certeza que quer transar agora?

— Falando assim, meu pau se encolheu e não vai aparecer tão cedo. — Fez uma careta e ri.

Vesti uma cueca do Devon, meu short jeans e uma única camiseta limpa, era justa e deu para usar sem sutiã. Encontrei o meu telefone no carro e não sabia onde estava Vanessa, muito menos minha mãe. Devon tentava controlar a mãe na sala, servindo uma dose generosa de uísque e Tio Saul estava brincando com os meus filhotes, rindo, cheio de felicidade.

— Olha só esses pelos, cheios de dobrinhas, daria uma excelente echarpe. — Shannon acariciou Marco.

— Sua pele de cobra também daria uma ótima bolsa — rebati e ela riu, bebendo. — Lembro de ter te convidado para o jantar. — Inclinei a minha cabeça para o lado, analisando. — Não quero que apareça na minha casa antes do horário ou sem convite. Fui clara? — Arqueei a minha sobrancelha para dar muita ênfase. Estava falando sério. Shannon precisava de limites e ela ainda tinha medo de mim.

— Esqueci que você montou no meu filho para ganhar a casa. — Me deu um olhar indulgente.

— Shannon! — Devon se irritou. — O que veio fazer aqui cedo?

— Chegamos depois da hora do almoço. — Fez-se de desinteressada. — Liguei para Vanessa e ela não me atendeu, na verdade, não respondeu nem as minhas mensagens.

Dei uma olhada em meu celular. Vanessa e minha mãe saíram cedo, logo que descobriram que Shannon estava na cidade, elas estavam fora de Vegas e só voltariam à noite.

Em primeiro lugar, fiquei mordida de ciúme que saíram e não me levaram e em segundo lugar, fiquei ainda mais puta que me deixaram sozinha para lidar com Shannon. Enviei um monte de carinha brava e elas sentiriam a minha frieza quando voltassem.

Deixei que Devon ficasse com a mãe e fui para a cozinha.

Preparei alguns petiscos, uma bandeja com frios e pequenos sanduíches com salada, queijo, presunto e mostarda. Voltei para sala e servi. A sorte era tio Saul ser um homem divertido, ele eclipsou o humor irritante de Shannon. Excessivamente mimada, acreditava ser a estrela das estrelas, com o mundo aos seus pés.

Ela quis um tour pela casa antes de ir embora. Devon sumiu com o tio dele antes que pudesse me esquivar da tarefa. Esse era outro que iria me pagar. Eu só fiz porque ele tratava a minha mãe com muito respeito e carinho, não custava nada passear com Shannon mostrando os cômodos.

— Uma casa muito luxuosa. Precisa apenas de uns cobertores de oncinha, uns animais empalhados e uns quadros mais sombrios. Essa casa está muito iluminada e feliz, sinceramente, não sei como aguentam viver em Vegas. Esse calor é insuportável. — Se abanou. Provavelmente o calor dentro de uma casa climatizada se devia à quantidade de uísque que ela bebeu para uma visita social.

Uma hora mais tarde, Devon e eu acenamos para o carro alugado que levaria seu tio e mãe para o aeroporto. Felizmente, eles estariam fora da cidade em duas horas, no máximo.

Voltamos para dentro de casa. Tirei o Polo, que estava roendo o pé da cadeira e peguei o meu telefone, ligando para minha mãe. Ela não atendeu, ciente que estava puta da vida e mandou uma mensagem dizendo que Vanessa dirigiu sem parar, elas estavam em San Diego e só voltariam no dia seguinte.

Provavelmente, Vanessa teve um surto. Ela tinha uma relação horrível com Shannon, era fonte de muitos traumas e milhares de inseguranças. Ela tinha tudo para ser uma garota popular, com uma carreira de sucesso, mas ao contrário disso, não conseguia sair de casa em alguns

dias, de tanta crise de ansiedade. Se eu pudesse, pegava o carro e iria atrás dela.

Me senti mal por estar muito chateada. Eram cinco horas de viagem de carro e uma de avião. Minha mãe saberia como lidar com ela.

— Vanessa não me atende. — Devon apareceu na sala.

— Elas estão em San Diego e voltam amanhã.

— Eu sei onde ela está, tem gps no carro, só estou preocupado... — Parou de andar e suspirou. — Eu odeio quando Shannon aparece. Vanessa fica perdida. — Puxou o cabelo e bati no lugar ao meu lado no sofá. Marco estava deitado em sua cama, roendo um ossinho e Polo roía meu chinelo. Empurrei-o para o lado. — Estamos sozinhos em casa até amanhã, o que quer fazer?

Se eu estivesse trabalhando em alguma matéria, passaria o domingo mergulhada nisso, mas não tinha nenhuma solicitação da revista, o que era bem estranho. Eu não cutucaria mais nada da Pro Valley. Eles poderiam ter incendiado a minha casa como um aviso para ficar longe, não queria que mais nada acontecesse na minha vida.

Acaricieei o cabelo de Devon, observando seu rosto sereno e passei o meu polegar em seus lábios, no furinho do queixo e descansei minha mão em seu peito. Era uma coisa familiar. Uma calma. Algo extremamente incomum entre nós dois e me perguntei se a paz estava começando a reinar entre nós. Era estranho.

Seu telefone tocou e era o seu gerente, precisando falar sobre o evento. Aproveitei que ele foi para o escritório e liguei o meu notebook, mexendo no site da Winterfield, publicando fotografias que os fotógrafos enviaram. Copiei e coleí algumas matérias e atualizei todas as redes sociais

com quase tudo que saiu. Com um pouco de tempo, atualizei meu blog, fiz novas denúncias e dei a minha opinião sobre recentes notícias na cidade.

O site tinha muitos acessos e às vezes, dava muito trabalho filtrar o que não era verdadeiro, as informações repetidas e os engraçadinhos que usavam o espaço para destilar ódio.

Levei umas quatro horas trabalhando na cama. Satisfeita com os resultados da noite anterior, desliguei o meu computador e coloquei o telefone para carregar. Devon entrou no quarto, tirou a calça, diminuiu o ar condicionado e se jogou na cama.

— Quieta — ordenou antes de fechar os olhos.

Comecei a rir porque, no fim, ele estava tão cansado quanto eu. Me puxando para ficar perto, abriu o botão do meu short jeans e eu tirei, jogando ao lado da cama. No escurinho, ficamos abraçados na cama, cochilando, conversando e em algum momento, dormi pesado.

Acordei com o meu telefone vibrando, era uma mensagem da minha mãe informando que estava tudo bem, que Vanessa dormiu depois de passear na praia e ela estava bebendo vinho na varanda do hotel que estavam hospedadas.

Devon dormia, soltando um bufo engraçado com um biquinho nos lábios. Tirei uma foto e gravei um pouco. Com fome, segurei seu rosto e beijei. Eu nunca acordaria uma pessoa no susto, embora ele merecesse. Segurando o meu rosto, devolveu meu beijo, seria um momento lindo se o meu estômago não tivesse roncado tão alto a ponto de ecoar e nos fazer rir.

— Que sair para comer? Sei que não tem nada pronto em casa. — Acariciou a minha bochecha com o polegar.

— Eu quero. Tem alguma sugestão de restaurante? — Me animei. Amava comer fora. Não ter que cozinhar me fazia feliz.

— Podemos comer no hotel. Pierre vai ficar feliz em te ver. Ele puxa seu saco mesmo...

Saí da cama, corri para o quarto de Vanessa e peguei um vestido vermelho simples, longo, com um lascado até os joelhos. Tomei banho, lavei o cabelo e sequei rapidamente, fazendo uma maquiagem simples e me vesti.

Não sabia como iria fazer para reconstruir a minha vida. Tinha dois mil dólares na conta do banco, precisava esperar o salário semanal da minha mãe para sentar e vermos para que lado iríamos. Não moraria com Devon e com Vanessa de graça, não pagar um aluguel era bom, mas eu iria contribuir com a comida e limpeza da casa.

Pronta, decidi deixar para encarar a dura realidade da minha vida e as minhas preocupações no dia seguinte. Naquele momento, eu só queria comer uma boa comida e viver o conto de fadas que eu sabia que não duraria para sempre.

A vida era assim.

Peguei a minha bolsa, saí do quarto de Vanessa e encontrei Devon já vestido, colocando comida para os nossos filhotes. Eles fizeram suas necessidades nos tapetes higiênicos na área, mas tinha diversos pés de cadeiras com marcas de dentinhos.

— Acho que devemos deixar os dois fechados nesse lado da casa ou eles vão destruir as cadeiras da sala. — Fechei a porta que dava para a sala de visitas e puxei as portas de correr da de televisão para a de jantar, assim eles ficariam em uma única área e conteria a destruição.

Dessa vez, Devon dirigiu devagar. Ele estava curtindo o trânsito, Linkin Park berrava Numb no rádio, sua mão estava na minha coxa.

Acariciando com calma, fiquei arrepiada com o toque e relaxei no banco, aproveitando o momento.

Pegamos um pouco de engarrafamento antes de parar na avenida principal em frente ao hotel onde trabalhei no cassino e que o escritório ficava na torre. Ao sair do carro, o manobrista abriu a minha porta e Devon segurou a minha mão, entrelaçando os nossos dedos. Andamos lado a lado, sem pressa.

O restaurante estava relativamente ocupado, havia uma mesa reservada para nós dois em um lado mais calmo, próximo ao piano, mas não estava muito alto, o que era bom para conversar. Ele puxou a minha cadeira, sentou do outro lado e o garçom se aproximou.

Fazia muito tempo que não era levada para jantar. Meus dois últimos namorados não eram muito de encontros ou nunca podiam, se eu quisesse sair para jantar, era minha iniciativa e estava descobrindo que havia uma parte muito boa em ser mimada. Devon pediu meu vinho favorito.

— Pensei que não soubesse qual era o meu vinho predileto.

— Acho que sei mais coisas sobre você do que um dia percebi. — Deu de ombros com um sorrisinho.

— Andou de olho em mim, Devon? — Me inclinei sobre a mesa e o beijei suavemente nos lábios.

— De alguma forma, estava sempre na minha atenção. Sempre ficava de olho nos vestidinhos curtos que usava e maluco com essas pernas de fora. — Mordeu o meu lábio devagar, do jeito gostoso que me deixava excitada. — Você ficaria comigo se não fosse aquela noite louca?

— Acho que não, você me irritava. Ainda me irrita, para falar a verdade. Depois que voltei, não parecia certo. — Dei-lhe uma bitoquinha.

— Nosso desafio ainda não acabou.

— Não mesmo, ainda tenho muito a ganhar. — Sorriu contra a minha boca.

Voltei para o meu lugar e bufei. Peguei o meu guardanapo de linho, coloquei no colo e bati palmas quando Pierre saiu da cozinha empurrando um carrinho. Ele estava trazendo o nosso jantar pessoalmente. Parando do nosso lado, fiquei de pé e o abracei devagar, com cuidado para não grudar cabelo em sua roupa.

Devon o cumprimentou também e me sentei para que Pierre pudesse apresentar os pratos que escolheu para o nosso jantar.

— Senti sua falta, Kat. Não me deixe sozinho. — Ele colocou a mão no coração e virou para Devon. — Com todo respeito, Devon. — Piscou. — Eu pensei que vocês me pediriam para fazer um delicioso bolo de casamento.

— Foi algo bem clássico de Vegas, Pierre — Devon explicou e me deu um olhar intenso. — Quem sabe quando fizermos uma festa? Provavelmente será em seis meses. — Sorriu torto.

— Seis meses? Maravilha! Farei o melhor bolo! — Pierre se animou e seu assistente sinalizou. — Tenho que voltar para a cozinha, apreciem o jantar e felicidades para as minhas duas pessoas favoritas.

O primeiro prato que eu provei foi salmão flambado com um molho delicioso, em seguida, comi quase todos os camarões do risoto que Devon estava comendo. O próximo prato quentinho era uma sopa de legumes cremosa e lagosta. Nós estávamos comendo tudo fora de ordem, ignorando o que era de entrada ou principal, apenas comemos e provamos a escolha um do outro.

A sobremesa foi servida, pedi um pudim com a cobertura caramelizada e ele um bolo de chocolate.

Uma mulher ocupou o lado do pianista e começou a cantar *Come Away With Me* da Norah Jones. Sua voz era rouca e suave, o piano acompanhou com romantismo e com toda meia luz do restaurante, Devon ficou de pé e me convidou para dançar. Minhas bochechas ficaram do tom do vestido, mas aceitei, deitando minha cabeça em seu peito conforme ele me embalava em seus braços.

— Está tentando me amolecer?

— Estou conseguindo, esposa? — retrucou baixinho.

— Não muito. — Sorri.

— Eu sei, você é uma mulher muito difícil. — Beijou a minha testa.

— Não sou difícil. — Fiz um beicinho. — Só sou diferente.

— Você é única. — Me deu um beijo e a música acabou. — Vamos para casa? — Seu olhar intenso encontrou o meu e de repente, ir embora com ele era tudo que eu mais queria na vida.

— Sim, vamos para casa.

Peguei a minha bolsa e andamos de mãos dadas para a saída. Devon parou para falar com o seu gerente, era impossível passar no trabalho sem trabalhar um pouco. Na entrada, o carro estava se aproximando devagar na fila que parava na frente do hotel e fui surpreendida com um flash forte. Devon me cobriu com seu corpo.

O carro chegou e cobri meu rosto porque mesmo após a intervenção do segurança, o fotógrafo continuava disparando com a câmera. Era estranho pensar que alguém do hotel contou que Devon apareceu para jantar.

Nós entramos e saímos pela porta da frente porque não havia motivo para se esconder, mas, com a notícia do casamento “surpresa” e o evento da noite anterior, a imprensa estava meio interessada. Principalmente porque Devon comprou a Arena e estava investindo em lutas, ele já tinha cassinos, hotéis e boates. O homem estava disposto a ser um megalomaniaco de primeira.

Em casa, tirei as sandálias e subi as escadas enquanto ele lidava com a bagunça dos filhotes. Em seguida, subiu com os dois, colocando para dormir na pequena sala que ficava entre os quartos. Ele os colocaria para dentro do quarto se não estivesse disposto a fazer coisas que não era permitido na frente dos filhos. Sorrindo feito um bobo, segurou a barra do meu vestido e puxou para cima, tirando completamente.

Suas mãos passearam pelo meu corpo como se eu fosse preciosa. Seu toque era tão gentil e apaixonado, que mesmo com carinho, me encheu de desejo por ele, estava louca para ter a sua boca em mim.

Deitei-me na cama, ficando apoiada pelos cotovelos e o observei tirar a roupa. Não havia pressa naquela noite. Era exploração mútua, construção de um prazer intenso que ondulava da cabeça à planta dos pés, ao ponto de curvar os dedinhos.

Olhos nos olhos, boca na boca – e em outros lugares, mãos unidas e uma dança apaixonante na cama. Ficamos abraçados no fim com as nossas respirações se acalmando e os lábios em um beijo que me fez crer que Devon estava me invadindo sem controle.

Se continuássemos naquele ritmo, ele venceria o desafio. Eu me curvaria a ele, não só em reconhecimento de sua vitória, como entregando o meu coração de bandeja em uma completa paixão.

17 | *Katrina*

Segunda era o meu temido dia, fui acordada com beijos suaves e café da manhã na cama. Devon me surpreendeu com a atitude doce. Ele fez panquecas, bacon, salada de frutas e suco de laranja fresquinho. Provando que me conhecia mais do que dei crédito, preparou uma caneca de café forte e uma com café e leite para que eu pudesse deixar do jeito que gostava.

Decidi que ele merecia um agradecimento adequado. Comecei a me arrumar para o trabalho no quarto de Vanessa, já me sentindo irritada por mexer nas coisas dela, sem estar com minhas roupas e cheguei a sentar na cama para me acalmar, sem permitir que as lágrimas caíssem.

— Chegamos! — Vanessa entrou no quarto com alegria e parou quando me viu quase chorando. — Ei, o que houve? — Se aproximou rapidamente. — Me desculpa. Quando acordei e vi a mensagem, percebi que não estava no clima para aturar Shannon, apenas surtei, acordei a sua mãe e saímos. Desculpa.

— Está tudo bem, precisamos conversar depois sobre isso ou me prometa que vai conversar com a sua terapeuta sobre o que sentiu. — Nos abraçamos apertado. — Estou apenas chateada com tudo que preciso enfrentar hoje, por estar usando suas roupas e por não saber por onde começar a resolver os meus problemas — falei com o rosto escondido em seu ombro.

— Você é forte, uma das mulheres mais destemidas que eu conheço e tudo vai se resolver. Estou do seu lado, só não irei trabalhar hoje. — Me

afastei, confusa. — Devon me pediu para resolver um monte de coisas e aí não vai dar para ir ao escritório. — Revirou os olhos.

Vanessa era sócia do irmão em vários empreendimentos, às vezes, ele precisava que ela assinasse algo.

Fiz um beicinho por ficar sozinha no trabalho e voltei a me arrumar. Ao terminar, encontrei a minha mãe rindo e tomando um café com Rosa. Ela me abraçou apertado, me deu um beijo na bochecha e disse que apesar de tudo, foi uma boa viagem. Fazia uns meses que não íamos à praia e ela ficou feliz em molhar os pés no mar, apenas isso me deixou bem melhor.

— Eu vou com você para me reunir com os bombeiros também. Quero saber tudo que irão falar — avisou e foi pegar a bolsa.

— Está pronta? — Devon entrou na cozinha. Ele estava charmoso com um blusão social cinza, jeans e sapatos. Deu uma voltinha e segurei a vontade de apertar sua bunda. — Estou bem?

— Quase. Precisa se esforçar um pouco mais. — Dei de ombros, me fazendo de indiferente.

Devon se aproximou, parou atrás de mim e tirou o meu cabelo do caminho, beijando meu pescoço e cochichando que não muito tempo atrás, eu disse que ele era lindo, gostoso e ainda gozei. *Maldito*. Dei-lhe uma cotovelada, peguei a minha bolsa e fui para a garagem. Rindo, apertou a minha bunda e me pressionou contra o carro. Nós nos beijamos, desci minhas mãos para sua bunda e apertei.

— Eu não preciso presenciar isso — mamãe reclamou.

— Desculpa, Melanie. Katrina me atacou. — Devon se afastou e ajeitou a blusa.

— O quê? Mãe! É mentira! — reclamei e abri a porta do carro. Ela estava rindo. — Entre no carro, Sra. Summer. Temos um longo dia pela

frente.

Com a minha mãe no carro, ele se comportou como um motorista educado. Apesar do trânsito, nós chegamos dez minutos antes do horário. B1 e B2 estavam na sala, tomando café e atualizando as redes sociais da Winterfield com mais fotos que saíram depois que atualizei no dia anterior. Apresentei minha mãe, eles foram todos educados, falando que ela parecia minha irmã, que era linda.

Melanie Summer amava receber elogios e ficou toda lisonjeada.

— Vocês estão dando em cima da minha sogra? — Devon entrou na sala com umas pastas.

— Não, senhor — Bruno foi o primeiro a responder. — Apenas disse que era linda e parecia irmã e não mãe da Kat. Com todo respeito.

— E quem te autorizou a chamar a minha mulher por apelido?

— Eu deixei, pare com isso — falei do meu lugar. — Alguma coisa?

— Marcus já chegou, ele tem algumas informações e quer preparar vocês duas.

Nervosa, o segui, secando as mãos suadas na calça jeans. Entramos na sala do Devon e fomos apresentadas ao bonito advogado que nos aguardava.

Matt era de meia idade, com cabelos grisalhos atraentes e foi excepcionalmente simpático com a minha mãe, que estava deslumbrante com um simples vestido preto, sandálias plataformas de salto médio e os cabelos soltos, bem escovados.

Minha mãe me teve com dezesseis anos, ela iria completar quarenta e três no final do ano.

— Podemos começar? — Devon puxou uma cadeira para minha mãe e em seguida, para mim, mas ao seu lado, tão próximo que nossas coxas ficaram coladas. — O que tem para nós?

— O seguro concluiu a investigação, assim como os bombeiros. Eles definiram que foi um incêndio criminoso... — Matt começou a falar e segurei a mão da minha mãe. — A polícia foi acionada.

— O seguro vai nos processar devido ao débito? — Mamãe se adiantou.

— Não há mais débito. — Matt soou confuso.

— Como assim? Nós não pagamos nada... e nem temos como fazer isso imediatamente — comentei e mordi o lábio, com a ansiedade fazendo o meu estômago doer.

— Eu paguei — Devon falou e senti que o chão podia me engolir.

— Por que você fez isso? — falei baixo, temendo que a minha crise me fizesse surtar. — Não te pedi para pagar nada! Devon, isso é demais!

— Não surte antes de me ouvir. — Ele segurou a minha mão e quase puxei. — Eu sei como seguros funcionam, eles costumam procurar qualquer motivo para incriminar e se isentar de agir como devem. Por causa de algumas parcelas, eles anulariam tudo que vocês pagaram ao longo da vida. Era um valor alto para vocês, mas não para mim, eu fiz porque precisavam de ajuda.

— Por que não me falou nada?

— Achei que você iria me matar. — Me deu um sorriso torto.

— Tem toda razão! Vou te matar! Eu nunca aceitei dinheiro seu ou da sua irmã, passei a minha vida inteira sendo acusada de estar perto dela por dinheiro e eu não queria... que o desafio e o casamento nos levasse a isso. Ao dinheiro. É uma questão muito delicada para mim. — Olhei em

seus olhos. Não queria brigar, mas aquilo era muito além do que permitia qualquer pessoa fazer. Uma coisa era me pagar um jantar, outra era pagar a dívida da minha família.

— Nunca pensei isso de você ou da sua mãe. Vocês acolheram Vanessa e deram a ela a amizade e amor de mãe que eu não podia dar. Eu fiz pela amizade incondicional até nos piores momentos da minha família, por favor, não foi pelo desafio. Aceitem a minha ajuda.

— Nós conversaremos sobre isso em família — mamãe nos interrompeu e virou para o advogado. — O que aconteceu exatamente? Ainda não entendi porque a polícia será envolvida.

— Foram encontradas pegadas masculinas no quintal dos fundos, marcas de pés no muro e acharam o começo do incêndio. Foi na cozinha. Molharam o tapete com gasolina, a chama rapidamente subiu pelas cortinas da janela, se espalhando por todo material inflamável disponível — Marcus explicou e o meu estômago torceu. Apertei os dedos de Devon tão forte que ele me olhou. — Foi intencional.

— Meu Deus! Quem poderia fazer algo assim? — Mamãe levou as mãos à boca.

— Nenhuma ideia? A polícia vai fazer muitas perguntas e envolver a perícia. Eles eram incrivelmente insistentes. Se têm algo a dizer, precisamos nos preparar antecipadamente. — Matt apoiou as mãos na mesa.

— Katrina? — Mamãe virou e ao me ver pálida, arregalando os olhos. — Você tem algo a dizer?

— Eu estava investigando uma empresa de saneamento básico da cidade e um dia antes do incêndio, um advogado me abordou aqui e fez umas ameaças bem claras, para que eu me afastasse — falei sem olhar para os lados. Matt imediatamente começou a fazer perguntas e anotar, quando

disse que tinha a filmagem do momento, ele quis ver e me fez repetir as mesmas palavras, que estavam anotadas na minha agenda.

— É o quê? — Devon explodiu. — Por que não me falou? — Ele estava lívido.

— Você também não me contou tudo. — Dei de ombros, disfarçando o quão temerosa estava. Minhas mãos estavam tremendo.

— Quer comparar pagar uma dívida com uma ameaça de morte? — Devon virou na cadeira, me encarando com incredulidade. — Isso é muito sério, Katrina!

— Eu parei de investigar, não mexi em mais nada e não procurei mais ninguém! Eu juro!

— Isso não quer dizer nada! — ele rebateu. — Como ele poderia saber? Ele ameaçou e cumpriu, nós deveríamos ter ido à delegacia imediatamente e ter feito uma denúncia! Deveria ter reforçado a segurança! Quanta coisa poderia ter acontecido...

— Não! A polícia vai até eles, e se fizerem algo mais? Tem que deixar isso de lado, fingir que nada aconteceu, assim eles vão me esquecer! E se uma investigação causar ainda mais dano? Estou com medo!

— Ficou com medo escondendo isso de mim? E da sua mãe? Tenho certeza que Vanessa sabe disso, porque agora faz todo sentido ela estar toda preocupada com a sua segurança na rua! E eu pensando que era por causa do seu ex-namorado... — Devon puxou os cabelos. — Caramba, Katrina! Quanta irresponsabilidade!

— É o quê!? — gritei.

— Chega! Vocês dois! Parem! — mamãe interferiu. — Vocês dois estão me enlouquecendo!

Furiosa, fiquei calada, de braços cruzados e sendo infantil, me afastei dele. Quando a polícia chegou com a equipe investigativa dos bombeiros e um representante do seguro, falei apenas nos momentos necessários. Dei o meu depoimento meio contrariado, eu estava apavorada que uma empresa tão poderosa quanto a Pro Valley nos arrastasse para uma espiral de acusações e retaliações.

— Nós encontramos uma digital parcial na janela da casa. — A policial abriu uma pasta. — Soubemos que você teve um relacionamento com esse homem. Nicholas Rojas.

— Sim, por alguns meses e nos conhecemos há muitos anos.

— Ele pode ter ido à sua casa?

— Não sei. Eu terminei com ele há algumas semanas... nós tivemos um desentendimento por conta de violência tanto nas palavras quanto fisicamente. Ele é um dos suspeitos?

— Acredita que ele poderia incendiar a sua casa como retaliação pelo fim do relacionamento?

— Ele é complicado. — Suspirei, cansada e olhei para Devon.

— Assim que obtiverem mais informações, estamos à disposição. Acho que podemos encerrar aqui. — Devon finalizou a reunião, cartões de contato foram distribuídos e todos, exceto minha mãe, saíram.

Ela virou a cadeira e me deu um olhar conflituoso, me puxando para um abraço. Seu toque sempre me acalmava, seus braços eram o meu porto seguro.

— Me promete que não vai fazer nenhuma besteira? — falou baixinho. — Nossa casa foi incendiada, filha. Foi por ódio. As duas opções são ruins e eu só tenho você na minha vida.

— Eu não vou fazer mais nada, mãe. Não posso colocar nenhuma pessoa que eu amo em risco apenas por uma ambição profissional. Vocês são mais importantes que tudo — garanti e ela apenas segurou meu rosto, dando um beijo na minha testa.

Devon avisou que um motorista de confiança iria levar a minha mãe para casa, mas ela já estava mexendo em seu telefone e sem me falar com quem estava trocando mensagens. Me despedi dela no elevador com um abraço e um beijo, assim que as portas se fecharam, o outro elevador parou e abriu as portas. Everly saiu de dentro dele como se fosse dona do lugar, tirou os óculos e os guardou em sua bolsa Prada lindíssima.

— Não cheguei antes do horário, certo? — ela falou com um sorrisinho irritante.

— Está no horário certo. — Devon retrucou e me olhou. — Falamos depois, ok?

Dei as costas sem responder. Ele pagou as minhas dívidas, não sabia explicar a raiz da minha chateação, mas eu estava com vergonha e me sentindo incrivelmente frustrada. Voltei para minha mesa de trabalho, B1 e B2 colocaram um monte de coisa em cima dela, matérias que foram publicadas, notas que precisavam de uma resposta e a assessoria de imprensa lotando o e-mail.

Abri o meu outro e-mail de trabalho, havia uma única mensagem do jornal e era uma dispensa dos meus serviços como freelancer. Eles depositaram todas as horas excedentes que me deviam e agradeceram o meu tempo de trabalho, afirmando ter encontrado uma pessoa para posição fixa e que o meu relacionamento publicamente confirmado com um Winterfield era um conflito de interesses com o setor de entretenimento que eu trabalhava.

Tudo que senti foi decepção.

Deitei a minha cabeça na madeira fria da mesa e fiquei alguns minutos reunindo os meus pensamentos, jogando os sentimentos para o fundo da minha mente. Se parasse para pensar no quanto aquele e-mail abalou as minhas estruturas, teria uma crise de choro no meio do meu expediente de trabalho.

Casada ou não, precisava de um emprego. Com um nó na garganta, trabalhei o dia inteiro, não saí para almoçar, belisquei um cookie com café no meu lugar, me despedi dos meus colegas de trabalho e o dia anoiteceu, a sala ficou escura e segui digitando.

— Você quer ganhar hora extra? — Devon parou na soleira da porta e cruzou os braços.

— Pelo visto, sim. Vou precisar para pagar a dívida que tenho com você — rebati e ele suspirou.

— Você não tem uma dívida comigo! — Se aproximou. — Você é a única mulher que não aceita uma ajuda quando precisa. E se for como um presente de casamento?

— De cem mil dólares?

— Qual o problema? Sua aliança mais do que isso. — Apontou e congelei. Estava andando com aquela coisa sem nenhum cuidado.

— O que você quer dizer? — Olhei para o anel. — Você nunca me explicou porque tinha uma aliança no cofre. Pretendia pedir alguém em casamento?

— Um dia, em um futuro hipotético, sim. — Sorriu torto e sentou na pontinha da mesa. — Essa aliança de casamento pertenceu a minha avó. Shannon herdou, vendeu e eu comprei de quem ela vendeu. Guardei no meu

cofre porque essa aliança está na família há três gerações e eu não queria que fosse perdida.

— Nossa, Devon! É melhor guardar!

— Não. Ela seria da minha esposa e é o que você é. Só tomar conta direitinho, garantir que nunca saia do seu dedo e estou falando... — Se inclinou e parou centímetros dos meus lábios. — Nunca mesmo.

— Se você ganhar. — Dei um bitoquinha rápida e me afastei antes que me pegasse em um bom beijo. — Estou cansada. Me leva para casa?

— Quer uma massagem e uma boa comida?

— Você está querendo me amolecer?

Desliguei o computador, peguei a minha bolsa e quando ele segurou a minha mão, não soltei. Apenas entrelacei os nossos dedos. Ao chegar em casa, precisava de um momento sozinha. Devon disse que iria verificar o que tinha para o jantar e apenas assenti, tirei os sapatos, entrei no quarto dele e fui tirando a roupa.

Ainda não estava com cabeça para falar com ninguém. Entrei no chuveiro e chorei a maior parte do tempo, deixando que a água lavasse as minhas lágrimas. Qualquer coisa diria que ao remover a maquiagem causou a irritação nos olhos. Não gostava que me vissem em meus momentos de fraqueza.

Vesti uma cueca de Devon, peguei uma camiseta dele, fiquei de cabelos molhados e rosto limpo. Desci a escada e ouvi os ganidos dos meus filhotes. Eles estavam latindo um para o outro, disputando uma bola que Devon jogou, divertido. Ele estava bebendo uísque, na sala escura e me aproximei.

— Rosa foi para a casa de uma amiga. Minha irmã está lá em cima com a sua mãe, daqui a pouco vão descer.

— Eu vou lá...

— Não, vem aqui. — Me puxou para o seu colo. — O que aconteceu mais cedo foi estranho. Espero que não esconda coisas tão sérias assim de mim. Assumo que não entendo totalmente porque ficou tão chateada comigo sobre quitar suas dívidas, mas eu vou tentar entender e não fazer de novo sem falar nada.

— Não sei como na sua mente você não vê o tamanho do absurdo.

— Tudo que estamos vivendo é uma mentira? É falso? — Segurou o meu queixo e virou delicadamente. — Estamos dormindo juntos.

— Isso é sexo. — Minimizei. Não era só sexo. Sabíamos disso.

— Sexo muito gostoso, mas pelo que entendi, somos casados. Pessoas casadas se ajudam, em algum momento, espero que me ajude. — Me deu um beijo suave nos lábios. — Por que chorou no chuveiro?

— Os motivos são muitos: bebi demais, casei com o irmão da minha melhor amiga, meu ex-namorado se mostrou ser um psicopata, encontrei a minha chance de ser jornalista, mas fui ameaçada, tive a minha casa incendiada e ainda por cima, estou com medo, tanto faz se foi o Nick quanto a Pro Valley. — Meus olhos encheram-se de lágrimas novamente. — Ainda fui demitida do jornal por causa do nosso casamento. Ou seja, sem matéria, sem extra, sem a minha oportunidade de um dia ser uma jornalista. Sinceramente, não sei porque está tudo dando errado.

— Está enxergando apenas o lado negativo, tenho certeza que há coisas positivas na sua vida. Nosso casamento é um desses pontos. — Beijou a minha bochecha e sorri. — Você chegou a descobrir algo realmente interessante sobre a Pro Valley?

— Não que eu tenha entendido. Acho que eles me viram lendo os registros, fazendo perguntas por aí, já levantaram as suas defesas. Em todo

caso, tem algo realmente ruim e que daria uma boa denúncia, independente de uma matéria. A questão é que agora... por que eu faria isso? Colocar todos vocês em risco?

Devon acariciou meu queixo.

— A Katrina que eu conheço não é de desistir fácil. Não estou te incentivando a fazer uma besteira, mas talvez você precise encontrar um meio de continuar clandestinamente. Se precisar da minha ajuda... — Beijou a minha bochecha.

Vanessa desceu a escada lateral fazendo uma barulheira. Ela deu pulinhos no lugar, com um sorriso enorme e me pegou pelas mãos, puxando de forma brusca. Quase caí no chão, tropeçando para acompanhar e Devon nos seguiu, rindo.

O sorriso dela chegava a ser assustador. Estava suada, com a franja bagunçada e a roupa desalinhada. Subi atrás dela e antes de entrar no quarto de Devon, parou e cobriu os meus olhos. Empurrada para dentro, ouvi sons de portas correndo.

— Abra os olhos! — Vanessa orientou e eu estava no meio do closet. — Então, você sabia que tem outro closet aqui dentro?

— Não.

— É o closet da esposa do antigo dono. Devon deixava fechado e vazio, então... — Ela correu até a porta e abriu. Minha mãe estava lá dentro e estourou uma serpentina em mim, rindo. — Seu novo armário! Não tem muita coisa porque eu sabia que você me mataria, mas tem o suficiente para retomar a vida, ir trabalhar e aos poucos você vai preenchendo conforme os seus gostos.

— Vocês duas não podem ficar juntas! Mãe, como você deixou que isso acontecesse?

— Devon queria te fazer uma surpresa. Achei fofo. — Ela deu de ombros.

Era um closet bonito, com o tom de madeira mais claro que o dele, com mais espaço, provavelmente era o armário do quarto ao lado que foi desfeito e ficou como uma espécie de sala bem ampla.

A porta era discreta e para entrar nele, precisava passar pelo de Devon. As roupas eram lindas, dentro do meu estilo, alguns sapatos de salto, tênis, vestidinhos e camisetas coloridas. Vanessa decorou com girassóis, colocou um painel de fotos minhas ao fundo e espalhou a minha maquiagem na penteadeira com as gavetas de acrílico.

— Obrigada! — Abracei Vanessa bem apertado.

— Vou servir o jantar, essa coisa de arrumar esse armário me deixou faminta — mamãe comentou. — Ainda tenho que deixar o meu uniforme pronto para amanhã. Vou voltar em um plantão de vinte quatro, se comportem na minha ausência.

— Vou com você, Mel. Devon está sinalizando para sair — Vanessa comentou rindo e virei para ele, que fez uma careta para a irmã. Ela saiu correndo.

— Queria ficar sozinho comigo? — Passei minhas mãos em seu peitoral e cruzei meus dedos em sua nuca. — Obrigada por providenciar uma surpresa, mesmo quando passei o dia inteiro te ignorando.

— Eu também fiquei com raiva. Pedi que fizessem antes de brigarmos no trabalho. — Sorriu e me deu um beijo. Eu entendia a necessidade. Era recíproca. Queria beijá-lo o tempo todo. — Você gostou?

— Hoje, você venceu em tudo.

Ele me deu um sorriso vitorioso.

— Amanhã serei menos fofo e vou te deixar ganhar — garantiu e ri.

— Obrigada pela consideração, meu adorável oponente.

— *Marido* — me corrigiu e ri.

— *Oponente* — brinquei e fiquei na ponta dos pés para beijá-lo melhor.

OceanofPDF.com

18 | *Devon*

Meu oponente parecia satisfeito demais. Sua mão deveria ser boa, mas eu duvidava que fosse melhor do que a minha. Por um momento, perdi a minha atenção no jogo porque a minha esposa estava andando entre as mesas, conversando com os convidados. Perdi a minha cabeça ao vê-la soprar um conjunto de dados com um sorriso.

Aquele velho parecia muito feliz. Imbecil. Sinalizei para ela voltar para o meu lugar e não ficar bancando a simpática com os clientes que ela conhecia. Voltei minha atenção ao jogo e sem paciência, entreguei as cartas. Foda-se. Joguei as minhas fichas e levantei.

Ela olhou para trás e começou a se afastar, ziguezagueando pelo salão. Se eu ia para um lado, ela corria para o outro, botava um crupiê na minha frente e ria. Seu humor estava me enlouquecendo!

— *Katrina Winterfield, venha aqui agora!* — falei entredentes. Ela riu e se afastou ainda mais, usando um curto vestido vermelho brilhante, passeando pelas mesas do cassino. Parou em uma de blackjack e deu um beijo da sorte em um jogador que pareceu muito feliz. — *Se você beijar mais alguém, eu vou te jogar nos meus ombros.* — avisei, tentando alcançá-la.

Ela me ouviu muito bem, riu, soprou um beijo e se afastou ainda mais. Maldita mulher linda! Dei a volta em uma das mesas em passadas largas e finalmente a alcancei.

— Te peguei, safadinha. — Segurei-a pela cintura.

— E vai fazer o que comigo? — Mordeu o meu lábio. Apertei o botão do elevador e a empurrei para dentro. Agarrei sua bunda, erguendo do

chão e pressionei contra a parede de espelhos do elevador. — Vamos para sua sala? Eu quero você. Quero agora — gemeu contra minha boca.

Chegamos no último andar, que estava vazio devido ao horário. Aos tropeços, destravei a porta da minha sala desajeitadamente e entramos. Caímos no sofá aos beijos. Nem parecia que ela estava me tirando do sério desde que abriu os olhos naquela manhã.

Katrina dominava a arte de ser irritante, cabeça-dura e muito, mas, muito teimosa. Passamos as últimas duas semanas disputando coisas realmente estúpidas, até quem gastava menos gasolina. Ela sempre perdia. Bertie, depois que voltou do mecânico, bebia mais que um escocês com sede. Além do fato de que ela se recusou a aceitar minha ajuda e fez um conserto paliativo. Ele iria parar em breve e eu iria ganhar mais um desafio.

Esse jogo parecia nunca ter fim.

Estava tudo bem porque sempre terminávamos daquele jeito. O meu jeito favorito.

Ergui seu vestido, tirando a calcinha e afastando os joelhos. Lambendo os meus dedos, toquei seu clitóris, massageando e ganhando um olhar safado com uma mordida de lábio inferior. Meu pau estava duro, pronto para ação, mas ela ainda precisava de mais lubrificação.

Me beijando, colocou uma de suas pernas na minha cintura, com seu salto cutucando a minha nádega. Meus dedos estavam explorando sua boceta maravilhosa, logo ela ficou molhada o suficiente e me pediu para pegar a camisinha.

Sexo gostoso no sofá do meu escritório era muito bem-vindo.

Tirei a minha carteira do bolso, pegando um pacotinho e a entreguei. Abri a minha calça, sem pudor nenhum de literalmente ficar à meia roupa

para foder a minha mulher. Katrina gemeu alto. Rebolando contra as minhas estocadas. Podia sentir que ela estava cada vez mais perto.

Sempre que gozava, era melhor que a última vez. Ela me surpreendia a cada encontro. Suas unhas afundaram nos meus braços, tremendo em seu orgasmo. Toda aquela perseguição idiota e as brigas o dia inteiro me deixaram excitado.

Me deixei levar, gozando e beijei sua boca com todo meu tesão.

— É, você me pegou gostoso. — Suspirou e sorriu. — Safado.

— Você me atenta, Katrina. — Beijei seu queixo.

— Assoprei alguns dados, como você pode se importar com isso?

— Eu não me importo com os dados, me importo com quem estava jogando e com o fato de que ele queria o seu assopro só para me irritar.

— Bem, nós transamos. Acho que não me importo. — Deu de ombros, rindo. — Agora, saia. Tenho que ir ao banheiro me ajeitar. Vamos voltar para a festa? — Saiu do sofá direto para o banheiro do escritório.

— Não quer ir para casa continuar fodendo? Eu prefiro. — Tirei a camisinha... merda. — Kat! A camisinha está pingando...

— O quê? — Ela voltou imediatamente. — Ai meu Deus! Devon! Temos que comprar uma pílula do dia seguinte agora!

— Você já tomou isso antes? — Joguei a camisinha fora e fechei a minha roupa.

— Não. Uma camisinha nunca furou. Você não colocou direito na pressa e agora, pode ter um resultado em quarenta e duas semanas. Eu dispenso, obrigada. — Colocou as mãos na cintura. — Eu vou ao banheiro, vamos passar em uma farmácia e nunca mais vamos transar!

Katrina quase me empurrou para fora da sala. Descemos em silêncio e eu estava tentando a não parar na farmácia. Parecia uma atitude desesperada para uma possibilidade.

— Tem certeza de que quer tomar essa bomba de hormônio?

Ela virou no banco como se fosse a boneca do exorcista.

— Claro que sim! Você quer ter um bebê? — Alterou a voz e suspirei. Ela estava histérica.

— Não quero ter um bebê assim, mas eu não acho que você tenha engravidado. Às vezes não deu em nada e aí você vai tomar o que todos dizem que faz muito mal. Sempre que acontecer, vai tomar a pílula? E se isso prejudicar tentativas de bebês no futuro?

— Eu não sei se bato com a minha cabeça no vidro ou bato a sua. Nos casamos tem um mês e eu vou completar vinte sete anos, minha casa pegou fogo e eu não tenho dinheiro. Não é porque você é rico que eu vou ter um filho! — gritou e percebi que suas mãos tremiam. — Minha mãe teve um bebê na adolescência, meu medo de ter filhos é o mesmo de quando tinha a idade que ela me teve. Meu pai foi embora do nada, ele nem se despediu dela, no começo, ela achou que ele voltaria. Ele nunca voltou. Sabe o que minha mãe passou para me criar?

— Ok. Eu não quero te ofender. — Não desviei os olhos do trânsito. Senti que se a encarasse, ela avançaria em mim. — Não sou seu pai. Eu jamais seria esse tipo de homem. Meu pai é casado e tem filhos, eu fui fruto de uma traição e Vanessa nem sabe quem é o pai. Eu duvido que Shannon saiba quem é o pai dela, enfim, o que quero dizer é que se existe algo que eu jamais faria na minha vida, seria abandonar um filho.

— Ah, que lindo! — Me deu um beijo e agarrou a minha orelha. — Mesmo assim, não quero ter filhos!

— Agora ou nunca? — perguntei hesitante.

— Agora! Um dia eu vou ter filhos, de preferência, quando sentir que é o momento ou no mínimo que ele não seja feito em uma rapidinha no sofá do escritório. — Bateu no meu braço. — Pare na farmácia!

— Eu vou mandar entregar em casa, não quero ninguém te vendo comprando pílula do dia seguinte. Nunca se sabe onde tem um filho da puta fofoqueiro.

— Obrigada. Não pensei nisso.

— Sempre penso em tudo — provoquei e fui ignorado.

Eu pensei que ela se acalmaria, mas eu estava enganado. Afinal, o que sabia sobre as mulheres? Katrina fazia parecer que caí no mundo de paraquedas um dia antes de ficarmos juntos.

— Meu Deus! Você pegou a minha calcinha? — Arquejou e quase bati com o carro com a maneira que falou. Parecia que alguém iria pular na pista. — Estou sem calcinha. Ela está no seu bolso?

— Não peguei, você me expulsou da sala quase com o pau de fora — reclamei e desviei do caminho lento, acelerando pela pista escura e vazia.

— Ai que vergonha! A limpeza vai chegar e ver uma calcinha lá, vão me chamar de promíscua.

— Provavelmente vão te chamar de corna, mas isso não vem ao caso — brinquei e ganhei um soco no braço, continuei rindo de seu ataque até que cansou, ficou de beicinho e braços cruzados, olhando para a janela. Ao chegarmos em casa, mal parei o carro na garagem, saiu e ainda bateu a porta. — Calma, amigo. Ela está furiosa comigo. — Acariciei o volante e saí atrás dela.

Furiosa, rebolava ainda mais.

Marco e Polo deveriam estar no quarto de Vanessa, ela mimava os cachorros como se fossem dois bebês. Entre ela e Katrina, aqueles dois nunca seriam adestrados. A senhora minha sogra estava de plantão, então, segui a minha esposinha irritada até o nosso quarto.

Era completamente bizarro pensar que estava casado e dividia o meu espaço com outra pessoa, eu achei que era coisa de outro mundo, mas Katrina era extremamente tranquila. Ela nunca invadia o meu espaço no banheiro, suas coisas estavam sempre guardadas e exceto à quantidade de cabelo pelo chão e no chuveiro, não chegamos a ter um choque real de convivência.

Ela não era do tipo que deixava nada espalhado. Normalmente, quando suas calcinhas iam parar no chão, era porque eu as joguei longe. Nunca tive ninguém me perturbando por causa das toalhas molhadas, minhas cuecas penduradas no cesto ou o meu creme de barbear aberto.

Ela escolhia qualquer coisinha para me encher o saco porque para Katrina, brigar contra a rotina, o nosso relacionamento, o casamento e o desafio era como brigar para manter seu orgulho e não dar o braço a torcer.

Tirando o vestido vermelho, pendurou no cabide e foi para o banheiro. Ouvi o barulho do chuveiro e pedi a pílula. Jantamos antes da festa como um encontro, ela disse que foi apenas um jantar, mas foi um encontro. Me preparei para dormir separado dela, dando espaço para aumentar o seu beicinho e quando a entrega chegou, peguei uma garrafa de água e voltei para o quarto.

Ela ainda estava passando creme hidratante e usava um camiseta longo, com um gatinho desenhado na frente.

— Aqui está. Tem certeza?

— Eu vou te morder — avisou e sem querer, o *echo show* ativou, respondendo a pesquisa sobre mordidas. — Até o seu relógio de mesa é idiota. — Bebeu a Eagua com o remédio e deu um tapinha na barriga. — Nada de tentar colocar bolo no forno.

— Pelo menos eu já coloquei o anel no dedo. — Abracei-a e, mesmo relutante, ela me devolveu o abraço. — Crise abortada?

— *Literalmente* . — Arregalou os olhos para dar ênfase. — Apagar as luzes! — comandou e o quarto ficou escuro. — Eu vou dormir.

Desfazendo a nossa cama, deitou do seu lado, que já tinha seu cheiro e antes de me deitar, verifiquei com o gerente como estava a festa. Desliguei o telefone, era o meu final de semana de folga e eu não queria ser incomodado com trabalho.

De vez em quando, precisava tirar um tempo da batida frenética que a Winterfield me colocava. Desforrei o meu lado, me cobrindo, colocando a climatização do quarto perfeita para dormir por três dias seguidos.

Deitada de lado, me encaixei atrás dela e a sua bunda ficou aninhada no lugar perfeito. Rindo, rebolou um pouco, me provocando e beijei seu ombro. Segurando a minha mão, ficou acariciando até pegar no sono. Dormir agarradinho era só nos primeiros minutos, depois cada um rolava para um lado e nos encontrávamos novamente ao longo da noite.

De manhã cedo, acordei com ela andando pelo quarto, tirando sua roupa de dormir.

— Ei, e o meu beijo de bom dia? — falei da cama e olhei a hora. Dez da manhã. Maravilha acordar mais tarde.

— Xixi primeiro — reclamou em seu humor irritado de toda manhã. Ao sair do banheiro, foi direto para o closet. Assobieei do meu lugar. — Eu

não sou um cachorro! Não vou te dar um beijo porque você assobiou! — gritou lá de dentro e sorri.

Peguei o meu telefone, olhei as notícias por alto, os e-mails de trabalho sem responder e vi que a temperatura estaria no máximo. Excelente momento para ficar à beira da piscina que eu não tive a oportunidade de aproveitar. Vanessa criou um grupo para a família (Moradores da Casa), então, eu coloquei nele que todos estavam intimados com roupas de banho porque faria um churrasco.

— Nós não fizemos compras de mercado, não deve ter nada para o seu churrasco. — Katrina saiu do closet usando um vestido cinza, justo ao corpo e com os cabelos presos. — A ideia é tentadora, precisamos comprar ração, novos tapetes higiênicos e comida.

— Isso é muito doméstico, esposa.

— Levanta da cama se você quiser fazer um churrasco hoje — ordenou.

— E o meu beijo? — pedi. Ela riu e soprou um, saindo do quarto. Ela teve a sorte de estar longe, porque eu não consegui pegá-la mesmo correndo rápido da cama.

Tomei banho, vesti uma bermuda cinza, camisa branca e fiquei de chinelos, o que era raro, mas eu não queria nem vestir roupas no meu dia de folga. Desci a escada rapidamente, sendo atraído pelo cheiro de café. Vanessa, Rosa, Kat e os cachorros estavam na cozinha.

Dei um beijo na cabeça da minha irmã e cutuquei as costelas de Rosa, fazendo com que ela pulasse e risse. Parei atrás de Katrina, ela estava comendo uma fatia de bacon, me deu um beijo nos lábios e me ofereceu um pedaço só para puxar quando tentei morder. Rindo, deixou que comesse toda a fatia.

— Cadê sua mãe? — Puxei um banquinho e me servi com o café da manhã.

— Está desmaiada. Ela só vai acordar depois do almoço, por aí. Normalmente ela fica apagada nas primeiras horas depois de um plantão puxado — Kat me respondeu.

— Acho que o médico bonitão a trouxe em casa — Vanessa cochichou. — Eu estava no quintal porque abri a porta para os filhotes saírem, ela chegou toda sorridente, no pedacinho do portão aberto eu vi o médico *gatão de meia idade* que a trouxe em casa.

Katrina faltou cair do banco.

— Puta merda! — Bateu no balcão, empolgada. — Será que a minha mãe vai finalmente sair da prateleira? Ele é bem gato, do tipo cinquentão conservado. Não sabemos nada sobre a vida dele, precisamos descobrir!

— Que tal vocês duas manterem os narizes fora dos negócios da Melanie? Ela é adulta — comentei e as duas me olharam como se eu fosse louco. — Ok. Se intrometam.

Voltaram a falar como se eu não existisse. Depois do café, as duas me seguiram para o carro e decidimos ir até um grande supermercado próximo ao nosso bairro. Era impressionante o quanto elas não calavam a boca e eu procurei um lugarzinho na mente para me esconder, fingindo que elas não existiam.

No mercado, cada uma pegou um carrinho, dividiram a lista e foram empurrando, falando, levaram duas horas só na parte de cosméticos e eu fiquei indo e vindo recolhendo as coisas conforme a lista que Rosa nos entregou antes de sairmos.

Katrina estava com cinco vidros de xampu, lendo qual iria levar e Vanessa falava sem parar que ela deveria escurecer o cabelo e fazer luzes ao invés de pintar todo de loiro.

— Podemos decidir isso em casa? Principalmente, bebendo uma cerveja?

Katrina fez um beicinho e colocou dois frascos roxos no carrinho. Andamos o mercado mais um pouco e terminamos as compras. Com duas damas tagarelas, carreguei as compras e as arrumei na mala enquanto elas tomavam um sorvete.

— Quer um pouco? — Katrina me ofereceu uma colher de seu sorvete de baunilha. Aceitei e estava bom, uma delícia naquele calor intenso. — Quer mais?

— Me dá na sua língua? Acho que quero provar sorvete bem aí. — Apontei para seus peitos.

— Por favor, por favor, por favor! Sexo sem a irmã presente! — Vanessa gritou no banco de trás, mas ela estava rindo. Seus olhos estavam brilhando. — Sem pegação.

— Sabia que quase te fiz tia ontem? — provoquei Katrina, falando com Vanessa. Olhei para minha irmã pelo retrovisor. — Só que a sua melhor amiga não quis.

— Cale a boca! — Katrina me empurrou. — Seu irmão cismou que seria simples ter um bebê.

— Ah, eu adoraria ter um bebezinho em casa. Acho que nós nunca tivemos um bebezinho na família. — Vanessa se debruçou entre nós dois. — Faz um, cunhada.

— Eu vou bater em vocês! — Katrina se estressou.

Minha irmã e eu rimos.

Fugi da parte de guardar as compras, literalmente me esquivei pela lateral e fui para o meu quarto. Troquei de roupa, vesti um short de banho, sem camisa, descalço e chamei Stuart para beber o dia inteiro. Marco e Polo estavam correndo no quintal quando fui lavar a churrasqueira, a pia e a mesa.

Liguei o sistema da piscina, para filtrar a água e o sol estava tão forte que o chão queimava os pés. Liguei a mangueira e, com sabão e vassoura, deixei tudo limpo.

Acionei o sistema de som, escolhendo uma playlist animada e com prazer, observei Katrina sair pelas portas da cozinha usando um biquíni amarelo em cima, branco em baixo, cabelos presos, óculos de sol e andando na ponta dos pés equilibrando algumas bandejas.

— Já temperamos as carnes e Vanessa está fazendo uma salada verde. Rosa está cozinhando batatas para uma salada com ovos e maionese. — Apoiou tudo no balcão. — Você precisa pegar as bebidas e eu vou buscar meu bronzeador.

Sorri, assentindo, e arremessei uma bolinha para os cachorros, eles foram correndo pelo gramado.

— Nosso primeiro churrasco como casado, não é fofo? — brinquei, ela estava perto da porta, me deu o dedo e entrou. — Essa mãe de vocês é muito delicada. — Acariciei os dois.

Stuart passou pelo portão dos fundos, assobiando e os cachorros correram na direção dele. Estava segurando dois packs de cerveja, sem camisa, de short e chinelos. Ele morava a umas cinco casas da minha, em outro condomínio, passava entre os quintais dos vizinhos quando não queria aparecer de carro.

— Sem um monte de garota seminua. — Olhou ao redor. — Churrasco de família! A senhora sua esposa está em casa? — Enfiou as cervejas na geladeira.

— Está descendo. Foi buscar o bronzeador. Sou um homem casado, meus dias de putaria chegaram ao fim e a única mulher seminua na minha frente tem o humor de uma psicopata. — Sorri e abri uma cerveja, ele pegou outra e nós brindamos.

Falando nela, saiu de casa com uma bolsinha e admirei seu corpo. Delicada, ficou dando pulinhos até pisar onde estava frio. Ela e Stuart trocaram um abraço, bati nas patas imundas do meu amigo que tocou nela, puxando a minha mulher para os meus braços.

Ignorando o meu rompante ciumento, ela pegou o frasco de protetor solar e abriu a tampa, passando em mim.

— Tudo para ficar com as mãos em mim, não é? — Beije a pontinha de seu nariz. Ela sorriu, provocante, mas logo ficou séria.

— Deixe de ser cínico, está muito quente e eu não quero você gemendo porque está com a pele ardendo. — Apertou o meu queixo.

— Só me quer gemendo se estiver dentro de você? — Beije sua bochecha.

— De preferência. — Sorriu e deu um tapinha na minha bunda ao terminar de me proteger. — Quer, Stuart?

— Vai passar em mim? — Stuart deu a ela um olhar e acertei um soco em seu braço. — Acho que o seu marido não vai deixar. — Ele continuou provocando e Katrina bufou.

— Meu marido não manda em mim! — Ela rebateu, tentando passar por mim e imediatamente soltei a minha cerveja, pegando-a pela cintura. — Devon Winterfield, me solte agora mesmo! — gritou, me batendo, mas eu a

coloquei sentada em cima do balcão. — O que pensa que está fazendo? Não vai bancar o homem das cavernas comigo e eu estou de biquíni, quer me deixar pelada? — Seu rosto mostrava um tom de vermelho, reflexo de seu embaraço.

— Você me chamou de marido. — Sorri e ela parou de tentar sair do meu aperto. — Disse claramente “meu marido não manda em mim”. Tenho uma testemunha! — Minha alegria estava longe de acabar.

— Eu... eu... — ela gaguejou e olhou para Stuart, que assistia toda cena com diversão. — Não foi... quer dizer, foi, mas não foi. — Estava ficando ofegante e sem argumento. — Ah, foda-se! — Segurou o meu rosto e me beijou. Katrina Winterfield perdeu mais um desafio.

Segurei a sua cinturinha e devolvi o beijo com prazer. Ela, finalmente, reconheceu o nosso compromisso.

OceanofPDF.com

19 | *Katrina*

Era impressionante o quanto um mês me fez enxergar um lado de Devon que eu nunca havia me permitido. Era mais *impressionante* ainda o quanto ele me desarmava sem lutar.

Eu, a rainha da briga, que poderia facilmente entrar em um ringue, me derretia com um sorriso e uma piscada. Quando ele mostrava as covinhas nas bochechas logo pela manhã era motivo de passar um dia inteiro suspirando. O homem que, bêbado, estava dançando Vogue com a minha mãe no gramado. Rindo muito, ele sabia como se divertir mesmo com pouco. Ele era iluminado.

Como pude julgá-lo tanto? Deveria ter me calado e dobrado o meu dedo apenas por tudo que fez por mim, intencionalmente ou não, ao longo da minha vida e pela vida extraordinária que proporciona à irmã com todo seu amor. Devon não precisava assumir nenhuma responsabilidade. Ele poderia sumir no mundo como a maioria dos filhos de pais ausentes faziam. Ele ficou, criou raízes, fundou um império e deu uma vida à irmãzinha.

Um mês e eu podia picar a minha língua julgadora.

Stuart se juntou a eles, sabendo muito bem a coreografia e continuei filmando porque estava muito engraçado. Minha mãe mal conseguia se mexer de tanto que ria. Quando a música acabou, selecionei algumas partes engraçadas e postei no meu stories, estava desde cedo compartilhando alguns momentos, mas não tudo.

Acordei com McKenna me detonando e ainda postando as fotos que os paparazzi tiraram de ontem à noite nos piores ângulos. Enquanto ela destilava a sua fofoca e Everly bancava o espírito evoluído pedindo que

parassem de marcá-la nas páginas de fofoca, eu estava aproveitando Devon corado de sol, com um calção de banho curto e caído, ou seja, mostrando suas coxas torneadas e me dando uma bela visão do seu caminho da tentação.

Ele me flagrou olhando e piscou, divertido. Soprei um beijo de volta. Por que eu queria esconder o quanto ele me afetava? Sempre afetou. Principalmente depois que nós...

— EU AMO ESSA MÚSICA! — Vanessa gritou e quase virou seu copo de sangria em mim. Ela estava soltinha depois de uns drinques, ficando de biquíni de lacinho de poá, mesmo com o Stuart presente. Ela nunca ficaria seminua com um homem além do irmão. — De quem é essa playlist?

— É a minha eclética — expliquei, rindo dela rodopiando, querendo imitar a cantora.

Say Ok da Vanessa Hudgens começou a tocar. Devon me puxou do chão e mesmo bebendo sua cerveja, valsamos de um jeito brega, tentando não virar nossas bebidas. Olhamos um para o outro e eu senti que a expressão de felicidade dele era um reflexo da minha. Fazia tanto tempo que eu não me divertia daquele jeito, sem inibição, apenas sendo livre sem preocupações.

Rosa saiu de casa com a sobremesa, ela preparou bolo para comer com sorvete e eu precisava de um pouco de glicose. Normalmente, não era tão atraída por doces como Vanessa, mas bêbada como estava, comemos quase todo o pote de sorvete.

Rosa precisou pegar outro pote dentro de casa.

— Elas estão *tão* bêbadas. — Mamãe riu. Sentada no balcão, o sorvete chegou a pingar no meu peito. Devon soltou um assobio e piscou.

— A mãe dela está bem aqui.

— Desculpa, sogrinha — ele brincou e me abraçou, ofereci uma colher do meu sorvete. — Vamos brincar com sorvete mais tarde?

— Só se for esse sabor. — Enchi a boca novamente. — Faz outra bebida pra mim?

— Se você me chamar de marido pode ser o sabor que for. — Ele me deu um beijo e foi preparar mais uma bebida. Vanessa estava rindo de algo que Stuart falava e foi a primeira vez que eu percebi a atenção dele nela. Uma atenção diferente. Minha mãe, que também percebeu a interação dos dois, piscou e deu um gole de sua mimosa.

Desde Luke, Vanessa não ficou com mais ninguém, ela não conseguia confiar e com isso, não relaxava. Eu estava aprendendo a minha lição de julgar um homem por ser galinha, só não tinha certeza se a vida louca e quase impossível de Stuart fosse realmente boa para Vanessa. Ela precisava de paz e não de um relacionamento conturbado, mas não iria falar, porque poderia ser nada.

A minha história com o irmão dela tinha um algo a mais.

Devon voltou com a minha bebida, parou na minha frente e o abracei com as pernas, passando os meus braços em seus ombros. Ele sorriu, me abraçando de volta. Vanessa nos chamou e ergueu o telefone, tirando uma foto. Meu sorriso era indicativo de uma mulher feliz. Bochechas coradas e um olhar que brilhava como diamantes.

No final do dia, eu estava uma bagunça, suada, queimada e com a pele toda sensível. Nós limpamos o quintal porque com dois filhotes não podia ficar nenhum resquício de lixo. Assim que terminamos, cada um foi para um canto.

Stuart foi embora para sua casa, mas voltaria à noite porque combinamos de jogar e comer pizza. Eu precisava de um banho e um cochilo, de fogo, aceitei que a minha mãe fizesse uma hidratação no meu cabelo.

Dentro do quarto dela, cheguei a cair dentro da banheira de tanto que falamos besteiras e rimos.

— Acho que é dele mesmo. Por que ele precisaria de um preenchimento? — Vanessa estava falando da sunga do Stuart. — A não ser que tudo sejam as bolas.

— Eu não olhei para a sunga dele — comentei e até me senti inocente. Devon e eu ficamos na piscina, brincando o tempo todo. Jogamos bola, disputamos nado e parecíamos dois adolescentes.

— Eu olhei — Mamãe comentou e voltei a cair na banheira, rindo. — Não parecia ser tudo bolas.

— Melanie, Mel. Safadinha. — Vanessa dançou no box enquanto lavava o cabelo.

— Passei dos quarenta, não estou morta. Se eu fosse você... — Piscou e nós rimos.

Terminei a minha hidratação, tomei banho e precisava dormir. Com a pele meio ardendo, me enrolei no roupão e deixei os cabelos molhados. Atravessei a casa olhando Rosa aproveitar o fim de tarde dando petiscos para os cachorros no quintal. Ela estava se balançando, com um livro ao lado e parecia serena, aproveitando o tempo.

Virei no corredor e empurrei a porta do quarto, estava meio escuro, bem mais frio que o restante da casa e Devon estava deitado de bruços, completamente nu. Sua pele estava nitidamente vermelha. Me aproximei,

olhando a belíssima visão, sua bunda branquinha com a marca do beliscão que dei mais cedo.

Tirei o roupão úmido e deitei do meu lado na cama. Peguei no sono rapidamente, todo sol e bebida me deixaram esgotada. Acordei com o maldito echo show acendendo a luz e chamando Devon, dizendo que era hora de levantar. Me debrucei por cima dele, tentando desligar e joguei no chão.

Ele gemeu, sonolento e me abraçou. Aquele clima gostoso de soneca da tarde, quarto fresquinho, nós dois nus e só podia ficar melhor com uma bagunça de lençóis poderosa. *Caramba... em algum dia sexo ficaria ruim?* A nossa combinação era muito boa e observá-lo gozar era a minha maravilha do dia. Sua expressão de prazer me deixava louca.

Nós ficamos abraçados, recuperando a respiração, aos beijos e ele jogou a camisinha no lixo que ficava próximo à cabeceira.

— Temos que comprar mais camisinhas. — Beijou o meu pescoço.

— Nós fomos na rua hoje cedo — reclamei, com preguiça de ter que sair de casa de novo.

— Esqueci. Eu vou na farmácia e no mercado comprar mais bebidas. Sua mãe disse que gostou do espumante, vou encontrar algum para que ela possa participar da jogatina. — Me deu um selinho. — Vem praticar um pouco de putaria no chuveiro? Vamos apostar quem leva mais tempo para gozar?

— Não. Você vai perder.

— Só tem um jeito de me fazer gozar rápido. Chupando até o talo e brincando com as bolas, vamos ver se você consegue fazer muitas coisas ao mesmo tempo. — Balançou as sobancelhas. Idiota.

Soltei uma risada na cara dele.

— Seu rosto não arde ao tentar me desafiar para te chupar? É só pedir. — Me aproximei e beijei os seus lábios. — Pede com jeitinho que deixo até gozar nos peitos.

— Porra, Katrina! Fale assim mais vezes e sou capaz de gozar só de ouvir. — Sorriu torto, saiu da cama e me puxou. — Vem, eu vou vencer.

Apesar de suas investidas, eu pude dizer que nós dois saímos como vitoriosos. Ele foi se vestir para sair rapidamente e aproveitei o tempo que tinha para fazer minhas unhas.

Minha mãe deu um jeito na minha sobrancelha, precisava agendar um horário no salão com urgência. Como queria economizar, pensei em escurecer o meu cabelo ou pintar de ruivo, em casa mesmo, assim não precisaria gastar tanto. Escolhi um dos meus novos vestidos confortáveis, meu cabelo estava uma bagunça, escovei e preendi.

Dei uma voltinha na casa, minha mãe ainda estava acordando e Vanessa brincava com os cachorros na sala. Coloquei o meu telefone na mesa e fiquei brincando com meus filhotes também. Eles estavam crescendo tão rápido. Estavam muito cheirosos depois do banho que minha mãe deu neles, ela era a primeira a mimar, mal sabia que ficariam enormes.

— Esses dentinhos doem — Vanessa reclamou.

— Como gostam de brincar mordendo. — Apertei um ao ponto de soltar um ganido. — Mamãe ama tanto você, meu gordinho! — ele gritou e tentou sair do meu colo, mas o rabo do safado estava balançando. Deitado de barriga para cima, acariciei sua barriginha gorda de comida.

Meu telefone vibrou em cima da mesa, peguei e era uma notificação no Instagram de Devon. Estava logado no meu aparelho, então, curiosa, abri. Era uma marcação da Everly. Abri a foto e senti o meu rosto aquecer

de raiva e ciúme, foi instantâneo e impossível de frear. Ela estava ao lado dele e a legenda dizia:

“Pré-Inauguração do novo empreendimento da Winterfield. Em breve vou compartilhar outras novidades para vocês” .

— Eu vou matar o Devon! Ele disse que ia comprar bebidas e camisinha, não que ia para algum novo empreendimento com a Everly! — Virei a tela e mostrei para Vanessa.

— Devon não é mentiroso, Kat. Com toda certeza tem uma explicação. — Ela soltou Polo para correr atrás do irmão, que brincava com uma bolinha. — Everly é bem manipuladora. Será que essa foto é de hoje?

— Se não é de hoje, eu vou arrancar cada fio de aplique da cabeça dela para deixar claro que não quero que poste fotografias com o meu marido! — explodi. Vanessa me encarou e então, começou a rir e bem alto. Chegou a deitar no chão e colocar a mão na barriga. — Do que você está rindo?

— Você está tendo uma crise de ciúme do Devon e o chamou de marido. — Seus olhos estavam lacrimejando. — Estou viva para ver algo como isso!

— Dane-se você, sua chata! Tinha que ficar do meu lado! Péssima melhor amiga! — reclamei e saí do meu lugar, indo com passadas duras até a cozinha. Abri a geladeira e peguei uma garrafa de água. Assim que fechei a porta, ouvi o barulho do carro parando na garagem e não deu três minutos para Devon entrar pela cozinha com os braços cheios.

— Eu sei! — falou só pelo meu olhar. — Vi a marcação depois que saí da farmácia.

— Você realmente foi encontrar com ela e não me falou nada, Devon? — Coloquei as mãos na cintura. — Não adianta me dizer que foi

outro dia porque está bronzado e usando essa mesma roupa na foto!

— Eu fui buscar o espumante que a sua mãe gostou, ele é importado e tinha no bar. Ela estava lá com uns amigos, seus funcionários do escritório e cumprimentei. Ela pediu uma foto, junto com outros dois, só que cortou o restante. — Encolheu os ombros. — Não fiquei mais de cinco minutos no bar.

— E a história da pré-inauguração?

— Comprei esse pub tem algumas semanas, eu te falei.

— Não. Você me disse que ia sair para comprar um novo negócio, não o que era.

— Ela quis ir lá hoje com a equipe que trabalhou na compra para comemorar. Eu declinei o convite porque era minha folga e não quis ir. — Deu a volta na ilha da cozinha. — Katrina, eu não vou mentir para você. Peço que confie em mim.

— Não quebre a minha confiança. É tudo que eu te peço. — Olhei em seus olhos. Ele assentiu de forma ansiosa e me deu um beijo.

Stuart chegou fazendo barulho, empolgado com o jogo e fui chamar minha mãe. Nós arrumamos a mesa redonda da cozinha para jogar. Bebidas foram servidas, virei os amendoins e batatinhas nas vasilhas, deixando no centro da mesa. Nós começamos a jogar poker. Devon era um filho da puta! Ele venceu as três primeiras rodadas, não importando o quão difícil o jogo estava.

— Não é justo. Tio Saul o ensinou a jogar. — Vanessa jogou as cartas na mesa. — Quero jogar algo que ele vá perder.

— Eu vou dormir, crianças. Estarei no hospital bem cedo, então, se comportem. — Mamãe se despediu e subiu com os cachorros. Eles gostavam de dormir com ela porque podiam ficar na cama.

— Já que a Mamma Summer foi dormir, vamos brincar de Strip Poker. Variante simples, cinco cartas. Topam? — Stuart sorriu, provocante.

— Você não vai ver a minha mulher nua. — Devon franziu o cenho. O bobo não percebeu que a pessoa que ele queria ver seminua era Vanessa.

— Está assumindo que vou perder? — rebati, agrupando as cartas e o olhei, séria.

— Está querendo jogar Strip Poker?

— Talvez eu deva jogar inocentemente, já que uma saída inofensiva resultou em uma foto com a Everly. — Dei de ombros com um beicinho.

— Mulher! Você vai me enlouquecer! — Puxou os cabelos e sorri de um jeito fofo.

— Nada de Strip Poker! Vamos fazer duplas e quem ganhar, vai poder pedir algo que a outra dupla não vai poder negar. — Bati as cartas na mesa. — Devon e eu contra vocês dois, que tal?

— Traidora. Você vai jogar com ele só para não perder. — Vanessa me empurrou.

— Sabe que sou péssima perdedora. — Dei a língua e levantei do meu lugar. Devon me puxou para sentar em seu colo, não deveria, mas era uma tremenda rendida. Combinamos uma rodada para dar a partida e mais duas para quebrar qualquer empate, embaralhei e começamos.

Com a bebida, mais de uma vez esqueci do jogo e se não fosse Devon tihoso e muito concentrado, teríamos perdido. No final, apenas ele e Stuart disputavam. Vanessa e eu estávamos comendo pizza com a mão, bebendo e falando sobre os filmes da franquia Cinquenta Tons e os atores. Quando Stuart empurrou as cartas na mesa, comemorei que Devon ganhou, pois não ajudei em nada.

— Cuidado com o que vão pedir. — Stuart estava preocupado.

— Nós não vamos pedir nada agora — Devon garantiu. — Vou guardar a oportunidade no bolso.

— Idiota. — Eles brindaram mesmo assim.

Nós ficamos até o meio da madrugada bebendo e conversando, foi uma noite deliciosa. Quando fui dormir, estava feliz e muito cansada. Apaguei sem demora, quando acordei, sozinha no quarto, minha cabeça estava latejando um pouco.

Domingo não era dia de acordar cedo. Peguei o telefone, minha mãe disse por mensagem que estava em um plantão tranquilo e que Devon a levou. Não acordei nem por um decreto, se ela realmente precisasse, teria me chamado com mais veemência. Fiquei na cama enrolando para levantar. De preguiça, dei uma olhada nas redes sociais e vi que Devon postou milhares de stories da nossa noite. Não era algo que ele costumava fazer.

Me filmou várias vezes, falando merda e jogando. Ele também fez um vídeo que eu estava falando da bunda do Jamie Dornan no fundo, explicando que estávamos em uma jogatina em família e eu estava louca das ideias. Sorri para sua bobeira e para a lembrança da noite gostosa.

A vontade de fazer xixi me expulsou da cama, aproveitei a privacidade para tomar banho, colocar um biquíni e escolhi um short jeans. Deixei o quarto bagunçado porque ninguém merecia arrumar aquela cama toda sozinha.

A casa estava toda clara, Devon mexia em seu telefone na sala e os nossos filhotes corriam no gramado em frente, brincando. Eles tinham energia de sobra, principalmente quando dormiam a noite inteira no conforto que adoravam.

— Caiu da cama cedo em um domingo? — Me aproximei dele, que ergueu o olhar e me deu um sorriso. — Bom dia, Sr. Winterfield.

— Bom dia, Sra. Winterfield. — Me pegou pela cintura e colocou em seu colo. — Teve uma briga em uma das boates que saiu na internet. Estava resolvendo com o jurídico.

Ou seja, falando com a Everly. Revirei os olhos intencionalmente. Sorrindo, me deu um aperto na coxa. Ele sabia que não ia deixar essa coisa com a Everly de lado tão cedo.

— Devo lançar alguma nota?

— Apenas depois que entender o que aconteceu. — Me tombou no sofá. — No momento, dê um beijo e atenção para o seu marido.

— Tenho algo muito sexy para te dizer. — Comecei acariciando sua nuca e me movendo sugestivamente. A mente suja dele ficou feliz, porque o sorriso safado apareceu no rosto. — É a sua vez de trocar os lençóis da cama — cochichei em seu ouvido e ri de sua careta.

— Você me deixa super excitado quando me manda fazer coisas domésticas.

Acaricieei seu rosto e olhei em seus olhos.

— Imaginou que seria assim? — Ele ficou confuso. — Quando propôs o não divórcio e me desafiou a dar o braço a torcer? — esclareci.

— Honestamente? Imaginei que seria um completo inferno, mas eu estava disposto a tentar e mostrar que não era o homem sacana que você imaginava. Só quis a oportunidade de fazer diferente dessa vez. Eu não deveria ter deixado você escapar antes. — Me deu um beijo suave.

— Éramos crianças. Acho que, em parte, fiquei magoada e não quis assumir, e com o passar do tempo, só alimentei um preconceito. Te julgar ficou mais fácil com os anos e como temos disposição para brigar, nosso relacionamento ficou ainda mais distante. — Mudei a minha posição. —

Estou gostando da nossa convivência, realmente gosto do sexo, mas, ainda acho que de modo geral, nós podemos caminhar direto para o desastre.

— Por que?

— Por que nunca entrou em um relacionamento?

— Não é algo simples para mim, Kat. Nunca foi. — Devon mudou de posição no sofá. — Eu realmente nunca neguei estar em um, só não queria entrar por entrar. Relacionamento e compromisso sempre foram algo sério demais para levar na brincadeira, entende?

— Não quero bancar a psicóloga, porém, isso tem a ver com a Shannon?

— Tem *tudo* a ver com ela. — Ele deu uma risada irônica. — Eu sei o que é estar do outro lado da rejeição e não quis causar isso em alguém. Várias mulheres com quem fiquei por mais de uma vez ou por um tempo, diziam que a minha sinceridade era cruel, mas eu tinha medo de machucar qualquer pessoa. Sempre tive medo de ser meramente parecido com Shannon.

— Você não tem nada dela, eu te garanto! Confesso que o estigma de solteiro galinha me dava medo. Eu nunca quis ser mais uma na vida de ninguém, sei que tem tudo a ver com o abandono do meu pai e todos os meus relacionamentos fracassados. Meu primeiro namorado queria que escolhesse entre ele e Vanessa. Sabe bem qual foi a minha escolha. — Sorri com orgulho. Sempre escolheria a minha amiga. — O último achou que podia me fazer de saco de pancadas.

Devon franziu o cenho, irritado com Nick.

— Acha que mesmo assim teremos dificuldade de compromisso? — Acariciou o meu rosto.

— Só passou um mês, estou grata que tudo está correndo bem, mas não é exatamente fácil. Conviver com outra pessoa, mesmo sendo você que já conheço e estou familiarizada com a rotina, casa e etc, é bem difícil ser íntimo. — Mordi meu lábio e voltei a me sentar em seu colo. — O desafio mudou, não é? Acho que, na verdade, sempre foi assim...

— O desafio agora não é sobre não se divorciar em seis meses, é aguentar o outro no dia a dia e, ainda por cima, não nos matar nas nossas brigas. — Franziu o nariz.

Soltei uma risada porque era verdade. Apesar do final de semana quase em paz, ainda discutíamos sobre qualquer coisa inútil. Na hora era irritante, porém, pensando bem, talvez fosse algo nosso. Eu podia ser uma pessoa muito complicada e por mais que tentasse melhorar, era difícil.

Ele me deu um beijo intenso, fiquei arrepiada, sendo consumida pelos sentimentos avassaladores. Afastando-se apenas o suficiente para olhar em meus olhos, senti na minha alma algo tão profundo que o meu coração falhou uma batida.

— Katrina Winterfield, eu te desafio a não se apaixonar por mim.

Soltei um arquejo, pega de surpresa e os meus olhos encheram-se de lágrimas. No passado, aquilo me devastaria e naquele momento, parecia tão certo. Ao mesmo tempo me dava muito medo. Devon podia me quebrar em milhares de pedaços, ele sempre teve esse poder e era por isso que eu corria antes.

— Você quer me fazer perder?

— Eu quero. — Ele sorriu, maroto.

— Eu te desafio a se apaixonar por mim, Devon Winterfield — falei baixo, com medo, carregada por milhares de emoções conflitantes. Estava dividida entre correr e abraçá-lo para sempre.

Com carinho, me deu mais um beijo. Ele sorriu de um jeito tão lindo que quis fotografar e emoldurar. Sem desviar os olhos do meus, garantiu:

— Esse desafio você já venceu.

OceanofPDF.com

20 | *Katrina*

Trabalhar na Winterfield me trazia um mix de sentimentos. Era gratificante, meio estressante, mas tinha um feedback rápido porque tudo na empresa era dinâmico. Diferente do jornal que, muitas vezes, a escrita me fazia parecer fútil e falando sozinha. Ao mesmo tempo que essa descoberta me fazia feliz, me deixava temerosa porque não era bem o que eu queria para a minha vida.

Peguei a minha caneca de café quentinho, fiquei batendo a minha aliança na cerâmica enquanto olhava para o meu e-mail do blog e o meu e-mail de trabalho com o jornal. Vanessa me perguntou duas vezes o que deveria fazer com as denúncias que separou e eu não tive uma resposta.

Não sabia o que fazer.

Pensando bem, mesmo sem atuar como freelancer na revista, podia buscar uma nova matéria. A Pro Valley foi descartada das investigações, recebi uma carta com pedidos de desculpas pela ameaça do advogado associado e flores com a desculpa de que ele foi devidamente punido.

Conversando com a detetive do caso, ela explicou que minha matéria não dava causa provável para uma investigação, mas eu sabia que eles não queriam um embate com uma empresa tão poderosa. Empresas tão grandes quanto a Pro Valley mantinham muitas pessoas na folha de pagamento.

Ouvi uma batida suave na porta e distraída, sinalizei para que entrasse.

— Sra. Katrina Winterfield? — Uma voz masculina desconhecida soou.

Girei a minha cadeira e virei de frente para o lado da mesa que dava para a porta. Vanessa ergueu o rosto do livro que estava lendo — ela nem disfarçava que não estava trabalhando e sorriu. O entregador carregava um imenso buquê de flores.

— Sou eu. — Acenei orgulhosamente.

As flores eram uma entrega especial de Devon. Ele pediu desculpas pela nossa briga pela manhã, comprando um imenso buquê de rosas brancas para sinalizar a paz. Peguei o cartão, sorri e tirei uma foto. Sem avisar nada, saí da sala e caminhei sem pressa para a sala dele.

Há três dias, assumimos que estávamos além do desafio. Ele simplesmente jogou a batata quente de que estava apaixonado por mim e eu, apesar de relutar em assumir, também estava.

Estava morrendo de medo. Era impossível controlar a ansiedade do fim, de não dar certo, da nossa convivência ficar tão insuportável que a ruptura fosse inevitável.

Brigamos naquela manhã porque eu estava me arrumando e falando no telefone com o B1, que chegou mais cedo e precisava de ajuda. Nisso, Devon voltou da academia, falando pelos cotovelos, colocando música, com a adrenalina a mil por hora.

Minha menstruação estava para descer a qualquer momento e eu sabia que o meu humor estava além do perigoso. Simplesmente explodi, ele tomou um susto com o meu *“Dá para você calar a porra da boca?”* . Imediatamente me arrependi, fiquei sentida e pedi desculpas, sinalizei que estava falando com o B1 e precisava de silêncio.

Talvez ele tenha ficado mordido com minha rispidez e por um funcionário ter ouvido a nossa troca. Sorte que o B1 era extremamente discreto e provavelmente ficou mortificado.

Devon ficou arisco, cada mísera coisa que falava com ele era um fora diferente. Inicialmente, me senti culpada, fui extremamente estúpida em seu momento de felicidade, depois fiquei furiosa. Ele queria que pedisse desculpas quantas vezes? Por um fora, precisava aguentar mais dez?

Bati a porta do quarto ao descer para tomar café e tivemos uma discussão inútil sobre a manteiga na torrada. Vanessa e Rosa fugiram da zona de guerra, antes de sair, respirei fundo e pedi desculpas mais uma vez, dizendo que não daria para passar o dia daquele jeito. Quis resolver com calma e de coração. Nós conversamos, mas o clima ficou bem estranho no carro.

Ao chegarmos no trabalho, cada um foi para um lado e ficou nisso.

Alicia estava digitando em seu computador, me deu um sorriso quando passei, bati na porta e enfiei a cabeça dentro. Devon estava com o telefone na mão, olhando em seu computador, sem sapatos e assobiando. Transar quase todo dia estava deixando o homem com o humor muito bom.

— É aqui que encontro o cara que me mandou rosas? — falei despreocupadamente.

— Aqui você encontra o cara que queria pedir desculpas mais uma vez. Você se desculpou e eu ainda demorei a parar. — Ele sorriu, e entrei na sua sala. — Vem aqui. — Bateu em sua coxa. Sentei-me em seu colo e o abracei. — Fiquei me sentindo culpado.

— Está desculpado, só não fazer de novo. E eu vou tentar não sair atirando antes de falar com educação. Em minha defesa, eu vou menstruar. — Abri um sorrisinho. — Amei as rosas, obrigada! — Dei-lhe um beijo suave.

— Você merece mais que rosas. — Sorriu. Galante. Ele me tinha nas mãos e sabia disso, homem esperto.

— Recebi uma mensagem. A casa vai ser derrubada hoje. — Mudei de assunto. — Quero ir lá me despedir e depois buscar minha mãe no trabalho. Me empresta o carro?

— Tem certeza que quer ir lá?

— Só dar adeus àquela casa e me preparar para construir outra. Eu não sei quando, mas em algum momento irei conseguir.

— Não posso sair agora. Mac vai te seguir.

— Vou ficar bem. Volto para te buscar.

— Me liga se precisar de mim. — Me entregou a chave. — Se comporta e é melhor não arranhar o meu carro ou precisarei amarrá-la na minha cama e fazer algumas perversidades.

— Vou passar com ele na parede de chapisco logo!

Peguei a minha bolsa e me despedi de Vanessa, que em pouco tempo iria para sua consulta médica e depois, para terapia. Só nos veríamos à noite, em casa. Como nós moramos juntos por muito tempo, a nossa convivência não mudou em nada.

Minha mãe estava sofrendo um pouco, sentindo que era um incômodo, mas nós conversamos sobre a possibilidade de alugar um lugar mais de uma vez e no final, decidimos que não. Entendia todas as preocupações dela: meu recente e rápido relacionamento com Devon, nosso ajuste financeiro e a construção da nova casa.

Dirigir o carro de Devon era muito diferente do Bertie. A direção era uma delícia, fácil de correr por aí. O trânsito estava bem tranquilo, isso fez com que chegasse ao meu bairro em apenas trinta minutos.

Logo no começo da rua tinha os cones e barricadas, operários avisando que aconteceria uma demolição e parei o mais próximo possível. Saí do carro e encostei no capô, tentando segurar as lágrimas ao ver minha

casa toda queimada, sendo jogada ao chão com um trator. Tirei meus óculos escuros quando o rosto ficou molhado demais, perdendo a batalha para o choro.

Prometi a mim mesma, que mesmo que não voltasse a morar ali, reconstruiria a casa que a minha mãe deu o sangue para manter.

Voltei para o carro assim que vi que o carro do Nick parou do outro lado da barricada. Algum vizinho fofoqueiro deve ter contado que eu estava por ali ou ele tinha um radar impressionante da minha presença sempre que eu entrava no bairro. Provavelmente o pai pode ter me visto e avisado.

Nick estava tentando falar comigo desde a cena vergonhosa quando a minha casa foi queimada e principalmente depois que recebeu visita dos policiais que estavam à frente da investigação.

Com o Audi foi bem fácil manobrar e sair bem rápido. Sequei o meu rosto e dirigi de volta para a cidade, reparei que as nuvens estavam bem densas e o ar diferente, certamente choveria nas próximas horas e era melhor buscar o sr. Reclamão antes que ficássemos presos em um engarrafamento por causa da chuva. Ele falaria tanto que tinha certeza de que optaria por ir à pé.

Parei na saída de funcionários e vi que mais uma vez, minha mãe estava sentada compartilhando um café com o médico bonito. Estacionei na vaga para visitantes e fiquei esperando até a bonita terminar de conversar. Devon já estava me mandando mensagens irritantes do tipo “ *vai chover* ”, “ *eu não quero pegar chuva* ”, “ *quero estar em casa antes de chover* ” e por fim, ele estava quase precisando de um novo buquê de flores com a mensagem: “ *você vai voltar em algum momento?* ”.

O sorrisinho sonhador da minha mãe me fez rir. Ah, alguém estava ficando apaixonadinha. Ela acenou para o seu acompanhante e caminhou

em direção ao carro.

— Finalmente, mãe! Devon está me enchendo! — falei assim que entrou no carro. — Está toda sorridente... foi o café ou a companhia?

— Cale a boca e comece a dirigir — ordenou, tentando esconder o sorriso. — Eu tenho um encontro amanhã à noite — falou como se não fosse nada. Comecei a gritar, rindo, batendo no volante com alegria. — Pare com isso! Vai começar a chover! — gritou de volta e arranquei com o carro. — Meu Deus! Você está dirigindo como o doido do Devon!

— Estou tão feliz, mãe! Um encontro! Precisamos dar uma repaginada no visual e vai precisar desmatar a área principal que precisa urgente de uma visitinha médica. — Olhei-a e ri de seu rosto vermelho. — Mãe, você vai transar! — gritei e parei, pensando bem no que disse. — Hum, eca! Acho que não quero pensar nisso...

— Cale a boca, garota!

Levei quinze minutos para voltar e Devon já estava no estacionamento esperando. Exasperado, apontou para o relógio e lhe dei a língua. Minha mãe saiu e foi para o banco de trás e eu pulei para o carona. Ele entrou, saindo quase que imediatamente. Desviando dos carros, foi costurando o trânsito. Quando as primeiras gotas começaram a cair, estávamos na rua de casa, dentro do condomínio.

Estacionou na garagem e me deu um olhar convencido.

— Muito bem, piloto de fuga. — Dei um tapinha em seu braço.

— Sou um excelente piloto! Fugi da chuva! — E foi só ele falar que um trovão rasgou o céu.

Minha mãe olhou para nós dois com diversão e entrou, cumprimentando Rosa, os filhotes e avisou que iria sair das roupas de trabalho. Peguei a minha bolsa, dei a Devon e ajoelhei para beijar meus

filhos. Eles estavam crescendo muito rápido, ficando brutos e a cada dia mostravam uma faceta da raça cheia de travessuras.

— Você vai sair mesmo na chuva? — Devon estava cercando Rosa. Ele era tão chato.

— Eu não falto à igreja, você sabe disso. Tenho que estar constantemente orando por vocês! — Ela bateu nele, que a impedia de sair. — Me deixa em paz, menino. Quando vai deixar de ser tão implicante?

— Nunca nessa vida. — Ele sorriu e foi até o portão, onde um dos motoristas da Winterfield já estava esperando para levá-la à igreja. Dei uma espiada no jantar, hum, delícia. — Rosa fez risoto?

— Sim. Quer jantar logo?

— Não. Eu comi... — Ele sorriu torto. — Minha esposa disse que sairia rapidamente e voltava, mas ela levou uma vida na rua.

— Não demorei, meu bairro que é longe, mas fui e voltei. Minha mãe demorou, ela tem um encontro e não iria apressá-la. Deixa de ser chato. — Cobri as panelas novamente.

— Vou perguntar a esse homem se ele tem boas intenções com a minha sogra. — Me abraçou por trás e beijou o meu pescoço, mas seu telefone tocou. — Preciso atender. Vou para o escritório.

O trabalho dele parecia nunca ter fim. Ele precisava de um diretor de operações com urgência.

Levei os filhotes para o quarto comigo, eles ficavam mais comportados com supervisão. Fechei a porta do closet porque eles sempre faziam xixi nos sapatos de Devon que ficavam em uma prateleira baixa. Tomei banho dentro da banheira, usando o chuveirinho, porque eles não tinham noção e adoravam água, invadiam a área do chuveiro e molhavam a casa inteira depois.

Minha menstruação desceu, o que era uma benção. Estava quase surtando porque eu não tinha certeza de que a pílula teve efeito. Apaixonada ou não, eu não queria um mini-Devon ainda.

Com uma camiseta enorme que comprei só para ficar em casa e calcinha estilo shortinho, prendi os cabelos e fui até o quarto da minha mãe. Fiquei surpresa ao ver que estava dormindo, ela deveria estar tão cansada que não iria acordar mais.

Desci a escada, mandei uma mensagem para Vanessa, estava desabando o mundo lá fora e fiquei preocupada. Ainda estava na terapia. Ela tinha medo de dirigir na chuva assim como eu, que naquela tempestade, iria parar o carro em um posto de gasolina e ficar até passar.

Me servi com o delicioso vinho tinto suave (meu paladar não aceitava vinho seco) e me refugiei na escuridão da sala, ouvindo música, relaxando a mente, tentando não pensar nos problemas que faziam a minha ansiedade explodir. Eu queria fazer tanta coisa ao mesmo tempo e estava um pouco além do desespero ao se tratar da minha casa e dos meus sonhos.

— Eu não sei, mas estou com medo da sua expressão. — Devon apareceu na sala. — Tomou banho sem mim. — Fez um beicinho.

— Estou menstruada, tem certeza?

— Não tenho medo de sangue. — Piscou com uma expressão brincalhona. — Um homem de verdade não tem medo de sujar a espada de sangue.

— Vai tomar banho! — Apontei para as escadas.

Ele voltou alguns minutos mais tarde e mesmo ainda meio molhado, enfiou o rosto entre os meus peitos, secando o cabelo e deu um beijo barulhento no meu pescoço. Meus mamilos ficaram arrepiados e a blusa

meio molhada, marcou bem. Era tudo que ele queria. Segurando cada um, deu um beijinho fofo.

De joelhos na minha frente, abracei-o e passei os meus braços por seus ombros. Nos beijamos do jeito que fizemos apenas pela manhã, na cama, ainda no casulo do edredom. A sala estava escurinha, gostosa de ficar e se não fosse a fome, não me moveria.

— Vou ser bonzinho e colocar a sua comida, depois quero uma recompensa. Algo bem sujo.

— Vou chutar a sua bunda — avisei e ele apenas riu, indo para a cozinha. Comecei a sentir um pouco de cólica, mesmo com duas taças de vinho nas ideias, tomei remédio e ele voltou com a comida.

Comemos, brincamos com os filhotes e compartilhamos a garrafa de vinho. Ouvimos um barulho na porta da cozinha e Vanessa entrou, nos deu um sorriso e foi lavar as mãos, dizendo que venceu o medo e conseguiu dirigir na chuva. Estava morrendo de fome porque a confeitaria que ela gostava de lanchar depois da terapia estava fechada. Serviu um prato e andou na nossa direção.

— Nós nunca usamos a sala de jantar oficial — comentou, sentando-se no outro sofá e colocando os pés na mesinha. — Delicioso.

— Temos que preparar um jantar e comer lá. Essa casa tem um monte de salas de jantar... — Dobrei as minhas pernas e recostei em Devon. — Um jantar pomposo.

— Só tem duas. Aquela lá toda chique e essa aqui, a mesa da cozinha é mesa de cozinha. — Ele passou o braço por minha cintura, esticando as pernas como a irmã. — Acho que não temos essas louças chiques para esse jantar não. Nunca terminamos de comprar as coisas da cozinha...

— Nós nunca terminamos de montar a casa. Agora que a casa tem uma dona, devemos terminar. — Vanessa completou.

— Que dona? — Fiquei confusa.

— Você. Katrina Winterfield. Dona da casa — ela me provocou.

— Vai se ferrar! — Dei a língua.

— Vocês estão aqui, bebendo vinho no escuro, conversando como um caszinho e estou de vela. Acho que preciso arrumar um namorado — comentou e quase cuspi o meu vinho.

— O que a sua terapeuta te deu hoje? — Devon brincou.

— Nada. Eu dirigi na chuva, por que não arrumar um namorado?

— Vai com calma porque já está desabando o céu lá fora. — Ergui minhas mãos, e ela riu, voltando a comer. Quando terminou, se despediu, disse que estava cansada demais para ficar conversando e ainda levou os meus filhotes com ela.

Devon e eu ficamos no sofá até tarde, não parecia que tínhamos que trabalhar no dia seguinte, mas conversar na calmaria ficou bom demais para encerrar. Era completo. Assunto não faltava, ideias a serem trocadas e apesar de passarmos muito tempo na companhia um do outro no passado, tínhamos histórias para contar (e em alguns casos, relembrar).

Peguei no sono recostada em seu colo e fomos para cama. Ele, como sempre, colocou o ar condicionado no mínimo e eu estava começando a desconfiar que fazia de propósito, só para me ter agarradinha com ele. Não que fosse um problema. Descobri que dormir com outra pessoa não era tão irritante quanto imaginava.

Nunca gostei de dormir com meus namorados. Ronco, movimento, puxada de coberta e um toque inadequado era o suficiente para me irritar e tirar o sono. Devon roncava apenas quando estava muito cansado ou com o

nariz congestionado, mas não me incomodava ao todo. Ele sempre dormia antes de mim e acordava também, silencioso, saía e voltava que não percebia.

Existia um lado bom de dividir a vida com uma pessoa, compartilhar os momentos no dia e ter muitos motivos para brigar. O que eu mais tinha medo, estava se transformando na minha melhor versão de vida.

Tudo que rezava era que o meu coração ficasse intacto. Eu não conseguia imaginar que nós viveríamos um conto de fadas felizes para sempre. Toda vez que pensava no futuro, batia a sensação de medo e abandono.

Fiz terapia para lidar com o abandono do meu pai, mas era difícil não ter medo que um dia, Devon acordasse, olhasse para o meu rosto e dissesse que iria embora. Ou simplesmente fosse embora sem se despedir.

No meio da noite, levantei para trocar o meu absorvente e reparei que o telefone dele não parava de vibrar. Voltei do banheiro e peguei. Era alguém da equipe de Stuart ligando. O contato estava como “Assistente Don Hedrer”.

— Devon! — chamei com calma. — Tem alguém da equipe do Stuart te ligando.

Ele sentou na cama e atendeu.

— Oi! O quê? — ele gritou e pulou da cama. — Merda! Estou indo! Correndo para o closet, foi se vestir.

— O que aconteceu?

— Stuart entrou em uma briga clandestina. O oponente é um homem que é famoso por matar os adversários no fim de cada luta — gritou do closet e sua voz demonstrava o nervosismo. — Esse filho da puta!

— Por que ele fez isso?

— Deve estar no meio de um surto. Tenho que tirar ele de lá.

— VOCÊ? — gritei atrás dele. — Stuart é enorme e um lutador profissional, você luta na academia e tenho certeza que são coisas diferentes. — Andei pelo quarto tentando impedir a sua saída.

— E se fosse Vanessa? — Ele me segurou pelo ombro.

— Vanessa não iria me levar para um maluco que mata os outros! Eu não quero saber, não adianta tentar me enrolar. — Travei a maçaneta da porta.

— Eu já volto, prometo. — Segurou o meu rosto e me deu um beijo. — Não se preocupa, confia em mim. — Devon me empurrou para o lado e saiu.

Fiquei tentada a ir atrás dele, mas não faria algo tão estúpido no qual ele precisasse tomar conta de mim e ainda salvar o amigo. Preocupada, quase acordei Vanessa e a tensão me fez sentir uma cólica monstruosa.

Queria bater em Stuart por se colocar em perigo e bater em Devon por achar que poderia salvar alguém em perigo e dar com a cabeça dos dois na parede por me deixar tão nervosa no meio da madrugada. O que era um surto do Stuart?

Algo me dizia que nós quatro nos dávamos tão bem justamente porque éramos quebrados.

21 | *Devon*

O sol estava nascendo na copa das árvores da casa vizinha que ficava nos fundos. Stuart estava jogado na espreguiçadeira ao meu lado, com gelo no rosto, um saco de ervilha nas costelas e outro saco de gelo no tornozelo. Já eu, com um saco de brócolis congelado nas costelas, o lábio com uma pomada e um saco de carne no olho.

Stuart teve um surto, eu odiava quando ele mergulhava tão fundo em sua escuridão que fazia uma merda gigantesca. Destino ou coisa enviada do inferno, enquanto treinava na academia, Jim Diablo o desafiou a uma luta mortal em um dos clubes clandestinos.

Meu amigo nunca fugia de um desafio, mesmo quando saiu desse mundo para a luta profissional e se tornou um ícone. Seu assistente me ligou assustado, pedindo por ajuda e eu levantei com o coração explodindo no peito.

Sabia que Stuart venceria, mas eu não queria que ele acordasse decepcionado consigo mesmo por ter matado um homem, sendo o infeliz do Jim ou qualquer outro. A única maneira de tirá-lo da luta foi o desafiando em uma antes que Jim entrasse.

Pulei no ringue e me joguei com ele. Nós rolamos no chão e nos socamos sob gritos e vaias. Eu o imobilizei e os homens de sua equipe pularam junto, ajudando a segurar. O levamos para fora de lá o mais rápido possível, paguei dois milhões ao organizador para que o desafio fosse cancelado. Jim não deixaria isso de lado e eu não me importava com ele.

Vanessa saiu de casa com a caixa de primeiros socorros para passar uma pomada nos nossos hematomas. Não tive coragem de acordar Katrina

quando Vanessa disse que ela passou mal de cólica e não tinha conseguido dormir muito. Ela deixou a caixa e voltou para dentro. Estava chateada.

Quando chegamos, encontrei-a chorando. Disse que havia acabado de colocar Kat na cama, as duas ficaram acordadas e preocupadas.

— Vai me contar o que aconteceu? Eu tenho que subir e aguentar Katrina furiosa, então, seria legal que me fizesse sentir que ela pode me matar por um bom motivo. — Mudei o saco de gelo para o outro olho, não estava tão ferido, apenas dolorido.

— Ele apareceu.

— Falou ou fez algo? — Me movi devagar. Estava dolorido, fazia tempo que não lutava tão brutalmente quanto naquela noite. — O que houve?

— Quer mais dinheiro. Segundo a novidade, sua nova mulher está grávida.

— Sério? Ele tem o quê? Setenta anos?

— Sim. Continua agindo como um moleque irresponsável. — Abriu um sorriso que mostrou toda a sua dor. Não era uma dor física. — Como é ter alguém? Como é estar casado?

Voltei a recostar e olhei para o céu.

— É bom. Complicado em alguns momentos, mulheres podem ser loucas de verdade, mas é bom em sua maior parte. Pensei que fosse como uma prisão. — Tirei o saco de brócolis do lugar. — Katrina é teimosa, me assusta até o último fio de cabelo com as maluquices. Às vezes ela não cala a boca e pensei que eu era o homem que fazia muitas coisas ao mesmo tempo, porém, é ela quem tem a mania de abraçar o mundo ao mesmo tempo. Ter alguém me esperando para jantar, para partilhar o vinho e a cama é bom. Não me sinto mais tão sozinho na vida... me sinto amado.

Sendo filho de quem era, sentir amor era luxo.

— Eu quero isso. Estou cansado de me sentir sozinho. — Refletiu.

— Você só precisa encontrar a garota certa. — Saí do meu lugar e peguei seu braço, erguendo-o. — Vem, vamos para a cama.

— Ela é a sua garota certa? — Stuart virou o rosto e olhou em meus olhos.

— Espero que sim, porque eu não quero outra garota além dela. — Sorri e o arrastei para dentro de casa.

Subir a escada com o corpo pesado do meu amigo foi difícil, joguei ele na cama de um dos quartos de hóspedes. Ele ficaria tombado devido à quantidade de analgésico que tomou no caminho para minha casa.

Tirei a minha camisa a caminho do quarto, fui arrancando toda roupa e ao entrar, parei, olhando Katrina toda espalhada. Uma bolsa de água térmica estava no canto, ela deve ter adormecido com aquilo para amenizar. Vanessa não era muito de sentir cólicas fortes, mas Katrina sim.

Quando mais novo, já saí de madrugada para comprar remédio. Ficou marcado na memória porque não sabia que uma garota podia desmaiar de cólica menstrual, foi assustador para mim.

Tomei banho, lavando o sangue e suor, tomei dois analgésicos e vesti uma cueca sem me secar direito. Deitei na cama, soltei um gemido de dor até encontrar uma posição confortável e fechei os meus olhos. A sensação era que estava sendo sugado. O remédio fez efeito e adormeci por algumas horas.

Acordei sozinho na cama, o lado de Katrina. Estava bem frio e ela não estava em nenhum lugar no quarto. Saí à sua procura e, descendo as escadas, vi minha sogra costurando a sobancelha de Stuart.

Katrina estava jogada no sofá, me deu um olharzinho e logo virou o rosto. Vanessa saiu da cozinha com uma bandeja cheia de canecas fumegantes, os filhotes estavam dormindo em um dos sofás, emboladinhos e estava chovendo novamente.

— Como você está? — Stuart perguntou.

— Quero te matar — resmunguei e me deitei em cima de Katrina. — Kat, gatinha — choraminguei e ela bufou. — Não fique chateada comigo. Preciso de carinho...

— Você voltou todo arrebitado — falou baixinho. — E se algo pior que algumas costelas doloridas e hematomas tivesse acontecido?

— Não aconteceu nada demais, estou bem, só dolorido. Amanhã vou estar melhor. — Beijeí sua bochecha. Relutante, me deu um olhar e vi que estava preocupada. Nos sentamos e peguei o chá. — Como está a sua cólica?

— Só fico mal nas primeiras horas, depois passa. Estou melhor agora. — Me deu um sorriso e assoprou seu chá.

Dei a ela um beijo suave nos lábios, em seguida outro, e mais um até que ela relaxou me beijando de volta, recostando em mim. Peguei um chá, não era algo que eu gostava muito, mas precisava beber alguma coisa.

— Todo mundo matou o trabalho hoje?

— Estou de home office. — Katrina me deu um sorriso sacana. — Meu computador, celular, planner e estojo estão bem ali. — Apontou para a mesa da sala de jantar.

— Eu me dei folga. Sou sua sócia. — Vanessa sorriu.

— Mate-me vocês duas — gemi ao sentir minhas costelas fisgarem.

— Eu acho que deveria fazer um raio-x. — Melanie terminou com a sutura e tirou as luvas. — Vocês dois. É importante saber se não teve um ferimento interno. Uma hemorragia pequena pode te levar à morte em algumas horas.

— O QUÊ? — Katrina e Vanessa gritaram ao mesmo tempo. — Nós vamos para o hospital agora! — Katrina ficou de pé e tentou me tirar do lugar.

— Eu não vou para lugar nenhum. Da outra vez que aconteceu, fiquei bem no dia seguinte. — Puxei-a de volta para o meu colo.

Katrina estava puta da vida, se controlando por causa de Stuart, porque ela não entendia ao todo o que tinha acontecido e talvez Vanessa possa ter contado como chegamos. Ela foi trabalhar na sala de jantar, minha sogra nos deu medicações e um monte de sermão.

Vanessa ajudou Stuart a deitar no outro sofá e perguntou se eu queria algo, avisou que ia preparar algo para comermos. Fiquei olhando a chuva batendo na parede de vidro da sala, sentindo a dor passar e até cochilei.

Stuart estava dormindo, me perguntei que diabos Melanie nos deu porque estava me sentindo zozinho. Me levantei com calma, olhei para a sala de jantar e estava vazia. Vanessa e Melanie estavam na cozinha e não sabiam onde Katrina estava.

Curioso, dei uma olhada em seu computador, o site da Winterfield estava aberto, assim como um monte de abas com e-mails e o seu blog anônimo. Sua agenda estava aberta e eu vi a sua última anotação: “*Qual a relação da Pro Valley com o aumento dos pacientes com câncer na região?*”, pintado de vermelho. Foda-se. Eu sabia que ela não ia desistir por muito tempo.

— Perdeu alguma coisa aí? — Ela desceu a escada. — Fui tomar um banho e trocar o absorvente.

— Droga. Muito sangue?

— Por que? — Sua expressão ficou confusa.

— Para saber o quanto vou sujar minha espada. — Comecei a rir antes de terminar de falar.

— Eca, Devon. — Me empurrou e foi para o seu lugar. — Deixa de ser idiota! — resmungou e fechou a agenda. — Precisa de alguma coisa, chefe? Sabe, quando me casei com você, não assinei o memorando que tinha que atender a sua assistente enquanto você estava desmaiado no sofá. Alicia sabe ser insistente. — Fez uma careta e ri. Minha assistente era um pesadelo. — Além do mais, foi tão divertido tomar decisões por você. Essa parte de ser a sra. Winterfield é bem legal.

Foda-me. Katrina usava dardos para tomar decisões difíceis. Ela ia afundar minha empresa se saísse de férias e a deixasse no comando.

— Não sei onde está o meu telefone.

— Carregando bem ali. — Apontou para uma mesinha perto da entrada. — Eu usei só para falar com Alicia e resolver os e-mails da assessoria de imprensa, não olhei mais nada — garantiu.

— Não tenho nada a esconder. — Peguei o meu telefone e fiz uma careta ao perceber que havia milhares de e-mails e solicitações.

Katrina resolveu o que sabia, pelo menos era mais atenta que a minha sócia. Minha irmã não se inteirava de nada, mesmo que pedisse. A intenção era dividir a carga entre nós dois, mas Vanessa era desligada. Ela queria casar e ter filhos, criar uma família como nós não tivemos.

Alicia foi até onde tinha permissão. Havia ligações perdidas da Everly e um e-mail querendo saber se estava tudo bem, porque eu não fui

trabalhar. Katrina não abriu, mas provavelmente viu.

Fiquei no escritório trabalhando o dia inteiro, quando o efeito do remédio passou, a vontade de matar Stuart voltou. Me sentindo desconjuntado, encerrei o expediente às oito da noite, exausto.

Dava para ouvir as três falando no quarto da Melanie, lembrei que a minha sogra tinha um encontro e eu estava me sentindo um fofoqueiro só por estar muito curioso. Tomei banho, vesti uma calça jeans e camiseta, descendo descalço e a campainha tocou.

Katrina apareceu no corredor de cima e se pendurou no parapeito, para olhar o portão pela parede de vidro. Empolgada, gritou para atender e voltou correndo para o quarto. Rindo, fui até o portão e abri o de visitantes. Um homem de boa aparência, provavelmente com os seus cinquenta anos, estava segurando um buquê de flores e bem arrumado. Ele me deu um olhar confuso e olhou para o endereço.

— Olá? Eu procuro Melanie Summer.

— Olá. Sou Devon Winterfield, o genro — expliquei. — Você é?

— Michael Jones.

— Ela está terminando de se arrumar. Vamos entrar. — Abri um pouco mais o portão e ele passou.

— Você tem uma bela casa, Devon. Não sabia que a filha da Melanie era casada.

— Obrigado. — Agradei pela casa e ri. — Não é muito atento às fofocas.

— Não mesmo. — Sorriu, e ofereci uma bebida, mas ele não quis nada.

Vanessa e Katrina estavam rindo de cochichinhos no corredor, ele estava ouvindo, mas não podia vê-las. Era difícil segurar a risada. Alguns segundos depois, ouvi os passos de Melanie no corredor e soltei um assobio. Minha sogra estava linda em um vestido roxo, justo ao corpo, os cabelos escovados, jogados de lado e maquiada do jeito que as meninas costumavam fazer quando queriam sair.

Melanie era um mulherão e era melhor que aquele médico soubesse o que tinha em mãos.

— Você está linda, sogra. — Me adiantei e ofereci a minha mão para descer os últimos degraus da escada. O seu encontro parecia congelado no lugar. Ele estava em choque.

— Obrigada, Devon.

— Caramba, Melanie. — Michael se adiantou. — Estou sem palavras. Você está tão linda! — Sua voz gaguejou um pouco. Katrina estava debruçada, sem se esconder mais. — Trouxe essas flores para você.

— Isso é tão gentil, Michael. Obrigada.

— Eu coloco em um vaso, mamãe. — Katrina desceu as escadas rapidamente.

Após uma rápida apresentação, o casal saiu para o encontro e olhei para Katrina pulando no lugar, segurando as flores. Correu para a cozinha, dividindo as flores em vasos e deixou no quarto da mãe.

Vanessa desceu de banho tomado, arrumada e disse que se ofereceu para ir à igreja com Rosa, em um evento de família. Entrei na cozinha e Rosa estava emburrada, ela deu as costas quando me aproximei abraçando-a à força. Ela ficava muito puta com essa história de luta clandestina.

No passado, entrei em algumas confusões com Stuart e ela ficava desesperada.

— Você é um homem casado, precisa pensar na sua esposa antes de fazer uma besteira. Sendo por um amigo ou não. — Segurou o meu rosto. — Se cuida, nada de aprontar hoje. Katrina disse que não precisava preparar o jantar, que vocês dois podiam se virar.

— Nós iremos. Cuidado vocês duas, não voltem muito tarde.

Vanessa sorriu, estava linda com um comportado vestido rosa, de jaqueta jeans e botas. Ela me deu um beijo estalado na bochecha e foi para a garagem com Rosa. Assim que saí da cozinha, eu vi Polo batizando a beira de uma cadeira com xixi e Marco roendo o pé do sofá.

— Katrina! Seus filhos estão fazendo merda pela casa! — gritei e fui limpar a bagunça. — Seu tapete higiênico é caro, pestinha. Tem grama de sobra no quintal, não vai ficar mijando na minha casa não!

— Tem que passar aquele spray nos móveis. Nós compramos quatro vidros e ainda não passamos em lugar nenhum. — Katrina parou e pegou Polo, para limpar as patas sujas de xixi. — Peça desculpas ao papai ou ele vai colocar vocês na garagem. — Ela virou com o cachorrinho no colo. Estava ficando tão grande que ela não conseguia segurar direito. — Desculpa, papai! — Acenou com a patinha.

— Tá desculpado. — Acenei de volta, terminando de limpar o xixi.

Lavei as minhas mãos e decidi pedir comida, não estava chovendo mais.

— O que quer comer?

— Seu fígado picadinho. — Ela ergueu o telefone e ri. Postei uma foto dela, descabelada, com cara de sono e comendo cereal para dizer que mesmo brava e bagunçada, era linda. — É uma pena que foto não transmite cheiro ou esse bando de mulher que manda foto pelada para você, ia sair correndo ao sentir o perfume depois que vai ao banheiro.

— Como se você cagasse cheiroso — rebati, rindo. Me joguei no sofá, olhando os comentários da foto. No meu feed, havia milhares de fotos nossas. Normalmente, pessoas escondiam os seus relacionamentos e eu não enxergava motivos para esconder. Nós estávamos juntos e para ser honesto, esperava que continuássemos juntos.

— Certamente não é podre ao ponto que precise abrir todas as janelas! — Me deu a língua.

— Então, o que quer comer? — Voltei ao ponto principal da noite.

— Comida japonesa. — Determinou. — Vou pegar o vinho. — Virou de costas, chamei e ela virou. — Não faça piadas sobre sexo com menstruação, eu vou te bater.

Fiz um beicinho.

— Se eu estiver a fim e confortável, deixo a sua espada sujar de sangue, até lá, cale-se.

— Sim, senhora. — Bati continência. Mulher brava.

Fiz o pedido e o telefone dela estava tocando ao meu lado, era um número não registrado. Peguei e atendi. Falei alô duas vezes e só tinha uma respiração do outro lado.

Mudei para o seu histórico e vi que ela atendeu aquele número duas vezes, mas tinha outros desconhecidos que estavam desbloqueados. Ao voltar com uma taça de vinho e uma cerveja aberta para mim, me flagrou com seu telefone na mão.

— Que ligações são essas?

— Eu não sei, estou recebendo desde cedo. Eu acho que é o Nick. — Sentou e colocou as pernas no meu colo. — Bloqueei o número, porém, acho que ele está pegando outros números.

— Ele é um dos suspeitos de incendiar sua casa e teve aquela atitude deplorável no dia do incêndio. — Massageei os seus pés. — Não vou tolerar nenhum tipo de perseguição. Vamos à polícia.

— Não, Devon — choramingou. — Estou cansada da polícia. Eles descartaram a Pro Valley por causa de um pedido de desculpas. Nick demonstrou ser violento, porém, o que mais ele pode fazer?

— Nunca duvide da capacidade de um homem de ser babaca. Ele parece ser do tipo que não aceita um fim e eu sou do tipo que não tolera palhaçada, se ele continuar, eu vou resolver do meu jeito.

— Vou trocar de número e ele não vai ter como me encher mais. — Apaziguou. Não estava nem um pouco satisfeito e achava um absurdo ela ter que mudar o número pessoal para que ele a deixasse em paz. O babaca precisaria de uma visitinha. — Devon, não. — Katrina me deu um chute de leve. — Nada de ir atrás dele, nada de fazer ameaças, ele é um homem que não merece atenção e quanto mais palco der às atitudes dele, mais ele vai crescer. A casa vai ficar sem nada, na verdade, sem existir por um tempo. Não precisarei vê-lo mais.

— Certo. Em falar nisso, por que não pesquisamos construtoras, um arquiteto e com isso, começamos um novo projeto? — Voltei a massagear os seus pés, que eram pequenos e bonitinhos.

— Minha mãe não vai aceitar.

— Eu sou meio dono da casa, sabia? — Arqueei a minha sobrancelha.

— É mesmo? — Deu um gole de seu vinho.

— Foi por isso que eu consegui quitar as dívidas. Quando nos casamos, não assinamos nenhum acordo e por isso, você tem direito a tudo

que é meu e eu tenho direito a tudo que é seu. Você é dona da casa com a sua mãe. Automaticamente...

— Eu não me meto no seu dinheiro...

— Porque não quer. — Sorri torto.

— Posso te falir em uma ida ao shopping.

— Pode tentar.

— Vamos sentar e conversar com a minha mãe. Eu não quero ser a chata que vai ficar dizendo não, eu sei que ela está louca para reconstruir a nossa casa e não faço ideia de quanto tempo mais o seguro vai levar para cobrir as despesas.

— Pelo menos mais um mês, isso seria um adianto do projeto.

— Resolvemos depois. — Bebeu todo o vinho, apoiou a taça em cima da mesinha e relaxou no sofá, colocando a mão na barriga.

A casa estava silenciosa, os filhotes em suas camas, uma mulher bonita deitada praticamente em cima de mim, boa cerveja e nenhuma expectativa de sexo naquela noite, muito menos nas próximas. Em algum momento no passado, se alguém me dissesse que aquele momento seria o meu favorito de um dia inteiro, soltaria uma risada alta e diria que a pessoa estava louca.

Eu não me importava em estar louco.

22 | *Katrina*

Virei na cama e abracei Devon, que estava deitado de lado, ainda dormindo e beijei as suas costas. Voltei a cochilar, ciente que precisava levantar a qualquer momento. Ergui o rosto ao ouvir um bufo na porta e de repente, ela foi aberta. Não precisei contar muito para sentir o peso de um dos meus filhotes. Polo começou a me lambar e Marco subiu depois, latindo, chamando para brincar.

— Quem foi que abriu a porta? — Devon sorriu ao ser acordado. — Quantas lambidas, se acalmem! — Coçou as orelhas do Marco. Polo estava me pisoteando.

— Não sei se abriram sozinhos ou se a sua irmã abriu ao vê-los querendo entrar. — Tentei acalmar a farra, mas sem sucesso.

— Ela ainda está puta?

— O que você acha? — Rebatí, rindo.

Nós três saímos juntos. Devon precisava trabalhar, fazer uma aparição com um DJ famoso que estava na cidade e na boate, encontramos com Stuart. Vanessa e eu dançamos muito, aproveitamos tanto que estava com as coxas doendo, as panturrilhas pegando fogo e meus dedos latejando.

Foi uma noite divertida, exceto que os irmãos deram choque por uma coisa boba. Eles brigavam, ficavam implicando um com o outro até cansar. Já estava acostumada e não me incomodava. Entre eles, era assim mesmo, amor e implicância de sobra.

Precisando sair da cama, mesmo com preguiça, me venci na vontade de continuar dormindo e me preparei para o dia.

— Vai aceitar o meu presente? — Devon me abraçou por trás, depois que escovei os meus dentes. Ele estava todo descabelado, de cueca e com o rosto amassado.

— Só porque eu quero estar ao nível dos eventos da empresa. — Fiz um pequeno beicinho.

— Você é linda de todo jeito. — Beijou a minha bochecha.

Encontrei com Vanessa tomando café.

— Não tenho nada a ver com a briga com seu irmão. — Cutuquei sua cintura e ela riu, bebendo café. O olhar divertido era prova de que não se importava nem um pouquinho.

Mamãe apareceu pronta e nós três saímos para o shopping. Era o nosso dia de meninas. Estava louca cuidar do meu cabelo. O salão que marcamos era muito famoso, foi difícil conseguir um agendamento e ainda entramos em uma fila de espera. Era melhor que fosse bom, porque o orçamento era de chorar.

...

Me olhei no espelho, surpresa com a mudança no meu visual. Estava tão bonita que me inclinei para frente, para ter certeza que o reflexo era meu mesmo.

Meu cabelo estava mais escuro do que realmente pedi, mas era um tom de cobre muito bonito, com alguns fios mais dourados, iluminando o meu rosto. irei também um pouco do comprimento. Antes, era quase na cintura, agora, estava na altura dos seios.

Devon me pediu, de um jeito muito safado, para não cortar muito. Demorei a entender que era para segurar o meu cabelo quando estivesse de quatro na frente dele. Ele amava puxar o meu cabelo. No sexo, de brincadeira ou conversando na cama, apoiava o braço e me prendia no

lugar. Ele tinha sorte que eu amava o meu cabelo longo porque até fechar a porta do carro no meu cabelo, ele já tinha feito. Não de maldade, mas como estava muito longo, acabou acontecendo.

Vanessa cortou o cabelo bem curtinho, nos ombros e manteve a franjinha, que estava maior, jogada de lado. Minha mãe hidratou e renovou um pouco do loiro, tirando os fios brancos. A diferença era que ela era loira de verdade e eu fui quando criança, durante o crescimento foi escurecendo como os cabelos do meu pai. Ficamos muito bonitas, foi um dia merecido com direito a unhas e depilação.

Enquanto esperava a conta, passei um pouco de batom para tirar a palidez dos lábios e ajeitei a minha sobrancelha. Vi que a funcionária entregou a comanda para minha mãe e ela arregalou os olhos.

— Caramba, Katrina!

— Vocês são as minhas convidadas. — Peguei a comanda de sua mão e sorri. — Relaxa, mãe. Meu marido é rico e me deu um cartão de crédito, duvidando da minha capacidade de estourar o limite.

— Não acredito que Devon te desafiou a gastar o dinheiro dele? — Ela colocou a mão na cintura.

— Na verdade, Mel... — Vanessa entrou no assunto. — Ele quis desafiar Katrina a não agir como uma esposinha troféu e a boba caiu como um patinho nas provocações dele.

— Eu caí sim, depois eu percebi e por fim, precisava fazer o meu cabelo e comprar umas coisas. Se o meu marido rico não se importa... — Dei de ombros.

Paguei a conta astronômica no salão e saímos com as bolsas de xampus e condicionadores que compramos. Aproveitando que estávamos em um shopping badalado, encontramos uma loja feminina e fizemos

compras muito necessárias. Estava sem roupas íntimas, roupas de dormir e principalmente para trabalhar, além de roupas confortáveis para o dia a dia.

Devon tinha tantos compromissos noturnos que eu não tinha mais vestidos e roupas legais para a noite animada de Las Vegas. Enfiei meu orgulho no saco, se eu queria estar ao lado dele e à altura do meu emprego, precisava de roupas.

Além do mais, estava contribuindo em casa, assim não me sentia um peso. Devon pagava o condomínio, o “salário” de Rosa e a astronômica conta de luz. Vanessa pagava o seguro e minha mãe e eu dividíamos as compras de mantimentos. O restante, com muita relutância, ele aceitou dividirmos por igual.

Estava seriamente desconfiada que ele não gastava um real que depositava em sua conta.

— Estou me sentindo como aquelas patricinhas dos filmes, saindo das lojas cheia de bolsas — brinquei com as bolsas e ainda dei uma rodopiada. Vanessa riu, mas ela não podia se mexer muito. A louca saiu comprando coisas para nós duas. Minha mãe sempre foi mais comedida.

Meu telefone tocou e era Devon.

— Olá, maridinho.

— *Você faz o meu dia quando me chama assim* — brincou. — *Está se divertindo no shopping?*

— Sim e você? Está pronto?

— *Estou te esperando.*

— Tudo bem, nós terminamos aqui e já estou indo te buscar — avisei e parei em frente a uma loja de brinquedos. Sorrindo para o que encontrei, encerrei a chamada e entrei rapidamente na loja, comprando um par de brinquedos que faria o meu dia em provocar Devon.

Enchemos a mala com as nossas compras, o novo carro de Devon era bem grande. Ele pensava que eu não sabia que comprou para mim, estava fingindo usar todo dia, me fazendo buscá-lo no trabalho quando precisava sair mais cedo para fazer minhas coisas ou buscar minha mãe no trabalho. Se ele me oferecesse o carro, iria aceitar.

Bertie foi levado para uma oficina especializada em fuscas, mas, era uma oficina de restauração super cara da região e tinha uma fila de espera enorme. Era impossível ficar sem carro, sem autonomia para ir e vir. A agenda de Devon era muito complicada, às vezes, quando terminava o expediente, ficava esperando-o ou ia embora e ele voltava para casa com Mac.

Não era algo que nenhum dos dois gostavam muito porque fazia parte do esquema de segurança da Winterfield que os reais funcionários daquele setor andassem disfarçados. Os que ficavam uniformizados eram facilmente reconhecidos.

Minha roupa ficou presa na mala, me atrapalhei um pouco e abri de novo a porta. Soltei a minha blusa, puta que havia rasgado.

— Kat? — Tomei um susto com a presença de Nick. — Te vi de longe, imaginei que fosse você.

— *Uau*. Você está bem longe de casa! — Olhei ao redor, se não fosse minha mãe e Vanessa dentro do carro, estaríamos completamente sozinhos no estacionamento. — O que está fazendo aqui?

— Passeando no shopping. — Ele olhou para o carro, sua expressão escureceu um pouco, mas logo se controlou. — Quero te pedir desculpas pela cena que causei em um dia difícil. Explodi sobre o seu casamento, foi um choque, mas eu te conheço desde pequena e sei que jamais me trairia.

Espero um dia saber da história toda, porque sempre fomos amigos e eu não quero perder a sua amizade.

— Nicholas, você me chamou de piranha e me acusou de dormir com alguém nas suas costas. Depois que nós terminamos, eu não tinha obrigação nenhuma de te dar satisfações. — Bati a porta do carro, fechando a mala com brusquidão. — Eu não quero que você fique me seguindo com a desculpa de que me viu sem querer. Você ficou me ligando, não foi? Acha que não reconheci a música que você e os seus amigos costumavam ouvir na calçada? Estou avisando, Nicholas Rojas. Me deixa em paz!

Dei as costas e entrei no carro, a primeira coisa que fiz foi travar as portas e engatar a ré, se ele não saísse de trás, iria atropelá-lo. Percebendo que não ia parar, pulou fora e dei a volta, saindo do shopping o mais rápido que consegui.

— Ele está te seguindo. — Vanessa foi a primeira a falar.

— Temos que ir à polícia, Katrina.

— Eu sei, mãe. — Suspirei e parei no sinal vermelho. — Deixa que eu conto para Devon, está bem? — Mordi o lábio. Ele andava no limite sobre Nick há dias. Antes de trocar o meu número de telefone, tivemos uma noite infernal. Precisei deixar desligado porque não parava de tocar, perdi uma chamada importante de trabalho e fiquei tão chateada que refletiu no humor dele.

— Precisa que dirija? — Vanessa questionou ao perceber que minhas mãos tremiam.

— Não, estou bem. Não quero falar sobre isso, é o final de semana do meu aniversário e tudo que preciso é de diversão e mimo. — Coloquei as duas mãos no volante e segui para o prédio da empresa. Sempre tinha um pouco de trânsito na avenida então avisei a Devon que estava chegando. Ele

respondeu por áudio que estava descendo para a garagem, ouvi se despedir de Alicia e o barulho do elevador.

O manobrista me deixou entrar e subi as rampas. Comecei a rir ao lembrar do quão complicado era fazer aquilo com o resmungão do Bertie e aquele carro parecia uma aeronave. Parei próximo ao elevador. Devon estava conversando com um funcionário, Vanessa saiu e foi para o banco de trás e eu pulei de lado, colocando os meus sapatos.

Devon entrou no lado do motorista distraído, girou o cestinho de lixo que estava na marcha e parou. Me olhou. Analisou bem o meu rosto e lentamente, me deu um sorriso lindo. Se aproximou, segurou o meu rosto e me deu um beijo suave.

— Você está linda. — Voltou a me encarar, segurando o meu cabelo e sorriu. — Muito linda.

— Ai meu Deus, que glicose! — Vanessa gritou do banco de trás.

— Você também está linda. As três estão. — Ele olhou pelo retrovisor e piscou para o banco de trás. — Principalmente a senhora, minha sogra. Será que o seu médico vai gostar?

— Para de chamar ele de meu médico. — Minha mãe chutou o banco de Devon. Ele estava enchendo o saco dela desde o primeiro encontro. Até então, estavam no segundo oficialmente. Mamãe era das antigas e não estava contabilizando os almoços e jantares que compartilhavam no trabalho.

Pegamos um pouco de trânsito e eu aproveitei pra ir terminando de organizar toda minha parte do churrasco de quatro de julho que a empresa estaria oferecendo para os funcionários em um parque aquático quase fora da cidade. O feriado caiu em dia de semana, poucos conseguiram liberação

de seus turnos, porque era impossível fechar todos os empreendimentos para a comemoração.

Era o meu primeiro evento como namorada/esposa de Devon. No ano anterior, fui de intrometida, ainda não tinha começado a trabalhar oficialmente no cassino. Foi muito divertido, Vanessa e eu brincamos como crianças.

Chegamos em casa e os cachorros estavam soltos na parte da frente. As plantas foram arrancadas e buracos enormes na grama decoravam o jardim. Rosa estava com as mãos na cintura, brigando que eles eram duas bestas sem educação. Ambos estavam imundos, com grama e terra por todo lugar. Era engraçado, mesmo que o jardineiro fosse dar um ataque assim que visse o seu recente trabalho todo destruído.

— Quero saber quem vai limpar a casa porque está toda suja de terra! — Rosa estava furiosa. — Eu só fui no mercado e esses monstros destruíram tudo.

— Eles não são monstros, são apenas bebês. — Defendi meus filhos. — Vão ficar sem petisco esta noite porque estão de castigo.

— Eu dou banho neles e vocês se dividam limpando a casa — mamãe ordenou.

Vanessa me deu um olhar exasperado, não adiantava nada reclamar, ela que deu a ideia de termos dois labradores. Eles eram agitados, não tinha jeito. Iriam começar o adestramento e uma menina do condomínio que trabalhava passeando com cachorros iria buscá-los no final da tarde todos os dias na semana seguinte.

Devon os levava para andar no terreno que ainda não tinha casa construída, eles adoravam correr lá feito loucos. Eu levava apenas para caminhar na rua, quando corriam de mim, era muito cansativo fazê-los

voltar. Quando entrei na sala, quase chorei. Estava tudo virado. Arregacei as mangas e comecei a limpar.

Devon ficou com o quintal. Vanessa e eu dividimos a parte de dentro. Limpar o sofá branco de terra deu trabalho, mas eu consegui. Terminamos a tempo do jantar, Rosa preparou espaguete com almôndegas.

— Você vai explodir — brinquei ao ver a montanha de comida que Devon se serviu.

— Estou faminto. — Ele enfiou uma almôndega na boca.

Servi o meu prato e ri da minha mãe toda concentrada mandando mensagens. Eu não aguentava o seu “eu” apaixonadinho. Tinha vontade de apertar suas bochechas.

— Stuart vem aqui hoje? — Vanessa perguntou, se fazendo de distraída. Ela pensava que me enganava? Suprimi a risada. Ela me deu um chute por baixo da mesa porque dizia que estava vendo coisa onde não existia.

— Não. Eu perguntei a ele se queria um dos quartos, já que quase não sai daqui. — Devon retrucou meio de boca cheia e o encarei, incrédula. — O que foi? — Fez uma expressão inocente.

— Que falta de educação falar de boca cheia. Mas eu fiquei mesmo chateada com a sua grosseria com o seu amigo. Stuart é bem legal e ele é bem-vindo aqui sempre.

Devon me deu um olhar fulminante. Não era ciúme por mim. *Ah, droga!* Ele percebeu o clima entre Vanessa e Stuart. Foi a minha vez de chutá-lo debaixo da mesa.

— Michael está nos convidando para o aniversário do filho amanhã à tarde. Eu avisei que domingo era o aniversário da Katrina e que faríamos

um churrasco no almoço, retribuindo o convite. — Mamãe largou o telefone e soltou a bomba.

— Michael tem um filho? — questionei, curiosa. Ela estava segurando as informações como se eu ainda fosse uma menina que não pudesse saber de seus namoros.

— Na verdade, é sobrinho dele. O irmão caçula sofreu um acidente de carro junto com a esposa. Michael cria o menino, de quem é padrinho. Ele vai completar quatro anos amanhã — explicou toda comedida, esperando um julgamento.

— Awn, Kat! Você vai ter um irmão! — Vanessa cantarolou.

— Hum, que fofo — Devon falou de boca cheia. — Eu topo. Estou super curioso mesmo!

— Nós iremos e não é porque estamos morrendo de curiosidade. — Dei um empurrão de leve nele. — Deixa de ser fofoqueiro — ralhei e ele riu, voltando a comer. — Eles dois serão muito bem-vindos no meu aniversário, mamãe.

As bochechas dela ficaram vermelhas, pegou o garfo e continuou comendo, sem falar mais nada. Vanessa e eu trocamos um olhar muito divertido.

Após o jantar, lavei e sequei a louça enquanto Devon ia trabalhar mais um pouco. Vanessa se despediu, dando boa noite. Eu sabia que ela ia deitar e ler um monte de livros, passar a noite acordada e ficar como um zumbi mal humorado durante toda a manhã seguinte. Minha mãe e eu ficamos conversando sozinhas na sala, com nossos filhotes dormindo aos nossos pés.

— Nós não falamos sobre como você está com Devon. Tudo ainda é por causa do desafio? — Apoiou a taça de vinho na mesinha.

— Não tudo... eu não sei. Estou apaixonada por ele, a intimidade é boa e a maneira como tudo tem se desenvolvido me faz feliz. Ainda tenho a sensação de que não vai durar e em algum momento, vai ruir. Eu preciso admitir que julguei Devon todo esse tempo, ele é comprometido sim, eu só não tenho certeza por quanto tempo tudo vai se manter tão bem. — Terminei o meu vinho, só bebemos uma taça cada uma.

— Eu não sou extremamente experiente em relacionamentos, você sabe que me casei cedo e tive poucos namorados. A única coisa que eu sei é que dois precisam querer fazer dar certo. Precisa de entrega, de paixão, de muita paciência e extremo companheirismo. Tem que ter amizade. — Segurou a minha mão e apertou. — Se você está apaixonada e está sendo correspondida, se entrega! Deixa o medo! Lembre sempre de manter o respeito, o carinho e acertar os problemas pensando no bem maior. Vocês dois podem ter um futuro lindo. Apesar dele ser muito implicante, gosto dele. Tem um coração de ouro.

— Ele tem sim, mãe. Obrigada pelo seu conselho e espero que abra o seu coração para o Michael. Você merece ser muito feliz! — Abracei-a bem apertadinho. — Te amo muito!

— Eu te amo mais, menina. Não faz ideia do quanto...

Mamãe foi dormir e eu fui para o meu quarto. Devon deixou todas as bolsas no chão, bem no meio do caminho. Ele era terrível. Procurei a bolsa que queria, tirei o conjunto de lingerie sexy, lavei a calcinha e sequei com o ferro, junto com uma toalha.

Tomei o meu merecido banho do dia, soltei o rabo de cavalo e me encarei no espelho, ainda admirada com o meu novo tom de cabelo. Vesti o espartilho de renda vermelho e puxei o zíper, ajustando. Ajeitei os meus

mamilos, vesti a calcinha e me encarei. A ideia era usar as meias com a liga, mas achei desnecessário.

Me enrolei no roupão e desci a escada. Devon estava digitando freneticamente, concentrado no computador, mas ergueu o olhar quando me viu parada e encostada na soleira da porta.

— Oi. Ainda vai demorar? — Cruzei os meus braços.

— Estou terminando esse memorando para Alicia atualizar um contrato. Precisa de alguma coisa? — Voltou a digitar e abriu um sorriso. — Está sentindo a minha falta no quarto?

— Acho que estou me acostumando com você enchendo o saco durante a noite e eu tive que passar creme hidratante nas minhas pernas sozinhas. — Fiz um pouco de charme. — Além do mais... — Soltei o laço do meu roupão. — Fiz umas comprinhas hoje e pensei que, talvez, você gostasse de algo que comprei. — Tirei totalmente o roupão e mostrei a minha lingerie. — Gosta?

Devon parou de mover os dedos nas teclas e subiu o olhar intenso pelo meu corpo, me aquecendo completamente.

Deixei cair o roupão, dando uma voltinha e mostrei que, na bunda, era só um triângulo rendado bem bonito. Ele levantou com brusquidão, quase derrubando seu computador, e sorri, saindo de seu escritório dando uma caprichada na rebolada só para tê-lo me seguindo como um babão. Subi a escada devagar, ele agarrou a minha cintura e plantou um beijo em cada nádega.

Sorri e cobri a minha boca, não queria que minha mãe ou Vanessa acordassem com a nossa safadeza. Entramos no quarto aos beijos, ele fechou a porta com um chute, a boca grudada na minha.

— Deixe-me ver você direito. — Se afastou e acendeu a luz. — Que gostosa... — Passou a mão no rosto e sorri. Ele voltou a me beijar, me levando para a cama.

Devagar, beijou cada pedacinho da pele, curtindo a renda, me provocando com ela e me levando ao limite do prazer com a boca nos meus mamilos. Como era muito sensível, estava vendo estrelas e quase gozando sem que ele precisasse descer um pouco mais. Arranhei seus braços, cantarolando o seu nome, sentindo um repentino tremor que espalhou por todo meu corpo.

Sem perder tempo, desceu beijos pela minha barriga e afastou a minha calcinha, lambendo a minha boceta.

— Caralho! — Soltei um gritinho. — Devon, ai meu Deus! — Agarrei o seu cabelo.

— Eu amo que você seja tão minha — falou antes de dar uma deliciosa chupada no meu clitóris.

— Você ama? — Olhei em seus olhos com um sorriso. Seu olhar brilhou e vi a língua provocando toda minha sensibilidade. — Eu também amo ser sua.

— Ama mesmo? — O desafio estava em seu tom de voz. Se afastando, tirou a roupa. O pênis estava duro, com a cabeça brilhando e as veias salientes. — Me chupa — ordenou.

Devon sabia que fora da cama, se ele mandasse em mim, ganharia um chute. Na cama, ele podia mandar à vontade. Ajoelhando ao meu lado na cama, sua mão foi entre as minhas pernas enquanto eu agarrei o seu pau, lambendo a cabeça, brincando com o gosto do pré-goço na minha língua, explorando todo seu comprimento com a boca até as bolas.

— Não faz ideia da visão espetacular que é esse momento... — gemeu, pressionando o dedo dentro de mim. Gemi com seu pau na boca, dando a ele o boquete que gostava. — Sou louco por você. Vem, baby. Quero você. Empina essa bunda pra mim.

Mudei a posição na cama, não tiramos a minha calcinha, ele pegou a camisinha na gaveta ao lado e colocou com rapidez. Senti a cabeça de seu pau pressionando a minha entrada, empinei a minha bunda ainda mais, sendo deliciosamente preenchida. Nós gememos juntos e começamos a nossa dança favorita, que como casal, nos levava um nível de intimidade único.

OceanofPDF.com

23 | *Devon*

Abri os olhos, sentindo um carinho gostoso e reparei que estava totalmente em cima de Katrina e ela acariciava meus cabelos, minha nuca, dando beijinhos na minha cabeça enquanto lia algo em seu celular. Me movi devagar, beijei cada um de seus peitos aproveitando que estava só de calcinha e espalhada na nossa cama. Ergui o meu rosto, ganhei um sorriso sonolento e um beijo gostoso. Subi um pouco mais na cama e me encaixei entre as duas pernas.

Nu, meu pau ficou feliz ao ser aninhado próximo ao seu lugarzinho favorito e ela se esfregou em mim, correspondendo meu beijo, soltando o celular e me agarrando. Nós tivemos a nossa versão de sexo matinal cheio de putaria e vê-la gozar, segurando o lençol, se entregando ao orgasmo era libertador!

Nas primeiras vezes, ela se segurava, ficava assustada com as reações do corpo e tentava se conter. Ela ficou puta quando eu disse que ela podia ser uma dama na mesa, mas na cama, ela era minha puta. Dois segundos depois, começou a rir e nas próximas vezes, foi surreal.

Meu doce, implicante, teimosa e muito furiosa esposa era um furacão com tesão.

— Bom dia... — Beijei seus lábios bem devagar. — ... esposa.

Katrina sorriu, abraçada em mim e meu pau ainda estava sentindo a pulsação do orgasmo.

— Bom dia, marido — gemeu baixinho. Saí, tirando a camisinha e joguei fora. As outras camisinhas ainda estavam ali para serem descartadas.

Katrina me mataria se eu deixasse ali para ser retirado depois. Ela não queria que as novas funcionárias vissem qualquer coisa da nossa intimidade quando entrassem no quarto para a limpeza. Todas as novas funcionárias, as duas auxiliares da limpeza e a cozinheira, assinaram contrato de confidencialidade.

Optei por usar uma agência como intermediária porque ninguém queria parar e escolher novas funcionárias. Era algo que parecia simples, porém, com a nossa vida tão exposta, precisávamos ter pessoas de confiança em casa. Elas não trabalhavam nos finais de semana, apenas nos dias comerciais e iam embora antes do jantar.

— Temos que comprar um presente para o garotinho — Katrina murmurou, sonolenta.

— Vamos comer alguma coisa e sair. Vou tomar banho.

— Eu já vou. — Bocejou, puxando um travesseiro para voltar a dormir. Abri as cortinas e ela gritou da cama. — Ei, pessoas estão tentando dormir e o que você está fazendo nu na janela?

— Estou deixando a claridade entrar, está um lindo dia e não tem ninguém...

— Não que esteja vendo, sai daí ou eu vou começar a andar pelada pela casa quando estivermos sozinhos. — Ameaçou e ri. Ela andava *quase* pelada. Sempre de calcinha e camiseta.

Proibi Stuart de entrar sem avisar. Para piorar, Vanessa passou a usar roupas curtas e confortáveis, não tinha problema nenhum, eu só não queria que ele visse a minha mulher e irmã com pouca roupa.

Fingi que ignorei o protesto, passei mais um pouco na frente da janela e fui para o banheiro. Liguei o chuveiro, esperei aquecer um pouco a água e voltei para o quarto, pegando-a no colo de supetão.

— Você é muito ruim — reclamou e soltou um grito quando a enfiei no chuveiro.

— Não vai ficar fedida — provoquei. Seu olhar irado foi engraçado.

— Não estou fedendo. Tomei banho antes de dormir.

Coloquei-a no chão e ela me bateu com a esponja, foi lavar o cabelo me acusando de tê-la feito suar. Seu cabelo estava muito bonito e em uma tonalidade totalmente diferente. Mais escuro, com uns fios loiros e brilhando. Se possível, ainda mais linda.

Observei-a tomar banho, esquecendo de tomar o meu próprio. Quando terminou, saiu emburrada. Deixá-la irritada era o meu esporte favorito. Peguei o sabonete líquido, acordando para a vida, sem gastar mais água que o necessário. Ela começou a escovar o cabelo na frente do espelho, o secador fazia um barulho que os cachorros sempre saíam correndo. Era tão barulhento que me dava vontade de sair correndo com eles.

Terminei o meu banho, me sequei previamente e me enrolei na toalha. Escovei os dentes, passei a mão no cabelo molhado e parei atrás dela. Rindo, jogou o bafo quente no meu rosto e desligou, seu cabelo não estava totalmente seco, ela passou algo do meio para as pontas, enrolou no alto da cabeça e prendeu.

— Você está linda. — Apoiei o meu queixo em seu ombro.

— Antes não estava?

— Fica bem loira, mas esse tom realça a cor dos seus olhos. Eles são lindos. — O novo tom lembrava de quando a conheci. Seus olhos sempre me chamaram atenção.

— Assim você me mata. — Suas bochechas ficaram vermelhas. — Vem, me alimente. Eu quero comer aqueles seus ovos com queijo.

— Vou fazer. — Dei-lhe um beijo na bochecha.

Marco e Polo estavam soltos no quintal, correndo atrás da bolinha que Rosa jogava. Ela conversava animada com Melanie, que segurava uma caneca fumegante. Encontramos minha irmã na cozinha, separando ovos, ela estava com o cabelo todo bonito, usando um vestido azul mais justo e curto.

A presença constante de mais duas mulheres em casa estava ajudando a minha irmã a sair de sua concha. Ela sempre ria mais com as Summer do que comigo, que trabalhando muito para manter nosso estilo de vida, quase não ficava com ela. Sozinha, suas inseguranças ganhavam força e eu me preocupava. A nova terapeuta também estava ajudando muito. A primeira, eu achei que ela estava enrolando um pouco, fui na clínica e solicitei uma nova.

Desde que voltou para Vegas, Vanessa não tomava mais nenhum remédio, foi parando aos poucos. Ela precisou tomar quando, contra a minha vontade, foi morar em Los Angeles.

Apesar de ter negado, eu sabia que queria tentar uma proximidade com Shannon. O que aconteceu, no entanto, foi Shannon fodendo a cabeça dela ao ponto de ir parar na emergência mais de uma vez tendo uma crise. Melanie e Rosa pareciam ter unido forças com Katrina para quebrar todas as barreiras da minha irmã. Eu amava vê-la tão linda.

Preparei o nosso café, dividi os ovos, bacon e algumas fatias de torradas com manteiga em três pratos no balcão.

— Estou tão feliz que vocês estão bem com o casamento — Vanessa comentou e pegou um guardanapo para limpar a boca. — Estou colhendo os benefícios.

— Que benefícios? — Fiquei confuso. Katrina ainda estava comendo, mas riu. O que ela entendeu que eu não entendi? As duas tinham uma coisa que sempre sabiam o que a outra estava pensando. Era sinistro. — Me explica! — Cutuquei seu braço de leve.

— Você está querendo agradar Katrina, é a segunda manhã que prepara o café sem reclamar e melhor ainda, sem deixar metade das louças da casa dentro da pia porque é um bagunceiro! — Me deu a língua. — Está aprendendo a só usar o necessário, que menininho bonitinho. — Agarrou a minha bochecha.

— Estou adestrando bem — Katrina comentou.

— Vou te mostrar o adestrado mais tarde — falei baixo, ela riu e piscou. Safada.

Decidimos sair logo para não perder muito tempo na rua. Vanessa ficou em casa, Katrina rodopiou para o carro que ela ainda não sabia oficialmente que era dela. Após enviar o Bertie para uma oficina especializada, comprei um carro. Era um SUV como o que Rosa usava no dia a dia. Vanessa tinha o seu carro e eu os meus. Katrina era linda, dirigia bem, mas eu queria a minha autonomia de ir e vir.

Dividir o carro era muito ruim.

Ao meu lado, ficou falando pelos cotovelos. Quanto mais intimidade, mais ela falava. Às vezes era bom ouvir, às vezes, fingia que estava ouvindo. Para o aniversário infantil que iríamos pela tarde, decidimos ir a uma grande loja de brinquedos no centro da cidade. Katrina pegou um carrinho e foi empurrando na minha frente.

Nós passamos por uma sessão de brinquedos de bebês.

— Olha que fofo! — Ela pegou um coelhinho. — Eu tinha um. Ganhei da minha avó quando era pequena. — Ficou um pouco séria. —

Queimou no incêndio. Ele ficava na minha cama, resistiu ao tempo, mas não resistiu ao fogo.

— Sinto muito. — Beije seus cabelos, abraçando-a por trás. — Era dessa cor?

— Talvez. Vai saber que cor era quando ganhei. — Sorriu, e peguei o coelho de pelúcia azul claro de sua mão e coloquei no carrinho. Ela virou o rosto e me deu um beijo. — Obrigada. Vou guardar junto com o urso que me deu no parque.

Olhamos mais alguns brinquedos de bebês bem bonitinhos, tiramos umas fotos com alguns e zoamos a mãe dela, que provavelmente, seria madrasta de uma criança pequena. Fomos para o corredor que tinha brinquedos da idade do aniversariante e compramos três, um que seria dado por nós, um para Vanessa dar e outro para Melanie.

Mandamos embalar com papéis coloridos, enquanto aguardava, fiquei espionando suas mensagens.

— Quando pretendia me falar que voltou a investigar a Pro Valley?

— Quando tivesse certeza que não iríamos brigar por isso. — Me deu um sorrisinho.

— Nós só vamos brigar se continuar não me contando as suas decisões. Voltar a investigar a Pro Valley não envolve somente você. Desde que colocou essa aliança no dedo, você virou *nós*.

Katrina ergueu o rosto com um beicinho.

— Te odeio.

Sorri. Ela não odiava nada. Arqueei a minha sobrancelha, provocando.

— Essas palavras não sairão da minha boca. — Alertou e sorri mais ainda. — Não me olhe assim!

— Assim como? — Me fiz de inocente.

— Como se quisesse que eu dissesse as palavras mágicas.

Me aproximei dela e desci minhas mãos para sua bunda, apertando e beijei os seus lábios. Enfiando o celular no meu bolso, me abraçou de volta e pediu para parar de fazê-la querer dizer as palavras.

— Não é justo, eu já perdi o desafio. — Fez um beicinho.

— Perdeu?

— Por que? Você quer terminar em três meses e meio? — Olhou em meus olhos.

— Claro que não, sua boba. Acho que nós dois saímos vencedores do desafio, porque eu te ganhei e você me ganhou. Premiação maior não existe. — Ela acariciou o meu rosto, sorridente e com os olhos marejados. — No passado, se eu não tivesse sido tão cuzão e imaturo, deixado Everly falar aquelas coisas, nós poderíamos estar juntos todo esse tempo.

— Acho que não. — Fez uma careta. — Foi o momento certo. Com a faculdade e a sua ascensão, acho que teríamos nos separado. Ainda afetaria minha relação com Vanessa. Tinha que acontecer nesse momento. Quando seríamos tão irresponsáveis e fazer o que fizemos?

— Nunca. Beber e casar, só você para me provocar a esse ponto. Qualquer outra, iria mandar se ferrar. — Sorri e ela ficou na ponta dos pés. Nos beijamos mais uma vez e fomos interrompidos pela vendedora com os nossos pacotes.

Empurrando os nossos presentes no carrinho, ela andou ao meu lado, segurando o meu braço e de repente, parou. Seu rosto era como se uma lâmpada tivesse acendido em sua cabeça.

— Você estava lúcido no nosso casamento! — Solto um gritinho e pulou no lugar. — Devon! Você estava consciente! Sabe que isso significa? — Mordeu o lábio, toda empolgada. — Você. me. queria! — falou pausadamente e ri alto, atraindo a atenção dos passantes no estacionamento.

— Só um pouco. Eu lembro de estar muito ciente de dizer sim, na hora eu só pensei “por que não?”. — Abri um sorriso. Katrina solto um palavrão baixinho, deu impulso e me preparei para o impacto. Pulando no meu colo, cruzou as pernas na minha cintura e os seus peitos perfeitos estavam bem na direção do meu rosto. Só não dei os meus costumeiros beijos porque estávamos em público. — Minha maluquinha favorita.

— Quem mais seria? — Arqueou a sobrancelha, bancando a ciumenta. — A única maluca na sua vida sou eu, que fique bem claro.

Coloquei-a dentro do carrinho, suas pernas ficaram de fora, balançando e rindo, dei impulso e corri no estacionamento empurrando com velocidade. Ela gritou e ergueu os braços, seus cabelos soltaram com a bagunça e dei uma batidinha de brincadeira.

Para tirá-la, foi engraçado, sua bunda escorregou para o fundo e ficou entalada entre os presentes. Toda torta, não perdi a oportunidade de filmar suas pernas para o alto e os bracinhos tentando sair do lugar.

— Devon, me ajuda! Para de me filmar! — gritou, furiosa. Apenas com um braço, puxei-a fora. — Viu só? Amassou o embrulho!

— Foi a sua bunda. — Dei um tapa estalado na nádega. — Entra no carro, agora — ordenei, abrindo a mala.

— *Humpf*. Como se você mandasse em mim. — Bufou e ficou de pé ao meu lado, me atrapalhando guardar os brinquedos. Fingi jogá-la dentro da mala, ela gritou tão alto que os cachorros que estavam com uma senhora começaram a latir.

Nós dois começamos a rir e entramos no carro antes que o segurança nos expulsasse. No caminho de volta, ela ainda estava falando. Dessa vez, sobre McKenna, uma louca que tinha obsessão pela minha família. Essa mulher resolveu implicar com Katrina. Enquanto Kat ficava furiosa, eu apenas disse que para derrotar alguém tão maldoso quanto McKenna, ela precisava conquistar pessoas.

Na internet, seguidores te julgam como juízes e te defendem de graça. É mais fácil fazê-los te defender. Eu não me importava no quanto eles forçaram a barra com a Everly, nunca alimentei os rumores.

Algumas semanas atrás, deixei claro para minha advogada que se ela continuasse fazendo parecer que tivemos um longo relacionamento e que Katrina, de alguma maneira, nos fez romper, eu iria romper o nosso contrato imediatamente. Aparentemente, a quantia que pago a ela por mês vale mais a pena do que bancar a traída na internet.

— Opa, merda — Katrina comentou olhando para o telefone. — Sua mãe está anunciando uma possível residência aqui em Vegas. Ela vai dar uma entrevista exclusiva para McKenna... estou até com medo.

— Merda. O pior de tudo é que ela vai conseguir patrocinadores.

— Da última vez, ela não terminou... desculpa.

Ela não terminou porque teve uma overdose e foi internada em uma clínica de reabilitação, assim, meu tio Saul entrou na justiça e conseguiu controlar a carreira, o dinheiro e com isso, demitimos toda a equipe que lhe dava drogas, processamos seu empresário que estava mais para cafetão e a deixamos na clínica por seis meses.

Quando saiu, ela tinha novas músicas, lançou um álbum romântico, participou de um filme que, ironicamente, fez o papel de mãe zelosa e a

música que escreveu para esse filme ganhou o Oscar. A vida de Shannon daria um filme.

— Não precisa pedir desculpas, não foi a primeira vez. — Segurei a sua mão.

— A Winterfield vai se envolver?

— Eu aposto cinquenta dólares que ela vai pedir. Se eu vou concordar, vai depender dos números e provavelmente, irei obrigá-la a ir até o final, sem ceder aos seus caprichos. Sendo Shannon ou não, investindo o meu dinheiro, espero resultados. — Abri um sorriso. — Você é a única que estou investindo o meu dinheiro e me dá um belo resultado.

— Eu acho que você sente falta quando não te mando para puta...

— Olha a boca suja, sua safada. Por favor, me xingue mais na cama. — Dei um tapa em sua coxa.

— Vou fingir que não te conheço. — Suspirou e pegou o meu celular, reproduzindo o vídeo no estacionamento. Estava muito engraçado. Só Katrina para me fazer sentir como um adolescente apaixonado com mais de trinta anos nas costas.

Seu sorriso me fazia feliz. Era algo que mexia nas minhas estranhas e se espalhava por todo meu mundinho, transformando tudo que via, em algo melhor. De um jeito bem piegas, ela fazia com que eu me sentisse na calmaria da praia em um fim de tarde quando estava em seu modo carinhoso, de repente, se transformava em uma tempestade tropical quando se irritava, e durante o sexo era um terremoto. Em suas muitas versões comparadas a fenômenos da natureza, ela me tinha por completo. Estava fodido.

Estava *tão* apaixonado.

Sempre gostei de me divertir. Solteiro, aproveitei o status com requinte, não escondia que ficava com muitas. Era sincero, deixava claro as minhas intenções e nunca fui canalha de manipular mulher para transar. No fundo, sabia muito bem que quando entrasse em um relacionamento, prezaria pela fidelidade, estabilidade, segurança emocional e principalmente, pela paz.

Com Katrina, descobri que um relacionamento era divertido, que a rotina podia ser prazerosa e o casamento uma parte boa da vida.

Era só um desafio que tinha muitas partes por trás que nós não enxergamos. A atração que surgiu no passado, ficou amortecida com tantas brigas e birras desnecessárias. Quando o amor entrou em jogo, nós dois ganhamos.

Ao chegarmos em casa, minha irmã estava na sala brincando com os filhotes. Katrina subiu para falar com a mãe e eu me joguei ao lado de Vanessa. Ela me deu um sorriso em que aparecia as mesmas covinhas que eu tinha.

— Como é a vida de casado? — Me deu um olhar brincalhão.

— Uma novidade. Está tudo bem para você?

Vanessa abriu um sorriso lindo.

— Ter o meu irmão casado com a minha melhor amiga é maravilhoso. Quando vocês brigavam, me sentia estressada por ter que tomar partido e apaziguar a relação. Agora eu tenho certeza do quanto tudo aquilo era amor. — Mexeu os ombros de um jeito adorável. — Quero que vocês dois sejam felizes.

— Obrigado. — Puxei-a para os meus braços. — Quero que você seja feliz. — Beije a sua testa e olhei para as cicatrizes em seus pulsos. —

Espero que deixe tudo que passou e seja a mulher incrível que está escondida aí dentro, quero que ela floresça.

Passei o meu polegar na marca e lembrei do meu desespero em tirá-la da banheira, envolver toalhas em seus pulsos, acordá-la e enquanto carregava, Katrina só gritava. Ela correu na minha frente até o carro e dirigiu para o hospital no meio de uma crise histérica, um reflexo da tempestade que acontecia dentro do meu peito, tomado pelo medo de perder a minha irmã.

— Sabe que eu te amo, não sabe? — Olhei em seus olhos.

— É a minha certeza da vida. — Sorriu.

— Ei, estou com ciúme! — Katrina desceu a escada. — Solta a minha melhor amiga, terceiro elemento. — Jogou-se entre nós dois.

— Isso mesmo, briguem por mim, eu sou incrível — Vanessa brincou.

Sim. Ela era incrível. Lembrava o dia que a babá colocou Vanessa em meus braços. Eu era muito pequeno, mas amei conhecer a minha irmãzinha. Shannon desapareceu duas semanas depois e eu soube que dali em diante, minha pequena e frágil irmã era a minha única família.

24 | *Katrina*

Fazia muito tempo que não ia a uma festa de criança. Eu não tinha muitos parentes por parte de mãe e não falava com ninguém da família do meu pai, então, além das crianças da minha antiga vizinhança, eu não tinha contato com nenhuma. Nós quatro fomos no mesmo carro, Devon até brincou que desde que se tornou um homem casado, ele nunca mais andou sozinho ou nos seus carros esportivos.

Era um tremendo exagero, ele andou algumas vezes sozinho, sim.

Só algumas.

Com os presentes, chegamos a uma lindíssima casa que me deu uma sensação de melancolia. Era linda e apesar de moderna, era o estilo de casa que se via de longe que tinha criança pequena, com brinquedos no quintal da frente, uma casa de família.

O Dr. Michael era bem cuidadoso, apesar de morar sozinho com o filho. Por dentro, os móveis tinham protetores para crianças e a festa foi organizada no quintal. Havia diversas pessoas quando chegamos, ele nos encontrou na cozinha e eu quase derreti contra Devon quando Michael deu um beijo carinhoso na testa da minha mãe.

Na minha opinião, beijo na testa era mais íntimo do que um beijo nos lábios. Era carinhoso, mais doce que um beijo na bochecha. Era respeitoso. Estava disposta a conhecê-lo porque a minha mãe merecia muito ser feliz no amor.

— Estou feliz que vocês vieram! Sejam bem-vindos, eu vou tentar tirar o Kevin do pula-pula para receber os convidados. Sempre que chego

perto, ele corre para o outro lado. — Ele sorriu. — Vem, vamos para o quintal.

Michael nos apresentou à mãe, uma senhora muito educada e cheirosa, assim como para o restante da família. Escolhemos uma mesa próxima à piscina. Tinha uma bela visão para a festa e com muito custo, conhecemos o aniversariante.

Kevin era parecido com o pai/tio, grandes olhos castanhos, cabelinho cortado e as bochechas gordinhas, vermelhas. Completando quatro anos, era uma graça de menino. Simpático, cumprimentou todo mundo e agradeceu pelos presentes.

— Ele é tão fofo! — Virei para minha mãe.

— Muito educado também — Vanessa comentou. — Bonito igual ao pai.

— Não me deixem vermelha aqui — Mamãe implorou e nós rimos.

— Não posso perguntar ao Michael quais são as intenções? Já passou do segundo encontro, quero um pedido formal de namoro. — Devon entrou na pilha.

— Calem a boca! — mamãe mandou.

Falando no anfitrião, ele passou na nossa mesa e pegou mamãe para apresentar aos amigos. Andaram lado a lado, bem próximos e quando se aproximou deles, colocou a mão nas costas dela. Ele era bonito o suficiente para arrumar uma garota mais jovem, mas parecia disposto a um relacionamento maduro.

Minha mãe tinha mais de quarenta, mas dava um banho em mim e na Vanessa. Ela tinha uma genética maravilhosa, extremamente conservada, parecia mais jovem que a idade real. Sempre que ela me apresentava como

filha, todos ficavam surpresos e pensavam que éramos irmãs. Era muito bonitinho vê-la com um namorado.

Em dado momento da festa, cansei de ficar sentada e fui me intrometer na brincadeira das crianças. Ajudei a servir a comida, brinquei no pula-pula com o aniversariante e tirei um monte de fotos. Meu espírito estava despreocupado, porque não pensei em nada além de me divertir. De quebra, ainda conheci um oncologista e peguei o cartão dele, que se comprometeu em me receber para tirar algumas dúvidas. Foi uma festa muito legal.

— O bolo está uma... ei, Devon! Devolve meu pedaço! — gritei e ele riu, dando uma boa mordida, ficando com o rosto todo sujo de chocolate. — Ficou todo sujo!

Ainda de boca cheia, esfregou o rosto no meu. Tentei me esquivar, mas ele era muito mais rápido e mais forte. Ganhei um beijo barulhento, que fez Kevin sorrir.

— O menino vai aprender esse comportamento horrível. — Balancei a cabeça, fingindo estar exasperada, mas eu adorava quando ele exibia o humor bobo comigo.

Tentei ser uma garota madura quando a minha mãe disse que ficaria para ajudar a encerrar a festa, e Michael a levaria em casa mais tarde. Me despedi de todo mundo e dei um aperto de mão complicado no aniversariante, que parecia ter se apaixonado por Devon e as brincadeiras brutas. Ganhei as bolsas de brinde e fui soprando bolhas de sabão até o carro.

— Não vou aguentar vocês duas com tanto açúcar no sangue — Devon comentou no carro, interrompendo a minha cantoria com Vanessa.

— Está aberta oficialmente as comemorações do meu aniversário!
— Assoprei uma língua de sogra nele, apertando uma buzina.

— Vamos chegar em casa, ver um filme e dormir. Amanhã o dia será longo — falou como se fosse um pai colocando ordem nas crianças. Coitado. Estava com energia demais para dormir.

— Quero fazer alguma coisa ainda hoje, já que a rainha dos romances eróticos está disposta a largar os livros para comemorar — comentei e olhei para Vanessa. Ela me deu a língua, que estava toda azul por causa do pirulito.

— *Romances eróticos* ? — Devon olhou para irmã pelo retrovisor.
— Katrina está te corrompendo? Minha doce irmãzinha não lê putaria.

— Sua doce irmãzinha é uma mulher linda, gostosa e que precisa explorar a sexualidade... — Comecei a falar e ele me encarou, horrorizado. Abriu a boca e fez “*blá, blá, blá*” repetidamente, aumentando o tom conforme falava. Vanessa chegou a se engasgar de rir no banco de trás. — Deixe de ser machista!

— Não sou machista, só não quero saber da sexualidade da minha irmã! — praticamente gritou, e ri alto. — É sério. Use camisinha e não vamos falar sobre isso!

— Combinado! — Vanessa bateu continência.

— Não quero vocês duas me pentelhando com esse assunto! — ele falou todo emburradinho ao sair do carro e foi entrando em casa.

Rosa estava na sala, assistindo a um filme com os cachorros e me joguei no sofá ao lado dela, dividindo os meus doces. Meus filhotes subiram em cima de mim, abanando o rabo, com os bafos fortes e as patas pesadas querendo carinho.

— Katrina! Eles vão quebrar os vasos do aparador! — Ele ficava insuportável quando algo atingia o seu humor delicado. Homem sensível.

— Papai é um homem sensível — falei com Polo. — Vai dar um beijinho nele!

Apesar das tentativas de Devon de me levar para o quarto a todo custo, fiquei na sala, querendo assistir a um filme e comer besteira. Ele parecia frustrado e Vanessa divertida demais, então, percebi que havia algo fora do comum. Deixei a minha taça de vinho em cima da mesinha, limpei a minha mão suja de salgadinhos e avisei que iria ao banheiro.

Devon ficou todo alerta, me vigiando com o olhar e comecei a rir ao disparar escada acima. Ele correu atrás de mim, mas não me alcançou a tempo de me impedir de virar a esquina do corredor que dava para o nosso quarto. Soltei um gritinho ao ver os balões dourados decorando uma mensagem de feliz aniversário, as bolas que iam do rosé ao prata, criando um arco lindo e vários buquês de flores amarelas.

A pequena sala antes do quarto estava simplesmente linda.

— Você fode com os meus planejamentos! — Ele riu da minha empolgação. — A ideia era cobrir o seu rosto e fazer a surpresa.

— Foi mais divertido assim! — Pulei no lugar, peguei a garrafa de espumante e o olhei. — Pretendendo ter uma comemoração privada?

— Era a ideia. — Deu de ombros. — A traidora da minha irmã não queria compartilhar você.

— Hum... Nós sempre passamos meu aniversário juntas, dividir é uma novidade. Não seja egoísta. — Abri um sorriso. — Quero brindar o meu aniversário com todo mundo, depois, eu e você em uma comemoração privada. Seja criativo. — Pisquei.

Michael devolveu a minha mãe tarde da noite, a tempo de estourar o espumante à meia noite. No ano anterior, Vanessa e eu bebemos a noite toda. Mal consegui aproveitar o dia de tanta ressaca. Naquele ano, eu estava bêbada sim, mas de felicidade. Com tudo que deu errado nos primeiros meses, era maravilhoso estar com as bochechas doloridas de tanto sorrir.

Toda dor do mundo deveria ser essa: da alegria de viver.

Devon me levou para o quarto depois da minha terceira taça. Ele parecia ter seguido um manual de como encantar a namorada na noite de seu aniversário, porque ele preparou um banho relaxante com velas e aromatizantes, um clima delicioso que foi preenchido com beijos e sexo carinhoso.

Nós dormimos pouco, ficamos oscilando entre cochilar, trocar carícias e conversar baixinho. O dia amanheceu e eu estava de bruços, comendo morangos com açúcar, forrei uma toalha para não sujar a cama e ele estava rindo do meu cuidado, porque era só trocar os lençóis.

— Não é só trocar. Se for um acidente, tudo bem, caso contrário, vai atrair bichos que não deveriam existir em um raio de quinhentos quilômetros da nossa cama. — Ofereci a ele um pedaço, que mordeu e comi o restante.

— A casa é dedetizada.

— Não coma na nossa cama e ponto final.

— Para quem se recusava a me chamar de marido, está dizendo nossa cama, nosso quarto...

Muito madura como eu era, dei a língua e saí da cama, espiei a cortina e ofeguei com a visão esplêndida do nascer do sol. O céu estava lindo. Era simplesmente um milagre divino e um privilégio presenciar tamanho espetáculo. Devon me seguiu, parando atrás de mim e me abraçou

apertado. Ficamos em silêncio, só absorvendo a beleza e toda paz que algo tão belo poderia nos proporcionar.

— Feliz aniversário, meu amor. — Fiquei toda arrepiada. Me senti derretendo. — Espero, desejo e vou me esforçar para que você seja muito feliz todos os dias da sua vida.

— Ah, Devon! — Virei e o abracei apertado. — Obrigada! Eu quero ser feliz com você!

Nós voltamos para a cama e não foi para dormir. Mais tarde, saímos do quarto juntos. Pelos latidos dos cachorros, a casa já parecia movimentada. Rosa estava na cozinha com a nova cozinheira, que ganhou um extra para vir e ajudar nos preparativos do meu aniversário. As duas me deram abraços e felicitações.

Minha mãe e Vanessa estavam nos aguardando para o café, que foi servido na mesa da varanda. Elas estavam jogando as bolinhas para os cachorros.

— Bom dia, minha filha! — Mamãe me pegou em um abraço apertado e ficamos agarradinhas. — Ainda lembro o quão doce foi o momento que a enfermeira te entregou para mim. Nunca vi nada tão bonito. Você nasceu para iluminar a minha vida, eu te amo tanto!

— Ah, mãe! Não me faça chorar!

— Parabéns, filha. Esse ano eu não te acordei com bolo, mas vai ser uma comemoração melhor. — Me deu um beijo na bochecha.

— Feliz aniversário melhor amiga e agora cunhadinha! — Vanessa pulou em mim e quase caímos na grama. Eu a amava tanto que quase não cabia no peito.

A mesa estava composta com tudo que eu amava comer. Devon pediu que Rosa encomendasse as panquecas de pizza da cafeteria que nos

levou há algumas semanas e que a cozinheira fizesse todos os meus pratos favoritos, incluindo ovos mexidos com queijo, bolinhos com presunto e torradas com manteiga temperada.

— Eu não acredito que ano passado bebemos até cair e esse ano você está casada! — Vanessa riu e pegou um embrulho na cadeira. — Hora dos presentes! Os meus primeiro! — Bateu na mão do irmão, que tentou pegar o dele. — Aqui está o que você vai usar no seu aniversário.

Empolgada, abri o pacote e soltei um gritinho.

— Um maiô vermelho igual ao de SOS Baywatch! — Puxei a peça, toda feliz. — Obrigada!

— E o segundo presente é mais para a família. — Pegou a caixa, rasguei o embrulho e era uma câmera fotográfica e um álbum grande de fotografia. — Vocês perderam muitas fotografias no incêndio e ficaram muito chateadas, agora que somos uma família oficialmente, vamos começar a registrar os nossos melhores momentos.

— Ai que doce, amiga! É por isso que você é perfeita! — Agarrei as suas bochechas.

— Minha vez! — Mamãe pegou a caixa antes que Devon conseguisse. Ele estava muito empolgado, era o nosso primeiro aniversário junto e eu entendia a ansiedade. No aniversário dele, no final do ano, iria fazer uma grande festa. — Resgatei do banco, pertenceu à sua avó. Como Devon gentilmente quitou as nossas dívidas, pude retirar a joia que dei como garantia.

Era um conjunto de joias delicadas, um colar longo com duas pedrinhas verdes nas pontas, um par de brincos em gota, com pérolas e a mesma pedra verde e, por fim, uma pulseira de pérolas.

— Era moda combinar safiras com pérolas. Seu avô deu à sua avó. Ela não teve muitas jóias, mas guardou essas, aí quando você nasceu ela me pediu para te dar quando se casasse. Era costume dar esse tipo de presente... — mamãe estava falando e eu simplesmente me joguei nela. — Que o seu ano seja repleto de felicidade e realizações!

— Finalmente! — Devon pegou sua caixa. — O meu é mais legal e mais importante que os de Vanessa, porque sou o seu marido.

— Para de me disputar com a sua irmã, bobo. — Me inclinei e o beijei. — Obrigada. — Abracei-o apertado. Agradei antes mesmo de ver, porque sabia que, assim como os outros, era especial. — Calma, eu vou abrir.

Peguei a caixa. Dentro tinha um telefone, porque ele estava implicando com o meu aparelho antigo, um gravador de voz super potente para os meus trabalhos como jornalista, uma câmera fotográfica da Sony pequena que era incrível e um caderno com folhas amarelas que jornalistas antigos usavam. Por último, um estojo com vários lápis de ponta, canetas em gel, adesivos e fitas coloridas.

Era o kit jornalista mais completo e mais bonito que já vi na vida.

— Você comprou isso sozinho? — Olhei em seus olhos, emocionada.

— Sr. Google me deu uma boa ajuda. — Me deu um meio sorriso encantador e as bochechas ficaram levemente avermelhadas. — Gostou?

— Eu amei, amor. — Dei-lhe um beijo. — Obrigada.

Vanessa pediu para decorar o meu aniversário. Não vi problema, principalmente que convidamos apenas uns cinco amigos que tínhamos em comum, alguns colegas do trabalho, como o B1, B2 e Alicia com o marido

e filhos. Também convidei meus colegas do salão vip e Pierre, que apareceria rapidamente devido ao seu compromisso com o restaurante.

Ao todo, vinte pessoas, mas isso não impediu a minha melhor amiga de contratar um pula-pula para adultos, uma máquina de jukebox que também era karaokê, encher a piscina de boias divertidas e pegar um dos barmans disponíveis da Winterfield para um extra.

Meu marido, por outro lado, não economizou ao montar o som. O barulho seria bem comedido porque o condomínio tinha rígidas regras, a festa aconteceria de dia e dentro do horário permitido.

Stuart chegou com o carro cheio de bebidas e os dois homens começaram a arrumar nas geladeiras. O sol estava mostrando a sua potência preferida de Vegas, quente o suficiente para fritar ovos no asfalto. Fiquei no quarto me arrumando porque ninguém queria que eu movesse um dedo, alegando que nos dias de seus aniversários, eu quase carregava no colo.

Gostava de mimar todo mundo. Era o meu jeito de mostrar, no dia do nascimento, o quanto aquela pessoa era importante para mim. Com Devon, só dava parabéns, mas eu tinha a desculpa de manter a minha fachada que não me importava nem um pouco com ele. Iria compensar a minha frieza naquele ano.

O maiô era tão cavado quanto o da versão original.

Fiquei dois minutos decidindo se iria usar ou não, até que ouvi Vanessa avisar que o primeiro convidado estava no portão. Peguei a saia jeans para usar junto, vesti e escolhi um par de óculos que parecia uma melancia na armação, com as hastes vermelhas. Devon entrou no quarto tirando a camisa e parou quando me viu.

— Nós vamos foder brincando de SOS Baywatch. Eu tenho um calção vermelho — falou e soltei uma risada. Sempre um safado. — É

sério, baby! Esse maiô cavado! — Parou atrás de mim, desceu a mão para minha virilha, afastou um pouco o tecido e fez uma expressão chocada. — Eu quero brincar agora!

— Não, sossega. — Bati em sua mão e ajeitei o meu biquíni no lugar.

— Ops! — Ele derrubou a alça, quase expondo o meu peito. — Você está tão gostosa.

— Muito empolgada também, já chegou alguém?

— Só o idiota do Stuart, mas Alicia está a caminho com a família e o namoradinho da sua mãe com o filho. — Foi para o banheiro, tirando o restante da roupa. — Vamos fazer uma dupla no Karaokê?

— Tudo bem, sei que vou precisar segurar as pontas por nós dois com a minha voz incrível. Você pode ser a segunda voz. — Encostei na pia, observando-o tomar banho e ri de sua expressão ultrajada. — Você tem essa voz grossa aí, só pode cantar músicas que combinem. Se afinar, vai ficar horrível.

— O que? Eu posso cantar Seal como ninguém! — Ele pegou o xampu e começou a cantar Kiss from a Rose, da trilha sonora de Batman e provavelmente a única música do cantor que ele conhecia. Quando ele atingiu as notas agudas do refrão, pensei que fosse cair de bunda de tanto rir. Era bonito, fofo, engraçado e muito esquisito. — Uma performance exclusiva, gostou? — Balançou as sobrancelhas e continuei rindo. — Vem aqui, baby. Me salva porque preciso me afogar em seus peitos...

— Tenho convidados a receber. — Saí do banheiro com um sorriso no rosto. Intimidade era uma faca de dois gumes em uma realidade diária, mas esse lado da intimidade era simplesmente incrível.

O meu aniversário foi o dia mais divertido da minha vida. Os convidados relaxaram e entraram na brincadeira, fizemos uma competição de músicas e dança. Devon e Stuart dançaram imitando o filme As Branquelas. Eu cantei músicas com ele, com a minha mãe, Vanessa e no fim, sempre saía como a vencedora, pois era o meu aniversário.

Michael cantou e dançou, mostrando um lado animado, diferente da fachada de médico certinho. Kevin foi a estrela do dia, brincou com os cachorros, tomou banho de piscina e ganhou atenção porque era a única criança pequena.

Tirei muitas fotos, registrando o momento. Sabia que os convidados estavam publicando as fotos em suas contas sociais. Eu também estava, sempre que podia, perdi o meu telefone em um dado momento da festa, o novo ainda estava desligado e guardado.

Na hora de cantar parabéns, um lindíssimo bolo foi colocado à mesa. Vanessa encomendou um de três camadas, com recheio de chocolate e confeitos coloridos. Sem querer, incendiei a toalha da mesa, foi uma comoção para apagar, ninguém podia me culpar por estar bêbada, descabelada e com o maiô todo torto no final do dia.

Assoprei as velas, cortei e comi o primeiro pedaço, estava uma delícia. Ofereci para o meu marido que estava descalço, sujo de grama por passar metade do dia jogando futebol com os homens, vermelho do sol e meio bêbado. Caímos sentados em um sofazinho na varanda, ele me abraçou e olhei para o seu rosto.

— Você está pronto para passar por dias assim pelo resto da sua vida?

— Estou pronto. E você? — Me deu um sorriso. — Acho que deveríamos fazer uma festa de casamento.

— Sério? — Meu bolo quase caiu no chão tamanha a minha surpresa. Era a última coisa que pensei que ele gostaria.

— Acho que merecemos a coisa toda, bolo, cerimônia, um vestido, a dança... o que você acha?

— Eu acho maravilhoso. — Me inclinei e beijei seus lábios. — Devon Winterfield, quer casar comigo? — Esfreguei o meu nariz no dele.

— Mil vezes sim!

Como sempre, ele fazia o meu coração explodir no peito.

OceanofPDF.com

25 | *Katrina*

O Instituto de Oncologia ficava do outro lado da cidade, em um dos prédios anexos ao maior hospital da cidade. Precisei estacionar em uma vaga bem longe, quase peguei uma bicicleta emprestada porque atravessar todo estacionamento com a minha bota de salto alto foi desconfortável. Estava toda arrumada porque tive uma sessão de fotos com Devon antes do horário agendado com o médico oncologista que conheci no aniversário de Kevin no final de semana.

O homem foi simpático e disse que poderia tirar as minhas dúvidas em seu consultório. Encontrei a sala dele e esperei um pouco, lendo as minhas mensagens, resolvendo coisas do trabalho – eu estava abusando da minha posição de esposa, mas não estava deixando nenhuma das minhas funções de lado e muito menos sobrecarregando os meus colegas.

— Olá, Katrina! — Dr. Everest abriu a porta de seu consultório. — Como vai você? Michael acabou de me ligar, cheio de recomendações.

Sorri e fiquei sem graça. Era gentil do Michael se certificar de que a filha de sua namorada fosse bem tratada, mas o Dr. Everest tinha idade para ser o meu pai. O segui para sua sala, me acomodei em uma poltrona e tirei o meu novo gravador da bolsa, o bloco de anotações com todas as perguntas e informações que anotei pela manhã.

— Tenho alguns pacientes nessa região, realmente, houve um aumento do número de pacientes com câncer, mas foi descartado qualquer influência externa. Para ser bem sincero, eu não trabalhava aqui ainda. — Ele clicou em algo em seu computador. — Vou imprimir alguns pontos

importantes que nós, médicos, investigamos quando casos em excesso surgem. Pode te ajudar a seguir um caminho.

— Existe mesmo a possibilidade de câncer por contaminação? Parece ser algo tão fora da realidade. Isso pode significar que está assim há mais tempo que provavelmente sabemos.

— Sim, não só câncer, como doenças de pele. Quando uma região está contaminada, você não tem como fugir. Bebe a água, toma banho, tem piscina e até a grama molhada é uma forma de contaminação. — Me entregou algumas cartilhas. — Não sou eu que atendo os pacientes dessa área, posso fazer algumas perguntas. É um caso bem interessante.

— Eu prefiro que não faça e não se exponha. Como Michael te falou, é uma situação realmente delicada. — Guardei as minhas coisas. — Obrigada pelo seu tempo e por toda ajuda. — Fiquei de pé e apertei a sua mão. — Muito obrigada mesmo.

— Se precisar de mais alguma coisa, estou à disposição.

Caminhei de volta para o carro, com a sensação de estar sendo observada. Olhei ao redor e não vi nada. Talvez fosse a minha paranoia. Entrei, bloqueei as portas e saí de lá o mais rápido possível, ouvindo novamente tudo que gravei na conversa e fazendo notas mentais.

Eu não podia ir para casa diretamente para escrever tudo que recolhi e tudo que estava supondo, estava bem óbvio que a água contaminada fez com que milhares de moradores locais contraíssem diversas doenças. Precisava de uma prova forte, talvez uma amostra da água e exames dos pacientes. Meu próximo passo era recolher uma amostra e encher o saco do meu antigo professor do ensino médio para fazer uma análise.

Com tudo isso, iria escrever a matéria, enviar para algum editor e rezar que fosse publicada ou, eu podia publicar de forma independente com

um codinome. Em todo caso, a denúncia precisava ser feita no modo mais público possível, para que todos os envolvidos fossem devidamente investigados. Com a pressão popular, seria mais difícil ter uma rede de corrupção para encobrir os rastros.

Alguma coisa dentro do meu coração me dizia que precisava ir só um pouco mais fundo. O fedor desse caso estava além da água podre no resort abandonado. Havia justiça a ser feita.

Estacionei o carro na vaga ao lado de Devon no estacionamento da empresa. Antes de subir, fui cumprimentar meus colegas do salão vip. Sentia falta das bagunças e dos drinques escondidos que bebia durante o expediente.

— Oi John! — Me aproximei do bar. — Como está o movimento hoje?

— Hoje tem despedida de solteiro e é das grandes, vão usar o salão vip com jogos e parte do bar. Daqui a pouco as dançarinas vão descer, elas estavam ensaiando e foram se arrumar. — Ele parou de limpar o balcão. — Quer beber alguma coisa?

Olhei ao redor e estava vazio, abri um sorriso e pedi uma taça de vinho branco. Puxei um banquinho, bati palmas com a taça, aquele vinho iria ajudar a atravessar o dia com mais calma. Dei um gole generoso, pensando que talvez devesse ser mais educada e saborear o vinho que, só a taça, custava sessenta dólares.

Meu telefone vibrou na bolsa, bebi metade da taça antes de procurar e ver quem estava me ligando. Devon. Já deveria estar se coçando porque saí e não dei notícias.

— Olá, marido. — Atendi alegrinha.

— *Bebendo no meio do expediente, Katrina?* — retrucou calmamente.

Ergui o meu olhar e sorri para a câmera, dando um aceno.

— Precisando relaxar.

— *Venha para minha sala e eu faço isso para você.*

Sorri mais uma vez, ergui a minha taça, bebi tudo e saí do meu lugar. Agradei a John pelo vinho, mandei colocar na conta do meu marido, peguei a bolsa e fui para o elevador. O cassino ficava um andar abaixo do estacionamento dos funcionários da presidência, onde Everly também tinha uma vaga.

Quando o elevador parou lá, nós nos encaramos por um momento e eu apertei para que as portas se fechassem novamente, sem clima para aguentar as suas provocações. Devon não mencionou absolutamente nada sobre encontrá-la. Não que eu ficasse olhando a sua agenda, mas ele costumava comentar sobre as reuniões e os demais compromissos.

Tudo que sabia era que ele precisava liberar alguns pagamentos e fazer uma reunião por vídeo com um dos sócios que morava na Inglaterra e basicamente deixava todo o negócio para Devon controlar. Sabia que estudaram juntos. Antes de ir vê-lo, passei na minha sala e Vanessa estava arrumando sua bolsa.

— Ainda bem que você chegou. Esqueci que tenho terapia hoje, vim de carro com Devon, será que pode me emprestar o seu?

— Sem problemas. Eu vou embora com ele. — Entreguei a chave.

— Melanie disse que vai sair do plantão com Michael. — Me deu um sorriso.

— Acho que eu não quero saber o que eles vão fazer. — Fiz uma careta. — Se cuida na terapia, ok? Eu vou ver o seu irmão e nos

encontramos no jantar.

Estava levemente preocupada com o que estava saindo sobre a entrevista exclusiva da Shannon. McKenna soltava trechos, mas não revelava quando iria ao ar. Queria manter o engajamento com os curiosos acessando seu perfil para saber um pouco mais. O pouco que saiu já me deixou muito estressada.

Trocamos um rápido abraço e ela saiu. B1 estava concentrado no trabalho, B2 bebia um café e na minha mesa tinha uma pilha de currículos que o RH imprimiu e enviou. Eles mandaram por e-mail primeiro, fingi que não era comigo, então, resolveram deixar meio explícito que era.

Alicia me deixou passar sem problemas, ocupada demais para me dar atenção enquanto seu chefe estava, literalmente, com os pés para o alto. Descalço, brincando com uma bolinha, ouvindo música e olhando as imagens das câmeras de segurança na tela maior que ficava na parede.

— Alguma coisa divertida? — Me aproximei, ele colocou as pernas para baixo e me convidou para seu colo. — Está tudo bem?

— Está sim, estou apenas de olho em quase todos os cassinos ao mesmo tempo. Esse costuma ser o horário que os contadores de carta estão analisando os seus jogos. — Apontou para a tela. — Tem um grupo que se divide entre os cassinos. Estão nessa há semanas. Hoje, eu vou pegá-los e dar um sustinho.

— Você vai?

— Minha equipe de segurança — corrigiu e revirou os olhos. — É a mesma coisa.

Sabia muito bem o que acontecia quando trapaceiros eram pegos nos cassinos. Este sustinho envolvia alguns socos na boca com bastante sangue e não era bem um assunto que gostaria de ter na minha mente aquela

hora do dia. Meu pai era segurança de cassino e ele era a pessoa que executava esses serviços. Minha mãe nunca me contou, ela não falava sobre ele, mas uma vez o Tio Saul disse que ganhou uma surra de um temido segurança chamado Donnie Summer.

— Foi tudo bem com o médico? — Ele bocejou, seus olhos lacrimejaram um pouco e sorriu. — Sim, estou cansado. Me processe.

— Milagres acontecem. Será que vai dormir essa noite? — provoquei. Devon tinha uma energia que me cansava. Naquela noite ele ficou inquieto, dizendo que estava sem sono, saindo do quarto e voltando, me acordando cada vez que abria a porta ou acendia a luz do banheiro. — Espero que sim.

— Prometo que vamos dormir. Então, o médico?

— Foi muito esclarecedor e ao mesmo tempo, agonizante. Amanhã irei transcrever e vou buscar mais respostas. — Escondi o meu rosto em seu pescoço, ficamos abraçados tempo o suficiente para que tudo ficasse melhor, seu conforto era sempre bem-vindo. Me afastei porque ele estava puxando meu rabo de cavalo. — O que foi?

— Prendeu o cabelo, basta ajoelhar e rezar. — Sorriu torto. Pilantra. Nunca deixaria de ser um cretino capaz de transformar qualquer doce momento em sexo.

Meu cretino favorito.

Devon esperava que negasse, explodisse e fosse embora para minha sala. Sorrindo, escorreguei por seu colo e caí de joelhos, seus olhos arregalaram de maneira cômica. Olhou para a porta, preocupado que alguém entrasse, mas o esperto não me impediu na hora de abrir a calça. Sorrindo, todo feliz, segurou a minha nuca e me deu um beijo que se eu não

fosse esperta, acabaria sentada em sua mesa com as pernas abertas bem no meio do expediente.

Me concentrei na tarefa de deixá-lo fora da área de cobertura. O acariciei por cima da cueca, deixando-o arrepiado conforme beijava seu pescoço.

Seu pênis era a minha parte favorita. Eu amava os olhos azuis, o sorriso principalmente, que me dava vontade de tirar a calcinha e me entregar de bandeja. Também amava a boca dele, achava as orelhas bem bonitinhas, gostava do formato masculino de seu nariz e me divertia com as suas grossas sobrancelhas escuras. Mas o pau era uma coisa à parte. Nossa relação era maravilhosa. Ele nunca me decepcionou, mesmo nos dias que achei que preferia dormir ao invés de transar.

Eu amava quando Devon me abraçava cheio de carícias suaves e com oss beijos, o fogo lentamente acendia. Amava quando estava muito cansada e ele fazia um cafuné enquanto terminava a leitura dos seus e-mails antes de dormir.

Ficava maluca quando ele simplesmente me provocava até me tirar do sério. Sexo de sangue quente era o meu favorito. Me sentia a mulher mais preciosa do mundo quando me acordava com beijos carinhosos e café na cama.

Devon era tudo que eu o acusei não ser: comprometido, responsável e apaixonado. Caramba! Eu o amava!

— Ei, amor? Está tudo bem? Você não precisa fazer nada... — Ele se inclinou, preocupado com a minha pausa.

— Podemos ir embora para casa? — falei baixo, sem fôlego com a revolução que acontecia na minha mente. Meus pensamentos e sentimentos estavam revoltos como o oceano em dia de tempestade.

— Está sentindo alguma coisa? — Acariciou o meu rosto. — Estou começando a ficar assustado com essa expressão adorável e confusa.

— Acabei de perceber o quanto eu te amo e eu quero ir embora para fazer amor repetidas vezes — confessei, olhando em seus olhos.

Primeiro, parecia que o atingi com um tijolo na cabeça. Ele ficou estático e depois, sorriu de um jeito tão lindo que a sensação era que o meu coração ia explodir no peito. Eu o amava há muito tempo!

— Não vai dar para ir embora imediatamente. — Ele ficou de pé e me ajudou a levantar, segurando a minha mão e me puxando para o armário de arquivos. Era do tamanho de um quarto pequeno, com cofre e prateleiras, que guardavam várias pastas organizadas. — Foi assim que tudo começou, lembra?

Meus olhos imediatamente se encheram de lágrimas.

— Não, sem chorar. — Devon segurou o meu rosto com as duas mãos e deu um aperto divertido. — Sete minutos no céu. Uma brincadeira estúpida que me deixou trancado em um armário com a melhor amiga da minha irmã. A garota que eu pensava que era uma fera com curvas. Sempre furiosinha, torcendo o nariz, falando o que bem entendia e capaz de deixar muito homem morrendo de medo quando puxava as mangas do casaco. — Soltei uma risada. Como eu era violenta... — Aquele beijo foi o melhor beijo. Foi o que me fez perceber que eu prestava atenção em você porque gostava. Você era tão mais nova, tinha dezessete e eu vinte três, velho demais para brincar. Estava começando uma empresa e você, no começo da vida adulta. Eu me senti tão errado.

— Devon... — Passei o polegar em seu cenho franzido.

— Quando saímos, você fez questão de dizer que não tinha acontecido nada. Aquilo meio que me pegou de surpresa e pelos dias

seguintes, fingiu que eu não existia. — Parou um pouco e encostou a testa na minha. — Na festa, eu não quis te magoar, só afirmei o que tinha dito. Estava meio irritado que nada tinha acontecido. O *nunca aconteceria* foi irritação. Sei que você entendeu que eu concordei com as coisas horríveis que Everly disse, mas não foi isso.

— Eu sei, quando me explicou, entendi, mas acho que só me deu gás para criar um muro entre nós. Te julgar e colocar defeitos era uma defesa. Era medo de ter o meu coração partido como a minha mãe teve. — Suspirei e o abracei bem apertado. — Estava errada, me desculpe.

— Por que era uma defesa?

— Você era o Devon Winterfield! As garotas se jogavam aos seus pés, você ficava com quem queria e eu era... eu. Não queria ser mais uma, nunca quis. Aquele beijo me assombrou por tanto tempo, até que consegui colocar no fundo da minha mente. Com treino, foi fácil fingir que nunca aconteceu. — Me aproximei. — Se tivéssemos conversado com clareza no passado, talvez não passaria tantos anos te antagonizando.

— Existe a possibilidade de você ser mais uma na vida de qualquer pessoa? — Solto uma risada. — Você deixa qualquer um na ponta dos pés porque ninguém nunca sabe a bomba que a sua mente vai produzir. — Sorri entre as lágrimas. — Se eu soubesse que o seu medo sempre foi esse, você seria minha há muito mais tempo. — Agarrou a minha bunda e me colocou sentada em uma mesa aparadora nos fundos. — Você é a única mulher que eu penso, que eu vejo no meu futuro, com quem eu quero filhos e construir uma vida muito louca e muito divertida. Tenho certeza que isso é amor. — Me deu um beijo suave. — Preciso tanto de você agora, mas não tenho camisinha.

Eu ri, agarrando a sua blusa e o puxei em minha direção.

— Vamos brincar com a sorte. — Beije-o.

Não estava no meu período fértil e que uma vez na vida a droga da tabelinha fizesse sentido.

— Isso é um novo jogo? — Ele abriu a minha calça e puxou-a pelas pernas, junto com a calcinha.

— É sim. Chama-se: me leve ao céu em sete minutos.

— Feito.

Com o sorriso safado favorito decorando os lábios, Devon me fez ver estrelas e os movimentos foram tão bruscos que alguns arquivos caíram no chão, fazendo uma barulheira. Cobri a minha boca nos seus impulsos mais intensos e quase caímos com a mesa balançando. A expressão dele, ao chegar no clímax, pela primeira vez dentro e sem camisinha foi a melhor de todas. Sentindo-se um homem das cavernas, ele parou para olhar seu esperma escorrendo.

— Você não sussurrou que gozaria fora? — provoquei e ele me deu um olhar aquecido.

— *Ops!* — Sorriu e me deu um beijo. — Vamos para casa fazer muito mais disso na nossa cama.

— Oficialmente, nós já transamos em todos os lugares da sua sala. — Tirei os fios de cabelo colados na minha testa com a palma da mão e reparei que estava super suada. Mais do que imaginava. — Eu vou me lavar, refrescar e tentar fazer parecer que não transamos aqui dentro. Limpa toda essa bagunça.

Usei o banheiro e me ajeitei o máximo possível. Ele ficou pronto, encerrou seu expediente mais cedo, o tempo todo falando com Alicia e com os chefes da segurança pelo celular. Peguei a minha bolsa e, de mãos dadas, fomos embora juntos.

Eu tinha um monte de trabalho para fazer antes de dormir e não estava me importando, porque a descoberta de um amor tão intenso e verdadeiro era digno de um dia de folga. Já fazia um tempo que percebia o quanto meus sentimentos evoluíram de uma simples paixão para algo mais, mas eu não queria admitir por puro e simples orgulho.

Estava errada mais uma vez, o que já não deveria ser uma novidade.

Admitir meus sentimentos me fez mais leve. Era como se todo orgulho e medo deixassem um peso no meu coração e nublassem os meus olhos com inseguranças. Devon me queria por todo esse tempo, eu empurrei e afastei o homem que, há dez anos, me deu um beijo dentro do armário e queimou todos os meus circuitos.

Nunca fui capaz de admitir, nem mesmo para a minha melhor amiga, o quanto o irmão dela mexia comigo. Só havia uma coisa na minha vida que Vanessa não sabia e era isso: os sete minutos no céu, que eu ganhei beijos do paraíso e depois me senti extremamente suja por ser mais uma.

Eu não queria ser mais uma, e por fim, ele sempre me quis para ser a única.

26 | Devon

— Devon! — Katrina me chamou do quarto. — Saiu a entrevista completa da sua mãe! — gritou e suspirei. Vanessa estava do outro lado da mesa do escritório, de pé, arrumando seus livros na prateleira. Ela me deu um olhar exasperado. — Acho que vocês precisam assistir antes que eu saia dessa cama e vá matá-la!

Cansado antes mesmo de ouvir o que a louca da minha mãe disse, subi a escada com a minha irmã. Katrina estava na nossa cama, com seu computador e várias folhas espalhadas. Irada, apertou o enter, dando play logo que nos sentamos ao seu lado.

“Shannon, antes de tudo, quero dizer que é uma honra entrevistá-la. Sou fã do seu trabalho desde nova.” McKenna começou a falar. *“Tenho certeza que será um momento especial para todos os seus fãs”.*

A câmera focou no rosto da minha mãe e suspirei. Ela precisava parar com os procedimentos estéticos porque estava quase irreconhecível.

“Me sinto honrada em estar aqui com você nessa tarde maravilhosa” Shannon respondeu com seu ar de miss simpatia. McKenna voltou a falar. *“Estou feliz em estar na sua casa. Seus quadros e fotografias de família são lindos. Foi gostoso ver várias fases da vida dos seus filhos”.*

Como se ela tivesse feito parte da nossa vida.

“Eles são a minha vida. Devon e Vanessa representam todo meu amor e deixá-los por toda minha casa me faz sentir amada”.

— Eu vou vomitar — Vanessa resmungou.

McKenna fez milhares de perguntas sobre a próxima residência de Shannon, a gravação do último filme e logo entrou na área pessoal, falando de seu casamento (ignorando os recentes escândalos do marido pego com mulheres mais jovens, dessa vez, não teve como escapar da imprensa), então, ela começou a falar sobre a minha vida.

“O casamento com Katrina não foi exatamente uma novidade. Desconfiava que entre eles tinham alguma coisa há anos” Shannon comentou com firmeza. *“Ela é linda, uma menina de ouro e em breve sei que irão anunciar um bebê. Meu coração de mãe me diz que já sou avó, eles só estão esperando o momento certo”*.

McKenna colocou fotografias do dia que Katrina e eu fomos à loja de brinquedos. Alguém nos reconheceu e enviou para a conta dela, porque não eram fotos nítidas, mas era possível ver a nossa brincadeira com coisas de bebês.

“Com toda certeza, está grávida. Katrina ganhou muito peso, só mulheres que já foram mães reconhecem uma que está escondendo a gestação”.

— Ela me chamou de gorda e inventou um filho. Eu vou furar o silicone dela! — Katrina estava estressada. Shannon estava querendo provocar um escândalo a todo custo.

“Vanessa é uma menina tão linda. Agora que ela emagreceu, eu adoraria que ela fosse uma modelo, dominasse as telas e as passarelas, continuando com o meu legado. Infelizmente, nós não escolhemos a personalidade dos nossos filhos”. Shannon jogou a echarpe para trás. *“Ela teria muitos homens aos seus pés se não fosse tão doce”*.

Katrina segurou a mão de Vanessa, dando um apoio silencioso.

— Acho que é o suficiente. — Parei o vídeo. — Não precisamos dar palco para esse show. Não vamos falar sobre isso. Ignorar é tudo que ela merece — determinei e saí do quarto, precisando esfriar a minha cabeça.

...

Agosto finalmente trouxe um pouco de vento fresco. Não que o calor fosse abrandar nas próximas semanas, mas a brisa era bem-vinda. Era final da tarde, estava jogado na varanda, meio molhado da piscina e sujo de grama por estar brincando com os cachorros. Katrina saiu de casa com duas garrafas de cerveja, sentou-se ao meu lado e brindamos.

Era o primeiro final de semana que passávamos sozinhos em casa desde que nos casamos. Um verdadeiro milagre.

Melanie estava com Michael e Kevin, eles chegariam para o jantar à noite. Vanessa foi para um retiro com Rosa. Katrina e eu conseguimos fugir do convite. Eu disse que ia trabalhar e Katrina deu a louca de sempre, falando mais que Rosa, para confundir e mudar de assunto.

Nada contra a religião da Rosa, eu acreditava em Deus e aceitava todas as suas orações, mas três dias sem telefone celular, participando de palestras sobre a bíblia e cultos não era muito como eu queria um final de semana de folga. Ficar sozinho com a minha esposa não era pecado.

Nós saímos para jantar em paz, outro milagre desde a briga estúpida que tivemos no churrasco do Dia da Independência. A festa da empresa era sempre uma coisa louca: muita bebida e diversão. Proporcionava aos meus funcionários o que a empresa oferecia para os turistas. Sendo o primeiro ano como um homem casado, foi difícil podar algumas coisas.

Casamento era uma novidade para nós dois, mas ela fazia parecer que eu era o único experiente no assunto.

Mesmo dizendo que eu a amava, que queria uma vida inteira ao seu lado, ela ainda surtava de ciúme. Na festa, havia dezenas de mulheres e muitas delas queriam tirar fotos. Quando uma garota sentou no meu colo, me pegou de surpresa, foi rápido, mas o suficiente para uma foto sair na imprensa.

Katrina não estava na maior parte da festa, primeiro ajudando a cuidar do Kevin porque a babá regular dele teve uma emergência, depois, convencendo o seu antigo professor a coletar água da Pro Valley. Ele se recusou e ela foi sozinha, acrescentamos mais um motivo para brigarmos.

Fiquei puto por ela se colocar em risco quando havia prometido que tomaria cuidado. Ela estava furiosa achando que deixei que uma bunda qualquer fosse parar no meu colo.

Nós discutimos por vários dias sem realmente conversar sobre o problema. Mesmo depois de cansar, também não conversamos. Parecia que nada havia acontecido, sexo acontecia, os beijos eram maravilhosos, conversar na cama também, mas tinha algo pesando cada vez que nos desentendíamos.

Levamos duas semanas para falarmos sobre o que incomodava. Foi importante porque eu pude perceber o quanto as inseguranças podiam afetar a visão real da situação.

Ela entendeu que eu não estava de putaria na festa, inclusive, briguei e pedi que todas as garotas fossem retiradas do meu camarote, sendo alvo da gozação dos meus amigos e eles não economizaram. Ela não teve explicação sobre ter ido sozinha ao lado mais deserto da cidade, recolher amostras da água, ficando tão exposta.

Admirava a sua determinação, o faro para investigação, o talento e iria incentivar a sua carreira. Mas eu não ia apoiar loucuras que a

colocassem em risco. Dessa vez, nos comprometemos em conversar antes de deixar a casa inteira fora de ritmo com as nossas brigas.

Outra coisa que acertamos foi formalizar uma denúncia contra o seu ex-namorado e as constantes perseguições. Ele era abusado e perigoso.

Normalmente, era um homem pacífico, mas ele mereceu uma visitinha dos meus seguranças, deixando um recado bem explícito sobre tentar falar com Katrina novamente. A formalização da denúncia foi apenas para minha esposa sentir que estava agindo dentro da lei. Eu tinha amigos na polícia que foram lá pessoalmente, dar um reforço além dos meus seguranças.

— Você está muito pensativo. — Katrina bateu o ombro no meu. — Só para constar, não sei usar o extintor de incêndio. Se a sua cabeça pegar fogo, vou ter que deixar incendiar.

— Está dizendo que tenho o intelecto limitado?

Ela soltou um risinho engraçado.

— Talvez? — Deu um gole da cerveja, acariciando a cabeça de Polo, que estava praticamente deitado em cima dela como se ainda fosse pequeno. Eram filhotes, mas estavam crescendo muito. — Me conta, sabe que sou curiosa.

— Estava pensando na nossa briga e que o tempo, de um modo geral, está passando bem rápido.

— Você compensou quando me levou para passear de helicóptero pela cidade e eu amei o jantar de frente para todos os monumentos. Foi uma noite inesquecível. — Seu olhar dizia tudo sobre aquela noite. Sexo na frente das janelas com a visão esplêndida da cidade iluminada.

— Faremos mais vezes — prometi e beijei os seus lábios, considerando comprar o lugar só para repetir quantas vezes quiséssemos.

Katrina ficou possuída por um espírito da putaria. Talvez em casa, com a mãe e minha irmã morando conosco, ela sentisse a necessidade de ser contida. Todas as vezes que transamos em lugares fora de casa foram espetaculares. A mudança de cenário e liberdade mexia com ela. Não que sexo na nossa privacidade, no cantinho do nosso quarto fosse ruim, na verdade, era incrível.

— Está ficando frio, vamos limpar e entrar. — Me entregou a garrafa vazia para sair do chão.

Ela ficou com o banho dos cachorros e eu com o quintal, terminamos quase ao mesmo tempo e fomos tomar um banho a dois bem divertido. Marco capotou no sofá, cansado de um dia inteiro gastando energia. Polo estava deitado no tapete de barriga para cima com a língua para fora.

Os dois precisavam de brincadeiras brutas, de estímulo para correr ou poderiam quebrar a casa. Ainda bem que tínhamos espaço de sobra.

Katrina ficou de roupão, se acomodou na chaise long próxima ao piano e estava com o inseparável caderno de anotações. Apesar da era moderna e o quanto seria mais fácil digitar tudo logo, ela escrevia a matéria no caderno.

Tudo à moda antiga. Recortes, adesivos, grifava todas as partes importantes com canetas coloridas. Só depois que seus pensamentos estavam em ordem, ela digitava, já no modo jornalístico. Ela tinha um dom, escrevia bem, sabia ser imparcial ou agir sem revelar totalmente as suas opiniões ou intenções.

De repente, ela estava rindo para o telefone.

— Vanessa está mandando mensagens escondido. Ela disse que até está bem legal e que Rosa está feliz em ter levado uma convidada, ao

mesmo tempo, está louca para vir embora. — Jogou o telefone de lado. — O que vamos pedir para o jantar? Minha mãe deve chegar com Michael em algumas horas.

— Não iremos preparar? — Ergui o meu olhar do telefone.

— Nós vamos comer pão com queijo e presunto? Estou ocupada para cozinhar e você... — Arqueou a sobrancelha. Ela adorava encher o saco com as minhas habilidades na cozinha, então, decidi perturbá-la.

— É o seu papel como mulher preparar o jantar. Você é a sra. Winterfield — pontuei bem sério. — Quantas vezes precisaremos conversar sobre a sua posição como dona da casa? Quero você penteada e cheirosa quando chegar do trabalho, usando um vestido bonito, as crianças dormindo e uma comida cheirosa pronta. — Bati com a minha mão na mesa. Polo abriu os olhos, desconfiado, Marco continuou dormindo. — Eu trabalho o dia inteiro para manter essa casa! — Alterei meu tom de voz.

Katrina bocejou, continuou lendo seus recortes e ergueu a mão, me dando o dedo. Fofa.

— Peça massa. Kevin come melhor macarrão, principalmente com almôndegas e ah, eu quero lasanha — falou toda mandona e fui digitando a mensagem para o restaurante do hotel. — Cozinhe alguns legumes no vapor!

— Mais alguma coisa, senhora? — Fiquei de pé e fiz uma posição de mordomo.

— Uma taça de vinho. — Abriu um sorriso.

— Só um momento, minha senhora. — Me inclinei e saí da sala.

— Estou gostando disso! Eu adoro uma posição de submissão! — gritou da sala.

— Eu adoro quando você fica por cima, com os peitos balançando no meu rosto e bunda fazendo movimentos incríveis com o meu pau dentro! — gritei de volta.

Katrina não respondeu, ficou em um silêncio bem estranho e apareci na sala, voltando imediatamente. Michael, Melanie e Kevin estavam parados na entrada. Minha sogra cobria os ouvidos do menino. Michael, apesar de corado, estava rindo. Katrina desapareceu, provavelmente saiu correndo pela escada por estar de roupão e com vergonha.

Os dois cachorros inúteis não avisaram nada e não ouvi o barulho do portão.

— Ah... podemos fingir que nada aconteceu? — Voltei para a sala, passando para a entrada sem conseguir conter a risada. — Desculpa, sogra.

— Eu vou lavar a sua boca com água sanitária, Devon — falou em um tom severo.

— Perdão. — Sorri, mordi o lábio e fiquei sério. — Vem, vamos entrar. Eu vou me comportar. Gostaria de uma cerveja, Michael?

— Claro. Estou de folga e preciso beber um pouco. — Passou por Melanie, que ainda estava dividida entre brava e divertida. — Foi uma semana complicada. — Me seguiu para a cozinha.

Melanie levou Kevin para a sala de televisão, colocando um filme. Ele estava segurando um brinquedo. Ser a criança entre adultos deveria ser muito chato. Logo que os cachorros acordassem da preciosa soneca, iriam querer brincar. Eles adoravam crianças. Eram queridos no condomínio porque brincavam com todos que apareciam durante a caminhada.

— Estresse do trabalho? — Fiz conversa com Michael.

Peguei duas cervejas na geladeira e o vinho que Melanie gostava de beber. Servi na taça e ainda virei os salgadinhos favoritos em uma vasilha,

tudo para me desculpar pelo meu comentário extremamente sexual sobre a sua filha. Em minha defesa, imaginei que estávamos sozinhos e falar putaria com Katrina era a minha parte favorita.

Pensando nela, vi que desceu a escada, nós trocamos um olhar e caímos na gargalhada. Vermelha, pediu desculpas depois de cumprimentar a mãe com um beijo, agarrou Kevin e se aproximou de Michael, que só balançou a cabeça para fingir que nada estava acontecendo.

— O jantar vai estar aqui a qualquer momento. Está com fome, Kevin? — Katrina abriu o armário e pegou uma taça de vinho.

— Não. Eu lanchei com a minha avó. — Ele entrou na cozinha. — Fiz um desenho, mas esqueci.

— Não tem problema, depois você me dá e eu vou pendurar no meu mural no trabalho. — Katrina deu um beijo na cabeça dele.

Feliz com o carinho, voltou para a sala. Os adultos ficaram reunidos na cozinha, conversando e não era a primeira vez que nos reuníamos para jantar em família daquele jeito. Era divertido. Michael era um homem gentil, de bom humor, que se encaixava muito bem na nossa família. Kevin era uma criança agitada, talvez normal para a idade dele, eu não podia dizer porque nunca convivi com crianças antes dele.

Descobri um lado meu que adorava programas familiares, principalmente porque não havia nada de tedioso quando se estava na companhia das mulheres Summer.

— Foi simplesmente o momento mais constrangedor da minha vida e a minha mãe ficou filmando. Acho que tenho o vídeo em algum drive. Saí do oceano com uma toalha toda molhada, todo mundo rindo porque obviamente entenderam que a onda levou o meu biquíni. — Katrina estava

vermelha de tanto rir. — Ficar nua da cintura para baixo no mar não é nada divertido.

— Eu avisei a ela. — Melanie riu e olhou para a sala. — Kevin está muito quieto.

— Vou olhar. — Michael saiu da cozinha e voltou rapidamente. — Ele dormiu. Tão bonitinho dormir sem precisar ser ninado.

— Quer levá-lo para um dos quartos? — Katrina ofereceu.

— Não precisa, ele está confortável abraçado com Marco. — Michael sorriu e trocou um olhar com Melanie. Reparei que a minha sogra pareceu nervosa por um instante, segurando a mão do namorado. — Kat e Devon, pedi para combinar esse jantar porque eu queria conversar com vocês. Especialmente com você, Katrina.

— Eu não fiz nada. — Kat disparou. — É sério. Eu me comportei nos últimos dias.

— Antes disso, ela já não pode garantir — murmurei.

— Na verdade, essa tarde, levei Melanie e Kevin para um passeio. — Michael começou. — Eu pedi Melanie em casamento, ela aceitou, mas nós dois concordamos que assim como a opinião do Kevin é muito importante, a sua também é.

Katrina parecia congelada por um momento. Abriu a boca, fechou, seus olhos estavam arregalados. A mãe tirou uma aliança do bolso e Michael deslizou no lugar, isso foi o suficiente para Katrina pular da cadeira e gritar. As duas ficaram de pé, se abraçaram e eu estava rindo muito porque ninguém conseguia falar nada.

— Isso é sério? Você disse sim? Você está feliz? — Katrina segurou os ombros da mãe. Melanie, que estava chorando e rindo, balançou a cabeça. — Não acredito, mãe! Estou tão feliz por você! — Elas se

abraçaram de novo. — Michael, vem aqui — Katrina pediu e ele ficou de pé. — Essa mulher é a mais incrível do mundo inteiro e eu sou a garota mais louca do mundo, faça dela a mais feliz e eu sempre vou te amar! — Se jogou nele em um abraço. — Seja bem-vindo à família.

— Parabéns, sogra! — Abracei Melanie.

— Obrigada, querido. — Ela acariciou a minha bochecha com carinho.

— Eu vou te dizer uma coisa, as mulheres Summer são loucas, mas vale a pena. — Apertei a mão do Michael e trocamos um abraço. — Isso pede uma comemoração adequada. Vou pegar um espumante e vamos brindar.

— Deixa eu ver o anel direito, mãe — Katrina pediu. — Eu não acredito que vai se casar! — comentou toda empolgada e de repente, parou. — Temos que fazer uma festa!

— Acalme-se, Katrina. — Melanie segurou-a pelos ombros. — Michael e eu concordamos em uma cerimônia bem intimista. Não queremos uma grande festa, apenas um momento em família para celebrar.

— Não acredito que vou te ver de noiva! Amanhã eu vou comprar todas as revistas de noivas que puder achar...

A tagarelice de Katrina me fez sorrir. Nós falamos da cerimônia do nosso casamento apenas uma vez e depois, não tocamos mais no assunto. Queria fazer tudo direito. Não me arrependia do nosso casamento, muito menos tinha vergonha, mas nós dois merecíamos mais do que uma noite louca com muita bebida.

Estava propositalmente não alimentando o assunto e com o noivado de Melanie, ela iria focar sua atenção em outra coisa. Vanessa sabia bem

que não deveria puxar o assunto, estava me ajudando a planejar algo único para Katrina aceitar se casar comigo para sempre.

Peguei as taças para espumante e estourei a bebida, servindo e nós brindamos ao novo casamento. Minha sogra iria se mudar aos poucos, para que Kevin não estranhasse muito as mudanças e acabasse se retraindo. Eu sabia que Katrina iria sofrer um pouco, elas eram muito grudadas, felizmente, Michael morava a menos de dez minutos da nossa casa.

Quando eles foram embora, bem tarde, tranquei a casa, coloquei mais comida e água para os cachorros, apagando as luzes. Eles ficavam soltos dentro de casa, saíam por uma abertura em uma das portas da cozinha que dava para uma pequena área.

Foi preciso fechar com uma cerca e parreiras, assim eles não passavam para o restante do quintal e não pulavam na piscina à noite, como já fizeram. Quase me mataram de susto porque pensei que algum maluco tinha invadido a minha casa para tomar banho. Marco e Polo não eram cães de guarda, só queriam comer e brincar.

Katrina estava no quarto quando subi a escada. Tirando as almofadas da cama, me deu um sorriso enorme e pulou em mim. Desequilibrei e caímos na cama.

— Minha mãe vai casar!

— Gosto do Michael, ele é muito gentil e divertido. Vai ser bom ter os dois na família, equilibra o time. Sempre saio perdendo por ser o único homem — brinquei, com um fundo de verdade. Katrina, Vanessa, Melanie e Rosa se defendiam com prazer, eram unidas. Se eu discordasse de qualquer coisa, me massacravam sem piedade.

— Acha que é cedo demais? Eles se conhecem só há alguns meses...

— Me deu um olhar preocupado.

— Tem tempo certo para se apaixonar e querer viver com a pessoa?

— A maioria das pessoas esperam alguns anos antes de mergulhar em algo tão sério quanto o casamento, mas eu entendo, os dois são maduros, já viveram muito e querem aproveitar. — Brincou com a gola da minha camisa. — Ela não me falou nada sobre datas ou planejamento. Droga, nem tem espaço na minha agenda. Vou precisar comprar uma agenda nova só para o casamento. — Suspirou e abriu um sorriso. — Vanessa vai pirar que perdeu isso!

— Amanhã terão todo o tempo do mundo para fofocar.

— Foi um dia divertido. — Bocejou.

Ela dormiu dois segundos depois. Tirei seu short jeans, liguei o ar e capotei ao seu lado também. Na manhã seguinte, acordei com água no rosto. Passei a mão e de repente, outro jato bem no meu nariz. Abri os olhos e dei de cara com Katrina descabelada, a roupa amassada e segurando uma pistola de água com uma expressão compenetrada.

— Preparado para a guerra, marido? — Jogou uma pistola verde para mim e covarde como era, não estava carregada. Rindo, espirrou mais uma vez e saiu correndo.

— Covarde! — gritei e corri para o banheiro, enchendo a minha pistola. Andei com calma pela casa, passando pelos cômodos sem saber onde a espertinha havia se escondido. — Katrina, amor.

— Não me pega! — gritou de volta, rindo. Hum, o eco estava muito alto. Desci a escada, passando pelo piano e vi a sombra dos cachorros. — Saiam daqui seus fofoqueiros! — cochichou, tentando enxotá-los. — Anda, vai!

— Te peguei! — Explodi milhares de esguichos de água, gritando surpresa, ela se deu conta que podia atirar de volta, afinal, era só água.

Usando os cachorros como barreira, saiu correndo. Minha pistola ficou vazia e a dela era maior, cabia mais água. — Trapaceira! A sua é maior que a minha!

— Com problemas de tamanho? — gritou de algum lugar no quintal.

— Você nunca reclama do meu tamanho, amor. — Andei silenciosamente pela casa, passando pela cozinha e me escondi nas parreiras. Ela estava encolhida entre dois dos meus carros mais baixos, espiando a porta que dava para a garagem. Pensei em pular a cerca, mas ela me veria e correria, então, decidi atirar dali mesmo. — Te peguei de novo!

Rindo e ao mesmo tempo irritada porque era uma péssima perdedora, subiu no banquinho e pulou as parreiras. A doida não calculou o espaço entre nós dois. Caímos na grama e foi uma queda dolorosa. Maldosa, aproveitou a minha distração e que a minha pistola caiu longe, montou na minha barriga, praticamente me afogando. Ela não parou de disparar até esvaziar.

— Mal acordei, não tomei café e você me atacou — acusei, jogando sua pistola longe. Estávamos molhados. A blusinha dela estava toda transparente, agarrei os seus peitos e ergui o meu rosto, chupando-os pela camisa. — Quer ser o meu desjejum? Eu mereço depois desse ataque.

— Adorarei ser devorada agora! — Sorriu, marota. — Vamos entrar antes que eu fique nua no quintal. Daremos um show aos vizinhos.

— Tem muita grama aqui e ela pode entrar em lugares terríveis. — Segurei a sua cintura.

— Definitivamente, a única coisa que quero dentro de mim é o seu pau. — Inclinou-se e me deu um beijo suave nos lábios.

A vida era infinitamente melhor quando se tinha alguém para compartilhar todas as alegrias.

OceanofPDF.com

27 | *Katrina*

Devon estava me seguindo em silêncio, segurando uma bandeja de café repleta de comida. De fininho, abri a porta do quarto de Vanessa. Ela estava no processo de acordar, se espreguiçando, sentou na cama com um sorriso sonolento e corri, pulando em cima dela junto com os cachorros.

— Feliz aniversário, minha leonina favorita! — gritei e Marco passou por cima de mim enquanto Polo tentava lamber o rosto da minha amiga. — Vamos cantar parabéns, crianças! — Embolei as minhas pernas no lençol e ao tentar me equilibrar, bati com a cabeça na parede.

— Sossega, Katrina! — Devon gritou, sem conseguir me ajudar e os filhotes em cima da cama não ajudavam em nada. — Vão para a cama de vocês, anda! — Ele brigou com os dois, que desceram e foram correndo. Rimos da brutalidade dos nossos filhos e então, ele se aproximou da irmã. — Feliz aniversário! — Colocou a bandeja na cama e eles se abraçaram. — Katrina acordou quatro da manhã e estava em cólicas para fazer a surpresa logo.

Vanessa me deu um olhar engraçado.

— Agora você vai ver o quão incontrolável ela é em um aniversário! — Ela sorriu, com o rosto todo inchado de sono. — Obrigada por essa surpresa! Tem meu bolo favorito! — Soltou um gritinho e finalmente começamos a comer. Acordada há horas, estava morrendo de fome. — Tudo certo para mais tarde?

— Camarote e bebidas programadas para o aniversário da minha irmãzinha. — Devon sorriu. Algumas surpresinhas também!

— Eu queria chamar tequileiros, mas o seu irmão super machista, vetou. — Abri um sorriso seco.

— Não sou machista — reclamou.

— Todo machista diz isso — Vanessa e eu falamos ao mesmo tempo e rimos. Batemos nossas mãos juntas.

— Não queria aquela empresa, é diferente. Já tive problemas com eles, mas já que vocês insistem, irei chamá-los. Vai beber tequila, Katrina?

— Da última vez, foi memorável, embora eu não lembre. — Soltei uma risada. Ele se inclinou e me deu um beijo. — A melhor parte é essa.

— Ei! Sem essa coisa melosa na minha cama! — Vanessa jogou um pedacinho de pão em nós. — É meu aniversário, hoje a melhor amiga é minha e você, terceiro elemento, fica com as sobras.

— Você não vai querer ficar comigo? — Devon era todo sensível com essas coisas. Ele ficava sentido quando Vanessa e eu ficávamos trancadas no quarto conversando até tarde da noite.

— Ciumento — provoquei.

— Rejeitado, isso sim. — Fez um beicinho, fazendo charme, e nós duas o agarramos.

— Te amo, irmão.

O aniversário da Vanessa era um dos dias mais importantes da minha vida. Após o término com Luke, ela ainda tomava muitos remédios. Por causa de tudo que aconteceu no relacionamento deles e com a proximidade tóxica da Shannon, ela tomou doses exageradas.

Encontrei-a caída no chão do quarto, quando tentou levantar para pedir ajuda e desmaiou. Foi um dia desesperador. Foi o segundo susto que

tomamos e eu prometi a mim mesma que celebraria a vida dela a cada oportunidade. Foram anos de tratamento até que ela se recuperasse.

Não me arrependia de nada do que fiz para protegê-la, mesmo que isso me impedisse de crescer profissionalmente, eu sabia que, pela Vanessa, valia muito a pena.

Seu aniversário cair em uma sexta-feira foi um acaso maravilhoso, assim podíamos comemorar por todo final de semana. Depois do café, ela ficou em casa de folga, sendo mimada por Rosa. Devon e eu fomos nos arrumar para o trabalho.

Minha mãe estava de plantão, porém, a maior parte das coisas dela já estava na casa do Michael. Kevin parecia muito bem com a presença dela, ele era tão fofo, meio pimentinha, mas um doce de criança. Tomei conta dele por três vezes e fizemos todo tipo de bagunça que deixou Devon maluco e preocupado.

Era engraçado pensar que ganhei um irmãozinho depois de adulta.

Minha mãe não queria ter outro filho biologicamente, mesmo que ela só tivesse quarenta e três. Deixou claro que estava bem em ser mãe do Kevin e avó dos meus bebês, no caso, Marco e Polo.

— Chegou um pacote para você. Recebi porque o entregador estava com pressa, veio de Harvard. — B1 entrou na sala e me entregou um envelope. Meu coração chegou a parar uma batida. — Está tudo bem?

— Sim, claro. — Peguei e fui para a sala dos fundos, fechando a porta.

Rapidamente rasguei, virando as folhas na mesa. Era o relatório da análise completa da amostra de água que enviei para o meu professor. Ele disse que não tinha como analisar no laboratório da escola e enviou para um amigo, que trabalhava no departamento de ciências da universidade.

Espalhei o conteúdo na mesa, lendo pela ordem e fui sentindo uma queimação no estômago pelo tamanho da bomba que eu tropecei, apenas porque estava à caça de uma matéria sobre uma construção abandonada.

Cheguei a cobrir a minha boca, tamanho o meu choque. Como eles conseguiram contaminar a água daquela maneira?

Havia uma lista de materiais tóxicos com que a água estava contaminada e eu só coletei uma garrafinha da saída de uma das fontes próximo a uma estação de abastecimento. Tudo que estava ali era a prova da ambição, falta de empatia e caráter.

Meu telefone estava vibrando sem parar e era uma ligação do Instituto de Oncologia. Atendi, curiosa e era a secretária do Dr. Everest, pedindo para ficar na linha porque ele queria falar comigo.

— *Olá, Katrina! Como você está?*

— Estou bem. A que devo a honra? — Minha mente estava totalmente dispersa para conversar.

— *Antes de tudo, quero que saiba que não sou fofoqueiro, mas eu estava examinando um paciente enquanto uma advogada conversava com ele. Eu não falei nada, apenas ouvi e acho que é do seu interesse —* comentou, e os meus ouvidos ficaram atentos. — *Meu paciente estava depondo sobre o assédio da companhia em comprar a casa dele. Pelo que entendi, eles estão tentando comprar as casas da região, em alguns casos, até forçando. Poucos associaram a doença com um problema relacionado à água. É uma ação coletiva, achei que poderia te ajudar.*

— Você pegou o nome dessa advogada?

— *Sim! Ela faz parte de um escritório no centro, peguei o número de telefone, ela queria mais tempo de visita e como queria ouvir...*

— Não faça perguntas, Dr. Everest. Obrigada por essa informação, mas evite demonstrar interesse. Essas pessoas podem ter incendiado a minha casa, não quero que fique em risco por minha causa.

— *Michael me falou de todos os problemas. Espero que tenha ajudado, nos vemos no jantar na casa do seu padrasto e dê um olá para o seu marido.*

Depois de me passar os contatos da advogada, encerramos a chamada e massageei as têmporas. Guardei as folhas em uma pasta, deixando seguras na minha bolsa e dentro do meu armário, que ficava trancado na sala dos fundos. Apesar de o trabalho ser um ambiente relativamente seguro, pedi a Devon um armário que pudesse manter informações sigilosas longe de olhares curiosos.

Fui ao banheiro e passei na copa, para encher minha caneca de café. Aproveitei para espiar Devon na sala de reuniões com a sua equipe principal. Everly estava lá e ela falava com propriedade. Apesar da nossa óbvia rivalidade, ela optou em ser profissional no ambiente de trabalho.

Devon se afastou completamente, tudo que pedi a ele era para não ter motivos para brigarmos sobre isso, e ele concordou. Algo extremamente positivo e, às vezes, irritante do meu marido era a sinceridade. Criado por Rosa, que abominava mentira, e filho da Shannon, uma mentirosa de carteirinha, ele era honesto em tudo que dizia. Quando ele tinha que mentir, preferia omitir.

Aprendendo com a convivência, sabia exatamente quando tinha algo que não estava me falando, como por exemplo, ele e Vanessa estavam de segredinho. Enquanto estava muito curiosa, sabia que não podia ficar entre os dois. Era uma relação linda e eles mereciam ter privacidade.

Everly me viu parada, observando e, como sempre, abriu o seu sorrisinho superior, enervante, se aproximando de Devon casualmente. Ela não o tocou, apenas se inclinou e falou algo. Ergui o meu dedo mostrando a aliança, rindo. Ela fez uma careta e voltou para o seu lugar, cruzando as pernas e os braços.

Devon percebeu que algo estava acontecendo, virou o rosto, me viu olhando e sorriu. Ah... aquele sorriso! Soprei um beijinho, sem sair do lugar. Precisava olhar para aquele rosto bonito para acalmar toda a minha ansiedade.

Minha mania de segurar o mundo inteiro com as mãos e querendo fazer tudo ao mesmo tempo estava me deixando exausta. Minha garganta doía um pouco, assim como a cabeça e não era nem metade do dia.

Trabalhar na Winterfield era intenso. A demanda podia ficar extensa quando a empresa produzia muitos eventos em sequência, sem pausa, mas podia passar semanas apenas com eventos nos finais de semana, o que me dava oportunidade de trabalhar na matéria, que eu já não sabia mais se publicaria. Estava considerando as minhas opções, preocupada com a corrupção.

Apesar da empresa ter sido eliminada das investigações do incêndio e o suposto advogado demitido, eles tinham motivos de sobra para comprar e ameaçar quem pudesse expor todos os problemas que a companhia estava causando.

A reunião acabou, a maioria saiu e Everly levou uma vida reunindo os papéis. Devon estava digitando em seu computador, falou algo com ela e bati na porta.

— Posso entrar?

— Claro que sim. — Devon sorriu. Me aproximei e apoiei a minha caneca na mesa. Puxei uma cadeira, me acomodando. — Está tudo bem?

— Estou saindo, tenham um bom dia. — Everly me deu um sorriso seco, pegou a pasta e foi embora rebolando. — Tchau, Devon! — Acenou carinhosamente da porta e revirei os olhos.

— Ela está fazendo para te provocar. — Devon sorriu e segurou a minha mão. — Você está pálida, está se sentindo bem? — Seu olhar preocupado encontrou o meu. Se possível, amoleci no lugar. Devon estava me transformando em uma boba apaixonada que derretia com o mísero sinal de carinho.

— Acho que estou ficando doente. — Dei de ombros. — Hoje não é dia de ficar doente e sim, de comemorar. Fiquei um pouco abatida porque recebi a análise da água e uma ligação do Dr. Everest.

Devon sinalizou que iria fechar a porta, me deu uma piscadinha e até baixou as persianas. Com as luzes acesas, dava para ver o nosso contorno e ninguém poderia dizer que o chefe estava em um comportamento inadequado com a esposa na sala de reuniões.

Contei a ele sobre a advogada, o que tinha no relatório e desabafei sobre o quanto tudo aquilo me trouxe uma angústia sem tamanho no coração.

— Vai ficar tudo bem, Katrina. Sua matéria vai trazer a luz da verdade e dar paz. — Me deu um abraço apertado. — Você está um pouco quente.

— Não estou com febre, apenas cansada. Sinto como se abrir aquele envelope tivesse sugado todas as minhas energias. Eu vou terminar o expediente, já vamos sair mais cedo, quero finalizar todas as minhas solicitações. — Dei-lhe um beijo suave.

— Vou adiantar o máximo que puder — prometeu.

Voltei para a minha sala com mais café, belisquei alguns biscoitos e enquanto revisava um texto sobre o novo empreendimento, reparei que o B1 estava cheio de risinho para o telefone celular. Pego no flagra, confessou que estava conversando com uma garota que conheceu no bar do cassino no primeiro andar.

Era engraçado que a maioria dos funcionários buscassem mulheres no bar de um local que trabalhavam. Entrada vip para os eventos? Elas queriam. John, meu barman favorito, sempre ia embora acompanhado.

Quatro da tarde, terminei a minha última tarefa selecionada para o dia e arrumei a minha bolsa. Levei tudo que estava no armário trancado, me despedi dos meus companheiros de sala e encontrei com Devon no meio do caminho, vindo me buscar. Ele pegou as minhas pastas, segurei seu braço e em silêncio, fomos para casa.

Quase cochilei no carro, o jeito que ele dirigia já não me estressava mais. Confiança e amor, no nosso caso, deram as mãos e decidiram andar lado a lado.

Em casa, os filhotes não estavam, saíram para passear no condomínio. Vanessa estava em uma ligação de vídeo com umas amigas da escola que eu não suportava muito, todas animadas para a festa à noite. Apareci no fundo porque o bando de falsas resolveu fazer graça. Sem muita paciência, dei um oi e sumi.

Stuart me ligou todo preocupado sobre o presente que comprou para Vanessa. Se eu pudesse, trancava os dois em uma sala e só permitiria sair depois que parassem de rodear um ao outro com tanta insegurança.

Devon enxotava Stuart, ele propositalmente proibia uma aproximação, em parte entendia, Stuart era um homem que poderia aflorar

coisas ruins em Vanessa. Ao mesmo tempo, existia uma parte minha, bem romântica, que acreditava que os dois só precisavam de um empurrãozinho para ficarem juntos. Ambos podiam curar suas feridas em uma caminhada conjunta.

Nunca soube por completo a história do Stuart, apesar de conhecê-lo há anos, havia algo em sua adolescência que era bem pesado, e no meio de tudo isso, ainda tinha uma criança. Um menino que ele lutava pela guarda há anos.

Depois que garanti que ela iria amar o presente que ele comprou, entrei no meu quarto tirando a roupa, desesperada para fazer xixi. Tomei banho e busquei no armário de Devon uma calça de pijama. Me joguei na cama para tirar um cochilo de trinta minutos, só para recarregar as energias e ficar disposta para festa na boate mais tarde.

— Kat? — Senti a mão de Devon no meu rosto. — Você está um pouco mais quente...

— Estou bem. — Abri os olhos. Ele já estava de banho tomado. — Dormi muito?

— Te deixei dormir até o último minuto possível. — Inclinou-se e me deu um beijo nos lábios.

Foi difícil levantar da cama, meu corpo estava começando a ficar dolorido e eu queria dormir. Vanessa merecia o meu melhor, portanto, me dediquei na arrumação. Escolhi um vestido novo e reparei que estava meio justo. Não experimentei, comprei rápido, não dava tempo de aturar vendedora e provadores.

Já maquiada e com meu cabelo cheio de fixador para ficar preso em um rabo de cavalo elegante, precisei chamar Devon para me ajudar a subir o zíper.

— Sexy, vermelho e muito curto. — Ele entrou no meu closet já arrumado. — Você está linda!

— Preciso de ajuda para fechar o vestido. — Apontei para as minhas costas. Prendi a respiração, ele subiu o zíper com tranquilidade. — Está ruim? Parecendo apertado ou um número menor?

— Está muito gostosa. — Me abraçou. — E com febre. Minha irmã não vai ficar chateada se ficarmos em casa.

— *Eu* vou ficar chateada! É aniversário dela e eu quero comemorar o final de semana inteiro! — Acariciei seus braços. Ele pegou o telefone no bolso e tirou uma fotografia contra o espelho. — Vou ficar bem.

— Vocês estão prontos? Melanie já chegou com Kevin! — Vanessa bateu e abriu a porta do quarto. — Rosa está servindo o jantar dele, temos que sair antes que ele comece a chorar.

— Esqueço que temos uma criança na família agora. — Sorri e peguei a minha bolsa.

Vanessa estava linda, com um vestido verde escuro e parecia degradê, com um brilho na luz. O tecido era todo elaborado, perfeito para uma noite de aniversário em Las Vegas. Pedi que Devon tirasse fotografias nossas na sala entre os nossos quartos.

Ao descer, elogiei a minha mãe, que usava um conjunto que dei a ela algumas semanas atrás. Calça social azul marinho, um body que parecia de renda, mas tinha um forro. Exibia o seu corpo bonito sem mostrar muita pele.

— Você está um pouco quente, querida. — Mamãe colocou a mão na minha testa.

— Estou bem. Não fala nada, não quero que Vanessa cancele a festa — cochichei, ajeitando a minha aparência. — Ela está muito animada.

— Me avise se precisar de mim.

Nós paramos para jantar em família no restaurante mexicano que Vanessa escolheu. Michael saiu do hospital e nos encontrou lá, eu comi tudo com molho de pimenta, fiquei vermelha de calor e com os lábios ardendo. Stuart e Devon fizeram um brinde com tequila, nós viramos ao mesmo tempo e cheguei a lacrimejar porque era uma bem forte.

— O arrepio que desceu pela minha espinha deixa claro que não devo beber essa noite. — Entreguei meu copinho a Devon.

— Não beba ou irá passar mal, já não está muito bem. — Colocou a mão na minha testa, segurei seu pulso e beijei sua palma.

Ao chegarmos na festa, o camarote reservado já estava lotado. Vanessa era conhecida por muitas pessoas por causa do irmão, então, ela foi cercada por milhares de pessoas para ser parabenizada. Devon me levou para um lado, passando entre os grupos, me apresentando a quem ainda não conhecia e paramos na área reservada para a aniversariante.

Nunca estive em uma noitada com a minha mãe, nós costumávamos dançar em casa, brincar juntas, mas vê-la se divertindo com o noivo me deixou muito feliz, de coração leve e com um sentimento que a minha vida estava repleta de bons momentos. Dancei, bebi suco ao invés dos meus drinques coloridos, brinquei com meus amigos, mas não estava do meu jeito normal.

— Tequila, baby? — Devon brincou e neguei.

Se eu bebesse, iria cair.

— Não, obrigada. Quero outro suco, por favor. — Beijei a sua bochecha.

Vanessa estava conversando animadamente com a minha mãe e uma menina legal que conhecíamos da época da escola. Como quase todo

mundo, não lembrava o nome, apenas o apelido e por isso, mal fiquei perto. Para uma jornalista, eu tinha um problema sério em gravar nomes.

— Eu não acredito! — Vanessa gritou quando um DJ que ela adorava subiu no palco, chamou pelo seu nome e disse que preparou uma setlist com todas as músicas favoritas dela. — Devon! Eu não acredito! Obrigada, irmão!

— Dessa vez, não fui eu. Foi a Katrina! — Ele apontou para mim. Sem nenhum aviso, ela se jogou no meu colo, me abraçando e deu um beijo barulhento na minha bochecha.

— Vem dançar comigo! — gritou e me puxou.

Stuart e Devon nos acompanharam na pista de dança. Meio sem querer querendo, fingi tropeçar, me joguei em Stuart, ele encostou na Vanessa e para não a derrubar, agarrou a sua cintura. O olhar entre eles foi muito fofo. Quase fiz uma dancinha ao redor.

— Eu sei o que você está fazendo — Devon cochichou. Ele tinha me pedido que não queria alimentar nenhum romance entre a irmã e o melhor amigo. Um tremendo hipócrita.

— Não estou fazendo nada! Eu quase caí! — Abri um sorriso e o abracei. — Dança comigo, marido! — Beijeí seu queixo.

Não adiantava nada comprar uma briga sobre Stuart e Vanessa se ainda não havia algo acontecendo, o jeito era enrolar o ciumento e esperar o desenrolar natural da história. Provoquei-o, fazendo uma dancinha esquisita, ele riu e me agarrou, apertando a minha bunda bem rude, e o beijeí toda apaixonada.

Bebi e casei com o irmão da minha melhor amiga. Meses depois, estar em seus braços, no lugar que sempre critiquei, era um dos nossos momentos favoritos. Me tornei a mulher dele quando tinha medo de ser

mais uma. Devon me fazia sentir única e especial em uma base diária. Era impressionante o quanto, cada dia mais, parecia que nascemos um para o outro.

Naquele momento, eu não me arrependia de amá-lo tão intensamente. Meu orgulho me afastou de algo belo, felizmente, o destino deu o jeitinho de agir.

Devon organizou um parabéns que Vanessa morreria de vergonha se ela estivesse sóbria. Um bolo de três camadas, azul escuro com estrelas, uma vela imensa e uma queima de fogos ao fundo, bem na linha das janelas do camarote. Foi perfeito. Ela estava muito feliz, sorridente e era tudo que importava.

Ninguém quis comer o bolo, achei um absurdo, deu muito trabalho combinar coisas que Vanessa gostava sem experimentar antes. Fui a única que comeu dois pedaços. Devon queria comer apenas no dia seguinte, como sobrou muito, o restaurante cortou e colocou em caixas, deu para quem estava indo embora e queria.

Sentada no bar, com os pés para o alto por causa dos sapatos que estavam matando meus dedinhos, esperei que carregassem todos os presentes que ela ganhou para o carro.

— Consegue ir andando? — Devon parou na minha frente. — Ou quer que eu te carregue?

— Não vou sair carregada! Vão dizer que estou bêbada! Não preciso da fofoqueira da Mckenna falando ainda mais besteira. — Pulei do balcão e suspirei de dor. — Além do mais, sempre posso choramingar no seu ouvido até chegarmos em casa e você compensar com uma massagem.

— Ir de brava a chorona em questão de segundos é um dom só seu, meu amor. — Ele ergueu as mãos aos céus, como se pedisse paciência.

Ignorei e fui andando na frente, ainda havia algumas pessoas, os clássicos inimigos do fim, mas eu não tinha mais pique para ficar a noite inteira em uma boate.

Minha coluna implorava pela minha cama.

Ao chegar em casa, não sabia mais o meu nome direito. Cansada, tomei um banho bem mais ou menos só para tirar o cheiro da boate, lavar o suor e vesti apenas uma camisa de basquete do Devon porque era fresca e grande.

A gripe me pegou de jeito, dormi a maior parte da noite, mas acordei com a garganta dolorida, olhos ardendo e o corpo pesado. Devon tinha um compromisso cedo, então fiquei na cama, toda coberta, observando-o se vestir de maneira formal. Ele tinha uma reunião no banco, foi agendada em um sábado para fugir dos curiosos.

— Fique bem, me liga se precisar. — Inclinou-se na cama e me deu um beijo. Não prolonguei muito porque não queria que ficasse doente também. — Descanse um pouco mais.

— Se cuida e boa sorte nos investimentos. Estou torcendo por você.

— Esse vai ser o melhor investimento da minha vida. — Piscou e saiu, deixando o ar de mistério.

Tentei trabalhar um pouco, escrevendo e lendo o que já tinha pronto, unindo todos os pontos e precisando tomar um cuidado extra em não deixar furos ao longo da narração necessária para compreensão de todas as massas. Com a cabeça pesada, parei um pouco e ouvi uma batida na porta.

Minha mãe enfiou a cabeça dentro, mas Kevin entrou correndo e subiu na cama, se jogando em mim. Abracei-o rapidamente e me afastei, explicando que não queria contaminá-lo.

— Mel fez uma sopa e viemos trazer — ele explicou e ficou pulando. — Legal, sua cama é enorme!

— Cuidado para não cair — orientei. Minha mãe colocou a sopa na mesinha do quarto, próximo à janela e veio com a sua maleta de enfermeira. Aferiu a minha pressão, a temperatura, me deu mais uma dose do remédio e me liberou para comer uma sopa com macarrão em forma de letrinhas. — O que é isso, mãe? Que lindo!

— Ele que escolheu. — Apontou para Kevin e sentou na poltrona. — Cuidado, Kevin.

— Meu irmãozinho é um fofo. — Sorri e comecei a comer.

— Sei que não está em um bom dia, mas, eu preciso dizer que já comecei a procurar pelo seu pai. Nós nunca nos divorciamos. Mais do que nunca, me arrependo de não tê-lo feito antes. — Suspirou, e parei de comer um pouco. — Espero conseguir fazer tudo por meio de advogados, ele nunca apareceu, não vejo porque irá aparecer agora.

— Espero que sim. — Foi tudo que consegui dizer.

Eu não queria ver o meu pai nem pintado de ouro na minha frente e certamente nunca iria perdoá-lo por me deixar. Ele não merecia o meu amor, perdão e muito menos a minha atenção. Esperava que a minha mãe se livrasse do casamento e finalmente começasse o seu “felizes para sempre” com um homem tão legal como Michael era.

Meu humor não estava dos melhores, falar sobre o meu pai me fez sentir afundando ainda mais no meio de um pequeno redemoinho de emoções ruins.

28 | *Katrina*

Devon voltou tarde para casa. A reunião se estendeu, mas ele parecia bem. Um pouco melhor da gripe, me aventurei fora do quarto, jantei com a minha família e depois tivemos uma reunião.

Participei de curiosa, pois não iria interferir na decisão dos irmãos sobre investir ou não na nova residência da Shannon. Ela ainda não tinha aparecido por estar gravando um filme. Não ligou para a filha para dizer nada em seu aniversário.

Tio Saul mandou flores para Vanessa e uma joia, assinando um cartão muito bonito. Ele não se dava o trabalho de fingir que Shannon se importava com alguma coisa.

A única coisa que eu discuti era sobre o Bertie. Vanessa e Devon garantiram que a oficina especializada era concorrida, normal demorar tanto. Eu só queria meu carro de volta.

Domingo, nós acordamos cedo para passear. Devon queria nos levar para um dia divertido, seguindo com as comemorações do aniversário de Vanessa. Minha mãe estava trabalhando e Michael em casa com Kevin, então, fomos apenas nós três.

Animada, cantei algumas músicas até o heliporto. O piloto já nos esperava. O dia estava lindo e eu com a minha câmera em mãos para fotografar o Grand Canyon. Apesar de ser um passeio recorrente para os turistas, visitei o lugar apenas duas vezes.

Devon sabia pilotar, o outro piloto foi junto apenas porque era norma da companhia. Eles sentaram na frente, Vanessa e eu atrás. O processo de subir era bem assustador, mesmo com os fones abafando todo

barulho e ouvindo as piadas do idiota com quem me casei sobre sua habilidade em pilotar. Ele estava me deixando muito nervosa de propósito.

A cidade, vista de cima, era bonita, mas eu sentia vontade de morar em um lugar mais fresco. Devon acreditava que não iríamos nos adaptar em um local frio, até porque, um dos nossos passatempos favoritos era ficar na piscina. Eu não me mudaria, a não ser se fosse muito necessário. Minha vida era em Vegas.

Minha mãe estava construindo uma nova família aqui. Eu estava construindo, inesperadamente, uma vida com um homem que jamais imaginei e minha melhor amiga não pretendia se mudar.

— Katrina? — Devon chamou. — Olha só aquilo ali. — Apontou para a esquerda e grudei o meu rosto no vidro. — Não sabia que o aterro sanitário era tão próximo ao Valley — comentou e aproximei o zoom da câmera.

— É um espaço aéreo proibido, precisa circular. — O outro piloto informou.

Proibido? Interessante.

Devon deu a volta no local, me dando a oportunidade de fotografar. Vanessa e eu trocamos um olhar, mas não falamos nada porque não estávamos sozinhos.

O restante do passeio foi maravilhoso, mesmo a caminhada que eu pensei que fosse derreter na trilha. As fotos ficaram muito boas. Iria revelar quase todas, principalmente as que tirei com Devon, porque ficaram perfeitas. Como ainda era o aniversário de Vanessa, ela escolheu o lugar do nosso almoço.

Faminta, devorei o meu prato com um filé imenso, batatas fritas e saladas. Aquele lugar tinha o melhor filé do mundo inteiro.

— Pensei que iríamos dividir... — Devon me cutucou com o garfo. Ele pediu filés de peixe branco com camarões, a ideia era compartilhar os nossos pratos para podermos comer coisas diferentes.

— Eu só comi sopa ou tomei chá nas últimas vinte e quatro horas. — Dei a ele o último pedaço que sobrou. — Minha mãe é o tipo de enfermeira que se o paciente não ficar acordado, não vai dar trabalho.

— Não que você tenha ficado totalmente dormindo — Vanessa comentou e o sorriso sacana me deixou alerta. — Talvez o remédio tenha te deixado meio... divertida.

— O que vocês fizeram?

— Eu não estava em casa! — Devon se defendeu, mas o olhar brincalhão não me enganou. — Só recebi os vídeos da minha linda esposa meio dormindo, meio acordada, falando que sou lindo, que faremos filhos lindos, que se você estivesse boa, estaríamos transando. — Abriu um sorriso. — Não se preocupa, amor. Vou esperar que melhore. — Me deu um beijo sem conseguir parar de rir.

— Sua traidora! — acusei Vanessa, que ria. — Quero ver, cadê os vídeos?

Minha melhor amiga era uma vaca. Eu estava uma bagunça no vídeo, parecia que tinha dormido muito, meu rosto tinha marcas da cama, uma baba seca e só falei maluquices. Algumas partes não faziam sentido, como comprar um sapato caramelo, mas a maior parte era sobre Devon. Até o meu subconsciente estava com os quatro pneus e o step arriados por ele.

— Eu vou me vingar. — Abri um sorriso e devolvi o aparelho.

Vanessa fez uma careta porque ela sabia que eu desconhecia limites em uma revanche.

...

Morar sem a minha mãe e com um marido era algo a se acostumar todo dia. As semanas seguintes foram tranquilas, de ajustes, de aventuras profissionais, pessoais e emocionais. Um casamento podia ser uma gangorra emocional difícil de controlar, mas de modo geral, acreditava que Devon e eu nos saímos bem.

Era difícil conversar sobre tudo, eu tinha um defeito horrível de falar o que vinha na mente e muitas vezes, era injusta, quando ele, sempre sincero e calmo, conseguia pensar melhor nas palavras e nas suas atitudes. Devon me ensinava a ser uma pessoa melhor todos os dias.

Ter calma e paciência era uma novidade.

Em um domingo comum, ele estava limpando a piscina e eu jogada em uma espreguiçadeira, filmando-o. O homem era sexy fazendo as coisas mais bobas. Começo de setembro, a nossa vida parecia até muito tranquila.

— Está começando a esfriar. — Devon bateu com a cesta na grama.
— Vamos entrar, não quero que fique resfriada de novo.

— Já terminou?

— Não quero ficar resfriado também. — Sorriu e guardou o material de limpeza. — Vem, Katrina.

— Estou com preguiça de me mover.

— Quando você quer se mover? — Ele revirou os olhos, me ergueu no colo e entramos em casa. Vanessa estava comendo pipoca, bebendo refrigerante e assistindo *Cartas Para Julieta*. — Vou te deixar bem aí e desaparecer.

Devon fugia de filmes/músicas de romance como se fossem uma praga. Era engraçado, porque ele era muito mais romântico que eu. Sempre me surpreendia com flores, chocolates, um bilhete romântico meio safado e era doce pela manhã e na hora de dormir.

Uma coisa boa entre nós, era que mesmo brigados, nunca nos repelimos. Às vezes, ele me irritava tanto que não queria vê-lo na minha frente, mas eu sentia falta quando chegava mais tarde ou quando ia dormir sozinha porque ele estava trabalhando.

— Pinta as minhas unhas! — Vanessa me deu o esmalte. Intimidade era isso, a pessoa sequer tinha coragem de pedir, já ordenava. — Stuart me mandou uma mensagem...

Ergui o meu olhar do esmalte.

— Sêrio? O que ele disse?

— Se eu queria sair com ele e uns amigos. Eu disse que ia ver, porque me comprometi em cuidar do Kevin, já que a babá está doente — retrucou e abri a tampa, tirando o excesso. — Acha que é uma tentativa de aproximação?

— Por que a minha mãe te pediu ajuda? Eu posso tomar conta do Kevin!

— Ela sabe que você está ocupada com a matéria, além do mais, ele vai estar aqui. Todos nós tomaremos conta dele quando os plantões se coincidirem. Você pode prestar atenção no que realmente importa?

Ela finalmente admitiu que o assunto *Stuart* importava, percebendo a minha manobra, suspirou.

— Eu acho que a coisa toda entre vocês é recíproca, mas, na minha opinião, quem quer não dá desculpas. Seu irmão e eu vivíamos brigando, mas quando surgiu a oportunidade, ele agarrou como se fosse um cachorro roendo um osso. — Pinte algumas unhas. — Na minha opinião, ele tem medo. Stuart tem uma história complicada que eu já tentei arrancar detalhes do Devon a todo custo.

— Meu irmão não vai falar. Ele é muito discreto. — Vanessa suspirou. — O que eu faço? Eu vou?

— Não vejo problema cultivar uma amizade, talvez isso seja bom para uma proximidade, mas, ele gosta de curtir muito e você só faz isso de vez em quando. Qualquer decisão que tomar, ele vai entender. Se não entender, foda-se. — Sorrimos uma para outra. — Acho que agora que está se abrindo para um possível romance, será que não poderia abrir os seus olhos para qualquer outro homem legal? Não existe só Stuart no mundo.

Vanessa ergueu o olhar, ficou com as bochechas vermelhas e mordeu o lábio. Não precisava virar para saber que o irmão mais protetor e ciumento do universo ouviu a minha última fala. Ignorei porque eu nunca alimentava os rompantes ciumentos. Com a irmã, ele tinha medo porque ela já se machucou muito, comigo, era insegurança. Ele estava melhorando com o passar do tempo.

— O que nós vamos jantar? — Comecei outro assunto aleatoriamente.

— A cozinheira deixou um monte de coisa pronta. — Devon sentou atrás de mim. — Salmão empanado? Tem congelado.

— Eu faço uma salada quando a minha unha secar.

— Vou abrir o vinho. — Sorri. Eles sabiam que cozinhar era uma arte que eu até dominava, mas não gostava muito. Finais de semana pedíamos comida ou Devon cozinhava.

Vanessa deu um jeito de sumir da sala quando terminei as suas unhas apenas para Devon não começar a palestra sobre Stuart não ser um bom homem para ela. Nós ficamos no sofá junto com os nossos filhotes, cada um dormindo de um lado, assistindo televisão quando o telefone dele vibrou. Espiando, vi que era Matt. Seu advogado pessoal raramente ligava

fora do horário comercial. Eles começaram a falar, mas apenas uma parte do assunto me chamou atenção.

— Foragido? — Ele ficou tenso. — E o que acontece agora? — Devon estava pálido. — Proteção policial? Eu tenho uma equipe, mas isso é foda!

— O que foi? — Virei no lugar e ele sinalizou para esperar, ouvindo o que o advogado dizia.

— Claro. Obrigado. — Encerrou a chamada e suspirou. — A polícia conseguiu uma prova com a perícia dos bombeiros. Foi, na verdade, encontrado nos escombros pelos funcionários da construção. O tecido usado para a fonte do incêndio continha material genético.

— Foi o Nick? — Mudei a minha posição.

— Foi. Eles emitiram um mandado de prisão, teve uma perseguição e ele está foragido. — Devon esfregou os meus braços, que ficaram arrepiados. — Eles virão nos comunicar oficialmente e deixar uma proteção policial até que ele seja encontrado.

— Temos que avisar a minha mãe...

— Odeio perguntar isso, mas você conhece algum lugar que ele poderia se esconder? Casa de algum parente? Um amigo? — Devon olhou em meus olhos. — Matt adiantou essas perguntas. Serão feitas pelos policiais e seria ideal já ter uma resposta.

— Além dos pais dele, eu não conheço muito a família. Sei que ele tem a oficina, tem a casa de uma tia em Los Angeles, fica no bairro que teve aquele tiroteio na escola. Lembra? Foi ano passado e apareceu em todos os jornais — comentei, tentando lembrar o lugar e o nome da tia. — Devon, eu sou péssima com nomes. Eu não lembro o nome dela!

— Eles são americanos?

— Nicholas nasceu aqui, mas os pais dele...

— Tudo bem. — Me deu um beijo. — Vou fazer umas ligações. Até que ele seja pego, vou chamar os seguranças e você não vai sair desacompanhada.

Não adiantava discutir e não iria. Nicholas era doente. Ele incendiou a minha casa e a única conclusão plausível era me fazer voltar. Me deixar sem ter para onde ir e com quem contar. Eu queria que ele pagasse por tudo que fez e não era justo que ele saísse ileso enquanto eu perdi minha casa, minhas coisas, minhas lembranças da infância e todo dinheiro que a minha mãe investiu ali.

Observei Devon resolver o que podia por telefone. Vanessa preparou o jantar e comemos em um clima tenso, preocupados, mas eu sabia que ali estava segura. O condomínio tinha uma forte segurança e a casa também. Minha mãe estava em sua nova casa, que também tinha alarme e câmeras de segurança, além de segurança privada nas ruas do bairro. Nós íamos ficar bem.

Fui dormir antes do Devon. Ele estava agitado demais para sossegar e eu cansada. Fiquei com a televisão ligada para ficar com uma luz ao fundo, embolada no edredom e cochilei.

Acordei com Marco querendo sair do quarto. Ele ficava no máximo uma hora, depois, queria sair e ir de encontro ao irmão, que gostava de ficar solto. Demorei a pegar no sono de novo, Devon entrou no quarto de fininho e sorriu ao me ver prestando atenção no filme pastelão que passava.

— Ainda acordada...

— Demorou. Aconteceu algo?

— Verificando os cassinos. — Tirou a camisa e jogou na poltrona.
— Tudo dentro da rotina, os mesmos engraçadinhos de sempre, lugar

lotado, a banca sempre vencendo. — Puxou o edredom e deitou em cima de mim. Me acomodei, envolvendo minhas pernas ao redor dele. Apoiado com os cotovelos, enfiou o rosto no meu pescoço, beijando e suspirei. — O que foi?

— Ainda bem que tenho você. — Puxei um pouco do seu cabelo.

— É bom ouvir isso... é como música. — Ele sorriu. Beije-o suavemente.

— Eu te amo, sr. Winterfield. — Mordi seu lábio, dando uma chupadinha que eu sabia que ele adorava.

O clima ficou aquecido, podia sentir o desejo latejar e era gostoso sentir crescer enquanto ele, com maestria, puxava o decote da minha camiseta larga e chupava meu mamilo. Assistir o meu peito na boca dele me dava um tesão maluco, ele provocava muito bem com a língua, dando um tipo de beijo que era capaz de me levar à borda.

Sabia que não era incomum mulheres chegarem ao orgasmo apenas com estímulo nos seios, eu era uma dessas mulheres, ficava lubrificada, louca de tesão e me sentindo desinibida da vida.

Afastou-se um pouco, sua boca estava vermelha e os meus peitos inchados. Mamilos duros, pele arrepiada e uma vontade de pular nele. Tirando o edredom da cama, puxei a minha camiseta e joguei longe. Devon tirou a minha calcinha, mesmo com pouca iluminação, podia ver o seu pau marcando a calça. Mordi o lábio, olhando em seus olhos para provocá-lo.

— Quer meu pau na sua boca, safada? — Sorriu e olhou entre as minhas pernas. — Que delícia... — Passou o indicador nas minhas dobras, dando uma acariciada gostosa no meu clitóris.

— Deita. Eu vou montar no seu rosto — ordenei. Devon adorava quando eu tomava uma atitude sobre alguma coisa safada. No dia que o

chupei no carro, dentro de um estacionamento, a mente dele se dividiu em duas e ficou nas nuvens por horas.

Tirou a calça, seu pau saltou livre e deitando-se, ficou me esperando. Sentei no seu rosto, dando uma rebolada, gemendo com a sua língua explorando minhas dobras. Agarrando a minha bunda, me pressionou no lugar para me chupar de um jeito que ele me fazia enlouquecer. Gemi, acariciei suas coxas e lambi seu pau como o meu picolé particular.

Chupei a cabeça, acumulando saliva o suficiente para levá-lo quase por inteiro. Garganta profunda só com disposição. Viramos de lado e ele começou a foder minha boca. Sexo era quase todo dia e nunca parecia insuficiente ou cansativo. Era sempre gostoso e muito satisfatório.

Me afastei, gozando, ele me segurou no lugar sem parar o seu ataque.

— Devon! — gritei, arranhando sua barriga, minhas coxas tremiam e com uma última lambida gostosa, me soltou. — Meu Deus! — Meu coração parecia que ia explodir no peito.

— Eu amo te fazer gozar assim... — Passou a mão lentamente na minha barriga. Estava toda arrepiada. — Você é perfeita, amor. — Beijou meu ventre e sorri, acariciando seu pau. Dei um beijinho. — Vem, empina essa bunda. Tô doido para comer essa boceta gostosa. — Mudei minha posição, ficando de joelhos e ele deu um tapão na minha nádega direita, afastando ambas e provocando com seu pau.

— Me fode, Devon. Fode gostoso — falei baixo, rouca de tesão. Se ele quisesse que eu implorasse, eu iria. Naquele momento não tinha orgulho que me segurasse.

— Cacete... — nós dois gememos. Suas estocadas eram maravilhosas. Empurrei minha bunda ao seu encontro, rebolando do jeito

que ele se perdia. — Não quero gozar agora. — Puxou fora e me virou. — Você sempre me faz gozar daquele jeito.

— Ops — brinquei, abraçando-o. Aos beijos, voltamos a nos unir, dessa vez, mais devagar. Fazendo amor com o coração. Passando o braço por trás do meu joelho, foi metendo até me fazer gozar de novo e mais forte que a primeira vez. Podia senti-lo cada vez mais perto. — Vem, goza nos meus peitos.

Seu sorriso safado brilhou, estocando até o limite, uni os meus seios e ele gozou. Pegou um pouco no meu queixo, era uma bagunça, mas ele adorava e na cama, fazíamos tudo um pelo outro. Já fazia alguns dias que simplesmente abolimos a camisinha, não foi intencional, apenas aconteceu de nossos exames de checagem obrigatória acontecerem.

Um tanto de confiança e um pouco de irresponsabilidade. Na nossa desculpa e para não pesar tanto na consciência, ele gozava fora. Evitávamos nos dias férteis – era difícil, afinal, meus hormônios basicamente imploravam por ele.

Ainda tinha medo de uma gravidez, ainda era uma emoção conflitante, mas eu não tinha medo do abandono. Não de Devon. Se fosse qualquer outro, seria diferente, mas ele entendia, amaria o nosso bebê e faria o impossível para sempre sermos uma família feliz.

Em um mundo cada vez mais louco, em uma cidade onde a perdição e caos eram a fonte de renda, encontrei um homem que vendia diversão e jogos de azar para viver. Esse mesmo homem era apaixonado, responsável, comprometido e honesto.

Nos jogos da vida, fiz uma aposta. Ele venceu o desafio, mas eu, definitivamente, ganhei o prêmio.

29 | *Devon*

Kat suspirou e puxou os cabelos. Ela estava nervosa com a minha avaliação sobre a matéria. Era gostoso saber que a minha opinião era importante, e ao finalizar a leitura, jogou a bomba sobre querer entrevistar um dos moradores da região. Era arriscado e eu não concordava.

O impressionante era que os tipos de serviço de saneamento básico pertenciam à mesma empresa, que comandava a mesma região da cidade, e olhando bem no mapa, o aterro, por motivos turísticos, não era mencionado. Em terra, só encontramos o local porque vimos de cima. Quando a levei, fizemos uma rota em que era possível, finalmente, entender a contaminação.

Pensei que a matéria já estava pronta, mas ao esbarrar com isso, ela tinha muito mais a escrever do que o famoso jornalista que entrevistou Pablo Escobar.

— Você me prometeu — foi tudo que consegui dizer. Katrina fez um beicinho e cruzou os braços, tentando me amolecer com a sua expressão pidona. Ela conseguia um chocolate, sexo e flores com aquilo, mas não me convenceria de entrevistar um dos pacientes do Dr. Everest. — Nós concordamos que você voltaria à investigação sem se expor. Já não sabemos o que vai acontecer quando entregar todo esse material.

— O seu apoio foi muito importante em todo esse processo, e eu sei que prometi. Justamente por isso que estou tentando te fazer enxergar que falta algo. Eu sinto que ainda há mais a ser dito, como se eu precisasse colocar o outro lado da moeda. Tentei ser imparcial, falhei em algumas partes e Vanessa corrigiu, agora você grifou umas frases. — Mordeu o

lábio, me dando um olhar ansioso. — Entende o que quero dizer? Já sabemos que não foram eles...

— A ameaça não deixa de ser real apenas porque foi o Nicholas que incendiou a sua casa — retruquei firme. Saindo de seu lugar, deu a volta na minha mesa e sentou no meu colo.

— Ouça bem: fizemos uma denúncia que existiu uma ameaça, e então eles reconheceram que foram além, pediram desculpas. Sabe o que isso significa? Uma alegação de culpa! — Segurou o meu rosto para dar ênfase. — Já foi registrado. Se acontecer qualquer coisa comigo, eles serão os principais suspeitos.

— Esse é o problema que você não enxerga.

— Qual é o problema, Devon?

— Nada pode acontecer com você — esclareci, olhando em seus olhos. — Não seja inconsequente. É irresponsabilidade pensar que se algo acontecer, só você será afetada. Sei que fica cega de empolgação e que eu não vou conseguir te segurar em relação a isso, mas lembre-se sempre, além da sua mãe e da Vanessa, agora você tem a mim e eu não quero ficar viúvo.

Ela abriu o sorriso malandro que me deixava maluco.

— Eu tenho um monte de respostas espertinhas para dizer agora, mas eu vou escolher dizer apenas uma. — Inclinou o rosto e me beijou. — Eu te amo.

— Fofa. — Apertei sua bunda e dei um beijo em cada seio. Rindo, me abraçou, prometendo tomar cuidado e que se sentiria mais segura se eu fosse com ela. Antes que pudesse responder, Vanessa abriu a porta. — Não sabe bater?

— Se não está trancada, é para ser aberta — rebateu, esperta como sempre.

— E se isso significasse pegar a sua amiga em uma posição constrangedora?

Vanessa parou com as mãos na cintura.

— Tranquem a porta para não me traumatizar. — Arregalou os olhos de maneira cômica. Katrina e eu rimos. — Está na hora, mocinha. Deixe esse bobão aí.

— Até mais tarde. — Kat me deu um beijo, pegou a bolsa e foi saindo com a minha irmã. — Se comporte.

— Estou sempre comportado. — Pisquei.

Mais tarde, era noite de grandes apostas, um evento que eu oferecia aos empresários muito ricos do país inteiro. Os valores eram mais altos que o normal e além do permitido, assim muitos aproveitavam para usar a banca como um meio de transferir dinheiro. A fiscalização nunca batia nos cassinos, a não ser que houvesse uma denúncia, mas a banca sempre ficava sabendo antes.

O dinheiro dos jogos era uma das fontes de renda da cidade, que tinha um fluxo imenso de turistas do mundo inteiro para isso. Era um tipo de evento formal, com mulheres muito arrumadas e homens de smoking. Katrina não iria participar. Ela e a minha irmã estavam indo para o salão de beleza acompanhadas por dois guarda-costas.

Infelizmente, esse tipo de evento atraía muita gente famosa, que contava com a descrição da minha equipe. O trabalho era intenso em prover segurança, tanto para que os apostadores não brigassem entre si, quanto para impedir a entrada de quem não devia.

Katrina estava de beicinho que não podia ir. Era um evento que a maioria das acompanhantes eram de luxo. Nenhum homem levava a esposa.

Era *muito* raro. Eu poderia perder a minha cabeça se algum idiota bêbado confundisse a minha mulher com uma garota de programa.

Estava previsto para chegar em casa bem tarde. Normalmente, essas noites duravam até o amanhecer, mas eu não precisava ficar para as apostas finais.

— Devon? — Alicia entrou na sala depois de bater. — Ele confirmou presença.

— Obrigado, Alicia.

Ela saiu sem falar nada. Não havia muito o que dizer e eu não tinha mais idade para me debruçar naquilo. Podia lidar com ele e a sua presença irritante.

Me concentrei no trabalho o dia inteiro, descí, verifiquei o salão e me reuni com Everly, que por mais doida que fosse, a família dela trabalhava com isso há muitas gerações e sabiam bem o que fazer. Ela parou totalmente de dar em cima de mim ou sugerir que um dia fomos um casal.

Como eu bem sabia, sua loucura ia até onde doía no bolso. Ciente que eu jamais alimentaria suas bagunças sendo um homem comprometido, parou. Ela e Katrina gostavam de implicar uma com a outra. A briga ali era muito além de mim e nunca iria acabar.

Quando anoiteceu, Katrina me ligou e ficamos quase uma hora conversando enquanto esperava o meu jantar e o meu smoking.

Meu escritório era bem equipado, por ser um quarto de hotel antes, o banheiro tinha espaço o suficiente para me arrumar e a minha eficiente esposa, preparou uma mala de roupas e uma *necessaire* completa.

Não que eu não fizesse isso antes, mas Katrina tinha os seus momentos de doçura. Ela não era melosa, não ficava em cima e gostava de

fazer as coisas por si mesma. De vez em quando, precisava lembrar a ela que ajudá-la não era porque achava que era incapaz e sim porque a amava.

Raramente fofa e sem um osso romântico no corpo, era carinhosa e mostrava seu amor nos pequenos detalhes. No olhar apaixonado e no sorriso sempre que eu chegava, no beijo de bom dia, no abraço doce na cama, em preparar a minha comida favorita – que tanto ela quanto a minha irmã detestava.

Gostava do seu jeitinho de se fazer de difícil, a sua boca sempre esperta e muitas vezes, a personalidade explosiva machucava. Eu nunca tive problemas em expor o que me irritava e ela sempre me ouvia.

Me arrumei e tirei uma foto como ela pediu, enviando em seguida. Deitada na sala com os cachorros, mandou uma foto só das suas pernas. Por áudio, reclamou que eu estava lindo e desacompanhado.

Pronto, me reuni com a equipe de segurança, repassamos todas as informações e em seguida, me reuni com toda a equipe que trabalharia naquela noite. Eles foram liberados para seus lugares, depois de um discurso encorajador.

Conversei com os crupiês e com as hostesses, ainda me meti na organização dos bares porque eu queria que tudo corresse conforme a programação. Esperei que os convidados entrassem no salão antes de aparecer. Alguns já haviam começado a beber, outros circulavam pelas mesas e formavam os seus grupos.

Não levou muito tempo para o lugar ficar tomado pelo cheiro de bebida e de charuto. Sacudi o meu relógio, era o sinal que os meus funcionários esperavam para começar os jogos. Uma coisa era certa, em Vegas, a banca sempre vencia e nesse caso, a banca era minha.

Joguei cartas com um grupo fiel aos meus empreendimentos, depois, joguei blackjack, o que levou um pouco mais de tempo. Não estava bebendo embora parecesse. Dei um gole ou outro no meu uísque, mas estava acostumado a fingir estar no clima que a noite pedia.

Tudo que sabia sobre jogos e manipulação, aprendi com meu tio, que não vivia mais em Vegas depois de uma carreira como um exímio jogador. Contador de cartas, não tinha um pinga de vergonha e dificilmente perdia um jogo. Apanhou muito ao ser pego contando cartas ou manipulando a jogatina, mas, ele ganhou dinheiro.

— Parabéns por mais uma vitória, sr. Winterfield. — Dennis, um dos crupiês, sorriu.

— Ele sempre vence. — A voz grossa do sr. Nolasco retumbou, e parou do outro lado da mesa. — Olá, Devon. — Sorriu e lhe dei um aceno seco. Ao seu lado, estava uma mulher que tinha idade para ser sua neta. — É bom te ver, filho.

Filho. Para qualquer um ali poderia ser apenas um jeito paternalista de um homem velho. Eu e ele sabíamos a verdade.

Christopher Nolasco, o famoso produtor de cinema, era meu pai. Shannon teve um caso com ele logo no começo de sua carreira. Ela era uma aspirante a atriz e ele um homem famoso que tinha o poder de lhe dar o que queria. Eu não tinha certeza se fui um acidente ou uma maneira da Shannon conseguir um cheque mensal até se estabilizar ganhando o que queria.

Descobri quem ele era porque um dia, ele enviou o cheque de pagamento direto para o apartamento que eu vivia com Rosa e Vanessa. Foi um choque descobrir que o meu pai me enviava uma pensão mensalmente, uma realização saber seu nome, uma tristeza porque ele sabia da minha existência e nunca me procurou.

Fiquei pior ainda quando, em uma rápida pesquisa, vi que era casado. Adolescente, liguei para ele, ansioso, querendo conhecê-lo. Ele disse que não podia falar comigo porque estava produzindo um filme e me ligaria assim que terminasse.

Nunca ligou.

Quando voltei a vê-lo, já tinha a Winterfield. Era rico, um homem de respeito e ele tentou uma aproximação que eu não quis. Ele não tinha o direito de chegar e agir como se tivesse se importado comigo a minha vida inteira. Desde então, ele aparecia no cassino acompanhado de suas amantes jovens e me ligava todos os dias. Eu nunca atendi. Nojo era tudo que sentia.

Após uma noite de jogos, eu estava pronto para ir embora.

— Aproveitem a noite, senhores. — Levantei do meu lugar e fechei o meu terno. — Obrigado por me tornar um homem mais rico essa noite. — Acenei e saí.

Mac, meu segurança, me acompanhou até a minha sala, peguei a minha mala e nós saímos. Era raro ser conduzido, mas Katrina estava com o meu carro e o de Vanessa estava na revisão. Eu não achei prudente estar com qualquer um dos meus esportivos em uma noite imprevisível como era a noite da máquina de lavar.

O nome especial foi Katrina quem inventou, para os jogadores interessados em lavar dinheiro entre si.

— Boa noite, sr. Winterfield. — Mac abriu a porta assim que parou em frente à minha casa.

— Obrigado, Mac. Tenha uma boa noite. — Acenei e abri o portão. Polo apareceu, ganindo e correu assim que me reconheceu. — Oi garoto! — Acariciei as suas orelhas. — Você está protegendo a casa? Cadê o seu irmão?

Na dica, Marco pulou pela cerca da cozinha e correu na minha direção. Tentei acalmá-los, para não fazer muito barulho. Entrei em casa pela cozinha, bebi água e lavei as mãos, tirando o terno e deixando em cima da mesa da sala.

A casa estava completamente silenciosa, só com as luzes de apoio dos corredores acesas e me despedi dos meus filhotes. Entrei no quarto, acendi a luz do canto e tirei a minha roupa. Estava louco para tomar um banho e fiz o mais silenciosamente possível.

Ao me aproximar da cama, vestindo uma cueca, tomei um susto ao ver o cabelo espalhado no meu travesseiro. Acendi a luz do abajur e sorri. Katrina pintou o cabelo de vermelho. Toquei uma mecha, analisando a cor. A espertinha sequer me mostrou. Casei com uma loira, acordei com uma mulher de cabelo escuro, com alguns fios mais claros e estava indo dormir com uma ruiva.

Apaguei a luz e tirei o edredom, ocupando o espaço que sobrou. Katrina dormia aberta como uma estrela. Percebendo a minha presença na cama, ergueu o rosto, me olhou e voltou a dormir. Era só para conferir.

Sua expressão sonolenta e confusa era a melhor. Falava dormindo coisas aleatórias, engraçadas ou me xingava. Até em seu sono a mulher era brava. Beije a sua bochecha, fechando os meus olhos e pegando no sono em seguida.

— Amor, bom dia. — Abri os olhos e uma ruiva gostosa estava seminua em cima de mim. — Não se anime! — Me afastou quando lhe beijei, cheio de má intenção. — Estamos muito atrasados para o almoço de noivado da minha mãe! Dormimos demais! — Seu desespero era engraçado.

— Não estamos... — Olhei para o relógio. — Cacete! Eu disse que ia buscar as bebidas.

Me dando um olhar indulgente, correu para o closet e eu fui me arrumar. Foi uma comoção sairmos de casa a tempo de buscar os espumantes, o bolo que estava atrasado e ainda precisei comprar uma nova gravata para Michael porque Melanie não queria que ele usasse nenhuma das gravatas de “médico”. Eu não sabia qual era a diferença.

Ao chegarmos, minha irmã abriu a porta. Ela saiu depois e por não precisar resolver tantas coisas, chegou antes.

— Eu tenho que trocar o meu vestido. — Katrina estava pulando no lugar. — E fazer xixi.

— Mel está no quarto terminando de se arrumar. — Vanessa apontou para a escada. — Você pode levar as bebidas para a cozinha e depois entregar a gravata do Michael? Eu vou ajudar Kevin a se vestir.

— Sim, senhora. — Pisquei e comecei a carregar as caixas com garrafas de vinho e espumantes.

Rosa estava na cozinha com mais uma mulher, que descobri ser prima do Michael e estavam arrumando todas as comidas no buffet.

Foi uma manhã tão corrida que mal tive a oportunidade de dizer que minha irmã estava muito bonita com seu novo corte de cabelo. Parecia mais jovem, ousada, com os cabelos acima dos ombros com a franjinha, usando um batom vermelho e um vestido branco justo. Estava linda. Aproveitei e beijei a sua bochecha, cochichando que estava linda.

— Obrigada, irmão. — Me abraçou de volta. — Você está lindo, com rostinho inchado de homem casado. Diminuiu a malhação e está comendo mais.

— O quê? Estou malhando todo dia!

— Então, só está comendo mais. — Sorriu e foi embora.

Praga.

— O que vocês estão aprontando? — Katrina saiu de dentro da casa e sorri. — O que foi?

— Você está linda... e ruiva.

— Surpresa!? Eu ia te esperar acordada, vestindo algo sexy e igualmente vermelho, mas eu fiquei cansada e dormi. — Soltou uma risada e virou de costas. — Termina de fechar o zíper, por favor?

Seu macacão era branco, assim como a minha camisa, a roupa da Vanessa e do restante da família. Por algum motivo, elas decidiram que seria bonito toda família com a mesma cor. A decoração estava bem romântica e dez minutos depois do horário acertado no convite, os convidados começaram a chegar.

Melanie desceu a escada, ajeitando o cabelo, parecendo ansiosa.

— Senhora minha sogra! — Me aproximei, provocando. Ela me deu o seu olhar tolerante. — Está linda. Muita areia para o caminhão do Michael.

— Deixa de ser bobo, menino. Você também está muito bonito. — Ajeitou a minha gola. — Gostou do novo visual dela?

— Ela é uma caixa de surpresas. — Sorri e virei na direção de Katrina, que conversava animadamente com o Dr. Everest e uma bonita mulher mais jovem e bem arrumada. — Quem é?

— Não sei. É acompanhante do Everest. Tudo que me foi dito é que é uma dermatologista — explicou e se afastou. Aquele médico deu em cima da minha mulher algumas vezes, mas em um jantar naquele mesmo quintal, eu deixei bem claro a minha posição sobre seus elogios excessivos. Ele entendeu o recado.

Katrina acenou para que eu me aproximasse e, com educação, me apresentou a médica. Alguns minutos de conversa depois, Vanessa nos interrompeu para irmos até os nossos lugares, para começar a pequena cerimônia de noivado. Sentados na mesa principal, Michael bateu suavemente em sua taça, chamando atenção dos convidados.

Katrina me deu um olhar animado, segurou a minha mão e entrelaçou os nossos dedos.

— Obrigado a todos por virem nesta tarde ensolarada para comemorar uma nova etapa da minha vida. — Michael começou o brinde. — Eu conheci essa linda mulher no corredor do hospital que trabalhamos. Ela estava apressada com uma bandeja de medicamentos e brigou comigo sobre me achar um *deus* ao ponto de quase derrubá-la. Ela estava estressada e meus amigos, essa mulher estressada é uma força da natureza. Enquanto cuspi fogo, olhei para o seu rosto e me apaixonei.

Olhei para minha mulher e ri. Qualquer semelhança com a mãe não era mera coincidência.

Melanie estava vermelha com o discurso de Michael, mas parecia tão feliz que era muito bonito de ver. Ele agradeceu por ela ser uma mulher extraordinária e uma companheira incrível.

— Eu não sou tão estressada assim... — Melanie começou se defendendo, logo se rendendo a um discurso apaixonado que deixou a mulherada com lágrimas nos olhos.

— Não sabia que sua mãe tinha uma veia romântica — cochichei com Kat ao perceber o quanto Melanie estava melosa com o noivo.

— Nós somos uma caixinha de surpresas. — Me deu um beijo na bochecha. — Não acredito que a minha mãe e eu acabamos casadas no mesmo ano. Apesar de ter sido uma noite muito louca, eu me casaria com

você mil vezes, mas não bêbada, suada e com o vestido bagunçado. Aquele vídeo me deixa apavorada.

Como disse... ela tinha os seus momentos quase românticos.

OceanofPDF.com

30 | *Katrina*

A voz melodiosa da Shania Twain tocava ao fundo da festa de noivado da minha mãe. Eu nunca prestei atenção nas letras dela, mas aquela me chamou atenção. Devon e eu já estávamos dançando no cantinho, entre as luzes cor de rosa que Vanessa projetou. A letra dizia sobre amor à primeira vista, que no primeiro toque, sentiu o amor, mas foi o trecho antes do refrão que me fez olhar em seus olhos.

“Veja quão longe chegamos, querido. Podemos ter escolhido o caminho mais longo. Sabíamos que chegaríamos aqui algum dia”. Trocamos um sorriso porque era verdade. Ele sempre seria o único homem que esperava compartilhar todos os meus beijos de boa noite por toda minha vida. Balançando de um lado ao outro, ficamos agarradinhos até a música terminar.

Kevin atravessou o gramado, com os olhos cheios de lágrimas e imediatamente me afastei de Devon. Sua calça estava rasgada e o joelho bem ralado.

— Oi, amigo. Você caiu? — Devon o pegou no colo.

— Tiago me empurrou do balanço. — Kevin fungou. Ele era um menino tão lindo, mas se recusava a chorar na frente das pessoas. Tão orgulhoso, parecia até meu irmão de sangue.

Tiago era o pequeno filhote de satanás da casa ao lado. Kevin reclamava dele o tempo todo e não gostava de brincar junto, mas quando todas as crianças se reuniam, acabava ficando difícil não estar perto. O pai dele era o idiota que estava bêbado na mesa dos fundos, um homem que

falava alto, olhava para todas as mulheres e a mãe, uma arrogante de nariz em pé que olhava para minha mãe com desprezo.

— Vamos cuidar disso. — Devon entrou na casa pela cozinha e o segui antes que me jogasse na mesa de uma família para defender a minha. — Não me faça carregar luvas de boxe no carro, Katrina.

Meu marido me conhecia bem. Não gostava de pessoas esnobes.

Com calma e paciência Devon limpou o machucado, fez Kevin parar de fungar e ainda trocou a calça dele por outra. Ele era tão gentil, brincalhão e carinhoso. Meu coração não podia aguentar e logo estava pensando o quão incrível seria com os nossos filhos.

Sendo filha única, eu queria mais de um filho, sempre quis, desde nova. Crescer com Vanessa me fez crer que ter irmãos era bom. Nós brigávamos e fazíamos as pazes, pegávamos a roupa uma da outra, ficávamos irritadas e nos conhecíamos por completo.

— Obrigado, Devon. — Kevin lhe deu um beijo e saiu, pegou um carro do bombeiro e voltou para a festa. Ele foi diretamente para a avó, falando algo e a minha mãe se aproximou, pegando-o no colo.

Minha mãe nunca se permitiu viver porque a sua principal preocupação sempre foi nos manter e me dar o melhor. Ela sacrificou a vida para ser a melhor mãe do mundo inteiro e nada do que fizesse seria o suficiente para agradecer a vida maravilhosa que ela me proporcionou.

Só de pensar em tudo que passamos, todas as lutas, as noites incertas e o quanto trabalhou para que não faltasse roupa, comida, conforto e amor, me dava vontade de chorar.

— Ei, o que é isso? — Devon me abraçou quando meu rosto amassou e as lágrimas escorreram. — O que foi, amor?

— Eu amo minha mãe — falei contra o seu peito e o senti rir. — Para de rir! Estou apenas feliz!

— Desculpa. Você está chorando por que ama a sua mãe? Acho que todos nós sabemos disso. — Beijou a minha testa.

— O que você fez, Devon? — Vanessa entrou com duas taças na mão. Ela deu ao irmão um olhar bravo, pronta para me defender.

— Por que eu fiz algo? Ela começou a chorar do nada. — Deu de ombros, rindo. — Não fiz nada, juro.

— Estou emocionada que a minha mãe vai se casar. Posso? — retruquei, irritada. Não podia chorar sem que pegassem no meu pé.

Sempre tive problemas com choro, acreditava que era um sinal de fraqueza, mas tanto Vanessa quanto Devon me ensinaram que chorar me fazia forte, porque eu tinha o direito de expor os meus sentimentos.

Os irmãos Winterfield me encararam e começaram rir. Peguei a taça de espumante e bebi, ignorando os dois, que tinham como missão da vida me fazer de alvo das suas risadas. Já estava acostumada com as brincadeiras.

O noivado foi lindo, nós ficamos para ajudar com a limpeza e eu lavei tanta louça que os meus dedos estavam enrugados. Conseguimos deixar a casa bem arrumada, afinal, eles só teriam um dia de folga.

— Estou tão cansada. — Vanessa bocejou quando chegamos em casa. — Esse sapato acabou com os meus pés.

— Quer água quente para colocar nos pés? — Rosa estava pronta para mimá-la.

— E eu? — Devon se intrometeu.

— Não fique mimando essa chata aí não. — Apontei para Vanessa, que riu e me deu a língua. — Por que Stuart não foi no noivado da minha mãe?

— Eu não sei. Ele não está respondendo minhas mensagens. — Devon franziu o cenho. — Se fosse seguro, apareceria na casa dele, mas pode estar fodendo alguém e isso é algo não quero ver.

Vanessa fez uma careta e saiu da cozinha. Eu joguei uma laranja em Devon, que pegou a tempo e fez a expressão de que não sabia o que estava falando. Ele me irritava. Dei as costas, largando-o para trás e subi a escada com meus filhos peludos. Polo correu para o quarto de Vanessa quando ela chamou e Marco me seguiu. Os dois não ficariam muito tempo separados, por isso não fechei a porta.

Comecei o processo de me preparar para dormir. Tirar toda maquiagem levou uma eternidade, mesmo depois do banho esfregando cada canto de base e tirando os produtos fixadores. Estava tarde para lavar o cabelo, mas ele acordava pior no dia seguinte.

— Droga. Você está menstruada?

Olhei para o chão.

— Eca, Devon! Claro que não! O meu fluxo não fica assim... — Até fazia parecer que o sangue mostrava tanto no piso escuro do box quanto a minha tinta para cabelo.

Ele tirou a roupa, me deu um olhar irônico e foi fazer xixi. Terminei o meu banho, meu cabelo ia perder a tonalidade com as lavadas, ia ficar desbotado e talvez escurecesse de novo. Ficar ruiva ia dar muito trabalho, era só pela experiência.

Devon amou a mudança. Quando pensava que eu não estava observando, ficava me olhando feito um idiota com os olhos brilhando e

tocava as mechas com curiosidade. A escolha do tom de vermelho foi da Vanessa, porque eu estava extremamente indecisa.

Sequei o cabelo, Vanessa me deu um sérum para o rosto, que passei, lendo a instrução. Ela comprava esses produtos muito caros para o rosto. Antes, me recusava a deixar que me desse qualquer coisa do tipo, agora, o irmão dela era quem pagava meu cartão de crédito mesmo, então não tinha problema.

Devon era a pessoa que ganhava mais, eu tinha o meu bom salário na empresa e podia fazer coisas por mim mesma. Além do mais, com jeitinho, ele estava mostrando que me dar coisas era porque podia e me amava, não que significava que eu era usurpadora de sua fortuna.

— Hoje tem, então? — Ele saiu do banheiro balançando as sobancelhas. — Sem sangramento, vai rolar a festa do sexo? — Jogou a toalha no cesto. — Vou ficar pronto em pouco tempo, só ficar olhando. — Apontou para o pênis e se aproximou, agarrando os meus peitos.

O idiota ainda balançou.

— Super excitante, nossa! — ironizei e dei uma cotovelada em sua barriga, saindo do banheiro.

— Foi gostosinho dançar agarradinho na festa. — Me agarrou por trás, querendo dançar de novo.

— Eu vou sair do quarto, vou falar com a sua irmã e quando voltar, é melhor que esse quarto tenha um clima romântico ou você vai dormir depois de tocar uma punheta. — avisei severamente.

— Combinado. — Me deu um beijo.

Me enrolei em um roupão e vi que rejeitou uma chamada. O pai dele deveria estar ligando de novo. Sempre que estava na cidade, ficava de

palhaçada. Dessa vez, Devon até parecia bem, da última, ele ficou amuado, trabalhando em casa, grudento e irritante.

Quando ele nos contou sobre como descobriu quem era seu pai, fiquei com o coração partido e ainda mais irritada com Shannon. Felizmente, ela não apareceu mais e infelizmente, isso não duraria para sempre. Ela estava prevista para estar na cidade na semana seguinte.

— Estou entrando! — Abri a porta do quarto de Vanessa. Como sempre, estava lendo. — Se arruma, anda!

— Me arrumar? Vamos sair? — Sua confusão era até fofa se não fosse tão lerda.

— Você vai levar a sopa que está na geladeira e visitar Stuart. — Peguei um vestido em seu closet. — Eu vou distrair o seu irmão, não que seja um sacrifício. — Pisquei e ela riu, saindo da cama.

— Isso não seria muito desesperado? E se ele estiver acompanhado? Se achar que estou sendo invasiva? E se ele pensar que sou intrometida? — Mastigou o lábio com força.

— Se estiver, você pede desculpas, volta para casa, nós vamos incendiar algumas fotos e escrever cuzão no pôster dele. Vamos secar a adega, xingar todas as gerações do Stuart e acender velas para o pau dele cair — expliquei e ela me deu um olhar divertido. — Vai se vestir.

Vanessa foi trocar de roupa, relutante, mas foi. Desci a escada rapidamente, preparei a bolsa e usei o telefone residencial para ligar para casa do Stuart.

— *Devon, pelo amor de Deus, estou bem!* — ele atendeu, estressado.

— Que bom. Está sozinho? — retruquei.

— *Katrina?*

— Não. A sua mãe. — Revirei os olhos. — Está sozinho?

— *Sim... aconteceu alguma coisa?*

— Nada. — Encerrei a chamada.

Terminei de arrumar a bolsa, fiquei na dúvida sobre ela chegar com vinho ou não, ele provavelmente teria em casa. Coloquei os pães cortados, a sopa e fechei a bolsa térmica. Ela desceu pronta, com um sorriso nervoso e já com as bochechas vermelhas.

— Não desista, confie em mim. — Segurei seus ombros. Eu não sabia se Stuart reagiria bem, se ele gostaria ou não. Tudo que eu sabia era que Vanessa precisava sair de sua concha e se era ele que estava na mente dela, podendo entrar em seu coração, eu não ia permitir que minha melhor amiga perdesse a chance de um amor.

Esperei que saísse para subir. Devon estava no quarto, tudo escuro, vinho, duas taças, frutas, os bombons que ele me deu no dia anterior e uma música com batidas sexy tocando ao fundo.

— Você levou uma vida. — Fez um beicinho.

— Está quase dormindo? — brinquei. Seu cansaço era normal. Foi uma semana intensa de trabalho e felizmente, a noite da máquina de lavar ocorreu muito bem. Tentei ficar acordada porque estava preocupada, mas o sono foi maior. Me aproximei da cama, parando bem ao lado dele. — Quer que eu te faça dormir, bebê? — Abri o meu roupão, ele me deu um olhar aquecido antes de me puxar para o seu colo.

— Quero você primeiro! Depois me faça dormir. Romântico o suficiente?

— Para um dia qualquer, está ótimo — provoquei, só para me fazer de difícil. Eu não podia perder a minha fama. Devon me fazia ser uma boba

apaixonada só com um sorriso. — Estou brincando. Qualquer momento ao seu lado é perfeito, eu só não quero que você pense que seu pau é supremo.

Ele sorriu, todo convencido e o beijei antes que afirmasse que o pau era supremo, ele sendo um marido romântico ou não. Terminei de tirar o meu roupão, totalmente nua e ele segurou meus seios, analisando. Sua expressão ficou meio alterada e me encarou.

— Já disse que você é muito gostosa? — Beijou cada um dos meus peitos, em seguida foi distribuindo beijos pelo meu pescoço e colo enquanto segurava o meu cabelo. Aquela segurada específica me irritaria em qualquer momento do dia, mas naquele, era uma das minhas favoritas. — Eu amo cada pedacinho do seu corpo, amo o seu gosto, seu cheiro... amo ouvir esses gemidinhos.

— Então você me ama muito.

— Nunca duvide disso. — Olhou em meus olhos e prometeu com fervor. — Nunca!

— Um dia, eu duvidei. Hoje em dia, seu amor é tão certo quanto o nascer do sol. — Soltei uma risada. — Você me faz sentir uma pessoa brega.

Fazendo cumprir a noite romântica que pedi, ele me amou de muitas maneiras, que ia além do contato físico. Sexo se tornou apenas um reflexo da plenitude dos nossos sentimentos. Essa conexão me fazia perceber o quanto as ligações do pai dele estavam tirando-o do sério.

Se fosse qualquer pessoa, Devon daria um jeito de expulsar da cidade ou deixar um recado bem claro, mas quando se tratava do pai, ele paralisava. Com Shannon, tinha mais atitude. Eu entendia. Não tinha noção do que faria se o meu pai brotasse na minha frente, era bem provável que saísse correndo.

Quando ele dormiu, seu telefone vibrou de novo. Silenciosamente, peguei o aparelho, bloqueei o número, excluí todas as chamadas que ele não viu e coloquei no lugar. Eu nunca mexia no telefone dele, mas para lhe dar paz de espírito, era capaz de fazer qualquer coisa.

Voltei para o meu lugar, puxando o edredom e Vanessa respondeu que estava de volta. Mandou várias carinhas e prometeu que conversaríamos no dia seguinte, assim que conseguisse assimilar tudo que aconteceu. Foi o suficiente para me deixar sem sono.

Tirei cochilos leves, mas estava tão curiosa que assim que o dia nasceu, a fome me deixou inquieta, pulei fora da cama e invadi o quarto dela.

— Você sabe a regra, se vai me acordar, tem que trazer café — reclamou, saindo do embaraço do sono e empurrou o edredom.

— Eu pedi um café da manhã caprichado, enquanto não chega, vai falando. Então, como foi?

— Travei bem na porta, quase voltei, mas ele estava me vendo pela varanda e de repente, gritou se eu ia entrar ou não. — Suas bochechas ficaram vermelhas. — Peguei a bolsa e entrei, tão nervosa. Disse que estávamos preocupados, que estava com sopa, pão e o entreguei. Ele perguntou se iria comer com ele. Foi tudo bem, sabe? A casa dele é linda, muito grande e ele parecia tão solitário lá. Estava tudo escuro, dando um ar de desolação.

— Ele contou o que aconteceu? — Encolhi as minhas pernas e me abracei.

— Não em detalhes, apenas que não conseguiu ver o filho como estava programado e isso o abalou um pouco. — Virou de lado na cama. — Não quis ficar fazendo perguntas. Sou louca para saber quem é a mãe,

quantos anos o menino tem e eu tenho vontade de bater na cabeça do Devon por não me contar!

— Tudo bem, mas ele foi gentil? — eu queria gritar como uma garotinha.

— Foi sim. Nós bebemos vinho, compartilhamos o jantar e conversamos muito. Voltei três horas da manhã, os cachorros quase me deduraram, mas consegui entrar de fininho. Me sinto uma adolescente saindo escondida, mas Devon está tão chato. — Revirou os olhos. — É como se eu fosse uma criança. Entendo que já fiz besteira... não vou tentar me matar de novo.

— Não tão escondido porque os seguranças irão relatar a ele, eu só queria impedir que começasse a falar ontem à noite. Vou deixar para começar quando acordar e olhar as suas mensagens. — Dei de ombros. — Ele tem medo e para falar a verdade, eu também, mas você merece ser feliz. A vida é isso, não é? Decepcionar, se recuperar, seguir em frente, se apaixonar, desapaixonar... até encontrarmos o amor da nossa vida.

— Quando você ficou tão sábia? — ela me provocou. — Basta Devon entender.

— Essa coisa toda de segurança é apenas enquanto Nick estiver foragido. A polícia de Los Angeles recebeu várias denúncias, Devon vai aumentar o valor da recompensa, logo será encontrado e a nossa vida vai normalizar.

— Katrina! Vanessa! — Ouvimos Devon gritar e ele abriu a porta. — Você pediu café para quantas pessoas? Tem três entregadores no portão.

— Estou com fome! — Me defendi.

— Por que você saiu sem falar nada?

— Porque sou adulta e tenho livre arbítrio. — Vanessa rebateu e me senti orgulhosa.

— Sei que foi até a casa do Stuart e ficou lá até às três da manhã. Não sei o que fizeram e não quero saber, mas isso não é uma boa ideia — enfatizou. — É perigoso e estou avisando, se afaste! Pare com isso!

— Por que? — Me estressei. Devon fazia o meu sangue esquentar. — Os dois são adultos.

— Porque eu conheço Stuart e conheço a minha irmã, eles são diferentes e vai ser um desastre! — Seu tom de voz me deixou ainda mais furiosa.

Quem ele pensava que era para decidir sobre a vida da irmã e do melhor amigo? Vanessa nunca se meteu nas nossas brigas e muito menos deu opinião sobre as nossas escolhas. Ela nos apoiou e teve paciência em todas as vezes que discutimos.

— Nós somos diferentes e não somos um desastre. Está dando certo! Além do mais, não dá para saber se vai dar certo ou não, é só uma conversa, uma dança do acasalamento, não tem nada sério... — Fiquei de joelhos na cama. — Custa parar com esse ciúme?

— Não é ciúme. Tenho direito de cuidar da minha irmã. E você poderia parar de incentivar!

— Não vou parar apenas porque você quer.

— Gente, por favor, parem de brigar por isso. — Vanessa se intrometeu, com calma. — Devon, eu entendo o seu medo, mas eu estou bem.

— Apenas parem com isso. — Devon deu as costas e grunhi.

— Não vai parar nada. Se você gosta dele, tem o direito de tentar. Seu irmão que lide com isso. — Bufei, contrariada e muito irritada com a

atitude exasperante de Devon em controlar tudo.

— Katrina? — Devon estava lívido.

— O que é? Você não manda em mim e muito menos na sua irmã. Ela não é criança! — Saí da cama. — Realmente... se achar o dono da felicidade alheia é demais até para você.

— Felicidade? — Soltou uma risada incrédula. — É justamente com a felicidade da minha irmã que estou preocupado. Eu quero que ela conheça alguém que possa se doar a ela por completo, que a entenda e a ame em todos os momentos! Stuart não é essa pessoa!

— Meu Deus, Devon! Ele é seu melhor amigo, por que ele não seria essa pessoa?

— Ele não é feliz. Uma pessoa infeliz faz com que outras sejam infelizes! — Explodiu. — Ele é meu melhor amigo sim e desejo o melhor para ele, mas enquanto não conseguir se libertar de todos os seus demônios, não é um bom homem para minha irmã. Agora chega desse assunto! — Saiu do quarto e passou direto para o nosso quarto, batendo a porta.

Vanessa saiu da cama e parou ao meu lado, só percebi que estava chorando porque senti o meu rosto molhado. Surpresa, me deu um abraço e erroneamente me pediu desculpas por causar uma briga com Devon.

Minha menstruação estava para descer e era o único motivo para toda sensibilidade e fúria. Meus hormônios estavam em choque. Frustrada, mas ainda com fome, descemos para comer. Encomendei muita coisa pensando em um café divertido em família e não apenas nós duas comendo, pensativas.

Tomei o meu café com leite primeiro, depois o café preto e por fim, comi o meu pretzel cheio de geleia de frutas vermelhas com cream cheese.

Devon apareceu na cozinha, ele parecia estressado e o telefone estava quebrado.

— Me empresta o seu? — pediu solene, e tirei do bolso do meu roupão.

— Ele continua ligando? — Segurei o seu braço e acariciei.

— Perdi a paciência e joguei o telefone na parede, vou pedir para Alicia trocar o meu número e me enviar um novo aparelho. — Suspirou e o abracei. — Sinto muito por gritar. Me desculpem vocês duas.

— Me desculpa por gritar também. — Beije a sua bochecha. — Com calma, precisamos conversar sobre isso — falei mais baixo e ele assentiu. Stuart era amigo dele, precisava entender a raiz de tudo.

— Eu te desculpo apenas se você confiar em mim. — Vanessa segurou a mão dele.

— Confio em você. — Eles trocaram um abraço. — Stuart é um bom homem, ele só está vivendo um inferno que tenho medo que te machuque.

Devon sentou-se conosco, comeu e depois, foi para o seu escritório com o meu telefone. Vanessa disse que tinha algumas coisas para comprar e saiu quando Rosa acordou. Brinquei com os cachorros no quintal, falei com a minha mãe, peguei um pouco de sol e pensei em alternativas de melhorar o humor do meu marido.

Animada, subi as escadas e fui até o armário onde guardávamos todos os jogos. Arrumei a mesinha do nosso quarto com a toalha, separei as cartas, fichas e ainda fiz uns petiscos.

O almoço seria besteira à la carte e com uma boa jogatina, mas eu tinha certeza que o humor dele melhoraria totalmente. Troquei de roupa,

coloquei um chapéu cartola de uma fantasia, um body preto e um shortinho de cetim com botas de cano médio.

Desci a escada e parei sensualmente na porta do escritório.

— Sr. Winterfield? — Apoiei minha mão no parapeito.

Ele ergueu o olhar.

— Uau. Estou perdendo alguma coisa? — Abriu um sorriso.

— Sua mesa de apostas está pronta. — Mordi o lábio, exagerando na cena sensual só para diverti-lo. — Poderia me acompanhar, por favor? — Me inclinei, fazendo um beicinho e segurei meus seios, movendo os ombros. Estava quase rindo, não ia aguentar bancar a sexy por muito tempo.

Animado, saiu de seu lugar e me seguiu. Deu um tapa na minha bunda, me apertou e foi tentando me agarrar até chegarmos no nosso quarto.

— Temos uma jogatina, que maravilha. Só estou um pouco confuso, é domingo, meio da tarde... — Olhou ao redor. — Não é o nosso aniversário de seis meses...

— Não. Ainda faltam uns dias. — Sorri e apontei para a cadeira. — Sente-se. Está pronto para apostar?

— E o que estamos apostando? — Ocupou um lugar e sorriu, todo interessado. Estava brincando com fogo.

— Se você vencer, farei tudo que quiser sem reclamar. Será uma semana de obediência completa, sem brigas, sem discussões e sem estresse — cochichei sensualmente em seu ouvido. — Se eu vencer... — Segurei seu rosto e dei-lhe um beijo provocante. — Prepare-se para ser o meu escravo sexual. Eu vou, literalmente, te algemar em mim para o meu bel prazer.

Devon sorriu e olhou em meus olhos.

— Desafio aceito.

OceanofPDF.com

31 | *Katrina*

A tecla enter parecia o botão de uma bomba. Estava tremendo tanto que quase errei. Parei, respirei fundo e apertei. Pronto. Matéria enviada! Ergui o olhar para Devon, que estava debruçado na mesa com expectativa e assenti. Vanessa colocou a mão em meu ombro, me abraçando, dando o conforto que precisava no meio de tanta ansiedade.

A matéria estava publicada. Enquanto me acalmava, minha melhor amiga e maior cúmplice estava analisando a entrega da publicação nos e-mails de todos os assinantes do meu blog anônimo, que se transformou em um portal de notícias.

Já era um, só não sabiam que era meu e devido ao acordo com Devon, continuariam sem saber. Depois de muito debate, concluímos que seria mais instigante e até me protegeria, se usasse um novo codinome. Ele investiu em toda segurança para que eu não fosse descoberta. Era bem caro e não discuti sobre. O que me interessava era manter o portal ativo. A empresa limpou todo rastro que levava a mim e por um pagamento mensal, continuariam mantendo a proteção.

Trocamos o layout, deixamos mais claro. Mudamos a caixa de denúncias para o rodapé, o fórum na lateral, e em cima uma arte bonita que Vanessa fez no photoshop com o nome “Independent Vegas News”. Levamos quase dois dias só para escolher a fonte, queria que tudo ficasse perfeito, não desse erro e até aumentamos a assinatura para o site não sair do ar com os acessos.

— Enviado para 96% da lista, logo vai viralizar — Vanessa garantiu e assenti. — Você está sentindo-se bem?

— Acho que sim, estou ansiosa e nervosa. — Mordi o lábio. — E agora? O que eu faço?

— Que tal dormir um pouco? — Devon saiu de seu lugar e esticou a mão.

Estava pronta para protestar, mas lembrei que faltavam uns dias para sair da cobertura da aposta. Ele venceu. Não duvidei que não era capaz de me vencer, afinal de contas, ele era quase imbatível, mas pensei que a ideia de ser meu escravo sexual iria lhe agradar.

O que eu não pensei era, que me vencendo, ele poderia me ter como escrava sexual e ainda fazendo tudo que queria sem reclamar. Às vezes eu era tão inteligente que cometia umas burrices bobas. Por que não pensei nisso? Descobri que não existia uma célula obediente no meu corpo, porque cada vez que ele pedia algo e eu tinha que obedecer, sentia vontade de quebrar alguma coisa nele ou na minha própria cabeça.

— Dormir. Anda. — Apontou para a escada.

Contrariada, fui para o nosso quarto e deitei, mas não estava conseguindo pegar no sono. Toda hora olhava o telefone, vigiando os portais de notícias. Devon entrou no quarto, tirou o aparelho da minha mão, fechou as cortinas e a porta. Deitou-se ao meu lado e me abraçou. Não dormi bem nas últimas noites, passei mal, tive crise de choro, de ansiedade e medo. Deixei tanto Devon quanto Vanessa preocupados e estressados. Ficou uma matéria grande, com relatos, fotografias, mensagens e vídeos.

Devon acabou dormindo, tentei me mover para fugir, mas ele acordou e me segurou no lugar.

— Não consigo dormir — confessei.

— Você precisa descansar, passou mal a semana inteira e eu não quero que tenha uma crise.

— Estou melhor agora, eu juro — prometi e dei um beijinho em seus lábios. — Foi tensão pré-lançamento, já ouvi falar sobre isso e dizem que conforme for me acostumando, não vai acontecer mais.

— Tudo bem, então, fique aqui deitada comigo porque estou com saudade de você. — Abriu um sorrisinho. Cínico. Fiz um beicinho, cruzando os braços, me sentindo uma criança contrariada. Por que ele estava me prendendo no quarto? — Não está com saudade de mim?

— Uma semana e já está maluquinho?

— Eu ganhei uma aposta e só pude usufruir disso por dois dias. — Fez uma careta, como se fosse um absurdo. Ele ia ganhar um chute nas bolas, não ia faltar muito. — Eu quero exercer o meu direito de marido. — Beijou meu pescoço, rolando com cuidado para cima de mim.

— Não nascemos nos anos cinquenta, você tem o direito de calar a boca — rebati, rindo. — Quero um jantar diferente hoje.

— Vou mandar preparar algo no hotel. — Sentou entre as minhas pernas, tirou a camisa e apoiou os braços nos meus joelhos. Dei umas batidinhas em suas coxas, pensando no que ia falar, mas a seminudez dele me deixou sem fala. Parei um pouco, passando minhas mãos por seu peitoral e suspirei. Meu homem gostoso. Brinquei com os meus dedos na borda de sua calça de moletom e olhei em seus olhos, sorrindo. — Posso tirar a roupa toda?

— Já disse que nunca nego te ver nu. — Balancei as minhas sobrancelhas, mas ele não se moveu. — Ainda está preocupado comigo?

— Um pouco. Quero falar algo, mas não quero que surte completamente. — Suas mãos seguraram minhas coxas, provavelmente já prevendo algum movimento brusco meu. — Acho que está grávida.

— O quê? — Cheguei a sentar e ele segurou minhas pernas para não dar uma joelhada nele. Homem esperto. — Não, Devon. Me deixa sair da cama! — reclamei e ele negou. — Não vou surtar, só quero pegar minha agenda onde anoto as datas da minha menstruação — prometi. Ele, desconfiado, me liberou, o tempo todo me observando. Fui até o closet, peguei a agenda pequena que anotava coisas como gastos pessoais e voltei para o quarto, folheando as páginas. — Eu tive um sangramento com pouco fluxo mês passado, está bem aqui.

— Katrina... — Ele passou a mão na cabeça. — Simplesmente sei que você está grávida. Podemos fazer um teste só para o pensamento sair da minha cabeça?

— Não custa nada fazer um teste, mas eu quero saber porque tem tanta certeza. — Coloquei minhas mãos na cintura, ocultando o tremor que sentia porque algumas coisas começaram a fazer sentido na minha mente e eu, muito ocupada com a matéria e em negação, não me debrucei muito nas ideias.

— A primeira coisa que eu notei foram os seus peitos. Eles estão mais inchados e você está ainda mais sensível, acordou reclamando de dor mais de uma vez e teve o dia que tirou o sutiã no carro porque não aguentava mais. — Seu olhar encontrou o meu e analisei meus peitos. Sim, totalmente sensíveis. — Sua fome pela manhã tem sido assustadora e mais do que nunca, tem comido pretzel com geléia. Você adorava meus ovos com queijo e agora não consegue sentir o cheiro.

— Eu não reclamei disso — murmurei e me joguei na pontinha da cama.

— Não precisou, seu nariz torce e você não come!

— E o que mais?

— Seu enjoo a semana inteira. No começo, eu pensei que fosse ansiedade com os preparativos finais do site, todas aquelas reuniões, mas depois... — Encolheu os ombros. — O que está pensando? Da última vez a possibilidade te deixou muito nervosa...

— Eu sei e me desculpa, mas era tudo muito recente. Além do mais, apesar de não ser uma ideia que me faz soltar fogos gratuitamente, também não me faz chorar. — Engatinhei na cama e me refugiei em seus braços. — Acima de tudo, sei que meu bebê terá um pai incrível, com uma história diferente da nossa. — Beije seu pescoço. — Vamos fazer um teste...

— Vou pedir para Mac comprar. — Ele se moveu e o segurei.

— Não precisa — falei baixinho e ele parou, esfregando as minhas costas. — Vanessa me deu um, melhor dizendo, me deu alguns semana passada.

— Por que?

— Ela disse que nunca teve a oportunidade de ser uma madrinha de casamento e me dar coisas de chá de panela, fazer brincadeiras, uma despedida de solteira e me deu uma caixa com camisinhas, testes de gravidez, calcinhas, velas aromáticas e vários cartões com jogos safados — comentei e o encarei. — Sabia que existe um baralho de sexo? É como poker, mas o royal flush é a combinação de um monte de posições sexuais. — Sorrimos juntos. — Temos que jogar um dia.

— Com toda certeza iremos jogar. — Beijou a minha testa.

— Não quero que as coisas mudem entre nós. Ainda estamos aprendendo a ser um casal, a viver a dois. Agora seremos pais. Quero me esforçar para permanecermos assim... brincando, competindo, apostando e nos amando. — Ergui o meu rosto e beijei seus lábios. Devon apenas me olhou, ele não precisava me dizer nada, a promessa estava bem ali e o meu

coração estava em paz, independente do resultado do teste. — Vou fazer, já volto. — Fui até o banheiro, peguei o teste, fiz xixi no potinho, enfiando o bastão dentro e deixei em cima do balcão.

Voltei para o quarto, sentei ao seu lado, ele me tombou na cama e imediatamente sua boca encontrou a minha. Ficamos aos beijos, em um amasso muito gostoso, soltei um gemido me esfregando em sua coxa para ter um pouco de fricção. Rolei para cima dele, ele sentou, me beijando, arranhei suas costas e de repente, se afastou. Seu olhar encontrou o meu antes de partir para o relógio.

— Eu fiz, agora você vai buscar. — Saí de seu colo e ajeitei a minha blusa.

— Se você não estiver grávida, estou doido para fazer um agora — gemeu, ajeitando o pau na cueca e foi para o banheiro. Meu coração estava martelando no peito e a demora em voltar só me deixou ansiosa. Devagar, ele apareceu na porta, parando com o teste na mão. Seus olhos estavam começando a brilhar e as pupilas dilatadas denunciaram o resultado. — Acho que precisamos reformar o quarto mais próximo.

— Positivo? — Engoli seco. Devon atravessou o quarto e ajoelhou na minha frente. — Uau... — Suspirei, segurando o teste. Positivo estava escrito em todas as letras no pequeno quadrado.

— O que foi? — Segurou o meu rosto.

— Hoje estava destinado a ser o dia mais importante da minha vida. — Encostei minha testa na dele. — O dia que publiquei a matéria mais importante até agora e o dia que descobri que me tornei mãe. — Beije seus lábios. — Nos tornamos pais... — Abracei-o apertado. Devon estava emocionado demais para falar e a sua reação tão sensível e apaixonada me deixou feliz, amando-o ainda mais.

Deitado com a cabeça na minha barriga, parou e encheu de beijos. Ergueu a minha camiseta para sentir a minha pele, olhando para o meu ventre como se tivesse algo diferente do que ele tinha visto antes. Sorrindo, esfregou seu nariz ali e apesar do medo no fundo da minha mente, meu coração transbordava amor. Estava exalando felicidade em todos os meus poros.

— Papai te ama. — Ele beijou abaixo do meu umbigo.

— *Nós* te amamos. — Sorri, acariciando seu cabelo.

Devon e eu ficamos no quarto, curtindo uma felicidade apenas nossa, como casal e pais. Acabei pegando no sono, tirando um cochilo leve, acordei com o meu telefone vibrando. Era uma mensagem da minha mãe, avisando que ela e Michael iriam jantar conosco. Enquanto dormia, Devon disparou convites, tínhamos muitos motivos para comemorar e ele estava quase incontrolável. Não podia falar muito porque toda minha ansiedade e inquietude desapareceram completamente.

Fiquei deitada na cama o tempo inteiro. Devon foi até a cozinha, preparou um lanche e quando Vanessa entrou no quarto, preocupada comigo, meus olhos encheram-se de lágrimas.

— Ainda nervosa, amiga? O site está bombando, já chegamos em mais de seiscentos comentários e recebi e-mails de quatro emissoras diferentes solicitando o formulário de reprodução. Eu tenho certeza que estará no jornal da noite.

— Sério? — Coloquei a mão no coração. — O que dizem os comentários?

— Muita gente percebendo que faz todo sentido e ao mesmo tempo, muita gente preocupada. A página da empresa está cheia de réplicas pedindo uma resposta. — Sentou-se ao meu lado. — Devon está falando

com Mac, verificando toda segurança e até que tudo se acalme, é importante que fique segura. Vamos ficar aqui bem reclusas. — Me deu um abraço apertado. Eu quis contar, mas não queria estragar a surpresa do jantar. Seria divertido que todos soubessem ao mesmo tempo.

Saber de tudo aquilo me fez chorar no meio do nosso abraço. Era importante que a matéria estivesse causando grande alarde na cidade, porque era necessário que a empresa fosse punida e pagasse por tudo que causou na vida de milhares de pessoas. Os pacientes do Instituto de Oncologia mereciam a chance de lutar e eu lhe dei a arma completa, sem que ninguém pudesse silenciar a verdade.

Dei uma olhada na caixa de e-mail e vi que havia um que correspondia ao nome da advogada que o Dr. Everest me passou o contato. Ela estava desesperadamente pedindo um contato para que pudéssemos nos reunir, solicitava acesso a todas as minhas informações. Sua apresentação formal foi muito bem feita, mas estava nítido o quanto escreveu com rapidez.

— Eu pedi para você subir com calma. — Devon voltou para o quarto com meu lanche.

— Calma e Katrina na mesma equação é algo praticamente impossível. — Vanessa sorriu.

— Estou calma, quieta, com fome e só dando uma olhadinha no e-mail do site. — Me defendi, pegando o prato com o sanduíche de queijo e presunto, com mostarda e pickles, uma combinação que só Vanessa e eu gostávamos. Devon achava repugnante. Ele comia porco como se fosse pipoca, não podia falar nada sobre escolhas alimentares.

Mesmo contra a vontade de Devon, Vanessa e eu trabalhamos na cama e quando deu o horário do noticiário mais importante da noite, meus

olhos se encheram de lágrimas. Eu não queria fama como Katrina e sim como jornalista. Era o meu trabalho, não importava se as pessoas sabiam meu nome ou não. Obviamente, devido à minha investigação, a companhia sabia que eu tinha os dedos envolvidos naquilo. Eles me ameaçaram descaradamente, entraram como suspeitos no incêndio da minha casa, pediram desculpas e não podiam provar que segui adiante.

Publicamente, tudo que podiam fazer era enfiar o rabo entre as pernas.

— Não só será capa de quase todos os jornais como está dominando os noticiários. — Vanessa encostou o ombro no meu. — O que está sentindo?

— Tantas coisas... medo, apreensão, ansiedade e se possível, alívio. Foi tão estressante. — Recostei nos travesseiros.

— É isso que você quer para sua vida? Sei que você ama o jornalismo, mas, a área investigativa pode te dar uns cabelos brancos antes do tempo.

— Eu não sei se vou conseguir não sair por aí investigando o que me deixar curiosa. — Dei de ombros. — É importante ter liberdade para escrever o que bem entendo. Essa é a única vantagem de dominar a minha carreira e nos próximos meses, prometo que não vou causar e enfiar o meu nariz onde não fui chamada. — Abri um sorriso.

— Trabalhando na Winterfield, percebi que estou lá para ocupar o tempo, ainda não sei o que quero fazer. Às vezes, penso em escrever um romance, mas não sei. Simplesmente não sei. — Vanessa se encolheu, meio tímida.

— Acho que vai ser um romance maravilhoso. Escrita é uma questão de prática, talvez devesse treinar, aproveitar a oportunidade para

contratar um profissional que possa ler e avaliar. Desistir não é uma opção, baby. — Bati com meu ombro no dela. — Você pode verificar se o seu irmão encomendou o jantar? Confira se ele convidou Stuart, se não convidou, diga a ele para convidar imediatamente.

— Virei a sua secretária agora?

— Não queria deitar e agora estou com preguiça de levantar.

— Ninguém te merece, Katrina. Eu só vou porque preciso tomar banho e me arrumar, caso contrário, iria mandar você ir para um lugarzinho interessante. — Fez cosquinhas nos meus pés e correu da cama. Eu odiava cosquinhas, principalmente onde ela tocou.

Assim que saiu, levantei da cama e fechei a porta. Parei na frente do espelho, ergui a minha camiseta e olhei para minha barriga plana, sem acreditar que tinha um bebê crescendo ali dentro. Eu não podia bancar a surpresa com a gravidez, nós vacilamos na prevenção milhares de vezes. O choque era inexistente. Por algum motivo, engravidar no final do desafio que abandonamos há muito tempo, parecia apenas certo.

Não ia me debruçar em ser cedo demais ou dar vazão a todos os meus medos. Escolhia ficar feliz com o meu bebê, compartilhar a alegria com o pai, o homem que há muito tempo ocupava o meu coração e que se tornou o meu marido em uma noite de bebedeiras. Por mais louco que fosse a nossa vida, um jogo nos trouxe o amor. Como poderia alegar que a minha vida não estava no lugar certo?

Além dos meus peitos e o enjoo, não dava para notar que estava grávida. De lado, seguia tudo do mesmo jeito, mas seria questão de tempo. Esperava que a notícia não vazasse antes do tempo certo, eu não queria lidar com comentários maldosos e a perseguição de McKenna. Muito menos aguentar Shannon, que espalharia a notícia na mídia apenas para

manter o sobrenome em alta e a imagem de mãe devotada. Pensando em como o meu relacionamento realmente começou com Devon, tive a ideia de propor a ele mais uma aposta.

Tirei a minha roupa e ainda fiquei mais alguns minutos me encarando, analisando meu corpo, mas nada havia mudado. Era engraçado estar ansiosa por uma mudança física. Por dentro, sentia o meu coração martelando com uma explosão de sentimentos diversos. A maternidade era algo que eu pensava hipoteticamente no futuro e não que aconteceria tão rápido, sem um planejamento. Mas do que adiantava planejar tanto a vida? A graça, para pessoas como Devon e eu, era viver na sorte.

Estava terminando de me arrumar, passando creme nos pés quando ele entrou no quarto com um sorriso no rosto. Sua expressão feliz me deixava louca. Eu amava o jeito que ele me olhava. Era sempre intenso, avassalador e único.

— Olá, papai. — Acenei do meu lugar.

Devon parou no meio do caminho, me deu um sorriso incrédulo e passou a mão no rosto.

— Eu não posso acreditar que serei pai. — Puxou o cabelo e me deu um sorriso. — Ainda é completamente surreal, mas é incrível. — Inclinou-se e me deu um beijo suave nos lábios. — Vamos apenas anunciar para nossa família, certo?

— Não vou conseguir guardar esse segredo de Vanessa ou da minha mãe. Vou agendar uma consulta médica o mais rápido possível.

Feliz, assentiu e foi tomar banho. Arrumei a cama e olhei os e-mails do site, havia muitos, a maioria era dos comentários com as réplicas. Filtrei os importantes para responder e enviei os demais para um arquivo, assim poderia olhar com mais calma em outro momento. O segundo noticiário da

noite falou sobre o site de notícias anônimo que fez uma denúncia sobre a contaminação da água no lado leste da cidade, relacionando com o aumento dos pacientes com câncer no Valley.

A companhia de saneamento básico da parte principal de Vegas fez um pronunciamento, aumentei o volume da televisão, precisando ouvir melhor.

— Devon! Corre aqui! — gritei histérica.

— O que foi? — Saiu molhado e com sabão, tentando secar o suficiente para não molhar o quarto inteiro. — Caramba!

A Vegas Water, empresa que dominava os bairros principais e de um lado do deserto, confirmou que já sabia da contaminação em um lado da cidade, tanto que havia um processo correndo em segredo de justiça. Eles aproveitaram o momento para expor um esquema de corrupção, supostamente, envolvendo o prefeito e uma bancada de empresários ricos que investiram ações na Pro Valley. Uma empresa bilionária, que deveria ter um seguro alto e advogados bons na folha de pagamento.

A briga, dali em diante, era entre os grandes e a justiça.

— Você tinha razão. — Devon me abraçou. — Tinha muito mais por trás.

— Meu sexto sentido estava certo.

— Você abriu as portas e tudo vai se resolver. — Me deu um beijo na bochecha e voltou para o chuveiro. Abaixei o volume da televisão quando mudou a matéria. Aquilo ainda seria falado por semanas.

Devon se vestiu rapidamente. Antes de sairmos do quarto, beijou a minha barriga e cada um dos meus peitos, para me fazer rir, além dos meus lábios. De mãos dadas, descemos a escada. Marco e Polo correram na nossa direção, pulando, com bolinhas na boca e peguei uma, jogando no quintal.

Eles saíram correndo, derrubaram uma cadeira e se trombaram para passar ao mesmo tempo na porta, causando um estrondo na parede de vidro.

Vanessa, Rosa e Devon me deram um olhar.

— Calculei errado... — Encolhi os ombros.

— Não faça jus ao seu nome e não provoque os cachorros para derrubar a casa — Rosa ralhou comigo. — Eles já fazem bagunça demais.

— Tinham que puxar a mãe, é claro — Vanessa brincou.

Devon e eu nos encaramos e rimos. A nossa combinação era explosiva, com toda certeza. Como seria a personalidade desse bebê?

Minha mãe chegou com Kevin nos braços e Michael carregando algumas bolsas com brinquedos. Eles me deram abraços apertados e felicitações pela matéria. Não era exatamente um motivo para comemorar, mas era um passo importante na minha vida profissional e isso sim, era o que nos motivava a celebrar. Era a realização de um sonho e eu estava pronta para realizar ainda mais.

32 | *Devon*

Katrina estava radiante, recebendo beijos e abraços da mãe. Eu estava quase explodindo de felicidade e não era somente pelo sucesso que a matéria estava circulando na mídia, e sim pelo nosso bebê. A desconfiança que ela estava grávida começou a crescer nas últimas semanas. Normalmente, eu era um homem observador, se eu não fosse, não conseguiria estar onde estava profissionalmente. Seria impossível não observar as mudanças no corpo dela, em seu humor e alimentação.

Começou lentamente, primeiro os seios mais inchados, depois as veias e ela passou a reclamar de estar com dor. Pela manhã, ficava insuportável. Muito mais que o normal. Enjoada, começou a rejeitar seus alimentos rotineiros e a comer exageradamente os favoritos. De alguma maneira, seu corpo começou a mudar bem diante dos meus olhos e ela não percebeu. Fiquei preocupado que estivesse em negação. Katrina era meio fora de órbita, sua cabecinha funcionava de um jeito totalmente diferente.

A primeira vez que o assunto foi mencionado, não foi bem recebido. Depois, falamos apenas de brincadeira e hipoteticamente. Esperei que ela se acalmasse para trazer o assunto que parecia estar ignorando. Sua reação foi um pouco amuada, pensativa e quando o resultado deu positivo, o sorriso mais lindo e emocionado enfeitou seu rosto. O olhar brilhando de paixão fez o meu dia ainda mais feliz. Nós teríamos um bebê. Ser pai era um plano futuro. Saber que o futuro estava bem no ventre dela era maravilhoso.

Quando a comida chegou, Vanessa e eu arrumamos na mesa da sala de jantar próximo à cozinha. Stuart chegou com uma garrafa de vinho que

Katrina adorava. Ela agradeceu e pediu para servir, me dando um olhar meio preocupado porque todos iriam perceber que não estava bebendo.

— Antes de comer, gostaria de dizer umas palavras. — Peguei a taça. Katrina parou ao meu lado, ansiosa. — Essa noite é muito especial, não só porque estamos em família, algo que por muito tempo foi apenas minha irmã e eu, depois tivemos a Rosa e Katrina. E agora, todos vocês.

— Fofó. — Stuart apertou minha bochecha.

— A minha vida sempre foi um investimento de risco. Como um apostador nato, eu aprendi quando e como arriscar. — Olhei para mulher ao meu lado. — Com Katrina, o jogo era perigoso a todo momento. A maioria de vocês não sabe, mas, nós tivemos o nosso primeiro beijo há dez anos. Foi em um jogo idiota que propuseram no final de uma festa que Vanessa quis dar no apartamento que morávamos. Sete minutos no céu, a luz apagou, ela me xingou e no segundo seguinte, estávamos nos beijando.

— Não foi tão rápido assim! — Katrina me empurrou. — Depois do beijo, eu fingi que nada tinha acontecido porque eu não queria dar o braço a torcer sobre o quanto era apaixonada por ele.

— Você nunca me contou isso! — Vanessa acusou, sorrindo. — Faz todo sentido o quanto ficaram insuportáveis depois dessa festa.

— Os anos se passaram e nós nos afastamos. Em parte, concordamos que foi bom tudo ter acontecido agora e em parte, sabemos que exageramos um com o outro causando conflitos e mágoas desnecessárias. — Segurei sua mão. — Nós não nos arrependemos da noite do nosso casamento, muito menos do desafio, porque conseguimos chegar até aqui, planejando uma vida a dois. — Sorrimos um para o outro. — Melhor dizendo... uma vida a três.

Melanie cobriu a boca, Vanessa franziu o cenho, Stuart deu um salto e Michael sorriu. Kevin estava ocupado demais mastigando e dando pedaços do seu bolinho para os cachorros para entender.

— Você está grávida? — Melanie sussurrou. Katrina assentiu, sorrindo. Para cair a ficha de todos, acariciei a barriga plana. Vanessa soltou um grito, pulando em cima de mim enquanto Melanie agarrava a filha bem apertado.

— Estou tão feliz por vocês! — Vanessa chorou no nosso abraço. — Isso parece até um sonho de tão perfeito! — Soluçou e acariciei suas costas. — É simplesmente incrível que estamos vivendo algo tão especial. — Segurei seu rosto e sequei suas lágrimas. — Te amo tanto.

— Eu também te amo muito. Não chora. Esquece o passado, tudo mudou. — Beije a sua testa.

Melanie me abraçou apertado, chorando, sem conseguir falar nada. Katrina e Vanessa estavam agarradas, falando baixinho uma com a outra. Stuart me parou, olhou em meus olhos e eu, finalmente, entendi tudo que ele sentiu anos atrás.

— Ele vai ficar conosco. Nossos filhos vão crescer juntos — prometi. Ele encostou a testa na minha. — Em pouco tempo, eu te prometo.

— Você acaba de descobrir o maior amor do mundo. Vai ser um pai foda. — Nos abraçamos. — Cuida da tua mulher, cara. Seja um bom marido e um bom pai.

— Eu vou. Eu prometo!

Sentir a felicidade da nossa família aumentava ainda mais a plenitude daquele momento tão mágico. Katrina parecia que não tinha caído a ficha, mas estava igualmente emocionada. Eles demoraram a acreditar que nós só descobrimos a gravidez naquela mesma tarde. Minha irmã estava

fazendo planos de enxoval e do quarto do bebê, Melanie falava com o médico que trabalhava para agendar uma consulta para Katrina. Eu queria que ela fosse assistida pelos melhores médicos, que tivesse uma gestação tranquila e tomaria todo cuidado para descansar.

Nas semanas seguintes, a nossa vida entrou em uma espiral de loucura. Sabíamos que lançar a matéria seria cutucar um vespeiro e nos preparamos, só não contamos com a gravidez. Katrina estava mais sensível, o que resultava em horas de choro com cada ataque virtual, mesmo que ninguém soubesse que era ela por trás, o site estava sendo questionado publicamente. Cobravam um rosto para veracidade, como se as provas não fossem o suficiente. Ela se manteve firme, não se revelou e quando as autoridades finalmente tomaram a frente de uma investigação, o foco saiu do site e foi para a empresa.

Enquanto tudo se ajeitava, soubemos por meio do Dr. Everest que a advogada junto com o Instituto de Oncologia e a Universidade do Valley estavam trabalhando para provar a contaminação, exatamente como Katrina forneceu na matéria. Ela estava processando a Pro Valley e ainda queria se reunir com quem estava por trás do site a todo custo. Matt nos garantiu que não havia nenhuma obrigação em nos revelar, a briga estava além de nós.

Apesar de todo caos que fazia parecer que o mundo estava caindo fora da nossa casa, nós dois estávamos em um estágio de plenitude que a sensação era de estar flutuando em nuvens. No dia da primeira ultrassonografia, fizemos um esquema para não sermos seguidos. Shannon estava na cidade há dias, ensaiando para um show e a imprensa estava bastante agressiva em cima de nós.

— Está nervosa? — Segurei sua mão.

— Um pouco. Sei que estará tudo bem... só estou ansiosa. — Suspirou e encostou a cabeça no meu ombro. — Li que vai dar para ouvir o coração.

— É o que mais quero ouvir agora. — Beijeí seus cabelos, que já não estavam mais tão ruivos.

Seu nome foi chamado e nos levantamos. Seguimos para uma sala ao lado, onde uma enfermeira aferiu sua pressão, pediu que vestisse uma camisola hospitalar e subisse em uma balança. Após fazer milhares de perguntas que também foram feitas na consulta anterior, pediu para sentar na maca e aguardar a médica entrar para realizar o exame. Balançando os pés descalços, ficou mastigando o lábio, torcendo os dedos. Eu estava ignorando o meu telefone vibrando com a ansiosa da minha irmã, querendo saber se já tinha terminado.

Eu tinha que brigar pelo meu direito de pai para acompanhar Katrina ou Vanessa se enfiava no meu lugar. Normalmente, nas consultas e exames só podia um acompanhante.

— Ela queria estar aqui. — Katrina sorriu ao me ver encerrar a décima ligação de Vanessa.

— Eu sou o pai!

Um sorriso irônico enfeitou seu rosto.

— Jura? Nós sabemos! — Revirou os olhos.

— Ela está autorizada a te acompanhar nas compras, no enxoval e sei lá mais o quê.

— Quer saber o sexo?

— Não sei, você quer? — Me aproximei e parei entre as suas pernas. — O que foi? Compartilha o que está pensando?

— Não sei. Estou nervosa e ansiosa por estar grávida, feliz com o bebê e ao mesmo tempo, sinto que é muita coisa acontecendo ao mesmo tempo. — Me puxou pela camisa e me abraçou. — Em alguns momentos, tudo que quero fazer é ficar deitada na cama pensando na vida, e esse tipo de pessoa não sou eu. Gosto de estar na agitação e acho que a matéria tomou tudo de mim, porque agora me sinto vazia. Não quero pegar nada para investigar, sinto que devo dar ao meu bebê toda minha atenção...

— Isso te confunde? Optar por um ou por outro?

— Como minha mãe conseguiu ter uma carreira? Estou no primeiro trimestre, ainda não ouvi o coração do meu bebê e tudo que sinto é que quero viver por ele. Como ela conseguiu sair de casa todos os dias, me deixar com vizinhos, babás e com a necessidade de lutar por nós? — Seu olhar mostrava todo conflito interno, que provavelmente já estava assombrando a sua mente por alguns dias.

— Tenho certeza que a sua mãe se orgulha de cada minuto que lutou por vocês. — Beije a sua testa. — Você pode ser mãe o quanto quiser e quando voltar a trabalhar, sei que o nosso bebê terá a melhor mãe do mundo. Não precisa decidir nada agora, a única coisa que te peço é que evite qualquer tipo de risco.

— Vou ficar quietinha, prometo. — Me deu um beijo. — Até porque, não tenho nada para me intrometer... — Abriu um sorrisinho maroto. — ainda.

Levei a mão até o peito, fingindo ser atingido. Ela riu, me mantendo no lugar. Segurei o seu rosto, beijando-a profundamente. Ela desceu as mãos para minha bunda e deu um aperto rude.

— Sua tarada.

A médica bateu na porta antes de entrar, o que nos deu tempo de ficar comportados. Ela era simpática e trabalhava com o obstetra que Melanie conhecia há muitos anos. Ele fazia as consultas e ela, todos os exames. Eram bastante parecidos, podiam ser pai e filha ou tio e sobrinha, já que não tinham o mesmo sobrenome. Ambos eram extremamente profissionais e sabiam como acalmar todos os nervos da Katrina. Nós dois estávamos lendo muito antes de dormir, sempre tínhamos dúvidas, mas o desespero, até então, era todo dela.

— Ele é uma bolinha? — Katrina perguntou logo que a médica identificou o bebê.

A Dra. Sylver sorriu.

— Por enquanto, é como você consegue vê-lo, mas o coração já está batendo bem forte. — Aumentou o som e eu estava extasiado. Era tão rápido e tão bonito.

— É a nossa bolinha, amor. — Beije a testa de Katrina.

— É totalmente real. — Ela me olhou nos olhos. — Vamos ter um bebê! Esse som é tão lindo!

— Ele ou ela, ainda é muito cedo para dizer, está dentro do esperado. Suas medidas estão boas e segundo o exame preliminar, você está indo muito bem. Recebi o resultado de todos os seus exames, vamos trabalhar para manter o seu colesterol controlado e o importante é se alimentar bem. Além das vitaminas suplementares, sua alimentação precisa ser balanceada.

— Ela vai comer bem — prometi. Katrina bufou.

Encerramos a consulta podendo levar as imagens e a gravação para casa. Eu queria ouvir de novo, mostrar as fotos para nossa família. No carro, enquanto dirigia, ela fotografou e enviou para o grupo e para Stuart,

que era um tio tão bobo que comprou um par de luvas de boxe de pelúcia. No quarto destinado ao bebê, tinha o urso que ganhei para Katrina no parque, o coelho que compramos quando fomos à loja de brinquedos e agora, as luvas do Tio Stuart.

Katrina disse que tínhamos tempo para decidir sobre a decoração e mobiliário. Ela não queria fazer uma reforma como eu queria, afirmou que o bebê dormiria no nosso quarto enquanto fosse muito pequeno. Fora isso, não olhamos nada.

— Devemos fazer outra aposta. — Ela sugeriu depois de guardar o telefone na bolsa.

— *Devemos ?* Já venci o desafio, tenho você e agora um bebê. O que mais quer perder para mim? — provoqueei. Ela deu um tapa na minha coxa.

— Concordamos que o desafio deu empate. Pertencemos um ao outro e o bebê é nosso.

— Eu fui o único a querer ficar casado.

— E eu sigo dizendo que o nosso casamento foi um erro inicialmente, depois, se tornou a coisa certa. Além do mais, nosso filho vai crescer e pedir para ver o vídeo de casamento dos pais...

— As crianças de hoje em dia não se importam com isso, baby. — Mudei de assunto. — Então, a aposta? O que quer perder?

— Vamos apostar o sexo do bebê e propor que os membros da nossa família invistam nisso. — Ela estava sorrindo de novo. — Posso ver que Vanessa vai seguir o meu instinto. Michael e Stuart vão ficar do seu lado... o dinheiro que arrecadarmos, vamos colocar em uma poupança para o bebê ou doar. Felizmente, o pai do meu filho é rico. — Me deu a língua.

— Podemos doar se a coisa toda sair do controle. A nossa família é muito competitiva.

— Eu sei que eu vou ganhar. — Colocou a mão na barriga. — Ele está dentro de mim.

— Ele? É ela! — Apertei sua coxa, sem desviar os olhos do trânsito.

— Ela? Dessa vez você vai perder e muito feio! — Soltou uma risada alta.

Não ia perder. Sabia que era menina e não estava enganado.

— Além do dinheiro, o que iremos ganhar da aposta?

— O direito de escolher o nome do bebê.

— Sem a opinião do outro? Não! — Nem fodendo. Era poder demais na mão da Katrina.

Ela fez um pequeno beicinho.

— Está certo que vai perder. — Deu de ombros.

— É o nome do nosso bebê. Do jeito que você é, vai chamar a menina de *Beans* ou *Forks* ! — Parei em um sinal e olhei para seu rosto. A expressão presunçosa estava lá como se ela estivesse certa.

— Não vou chamar o nosso bebê de garfos ou feijões, mas admito que acho nomes conceituais mais bonitos. Chris Martin tem uma filha chamada Apple — pontuou como se não fosse nada demais. Eu sabia que ela era louca, mas aquilo era além.

— Nome de maçã e marca de eletrônicos, que maravilha! Minha resposta é não!

— Aceitou a derrota. — Foi tudo que ela disse com um sorrisinho. — Amo você mesmo assim.

Decidi, para minha sanidade não escorrer pelo ralo no meio do dia, ignorar o assunto. Daria minha opinião na escolha do nome do nosso bebê ela querendo ou não. Ao chegarmos em casa, Vanessa mal esperou que o carro parasse, querendo abrir a porta. Ela e Katrina desapareceram, o que era bom, precisava de privacidade para agilizar um assunto que Katrina não podia saber ainda.

Trabalhei no escritório por algumas horas, falei com a polícia sobre o paradeiro de Nick e ainda não havia nenhuma pista. Às vezes, pensava que ele conseguiu sair do país e foi se esconder, outras, eu tinha a sensação de que estava perto demais. Uma coisa que eu sabia sobre homens obsessivos, como ele, era que eles nunca desistiam. Eu não ia relaxar com a segurança de Katrina até que fosse preso.

— *Dev! Amor!* — Vanessa entrou no meu escritório imitando a voz de Shannon. — Ela nos enviou um convite formal para um jantar em sua casa temporária. — Me entregou o envelope. — Traje social.

— A vida é um traje social — murmurei, lendo o convite. — Quer ir?

— Posso enfrentar com vocês, sozinha vou me sentir um cordeiro indo para o abate. — Sentou-se do outro lado. — Então, papai. Tudo pronto?

— Sim... basta fazer a sua parte agora, ok?

— Estou fazendo a minha parte há semanas com perfeição. Acredite em mim, vai ser a noite mais incrível das suas vidas. — Sorriu, muito orgulhosa de seu trabalho. — Em falar nisso...

— Devon! Vem aqui! — Katrina chamou da sala, interrompendo Vanessa. Seu tom de voz era muito sério para ficar no mesmo lugar mais que um segundo. Rapidamente saí do meu lugar, correndo para a sala. Ela

estava no sofá, segurando o controle e me deu um olhar que não compreendi, até olhar para a televisão. — Acabaram de noticiar.

“Famoso produtor cinematográfico perde a batalha contra o câncer”. Era a chamada do lide, ao fundo, o repórter estava falando sobre sua vida e carreira, com imagens em premiações, tapetes vermelhos e fotografias de família reveladas ao longo do tempo.

— Christopher Nolasco acumulou prêmios, produziu diversos filmes e revelou estrelas como Whitney Knight, Shannon Winterfield, Donald James além de muitos outros. Ele deixa a herança para sua ex-mulher e os três filhos, sendo um deles, fora do casamento e que não teve a identidade revelada.

— Acha que vão começar a caçada sobre a identidade do filho? — Vanessa parou ao meu lado.

— Eles irão revelar em breve — Katrina comentou.

— Isso se Shannon não aproveitar o momento para dar uma das suas declarações bombásticas. — Encolhi os ombros. — Vou beber água. — Saí da sala para a cozinha sem falar mais nada.

Estava confuso, não sabia o que pensar. Não tinha sentimentos por ele, ele não quis ser meu pai a maior parte da minha vida e quando supostamente quis, era tarde. Duvidava que quisesse um contato por um arrependimento genuíno e profundo. Era tarde demais para nós dois.

Peguei uma garrafa de água e ouvi os passos suaves de Katrina se aproximando. Ela tinha um jeitinho de andar, como se sempre estivesse na ponta dos pés, de fininho, mania de quem vivia aprontando. Senti sua mão nas minhas costas e logo me abraçou, dando um beijo. Segurei suas mãos e me virei.

— Estou bem — garanti. — Ele era apenas um doador de esperma.

— Eu sei que não tinham uma relação. Estou preocupada que ele quis um contato e você não, quero saber o que está sentindo em relação a isso...

— A paternidade vai além. Se ele estivesse arrependido de verdade, falaria. Tudo que sentia quando me procurava, era porque eu neguei a primeira vez e ele era um homem acostumado a ter o mundo deitando aos seus pés. Cada vez que nos encontrávamos, fazia parecer que ele queria a glória do meu sucesso, que eu alcancei sem ajuda dele. — Encolhi os ombros. — Não sou bom em explicar. Simplesmente havia uma voz na minha cabeça falando para me afastar. Não queria fazer parte do que ele e Shannon fizeram com a esposa e filhos.

— Apesar de querer me bater por isso... não julgue a sua mãe sem saber. Ela distorce todas as histórias para sair como louca porque é uma defesa. Ninguém é tão sem noção e inescrupulosa. É claro que ela é maluca sim, por ser desapegada emocionalmente, ambiciosa, muito egoísta e mimada — enfatizou. — Não precisamos alimentar nada disso. Não sinta culpa por escolher a si mesmo. — Ficou na ponta dos pés e me deu um beijo suave nos lábios. — Eu te amo.

A única coisa que a morte do meu pai me trouxe foi a sensação de que eu estava no caminho certo em construir a minha família, entrelaçar a minha vida a outra pessoa que me amava tanto quanto eu a amava. Alguém que, por mais diferente que fosse, estava disposta a viver ao meu lado, buscando crescimento em conjunto e aproveitando o melhor que a vida tinha a nos oferecer. Aquele jogo, eu venci.

33 | *Katrina*

Mamãe estava tirando da bolsa as roupinhas de bebê que comprou em uma única ida ao shopping. Ela poderia ser chamada de avó descontrolada, porque eu mesma não tinha comprado absolutamente nada. Primeiro, achava que ainda tinha tempo, segundo, estava preocupada com os móveis e a logística de ter um bebê pequeno com um quarto um pouco mais longe do que estava confortável.

Para quem sequer tinha desconfiado, eu estava vivendo a gravidez com intensidade.

— Este é lindo, mãe. Obrigada! — Agarrei um pequeno body azul. — Devon e eu decidimos descobrir o sexo apenas no parto e lá, quem vencer a aposta, vai decidir o nome.

— Vou me abster de comentar sobre essa mania irritante de apostar em absolutamente tudo.

— Estou apenas querendo dar um pouco de emoção. — Dei de ombros. Eu não sabia o sexo, esperava que não sentir qual era não me fizesse uma péssima mãe. Só disse que era menino para contrariar. Devon referiu-se ao bebê como ‘ela’ mais de uma vez, então, eu tive certeza de que ele achava que era uma menina. Obviamente, estava tudo bem qualquer sexo. Eu estava feliz com o bebê e ponto. Apostar era apenas para ter muitos motivos para enlouquecer o meu marido. — Obrigada por todos esses presentes, Vovó Mel.

— Não acredito que serei avó! — Me deu um abraço apertado. — Então, me conta tudo. Como ele está com a paternidade? — Puxou assunto. Melanie Summer não estava muito bem da cabeça. Ela nunca fazia

conversa sem necessidade. Praticidade e direto ao ponto deveriam ser seu nome e sobrenome.

— Um saco. Não posso fazer nada! Me oferece comida o tempo todo, me faz beber água a cada trinta minutos e fica perguntando se estou bem. Eu sei que é fofo, mas ele está me irritando. — Fui sincera. Eu admirava o comprometimento dele, só estava estressada.

— Qualquer coisa vai te irritar. Ele está fazendo o papel dele, caso contrário, ia ter que pedir para Michael usar o bisturi nele. — Sorriu e voltou a dobrar as roupinhas que havia acabado de tirar da bolsa de papel branca, bem grande, com o símbolo de uma loja de bebê. Se tivesse um fotógrafo seguindo-a ou passeando de graça pelo condomínio, só ajudaria nos rumores.

Devido ao meu desaparecimento do público, estavam especulando que o meu relacionamento terminou, mas Devon seguia ativo nas redes sociais, eu que estava sem saco. Então, eles resolveram fofocar sobre uma possível doença ou gravidez.

— Você está muito aleatória hoje. Chegou com presentes, está perguntando muito e milagrosamente defendendo Devon, quando a sua missão de vida é implicar com ele. — Segurei sua mão. — Pode falar. Aconteceu alguma coisa?

— Seu pai foi até o hospital ontem à tarde — confessou.

— Sério? Ele teve coragem de aparecer depois de todo esse tempo? — Sentei na poltrona do meu quarto e encolhi as minhas pernas.

— Ele entregou os papéis do divórcio pessoalmente. Disse que estava na cidade há algumas semanas e foi bem estranho. — Mamãe mordeu o lábio. — Ele não mudou muito, alguns sinais óbvios do tempo, nada demais. Só parecia mais... sombrio. Um homem ruim. — Mostrou o

braço, toda arrepiada. — O pior é o que mais me deixou assustada, foi que ele sabia sobre Michael, disse que era um bom homem e que fiz uma boa escolha.

— Nossa, mãe... — Suspirei, sentindo uma tensão apertar o meu coração. — Será que ele esteve por perto esse tempo todo?

— Eu não sei, filha. A única coisa que eu tenho certeza é que eu nunca conheci o homem com quem me casei. Era tão jovem, dezesseis anos e ele mais velho...

— Você era uma criança, mãe. Ingênua demais para perceber o mundo. Conhecia o que ele te apresentava, nunca foi sua culpa. — Me movi no lugar. — Uma vez o Tio Saul contou que já apanhou do meu pai. Ele era temido entre os seguranças dos cassinos...

— Para ser bem sincera, hoje, na minha visão de mundo, não duvido. Na época, eu achava que ele era como os seguranças uniformizados e não um homem perigoso. Já tem um tempo que me pergunto se ele foi embora porque precisou fugir ou para nos proteger da vida que levava.

— O que sentiu ao vê-lo? — questionei, curiosa sobre como meu pai pode tê-la afetado emocionalmente. Não acreditava que ainda existia amor, mas...

— Susto e só. Não mexeu em nada comigo, pode ficar despreocupada. Reencontrar seu pai me fez ter certeza de que Michael é o homem da minha vida e nunca é tarde demais para amar. — Abriu um sorriso lindo e trocamos um abraço. — Seu pai também disse que você pode parar de se preocupar com Nick.

Me afastei, olhando em seus olhos.

— Acha que voltou para a cidade por causa disso? — Segurei seus ombros.

— Aparentemente, seu pai sabe mais sobre nós do que sabemos sobre ele.

— Tenho que contar a Devon! — Saí do meu lugar e peguei o telefone, contando tudo por mensagem. Ele tinha meios de descobrir se... — Merda.

— O que foi?

— É óbvio. — Bati na testa. — Meu pai era envolvido com o submundo dessa cidade. Devon é dono de parte desse mundinho podre dos cassinos. Eu tenho certeza de que meu marido não colocou só a polícia a cargo disso, ele é malandro. Fez o correto para me acalmar e deve ter ordenado seus homens para caçar Nick.

— Não é uma teoria impossível.

— Eu não queria que Devon fizesse isso...

Mamãe sorriu amorosamente.

— Sua preocupação é fofa, mas equivocada. Devon mantém seus negócios e ele sabe onde está se metendo, sempre soube. Ele é sobrinho de um homem que fez dinheiro na malandragem desta cidade e é o homem que, em poucos anos, ultrapassou outros muito mais experientes.

Um dos motivos pelos quais não quis assinar o meu nome no site era porque eu não queria um conflito de interesses com meu novo sobrenome. Não era idiota e muito menos inocente. Cassinos não eram ilegais em Vegas, mas nem tudo que acontecia dentro deles era totalmente moral. Eu não queria ter a minha credibilidade profissional esmagada pelo peso do meu sobrenome de casada. O segundo motivo era a oportunidade de me intrometer sem atrair tanta atenção.

Ser publicamente reduzida a esposa de Devon Winterfield me dava muitas vantagens para trabalhar com o jornalismo do jeito que eu queria.

— E se o meu pai nunca foi embora? Se ele viveu na cidade em lugares que nós não frequentamos?

— Não me importa agora.

Devon me respondeu que iria verificar. Cínico. A cretinice dele nunca teria fim.

Mamãe e eu passamos o dia em casa, conversando. Quando Vanessa chegou do shopping com Rosa, nos reunimos na piscina, brincamos com os cachorros, ouvimos música e bebemos mimosas. Elas beberam do jeito tradicional e eu misturei suco e água com gás só para não ficar tão diferente.

Quando a avó do Kevin o entregou no meio da tarde, ele era o bendito fruto entre tantas mulheres, paparicado e apertado, porque era impossível olhar para suas bochechas e não dar um delicioso aperto e um beijo estalado. Correndo pelo quintal com os cachorros, filmei-os dando um salto na piscina.

— Vamos para o registro da barriguinha. — Vanessa me puxou para o jardim. Ainda não tinha barriga nenhuma, só parecia que comi demais e não consegui fechar a calça. Mesmo assim, eu queria fotografar cada segundo para encher o meu álbum da gestação de fotos. — Quando vão anunciar?

— Só com cinco meses ou quando não conseguir esconder a barriga. Quanto menos pessoas souberem, melhor. Sua mãe vai estar na cidade e ela é a última pessoa que quero por perto. — Acariciei meu montinho de gordura. — É surreal, não é?

— Eu nunca ia imaginar que terminaríamos o ano com você casada e grávida, ainda por cima, do meu irmão! — Solto uma risada. — Por que nunca me contou sobre os sete minutos no céu?

— Eu era tão idiota. Eu vivia falando mal dele, recriminando, tudo para esconder que gostava. E na primeira oportunidade, caí nos braços dele, aos beijos em um armário! Fiquei com vergonha, senti meu orgulho ferido, sei lá. Foi uma estupidez que eu carreguei com prazer durante anos!

Vanessa me olhou e soltou uma gargalhada.

— Você é tão boba, Katrina. Ainda bem que o destino realmente queria vocês dois juntos, porque se dependesse dessa sua teimosia... — Apertou o meu nariz. — Reparou o quanto Stuart está animado com a sua gravidez?

— Sim. Estou quase pedindo para decorar o quarto, de tanto presente que está mandando entregar.

— Será que tem a ver com o filho? Será que ele participou da gravidez?

— Esses dias estava na cama conversando com Devon antes de dormir e eu soube que Stuart foi até Nova Iorque ver o filho, mas no outro dia já estava aqui. Acho que ele só tem autorização para vê-lo por algumas horas...

— Devon nunca vai me falar.

— Não mesmo. Eu prometi dar mundos e fundos em troca da informação, servi-lo de joelhos por uma semana, andar com fantasias sensuais e deixá-lo fazer uma espanhola todos os dias. Ele não contou. — Encolhi os ombros e ri da careta de nojo de Vanessa. Adorava provocá-la sobre minha vida sexual com seu irmão. Era uma pequena vingança sobre todas as vezes que ela se uniu com ele contra mim.

— Nunca vai parar, não é? — Me cutucou e sorri.

— Não enquanto tiver graça.

Devon me ligou no final da tarde para avisar que Nick foi encontrado amarrado, amordaçado e parecendo ter levado uma boa surra. Ironicamente, foi deixado nos fundos de uma estação policial. De um lado, estava aliviada que ele foi encontrado sem causar mais estragos. Não precisava de mais drama ou viver com medo de que o meu ex-namorado violento poderia estar à espreita. Merecia viver com liberdade e paz. Nick não desistiu de mim por anos e depois que terminamos, ele deixou claro que não tinha escrúpulos para aceitar o fim.

Meu pai estando envolvido ou apenas os homens do Devon, eu estava grata que não havia sangue em minhas mãos. Ele tinha acusações e deveria pagar por tudo que fez. Ficava triste pelos pais dele, apesar de não ser próxima e nunca ter me esforçado muito, eles eram pessoas trabalhadoras que vieram para o país em busca de uma vida melhor e não para ter o filho preso. Era triste.

Para tirar a minha mente dos pensamentos ruins que me deixavam aflita, me ofereci para cuidar do Kevin. Ele sempre ficava cansado depois da piscina. Dei-lhe um banho, fazendo um monte de brincadeiras, troquei sua roupa e ele era tão independente que só me deixava ajudá-lo em coisas que se atrapalhava. Rosa preparou um sanduíche para comer junto com a banana e um copo de iogurte. Ao terminar, levei-o para o quarto que a minha mãe usava e o fiz dormir.

— Está indo muito bem. — Minha mãe entrou no quarto quando ele dormiu. — Mas o bebê não vai chegar com quatro anos de idade e muita teimosia.

— Eu sei que não. — Sorri sem desviar os olhos da expressão serena de Kevin. — É tão bonito ver uma criança dormir. Ele parece feliz e em paz. — Acariciei seus cabelos.

— Ele é amado. Seu bebê também será. — Sentou ao meu lado. — Está preocupada?

— A maternidade não é algo fácil de encarar. Não sei como você conseguiu, só sei que te admiro ainda mais. — Dei-lhe um beijo na bochecha. — Se eu conseguir ser metade da mãe que você é, vou estar realizada neste mais novo papel da minha vida.

Mamãe sorriu, emocionada, me abraçou e fui parar em seu colo, embalada como uma criança.

— Você vai ser uma mãe muito melhor. — Beijou a minha testa.

...

Devon queria que eu o acompanhasse em uma festa à noite e eu descansei o máximo para aguentar a noite toda, porque andava sentindo muito sono e meio desanimada para passar a noite fora. Precisava sair de casa, ver pessoas diferentes e me divertir com os nossos amigos. O sono no primeiro trimestre era normal, segundo os médicos, teria mais energia a partir do quarto mês.

Me arrumei com Vanessa depois que a minha mãe foi embora. Ela levou Kevin para casa e iria descansar. Tentei convencê-la a ir também, deixar o meu irmãozinho com Rosa ou com uma babá, mas ela não quis de jeito nenhum.

Escolhi um vestido prata de mangas três quartos, todo fechado. Era chamativo, mas era lindo. Vanessa fez um penteado elaborado, deixando a franja escovada, arrumada no rosto, um pouco de volume em cima, torcido no rabo e por fim, jogado de lado. Colei cílios, empolgada com toda arrumação e ousei com um batom vermelho matte. Para ficar confortável, calcei as sandálias de salto quadrado meia pata. Prontas, tiramos fotografias

e de lado, graças ao formato reto do vestido, minha barriga não aparecia muito.

Devon chegou em casa correndo, falou rápido e foi se arrumar. Estava agitado, parecendo nervoso, falando pelos cotovelos e quando ficava assim era indício que a programação da noite exigia muito da atenção dele. Normalmente, se uma mísera coisinha não acontecesse conforme o planejado, ficava todo estressado. Só presenciei um problema com a equipe. Como chefe, ele era insuportável. Alicia e Mac, que eram os que trabalhavam mais próximos dele, mereciam uma bonificação anual e um prêmio.

Apesar de apressado, não correu como um louco. Vanessa colocou uma playlist eletrônica, para nos preparar para a noite. Mexendo no meu celular, vi que McKenna publicou uma nota que tinha conversado com Shannon sobre a morte de Christopher Nolasco e que ela tinha uma declaração a dar. A notícia que o famoso produtor tinha um filho fora do casamento estava circulando em todos os veículos de fofoca. A viúva e os filhos se recusaram a dar declarações, mesmo após o enterro.

— Eu sabia que era questão de tempo até que ela falasse a verdade.
— Devon suspirou.

— Você quer que ela fale?

— Claro que não, mas é impossível conter Shannon quando ela sente que precisa de mais holofote. Ela quer vender mais ingressos para o show. — Paramos em um sinal. Ele me olhou. — É um termômetro para a residência, se for sucesso, ela consegue mais patrocinadores. Enquanto seu nome estiver nas buscas, e, literalmente, na boca do povo, vai vender ingresso. — Deu de ombros, fingindo que não se importava, mas eu sabia

que sim. Ao contrário do pai, com quem ele nunca teve um vínculo emocional, Shannon mexia com os seus sentimentos.

Ele não seguiu com o assunto. Vanessa me mandou uma mensagem, com uma carinha triste pelo irmão. Ultimamente, ela estava conseguindo lidar com a mãe muito melhor que antes. Não desenvolveram nenhuma relação, apenas não se falavam e estava tudo bem para minha melhor amiga. Com Shannon na cidade, pensamos que a veríamos muito mais, felizmente, estava ocupada com os ensaios e tentando aparecer a todo custo nos tabloides locais.

— Uau! É uma festa neon! — Comemorei assim que entramos. — Está lindo! Olha as dançarinas! — Apontei, empolgada. — Meu Deus! Que homem gostoso! — gritei para o barman seminu fazendo um malabarismo com coqueteleiras.

Devon cobriu os meus olhos, rindo e me empurrou para as escadas. Vanessa estava boquiaberta. Seus olhos até brilhavam. Stuart já estava no camarote, milagrosamente sozinho, segurando uma garrafa de água. Os dois se cumprimentaram com um abraço e nada mais.

O clima entre eles deu uma boa esfriada porque Devon tinha razão. Stuart estava vivendo dentro de uma espiral de problemas para estar com o coração livre para se envolver com uma mulher tão doce e romântica como Vanessa. Ela merecia um amor de tirar o fôlego, não a paciência.

Mesmo que ela tenha se afastado, ficou nítido que Stuart não gostou nenhum pouco quando um homem muito bonito, aparentando ser um quarentão bem cuidado, puxou-a para dançar. Para minha completa surpresa, ela foi. Sem pedir que Devon interviesse ou me dar um olhar de ajuda. Vanessa riu e grudou no homem, seguindo o ritmo da música. Minha

expressão devia estar me traindo porque Devon seguiu a direção do meu olhar e as suas sobrancelhas quase sumiram no cabelo de tamanho susto.

— O que ela bebeu?

— Suco de liberdade. — Sorri e ergui minha taça de suco, olhando para o céu e agradecendo.

— Você pode vir comigo? — Devon cochichou no meu ouvido.

— Claro. Quer uma rapidinha no escritório? — brinquei. Ele não tinha um grande escritório ali, apenas uma sala de contabilidade que era dividida com o estoque, próximo à despensa, depois da cozinha. Um lugarzinho nem um pouco excitante. Mas se ele quisesse, meus hormônios grávidos topavam.

Segurando a minha mão bem firme, reparei que a dele estava suada, o que era incomum. Me levou em direção às escadas, passamos entre uma multidão de pessoas até a saída. Inicialmente, pensei que tivéssemos saído por outro lugar, porque a calçada e a rua estavam vazias. Cheguei a olhar para a porta para ter certeza, mas estávamos diante de uma das principais avenidas de Las Vegas, a mais famosa. Estava deserta como se fosse um apocalipse zumbi, no meio dela...

— Bertie! — Ofeguei. — O que meu carro está fazendo ali?

Devon sorriu, meio nervoso e me puxou. Olhando para os lados, vi que havia barricadas, pessoas filmando, policiais contendo os curiosos e de um lado, a minha família. Vanessa e Stuart juntaram-se à minha mãe e padraсто, todos arrumados e sorridentes em um canto. Confusa, continuei olhando ao redor até perceber que os prédios mais altos começaram a projetar um vídeo nos telões.

Eu não sabia quem era, porém, não demorei dois segundos para entender que era uma representação da nossa história.

Uma jovem garota de cabelos castanhos, como usava na adolescência, entrando em um armário com um homem no começo da vida adulta de cabelos pretos e olhos azuis. Eu comecei a chorar ao perceber que eles usavam exatamente as mesmas roupas que usamos naquela noite.

Após o beijo, o filme seguiu representando vários momentos da nossa vida, muitas brigas, viagens, o dia que encontramos Vanessa no chão do banheiro, as noites que dormi com ela no hospital e depois me mudando para o hospital psiquiátrico, porque me recusei a deixá-la sozinha lá. Não me deixaram entrar, mas eu tentei.

Não só mostrando o meu lado da história como a vida dele, crescendo, se tornando um homem responsável, e eu parei, sem saber o que pensar com a representação do começo da Winterfield. Ele apostou? Era algo que eu não sabia. Não havia falas, apenas uma música instrumental que diminuía nos momentos calmos e aumentava nos momentos de clímax. Ele conseguiu colocar dez anos em dez minutos. Elementos chave me trouxeram a compreensão de vários pequenos momentos que só provavam o quanto ele prestou atenção em mim quando pensei que não se importava.

Meus olhos estavam tão cheios de lágrimas que mal conseguia enxergar. Encostei no capô do Bertie, secando meu rosto. Quando o pequeno filme terminou, todas as luzes se apagaram. Todas. Dos prédios e das ruas ao redor, ficou um breu. Pouco a pouco as pessoas foram acendendo luminárias. Ao meu redor, ficou cheio de pontinhos brancos.

Devon se ajoelhou na minha frente, tirando uma caixinha do bolso.

— Katrina, sei que nós já cruzamos a ponte do sim para sempre, mas eu precisava mostrar que o nosso casamento é mais do que uma noite de bebida e inconsequência. Diante de tantas coisas que aconteceram nas nossas vidas, eu precisava mostrar para o mundo a mulher incrível que você

é. — Ele parou um pouco, respirando fundo. — Eu amo o seu sorriso. — Uma foto minha sorrindo apareceu em um telão atrás da Torre Eiffel do Hotel Paris. — Eu amo o som da sua risada. É esquisita e linda. Uma combinação que só você consegue, mesmo quando solta uns ronquinhos que me faz te chamar de porquinho.

— Ainda bem que você ama porco. — Soltei uma risada entre as lágrimas.

— Eu amo o quanto você é leal. Sua amizade e companheirismo me inspiram a ser alguém melhor todos os dias. — Outra foto apareceu no prédio atrás de mim, dessa vez eu estava esmagada entre Vanessa e Stuart. — Eu amo o quanto você é uma boa filha. — Uma foto com a minha mãe em um prédio diferente. — E agora, uma boa irmã e enteada. — Ao lado, surgiu uma que estou sentada no braço do sofá, Michael ao meu lado, com Kevin no colo dele. — Eu amo a sua determinação que, na maior parte do tempo, eu chamo de teimosia. Amo o seu bom coração e o seu humor esperto, espirituoso. — Milhares de fotos nossas começaram a ser reproduzidas por todo lugar. — Quero passar todos os dias da minha vida ao seu lado, junto com os nossos cachorros, tendo mais bebês e apostando sobre qualquer coisa. Eu não vou me importar em passar os meus dias perdendo nossos jogos apenas porque você não aceita ser a perdedora.

— Estava indo muito bem... — brinquei, secando meu rosto.

Seus olhos estavam tão cheios de lágrimas quanto os meus.

— Nós já casamos, mas você aceita passar o resto da sua vida ao meu lado e passar por uma festa de casamento para que nossos filhos assistam o quanto nós nos amamos?

Lasers rosa e azul começaram a se ligar entre os prédios, formando a frase “*Eu te amo*” bem grande para a cidade inteira ver. A multidão

começou a aplaudir.

— É claro que sim! — Pulei no lugar, balançando a cabeça e ele ficou de pé, tirando a aliança cheia de pedrinhas coloridas, do jeito que eu estava namorando na internet, combinando perfeitamente com a aliança de sua avó que eu já usava. — Você é maluco! Eu te amo! — Abracei-o apertado.

De repente, fogos de artifícios decoraram o céu, explodindo em mil cores. Junto com eles, o chafariz se ergueu, parte em rosa, com o fundo branco, refletindo em azul nas paredes dos prédios. Abraçada a ele, olhei para o alto, admirada, feliz e muito apaixonada. Foi o pedido de casamento mais lindo e mais surpreendente.

— Para você, eu digo sim todos os dias. — Acariciei sua nuca. — Estou tão feliz!

— Com você, sei que serei feliz.

Nossas bocas se uniram em um beijo que foi recebido com gritos e aplausos da multidão, que ainda nos observava com prazer. Ri de toda atenção, sem me importar e voltei a beijá-lo. Devon era tudo que me importava naquele momento e para todo sempre.

34 | *Katrina*

Ser pedida em casamento diante de tantas pessoas e com o requinte de emoção como foi, me deixou com vontade de arrastar Devon para casa e mostrar a ele o quanto seu esforço em ser romântico e propor da maneira mais incrível do mundo, me deixou excitada. Nós fomos cumprimentados por muitas pessoas e até quase nos perdemos na multidão que nos cercou após o pedido.

Mac ficou comigo o tempo todo, praticamente colado nas minhas costas e quando sinalizei que estava farta de falar com pessoas que não conhecia, me levou para os fundos da boate.

Devon apareceu um minuto depois, sorridente, segurando a minha mão e fomos para o carro. Ele deixou tudo estrategicamente preparado.

— E Vanessa?

— Melanie vai levá-la em casa e nós vamos para a primeira parte da nossa lua de mel.

— O quê? A lua de mel não é depois da festa do casamento? — Virei no banco e vi que havia malas ali. — Para onde nós vamos?

— Nós estamos fazendo tudo ao inverso. Depois da data marcada, podemos organizar uma nova viagem. No momento, achei que seria perfeito ficarmos uns dias longe de casa. Aconteceu tanta coisa esse ano que precisamos de uma pausa.

— *Pausa* ? — Ainda estava surtada.

— Sim. Algum lugar calmo, bem pacífico, como uma ilha.

— Uma *ilha* ? — Soltei, querendo ver o que mais tinha no carro.

— Amor, você está parecendo um papagaio de pirata. — Ele sorriu, dirigindo pelas ruas coloridas de Vegas. — Vanessa comprou novas roupas, podemos nos virar com pouco, porque você vai ficar nua a maior parte do tempo.

— *Nua* ? — repeti, brincando. — Qual o nosso destino?

— Eu, você e Bora Bora. — Piscou.

Soltei um gritinho e beijei a bochecha dele. Tão animada para viajar, não me importei em trocar de roupa no aeroporto. Vesti calça de moletom, tênis e uma camiseta larga sem sutiã para ficar confortável. Devon me esperou do lado de fora porque era um banheiro feminino e eu fiquei feliz que iríamos viajar totalmente sozinhos. Mesmo não tendo nada contra Mac, eu estava louca para ter um momento sozinha com meu marido.

Era a minha segunda viagem internacional. A primeira foi para Londres, para a viagem de formatura de Vanessa, nós passamos uma semana conhecendo alguns pontos turísticos lá. Eu entrei em um estágio de animação quase sem controle enquanto aguardávamos o primeiro voo do dia para o nosso destino.

— Quem mais sabia da nossa viagem?

— Todos. Quer dizer, todos, menos Kevin. Ele poderia soltar a informação gratuitamente. — Sorriu torto. — Ou porque é seu puxa-saco.

— Eu sou a irmã e você o cunhado que ele vai crescer enchendo o saco. — Sentei em seu colo e cruzei as minhas pernas. — Você tem a sorte de ser um homem ocupado porque eu não percebi nada.

— Não foi fácil, você é muito mais atenta do que dei créditos. Vanessa me avisou para ser bem sutil, porque você, alma de jornalista, percebe algo fora do lugar há muitos quilômetros de distância. — Apertou meu nariz e mordeu sua mão de leve.

— Teve alguns momentos que desconfiei que estavam de segredinho, mas eu pensei que não era porque nos tornamos um casal, que tinha o direito de me intrometer na relação de vocês. Agora, eu vou me intrometer. — Beijei sua bochecha. — Não acredito que vamos viajar!

— Sabe a última vez que tirei férias?

— Não que eu lembre.

Ele arqueou a sobrancelha, rindo. Ou seja, nunca. Devon fazia festas ainda no ensino médio para ter um dinheiro a mais. Lembrava que, mesmo naquela época, dava uma mesada para Vanessa. Hoje, entendia que o dinheiro que sustentava o apartamento que viviam era a pensão do pai dele. Shannon era famosa e rica, mas viciada em drogas, dominada por um empresário que abusava dela de todas as maneiras.

Nosso voo foi anunciado e saí de seu colo. Ele ficou de pé e pegou as malas pequenas.

— Antes de embarcar, quero propor um desafio. — Devon me impediu de ir até a fila dos passageiros. Cruzei os meus braços, me preparando para a bomba.

— Não. Sem desafios na lua de mel — resmunguei. Sim, eu era péssima perdedora e já não escondia mais. Devon ganhava quase todas. O pouco que ganhei, foram coisas bobas. — Não pude nem ver o Bertie. Você enrolou na oficina de propósito, não é? — Mudei de assunto. Não queria um novo desafio.

— Ele faz parte da sua história e achei que seria importante que estivesse lá. — Pegou nossas bolsas de mão. — Tem certeza de que não quer saber o que vou te desafiar?

— Tenho — garanti. Era mentira, estava curiosa, mas assim que as palavras saíssem de sua boca, meu lado competitivo não deixaria o desafio

quieto. — Não quero chorar na nossa lua de mel. Estou grávida, você não pode me dar um desconto?

— Má perdedora. — Foi tudo que disse antes de embarcamos.

Filho da mãe.

Cretino.

Miserável.

— Não adianta se arrepender, você disse sim duas vezes e vai dizer na terceira vez. — Me cutucou e dei uns pulinhos à frente. A comissária me olhou engraçado, mas sorriu, desejando boas vindas e uma boa viagem.

Bora Bora era muito melhor do que imaginei. O lugar foi desenhado à mão, de tão perfeito. Nós ficamos em um bangalô charmoso, que depois da viagem extremamente cansativa até lá, era como o paraíso. Acordar de frente para a imensidão azul tão tranquila, o ar leve de tão puro e o silêncio era muito bom. Nós passamos os primeiros dois dias dentro do bangalô, dormindo, namorando e comendo. Não percebemos o quanto a nossa vida agitada estava nos esgotando até ficarmos sem forças de sair da cama.

Depois que nos ambientamos e acostumamos com os horários, saímos para explorar a ilha. A única coisa realmente ruim era que, pelas manhãs, estava insuportável de enjoada. Ficar deitada na brisa fresca ajudava e beber sucos gelados acalmava a ânsia do meu estômago, que rejeitava quase todas as comidas. Sorte que o hotel mantinha um cardápio continental misturado com pratos tropicais que eram deliciosos.

— Quer renovar o protetor solar? — Devon acariciou a minha barriga.

— Não. Estou bem. — Abri os meus olhos e virei o rosto. Estava deitada em seu peito, em uma espécie de rede, nossos pés encostando na

água. — Eu poderia dormir nessa posição para sempre. — Coloquei a minha mão em cima da dele. — Mal vejo a hora da minha barriga crescer.

— Estava pensando nisso agora... louco para ver sua barriga grande.

— Sonhei com o filme que você produziu sobre a nossa vida.

— Ainda puta com a parte das mulheres?

— Não. Isso não me incomoda mais, hoje eu sei que era ciúme e muita dor de cotovelo. — Beijei seu braço. — Se eu não tivesse sido orgulhosa, seria diferente. Além do mais, assim como eu tive meus casos, você teve os seus. Foi importante para nossa história.

De repente, ele começou a gargalhar.

— Seus hormônios estão mandando tanto em você. Ontem você quase me sufocou com o travesseiro. — Sua voz estava ofegante. Idiota.

— Como se eu tivesse força para te sufocar, só queria mostrar o meu desagrado. — Deixei a minha entonação bem severa só para mostrar que apesar de seu passado de galinhagem não me provocar tanto ciúme, não era algo que gostava de lembrar.

Eu não podia acusar Devon de ser irresponsável, muito menos de partir corações. Eu o chamava de cretino porque me irritava, mas ele não era intencionalmente cruel ou mentiu para nenhum dos seus relacionamentos anteriores. Até porque, Everly foi a única que confundiu a coisa toda ou teve esperança de ser mais. Isso provava a palavra dele. Vanessa conhecia muitas das mulheres que ficaram com o irmão, até conheci algumas e mesmo reencontrando-as nas festas da vida, elas nunca agiram como se ele fosse um vilão.

— Você não vai ser um pai que vai prender a filha e incentivar o filho, certo?

— Claro que não... espero que a minha filha seja consciente sobre os seus relacionamentos.

— Hipoteticamente?

— Não. É uma menina. — Sorriu e beijou o topo da minha cabeça.
— Ela vai ser esperta como a mãe dela e vai saber exatamente como se preservar, sem repetir os erros do pai.

— É um menino — provoquei.

— Ele vai ter o coração da amada mãe e não vai repetir os erros do pai. — Seguiu falando a mesma coisa, o que me fez sorrir e me apaixonar ainda mais. Nós criaríamos um ser humano decente.

Nós voamos para casa dez dias depois das nossas incríveis férias, com a doçura de uma lua de mel. Ao chegarmos, Rosa tinha um delicioso jantar preparado. Apesar da delícia em estar fora, era mais incrível ainda voltar para o nosso aconchego. Vanessa queria saber tudo sobre Bora Bora, passamos a noite inteira falando e nos divertindo com os áudios surtados de Shannon reclamando que Devon preparou um grande show para me pedir em casamento e não a convidou.

Ela estava tão histérica que seus gritos chegavam a um nível que os cães provavelmente saíram correndo. Era terrível estar achando graça, mas ela só queria estar presente porque teria alguma atenção e não porque se importava com o momento. Shannon tinha seus problemas, passou por muita coisa, só não conseguia esconder a sua verdadeira face.

— Agora, vamos falar de trabalho. Como ficou a empresa e o site enquanto estive fora?

— Nós demos conta do trabalho na empresa, foi tudo bem, muita coisa rotineira e eu estava enjoada de alguns textos. Refiz todos eles, mudei as páginas de lugar e atualizei a galeria. Tive um pequeno estresse com a

assessora de imprensa, como não aconteceu nenhum evento extraordinário, ela se acalmou. — Se esticou e pegou o notebook. — Quanto ao site, os números de denúncias triplicaram. O filtro inteligente consegue enviar para spam o que parece ser falso, porém, é muita coisa.

— Conseguiu publicar algo?

— Muitas. Mantive atualizado.

— Alguma denúncia que precise de investigação?

— Por enquanto, estão pipocando com a Pro Valley. Muitas famílias se pronunciaram sobre o assédio da companhia, alguns até informaram que tiveram suas contas médicas pagas pela empresa. — Colocou o notebook no meu colo. — Temos que entregar tudo isso para advogada. Existem mais pessoas que podem entrar na ação coletiva e conseguir uma indenização.

— Não queria revelar a nossa identidade e ao mesmo tempo, não confio em qualquer pessoa para entregar essas informações. Precisamos bolar um plano para nos comunicarmos com ela sem nos expor. — Dei uma olhada por alto nas informações. — Vamos imprimir ou criar um arquivo xml. — Tamborilei os dedos ao lado do touchpad, pensativa. — E se a empresa que contratamos criar um arquivo protegido? Talvez até possam criar uma instrução, assim ela vai ter acesso e não vai saber quem somos.

— É uma boa ideia, eu tinha pensado em algo parecido, só não quis agir sem falar nada com você antes.

— Espero que ajude e não atrapalhe ainda mais a vida dessas pessoas. — Fechei a tampa do notebook. — A verdade liberta, mas ela também traz consequências. Minha intenção nunca foi lesar, e sim, realizar o sonho de ser uma jornalista conhecida. Acabou que tudo isso se tornou maior que o meu ego.

— Isso te faz uma pessoa melhor do que seria como uma jornalista ambiciosa. Às vezes, temos que perder para ganhar. Nem todo jogo traz sorte, alguns é puro azar. Você faz tudo por amor, então... o resultado sempre é positivo. — Me deu um empurrãozinho de leve e sorrimos.

...

As semanas seguintes foram tranquilas em relação ao trabalho. Precisei comparecer à primeira audiência do Nick e foi extremamente desconfortável vê-lo algemado. Sua mãe estava lá e se não fosse Mac, ela teria me agredido no corredor. Foi estressante dar meu depoimento com seu advogado tentando me fazer uma vagabunda por dormir com dois homens ao mesmo tempo.

Fui instruída por Matt a não retrucar as provocações e falar de maneira calma, concisa e coerente. Foi difícil. Minha vontade era pular aquele balcão e agredir o defensor público, alegando que foi crime de amor.

Me machucar, incendiar a minha casa e me perseguir, era amor? Impressionante o quanto homens defendiam homens. A lei foi criada para defender homens. Enquanto me sentia ridicularizada naquele banco, fiquei feliz quando a juíza deu sentença favorável, ignorando totalmente os apelos. Nicholas foi condenado a prisão, sem fiança e sem direitos a cumprir pena de serviço comunitário. Infelizmente, era garantido apenas dois anos de reclusão. Por bom comportamento, ele estaria livre para ressocialização.

— Só isso? — Michael estava furioso quando nos reunimos no corredor. Minha mãe estava quieta, chorosa. — Ele incendiou uma casa, colocando a vida de muitas pessoas em risco!

— Eu quero ir embora — falei, assim que Devon me abraçou. — Só me tira daqui.

— Nós vamos para casa — ele avisou a nossa família. — Nos encontramos mais tarde para o jantar. Esperamos todos lá e poderemos conversar sobre isso.

Passando os braços nos meus ombros, me levou para o carro. Mac fechou a porta e sinalizou que ia nos seguir. Vanessa ficou em casa cuidando de Kevin, ela queria estar comigo, porque sabia que seria muito difícil. No caminho, comecei a chorar.

— Calma... já passou. — Devon segurou a minha mão.

— É simplesmente desgastante responder tantas perguntas sem poder dar um soco em alguém. — Sequei o meu rosto. — Ele me encarando como se estivesse certo!

— Se ele estivesse certo, por que não mencionou o seu pai?

— Acha que meu pai vai se meter de novo?

— Não sei, mas ficou bem claro que Nick não abriu a boca sobre quem o entregou para a polícia.

Recostei no banco, fechando os meus olhos e mentalizei uma praia tranquila para me acalmar. Em casa, fiquei brincando com Marco e Polo no chão da sala, desenhando com Kevin e assistindo a um desenho infantil muito bobo.

— Treinando suas habilidades com giz de cera? — Devon sentou no sofá e me deu uma caneca. — Chá de camomila. Está morno e com mel, do jeito que gosta.

— Ai que fofo! — Vanessa se debruçou no sofá e agarrou as bochechas do irmão.

— Me solta, garota. — Ele riu, desviando das mãos dela. Ouvimos o interfone tocar. — Quem deve ser? Estão esperando alguém?

— Pode ser minha mãe vindo buscar o Kevin.

Rosa foi abrir o portão e então ouvimos...

— *Uhul!* Mamãe chegou! — Shannon entrou, toda pomposa. — *Aí está! Minha família!*

Kevin se encolheu com seu gritinho. Sem dar tempo, agarrou Vanessa em um abraço e pegou Devon, dando um beijo barulhento na bochecha. Seu alarde até fazia parecer que estava morrendo de saudades dos filhos. Tio Saul entrou mais devagar, ele segurava uma pasta e parecia cansado.

— Oi, Kat. — Acenou de longe, como se eu fosse contagiosa. — Quem é a coisinha? — Apontou para Kevin. — Oi, bonitinho. — Deu tapinhas na cabeça dele.

— Ele é meu irmão e não é um cachorro.

— Fofinho igual a um. Tia Shannon adora criancinhas! — Apertou a bochecha.

Kevin saiu de perto dela e subiu no meu colo, escondendo o rosto em meu pescoço. Pedi que Rosa o levasse para cozinha, dar um lanche e o distraísse enquanto a doida da minha sogra estivesse pela casa. Devon preparou um martini e entregou a ela, que com uma bebida, falava menos.

— Você está cada dia mais linda, princesa. — Tio Saul deu um beijinho na testa de Vanessa. — E você, preciosa? Como está? — Me abraçou. — Encontrei com seu pai.

— Ele ainda está na cidade?

— Pelo que falou, estava de partida. Não disse para onde e não perguntei.

— Entendi. Ele está trabalhando com as mesmas coisas que antes?

Tio Saul olhou para Devon, que só encolheu os ombros.

— Com algo um *pouco* pior. — Amenizou e eu não quis detalhes. Minha imaginação era o suficiente para preencher as lacunas. Desviei o olhar para Vanessa batendo nas mãos da mãe, que apertava as gorduras inexistentes de seu corpo, dizendo que ela deveria deixar os ossos do colo do seio aparecerem mais, porque os homens achavam atraente.

— Para com isso, mãe! Que saco! — Vanessa se irritou e mudou de lugar.

— Qual o motivo dessa visita inesperada, Shannon? — Devon ficou entre as duas.

— Acabei de sair do médico. Estou com câncer. — Anunciou como se estivesse indo à Miami. — Estágio três. Acho que não tenho muito tempo de vida! — Sorriu e deu um gole de seu drinque.

— É uma brincadeira? — Devon se inclinou.

— Não é. — Tio Saul entregou a eles os exames. — Estávamos desconfiados há alguns meses. Câncer no esôfago, resultado da vida extravagante.

— E o tratamento? — Vanessa questionou. Ela escondeu que suas mãos tremiam. Devon olhava fixamente para o papel e de repente, tomou o drinque da mão dela. — Você vai fazer um?

— Claro que sim, querida. Eu não quero morrer! — Shannon sorriu. — Como é um momento delicado, Fernand e eu decidimos nos mudar para Vegas. Não vou parar de trabalhar, ainda tenho energia e saúde.

Tagarelando sem parar, todos nós paramos e a olhamos. Shannon era uma incógnita. Cada vez que pensávamos que ela iria para um lado, mudava de direção sem aviso. Era um espírito levado pelo vento, que sabia ser interesseira e ambiciosa. Sua carreira era mais importante que qualquer

coisa, mas naquele momento, estava escondendo o medo com a sua clássica expressão caricata.

Vanessa ficou pálida, os olhos começando a brilhar e Devon ergueu o rosto, me encarando. Havia medo e preocupação.

— Não quero esse clima de velório, ainda estou aqui e bem viva. — Shannon pegou a taça de martíni de novo. — Não vão se livrar de mim tão cedo! Digam alguma coisa! — Agitou as mãos, ansiosa.

Limpei a garganta, atraindo atenção.

— Eu espero que esse momento seja a oportunidade de você ficar ao lado dos seus filhos. — Todos eles me encararam. — Com esse seu jeito irresponsável, causou danos em muitas pessoas, mas eu acredito no melhor e acho que casos delicados, pedem medidas delicadas. Espero que o tratamento seja um sucesso. Como sua nora, pode contar comigo do jeito que você sabe que eu sou. — Abri um sorriso.

— Não esperava menos de você, Katrina. — Ergueu sua taça de martini.

Não tinha certeza se era possível reparar o relacionamento com os filhos. Ela nunca fez questão de estar com nenhum deles e contribuiu para milhares de problemas emocionais. Principalmente na vida de Vanessa. Mas era uma doença e eu estava esperando um bebê, se não era o momento para reparação, não existiria nenhum outro.

— Além do mais, será avó em alguns meses. — Joguei a notícia com um sorrisinho.

Shannon parou de beber e fez uma expressão surpresa.

— Você está grávida, Vanessa?

— Claro que não, mãe! Katrina está grávida! — Devon revirou os olhos. — Minha mulher e eu teremos um bebê. É melhor repensar o seu

comportamento, ou não vou deixar você e a sua loucura perto do meu filho.

— Awn, Dev! — Ela colocou a mão no coração. — Katrina deu o golpe da barriga!

— Mãe! — Vanessa gritou ao mesmo tempo que Devon a chamou pelo nome.

Recostei no sofá, rindo. Shannon nunca iria mudar.

— *Sogrinha?* — Debochei. — Vai se ferrar!

OceanofPDF.com

35 | *Devon*

Alguns meses depois...

Katrina estava sentada na beira da piscina, passando protetor solar na barriga e se inclinou para o sol, contemplando o momento a sós. Toda manhã nos últimos meses, antes de ir trabalhar e agora que estava de licença para esperar a chegada da nossa menina, ela fazia a mesma coisa.

Ficar de pé na janela do nosso quarto, observando-a era o meu novo momento favorito. Quando ninguém estava observando, ela conversava com a barriga, sorria conforme sentia mexer e suspirava de um jeito tão feliz que era impossível não me sentir ainda mais apaixonado.

Meu telefone vibrou, o trabalho me chamava, mesmo quando queria ficar em casa. Estava quase tirando uma licença longa para acompanhar o final da gestação e o nascimento do bebê. Katrina achava melhor que tirasse apenas após o nascimento, considerando que a Winterfield expandiu nos últimos meses e estávamos levando nossos eventos mensalmente para outras cidades. Toda essa parte era um pouco complicada de gerenciar à distância, por isso promovi Alicia para ser a diretora de operações e contratei uma nova assistente.

Alicia e o marido assumiram toda logística dos eventos e eu segui comandando os negócios locais, tais como os cassinos, boates e bares. Todos os hotéis estavam com uma empresa especializada em hotelaria, diminuindo um pouco a minha carga.

— Ei, bonito. — Vanessa entrou no meu quarto. — Vai se atrasar para o trabalho.

— Estava ocupado — menti.

— Babando sua esposa? É uma ótima ocupação. — Ela sorriu e me deu um abraço. Estava recém-banhada, mas, ainda era possível sentir o cheiro do hospital.

— Como ela passou a noite?

— Sinceramente? Eu quis dar um monte de remédio para dormir. — Suspirou, ainda agarrada em mim. — É tão complicado porque ela é muito cansativa. Nunca pensei que o câncer seria tão agressivo...

— Os médicos falaram alguma coisa?

— Deram a entender que talvez, ela não volte para os palcos como pensa que vai. — Afastou-se. — Eu vou pegar um pouco de sol, paparicar o meu sobrinho e descansar para voltar mais tarde.

— Se cuida e qualquer coisa, me liga. — Beijeí sua testa.

Propus a Vanessa que contratássemos uma enfermeira para cuidar de Shannon quando chegou o momento crítico de seu tratamento. Ficou complicado gerenciar a doença e os seus rompantes de quem não aceitava que estava doente, lutando contra as deficiências do corpo, as medicações e o tratamento imposto pelo médico. Durante o dia, uma enfermeira particular ficava no hospital e de vez em quando, dormia à noite, principalmente quando obrigava minha irmã a descansar.

Era impressionante o quanto Vanessa e Katrina, enquanto ainda podiam, se doaram em acompanhar Shannon no tratamento. Eu tentei, dei o meu melhor, mas assumi a minha limitação de paciência. Estava dando meu apoio, pagando o melhor hospital e me reunindo toda semana com o Dr. Everest para decidir os melhores passos. Mesmo com nossas atenções voltadas a esse momento tão delicado, também estávamos aproveitando cada segundo da gestação de Katrina.

Ela, grávida, era um pesadelo de pés inchados. Sua boca esperta estava escorrendo ácido. Ela ficou ativa e trabalhando normalmente até o fim do segundo trimestre. O médico precisou dar uma ordem para desacelerar na segunda semana do terceiro trimestre. Sua pressão arterial estava constantemente elevada e os pés muito inchados. Exercícios leves e hidroginástica foram recomendados e, após alguns dias de descanso, ficou infinitamente melhor.

As últimas semanas foram tranquilas, nós terminamos o mobiliário do quarto, toda decoração e estava tudo pronto para chegada da minha menina. Ela ainda cismava que era menino e eu sabia que era menina. Nós discutimos sobre os nomes e por fim, anotamos todas as ideias, colocamos em um painel e jogamos dardos. Restou duas opções para menino e duas opções para menina. Uma delas, era uma coisa louca e excêntrica que só a minha mulher com nome de furacão poderia escolher.

— Ei, linda. — Me aproximei da piscina. Os cachorros estavam deitados com ela. — Estou saindo. Como você está? — Me agachei ao seu lado.

— Estamos bem. Vá e não demore a voltar. — Me deu um beijo. — Seu filho e eu ficaremos bem.

— Cuida da minha filha. — Beijei-a de volta.

— Vamos fazer o papai perder. — Deu um tapinha na barriga e ri. Ela sabia que eu ia ganhar.

Em uma noite sonolenta, admitiu estar insistindo que era um menino só para me contrariar. Na verdade, não importava o sexo. Era coisa nossa competir. Eu sabia que era menina porque sabia. Não tinha explicação lógica, quando vi o resultado positivo, soube que me tornei um pai de menina.

Meu primeiro compromisso no dia era a obra da academia do Stuart. Me tornei o principal patrocinador, porque ao quebrar o contrato com a sua empresária, ele não tinha como investir na academia e ao mesmo tempo, manter o estilo de vida estipulado pelo juiz, ao filho. Ao longo da carreira, fez investimentos, mas não o suficiente para arriscar. Ele era meu amigo e iria investir nele de olhos fechados, mas eu também sabia que uma academia com o nome dele seria um sucesso.

— Fala, maluco! — Stuart gritou do segundo andar. — Olha como isso está incrível!

— Esse teto de vidro é simplesmente foda!

— O ringue principal vai ficar bem aí! — Apontou para o espaço onde eu estava. — Ao lado, serão os sacos de luta e no salão dos fundos, aparelhos. Aqui em cima quero organizar os tatames e as salas privadas com paredes de vidro. — Gesticulou. Apesar da distância, sua voz ecoava no espaço vazio. — É isso, homem. Está acontecendo! Quero ver aquele juiz filho da puta dizer que não tenho estabilidade para ficar com meu filho!

— Se ele falar, eu vou comprar toda justiça de Nova Iorque!

O engenheiro responsável pela reforma chegou um pouco atrasado para nossa reunião, mas não o suficiente para embolar toda minha agenda. Atualizar o projeto naquela fase era importante, porque depois, para mudar qualquer coisa, causaria prejuízos desnecessários. Quando a arquiteta chegou, levamos mais uma hora passando a planta em 3D a limpo. Stuart estava tão animado que ele mal conseguia se conter. Tanto que precisava acalmá-lo, ou aprovaria absolutamente tudo sem analisar com calma.

Além de realizar o sonho de finalmente ser dono do seu próprio nariz, ele estava esperançoso em poder ter mais tempo com o filho.

— Noite de jogos? — Stuart olhou em seu telefone. — Katrina acabou de me intimar.

— A mulher está quase parindo e ainda assim, não consegue sossegar. — Olhei as minhas mensagens. Ainda fez um convite formal. — Deve estar entediada de ficar com os pés para o alto porque até seu horário no segundo trabalho está reduzido e monitorado.

— Sabia que era selvagem, mas não sabia que estava amarrando a mulher à cama — me provocou antes de ir em direção ao seu carro parado do outro lado da rua.

Meu dia estava tão cheio que mal tive tempo de parar. Meu último compromisso era no Instituto de Oncologia. Estacionei o mais próximo possível da entrada e passei pelos corredores, já tendo memorizado o caminho até a suíte que Shannon estava internada há algumas semanas. Seu quarto estava cheio de flores falsas, porque o hospital não permitia verdadeiras. Tio Saul estava recostado na poltrona, lendo a crítica do último filme que ela gravou antes de ter o diagnóstico do câncer.

— Minha neta nasceu?

— Ainda não, Shannon. — Sentei na pontinha da cama e segurei sua mão. — O médico disse que pode ser a qualquer momento, mas Katrina está sentindo-se bem e o bebê confortável na barriga.

— Espero que você ganhe a aposta, aquela garota é arrogante o suficiente — retrucou e ri. Sua tão idolatrada aparência não era a mesma. Estava magra, muito magra, a pele ressecada e usava um lenço colorido na cabeça. Mesmo doente, fazia questão de usar batom e rímel. Ela obrigava Vanessa a maquiá-la, antes de ir embora, todas as manhãs. — Você vai me mostrar uma foto dela quando nascer?

— Eu vou, prometo. Tenho que ir para casa, ok?

— Ok. — Ela sorriu.

Acenei para meu tio e fui embora. Shannon estava lidando com o câncer à sua maneira. Eu não podia dizer o que deveria fazer e muito menos como deveria reagir. Apenas estava lidando da minha melhor maneira como filho e respeitando o seu momento como ser humano. *Mãe* ela não passou a ser apenas porque estava doente. Nossa relação não tinha mais conserto.

A minha esperança era não repetir os mesmos erros com os meus filhos. Com o passado, não havia mais nada a fazer.

Chegar em casa se tornou o melhor momento do meu dia. Estacionei o carro na garagem e os cachorros estavam quase derrubando a porta da cozinha para sair. Katrina abriu e eles saíram correndo, pulando em cima de mim e fazendo a usual festa para me cumprimentar. Enormes, não tinham noção da força, mas desde que sentiram que a mamãe estava esperando um bebê, eles ficaram completamente suaves com ela.

— Oi, belezura. — Me inclinei e beijei os lábios da minha baixinha barriguda. Katrina sorriu, seu nariz inchado era marca registrada, assim como os lábios mais vermelhos. Seu ganho de peso deixou o rosto de boneca redondo, com expressão de mãe apaixonada. — Oi, amor do papai. — Me agachei à sua frente, beijando sua barriga e com a minha pressão, além da entonação da voz, a barriga ondulou. — Você ficou bem?

— Dormimos a tarde toda e acordamos com a tia Vanessa preparando um lanchinho.

— Já disse que está linda hoje? — Abracei-a, esfregando suas costas. A barriga impedia um contato mais próximo naquela posição. — Muita tensão?

— Está pesando. — Suspirou e fez um beicinho. — Ele podia nascer logo, já estamos pertinho da data limite. Antes, estava preocupada,

agora, ele parece confortável demais aqui dentro.

— Vamos entrar e colocar esses pés para o alto. Quem inventou essa história de jogo?

— Estou entediada. Quero discutir com alguém. — Encolheu os ombros, fazendo um rápido beicinho. — Estão acabando os meus motivos para pegar no seu pé e essa criança me impede de ter sexo.

— Sempre disposto a tentar — provoquei.

Katrina fez uma careta e deu as costas, alegando que precisava sentar.

Stuart chegou com cerveja e seu tabuleiro de jogos. Ele e Vanessa arrumaram tudo sob as ordens precisas da senhora minha esposa, que acomodada no sofá, só apontava de longe. Tomei banho, vesti uma roupa confortável e me preparei para a posição que ela precisava que ficasse, assim podíamos ficar juntos e ela confortável em seu lugar. Minhas mãos automaticamente correram para sua barriga.

Seja lá o que começou entre minha irmã e meu melhor amigo, parecia que havia terminado. Me arrependia por ter explodido de tal maneira com Vanessa sobre Stuart. Estava preocupado com a minha irmã. Depois de tantos sustos, me sentia no direito de preservar a sua saúde mental e o seu coração. Stuart não era má pessoa, só estava envolvido em uma teia de aranha com pessoas ruins que eu não queria perto da Vanessa de jeito nenhum.

A relação deles parecia ter esfriado romanticamente e acendido a chama de uma amizade bonita. Talvez, quando ele finalmente resolvesse a guarda do filho e se livrasse da mãe tóxica, eles conseguiriam construir um relacionamento saudável. Depois de Katrina, do tempo que levamos para conseguir ficar juntos, não descartava nenhuma possibilidade.

As cartas foram embaralhadas e logo começamos a jogar. Katrina estava sendo desafiante, irritante e enchendo o saco, como em todo jogo. Ela ficou provocando Vanessa impiedosamente, tirando a concentração e, de repente, caiu no sono. Encostada em mim, sua respiração ficou pesada, o braço caiu e revelou todas as suas cartas para Vanessa. Minha irmã, que não valia nada, pegou as cartas dela e misturou entre as suas sem nos mostrar qual era o jogo.

A partida estava tranquila e quase terminando quando ela acordou de novo, colocando a mão na barriga e soltou um resmungo.

— Um chute certo? — Coloquei minha mão em cima da dela.

— Não... uma contração — choramingou. — E ela dói.

— Vamos encerrar o jogo e observar se são de treinamento ou para valer. — Entreguei minhas cartas, preocupado se era o começo de seu trabalho de parto.

Sua bolsa e o plano estavam prontos. Os médicos de sobreaviso. Quando anunciamos a gravidez em nossas redes sociais, foi uma comoção. Conseguimos esconder até o começo do quinto mês, com a barriga esticada à frente e poucas roupas capazes de cobrir, falamos antes que alguém tirasse a nossa glória. Devido à presença de Shannon na cidade, a imprensa estava em cima de nós e mais fotos de Katrina grávida circularam pela internet do que estava confortável.

Quando deixou de ser novidade, explodiu na mídia o tratamento do câncer e algum funcionário do primeiro hospital onde Shannon estava internada, vazou uma foto dela fazendo quimioterapia. O inferno voltou por algumas semanas até que outra pessoa famosa fez algo completamente escandaloso na cidade. Embora a mídia favorecesse meu trabalho, em sua maior parte, era um completo inferno.

Katrina passou a noite acordada, sentindo contrações, mas ainda estava cedo demais para sair. Pela manhã, o tempo entre elas diminuiu consideravelmente e a médica avisou que podíamos sair de casa para internação. Sua bolsa ainda não tinha rompido, ela quis tomar um banho e se arrumar. Teimosa, chegou a inclinar na pia do banheiro enquanto escovava o cabelo, alegando querer estar em sua melhor aparência para segurar o nosso bebê pela primeira vez.

— Ele vai te ver descabelada e chorando nas próximas semanas — brinquei. Tudo que lemos sobre os primeiros dias do bebê em casa parecia assustador.

— Justamente. — Ela riu. — A primeira impressão é a que fica.

— Devo ser algum masoquista porque a primeira vez que te vi, estava usando um pijama tenebroso, seu cabelo estava por todo lado e tinha baba seca na sua boca. — Soltei uma risada e massageei a base de suas costas, erguendo o vestido para ter um melhor acesso.

— Cale a sua boca! Ninguém mandou você entrar no quarto da sua irmã sem convite. — Soltou um grunhido que não sabia se ela estava rindo ou chorando. — Devon, isso dói muito. O próximo bebê você vai parir.

— Tudo bem, amor. Eu vou me transformar em um cavalo-marinho para os nossos próximos filhos — prometi.

Rindo, agarrou meus dedos e começou a chorar. Aquele era o momento de sairmos. Vanessa estava com tudo pronto, bolsas, documentos e Rosa manteve os cachorros presos porque só de ouvirem Katrina gemer de dor, ambos estavam agitados e ariscos. O treinador avisou que eles poderiam avançar em mim ou em quem entendessem que poderia estar causando o sofrimento na pessoa que eles tinham como norte.

Chegamos ao hospital meia hora depois. Melanie estava nos aguardando na recepção com a enfermeira que trabalharia conosco. No quarto, eu estava em estágio de agonia completa ao ver minha mulher sentir dor, chorar, rir e repetir todos os processos até a anestesia. Nós debatemos tanto sobre optar ou não, que na hora crucial, apenas dissemos que sim.

— Pode pegar um pouco mais de gelo? — Katrina pediu para Vanessa, que saiu rapidamente do quarto com o pequeno balde. — Eu sei que usei todos os discursos do mundo contra anestesia, mas ela é incrível e eu retiro tudo o que disse.

— Você está perdoada. — Beijeí sua testa.

Levamos horas da primeira contração até finalmente começar a parte principal do parto: empurrar. Além da equipe médica, apenas sua mãe estava no quarto conosco. Katrina quis parir na posição tradicional e eu fiquei atrás dela, deixando que usasse minhas mãos para apertar e o meu corpo como apoio. A cada segundo, meu amor por ela triplicava. Tão forte, determinada, em nenhum momento brigou com o mundo, apenas dizia “estou aguentando, bebê” ou “mamãe te ama muito”. Para quem tinha medo de ser mãe, ela era incrível e apaixonada antes mesmo de segurar o nosso pacote encomendado com amor.

— Só mais um pouco... — Dra. Sylver instruiu. — Muito bem, muito bem! — comemorou e o quarto foi preenchido com um choro suave, tão perfeito que era como música aos meus ouvidos apaixonados. — É uma menina!

Meus olhos mal conseguiam enxergar de tantas lágrimas. Minha princesa foi colocada no peito da mãe, gosmenta, se movia e chorava. Era toda carequinha, vermelha, ainda inchada e a criatura mais perfeita do mundo inteiro.

— Olá, amor. — Katrina soluçou. — Olha para ela, Devon. Nós fizemos esse bebê.

— Ela é tão linda. — Nós nos abraçamos, chorando e olhando para o amor das nossas vidas.

— Diga olá ao papai que sabia sobre você o tempo todo, meu pequeno cometa — Katrina sussurrou com devoção. Eu odiei o nome todas as vezes que ouvi, mas naquele momento, ao olhar para o rostinho da minha princesa, eu senti que era perfeito. Um espetáculo da natureza.

— Olá, Halley! — Segurei sua mãozinha. — Papai te ama muito.

OceanofPDF.com

36 | *Katrina*

Halley era a criança mais linda do mundo inteiro. Nasceu grande, saudável, dentro do tempo esperado e apesar do pai se vangloriar que sabia o sexo desde o começo, ganhando a nossa aposta, eu estava feliz que ela ganhou o nome que escolhi. Não era tão peculiar quantos os outros que Devon vetou, mas eu ainda planejava ter outro bebê e iria vencer a briga.

Minha filha era perfeita, mesmo que não dormisse à noite e deixasse o bico dos meus seios em carne viva. Ela gostava de chorar cada maldita vez que não estava no colo e era uma garotinha do papai, porque amava fazer o peito do Devon de berço particular.

Meu marido ficava horas sem se mover, apenas para nossa menininha ter seu sono em paz — e eu também, porque sem ela chorar e segura nos braços dele, conseguia dormir. Tentava relaxar quando minha mãe ou Vanessa ficavam com ela para que pudesse comer ou tomar banho, mas não conseguia. Fazia tudo correndo para voltar a segurá-la.

Devon passou a minha gravidez inteira me convencendo de que deveríamos fazê-la dormir no quarto dela. Quando nasceu, ele montou o berço no nosso quarto e por fim, compramos um que acoplava à cama para que pudesse dormir conosco. Com um mês e duas semanas de vida, ela mudou tudo.

Minha vida se transformou de uma maneira surpreendente e para muito melhor. Estava vivendo exclusivamente para ela, esse privilégio eu podia agradecer ao homem incrível, à quem estava prestes a dizer sim novamente. Dessa vez, com uma cerimônia religiosa.

Organizar um casamento não foi tão estressante quanto imaginei que seria. A melhor parte era que não teríamos tantos convidados. Reduzimos a nossos familiares e amigos, um total de cinquenta pessoas. Nossas famílias não eram grandes e os nossos amigos mais próximos, bem poucos. O local foi fácil: o hotel do cassino. Era um lugar que representava muita coisa para nós dois.

Apenas depois que Halley nasceu que eu soube como Devon se tornou dono do lugar. Um semestre antes de irmos para a faculdade, ele já tinha a Winterfield, mas ela estava no começo e não rendia muito. Shannon o procurou para informar que perdeu todo o dinheiro da faculdade de Vanessa em um investimento ruim. Apesar de suas tentativas em negociar uma bolsa de estudos, talvez ela não conseguisse ir para a universidade que planejamos inicialmente.

Sem querer desapontar a irmã e preocupado em como a manteria em qualquer lugar, precisando mais cedo ou mais tarde quitar as dívidas que Shannon se isentou, ele decidiu cometer a loucura de apostar tudo que tinha na noite que apelidei como máquina de lavar. Devon quebrou a banca. Ele manipulou o jogo a noite inteira, ciente de como funcionava os cassinos em Vegas. Mesmo sendo o campeão, por ser sobrinho do famoso malandro Saul Winterfield, foi levado para o beco dos fundos e tomou uma surra dos seguranças. Segundo ele, lutou bravamente, segundo Stuart, não muito.

Foi a noite em que eles se conheceram. Stuart viu a briga e simplesmente entrou no meio. Acostumado a lutar pela vida, conseguiu ajudar Devon a escapar. No dia seguinte, ele acordou dolorido, se arrumou e foi exigir o seu prêmio. Naquela noite, ele arrematou o cassino, seis meses depois, comprou o prédio inteiro e assim, fazendo negócios de risco, enriqueceu rápido. Me senti inocente ao pensar que foi tudo com dinheiro

de festa. Halley tinha um pai astuto que nunca mostrava todas as suas cartas.

— Ela dormiu? — Pensando nele, entrou no quarto dela silenciosamente.

— Quase. Está resmungando sozinha ou delirando de tanto leite. — Balancei o bercinho devagar.

Nós ficamos debruçados, admirando a nossa obra mais bonita e saímos do quarto quando adormeceu. Seu cochilo duraria uns quarenta minutos, tempo o suficiente para tomar banho e comer alguma coisa. No corredor, olhamos um para o outro e nos abraçamos. Ficamos agarrados, sem falar nada, só contemplando o nosso momento a sós por dez minutos. Halley era pequena, mas ocupava um espaço enorme na agenda.

— Como está Shannon?

— Bem instalada. Tio Saul disse que ela está enlouquecendo as funcionárias, mas isso não é novidade. O marido dela deve chegar a qualquer momento de uma viagem de *negócios* — explicou. Nós dois sabíamos que era uma viagem com a amante — Como foi a sua consulta médica?

— Tudo perfeito aqui e já podemos voltar aos embalos de papai e mamãe. — Balancei as minhas sobrancelhas. — Se não dormirmos um em cima do outro.

— Para isso, estou bem acordado. — Me deu um olhar brincalhão.

— Bobo. Estou cheirando a leite golfado, topa?

— Vamos para o chuveiro! — Me puxou pela mão até o quarto. Aos tropeços, fui rindo e tentando não fazer muito barulho.

Pela primeira vez em semanas, nós tomamos banho como dois adultos que desejavam um ao outro intensamente, não como pais correndo

para ficar com o bebê chorando. Não transamos, só brincamos, foi bom o suficiente para me sentir fora da pele de mamãe, e um pouco mais como a Katrina. A maternidade era intensa e eu não queria ser afogada no turbilhão de mudanças. Estava com medo de perder a minha essência e sabia que deixar de ser eu mesma prejudicaria a minha relação comigo mesma.

Descemos para comer enquanto ela ainda dormia. Rosa estava na cozinha bebendo café e lendo a bíblia, dando petiscos aos cachorros. Sentei ao seu lado enquanto Devon preparava sanduíches para nós três. Ouvimos o barulho do carro de Vanessa, os cachorros saíram correndo e ela entrou, cheia de sacolas de papel com mantimentos.

— Comprei coisinhas para um jantarzinho especial — anunciou, sorridente.

— Alguma coisa para comemorar? — Fiz uma varredura na minha mente se era aniversário de alguém ou uma data importante. Nada veio à tona. — Estou esquecendo algo?

— Dessa vez, não. Mas é importante. — Tirou um envelope da bolsa. — Recebemos hoje. Foi para a caixa postal do site.

— O que é? — Dei uma olhada e parecia uma carta.

— Abre logo!

Desconfiada, bati o envelope na mesa e caiu uma folha dobrada.

“Caro Sr. ou Sra. Responsável pelo Independent Vegas News.

Meu nome é Maria Fernandez, me mudei para esse país com a minha filha nos braços há trinta anos e fixei residência no Valley. Criei a minha menina mais velha com sacrifício e amor. Nunca fomos ricos, mas sempre honestos e trabalhadores. Há dois anos, minha filha, já mãe de duas crianças e viúva, recebeu o diagnóstico de câncer de pele. Foi uma

grande e triste surpresa descobrir que as irritações e manchas no corpo, não eram alergias causadas pelos produtos do jardim que trabalhava.

Por um ano, a empresa que ela trabalhava ofereceu todo o tratamento. Nós acreditamos ser uma benção divina e não questionamos. Todos os médicos informaram que minha filha não se cuidou o suficiente ao estar exposta ao sol diariamente, mesmo usando protetor solar. Por um ano, eu a vi perder o brilho no olhar e a vontade de viver conforme o câncer se espalhava agressivamente.

Mesmo com todo investimento da empresa, ela veio a falecer. Na minha idade, sem condições adequadas de trabalho, ter dois netos para cuidar foi um choque. Sem ela, nossa condição financeira caiu e mesmo com a dor do luto, agradeci por não termos dívidas médicas.

Pensei que a minha filha havia sido uma infeliz vítima do destino até que a sua matéria trouxe a verdade. Funcionária dos jardins da Pro Valley, ela esteve exposta à água contaminada em uma base diária. O câncer não foi uma obra do destino. Eles sabiam. Os cuidados médicos não foram por empatia e sim, por culpa. Uma manobra para ocultar a verdade que eles, após a morte dela e de muitas outras pessoas, desesperadamente tentaram. Sua matéria trouxe justiça à vida da minha filha.

A advogada disse que quando essa carta chegasse em mãos, a notícia já poderia ser compartilhada. Nós vencemos o processo que se arrastou por todos esses meses. O dinheiro não vai trazer a minha doce menina de volta como eu tanto gostaria, mas dará aos filhos dela a chance de uma vida infinitamente melhor que ela um dia sonhou para eles. Sem a sua coragem de expor a corrupção de uma empresa que deveria preservar a saúde dos contribuintes acima de tudo, nós não teríamos conseguido.

Esse é o agradecimento de uma mãe. Portanto, muito obrigada”.

O choro chegou como uma avalanche. Apenas soltei a carta e me abracei. Como mãe, entendia cada mísera palavra escrita ali. Acolhi aquele sentimento de luto e gratidão com tanta força que o meu coração expandiu no peito. Devon me abraçou apertado, consolando o que ele sabia que era um choro de dor e alívio. Todos os dias, me perguntava se fiz a coisa certa.

Todos os dias eu tinha medo de uma vingança, de ter colocado a vida da minha filha em risco e depois que a companhia conseguiu o direito de correr o processo em segredo de justiça, perdi as minhas esperanças de um resultado favorável. Eu não podia sair perguntando por aí, mesmo que muitos jornalistas dessem a entender quem eram as pessoas por trás do meu site. Saber que as famílias venceram e receberiam a indenização devida era um alívio tão grande que sequer poderia descrever.

— Se eu tivesse apostado, seria mais uma coisa que ganharia — Devon brincou para me fazer rir.

— É impressionante como o rei do jogo nunca perde, não é?

— Baby... eu sou a banca. — Piscou. Ele segurou o meu rosto e limpou as lágrimas. — Halley tem sorte de ter uma mãe foda. Ela vai crescer com tanto orgulho...

Eu ainda não sabia como seria a minha carreira dali em diante. De todas as coisas que sempre tive pressa na minha vida, aprendi que ter calma fazia parte do processo de amadurecimento. Não queria mais me atropelar e segurar o mundo com as mãos. Pretendia voltar a trabalhar na empresa, cuidar do site, mas enquanto minha filha fosse pequena, minha principal atividade investigativa era: ser mamãe.

...

Nos primeiros dois meses de Halley eu não sabia o meu nome. Houve noites que eu não conseguia dormir. Mesmo quando ela dormia,

ficava parada, olhando para o seu berço, pensando na velocidade em que a minha vida mudou e o quanto eu estava, inconscientemente, lutando para aceitar. Era como se o meu estúpido cérebro orgulhoso sabotasse o momento incrível — dolorido e confuso — da maternidade, como se fosse algo completamente ruim. Quando olhava para minha filha só de fralda dormindo no peito do seu apaixonado pai, meu coração dizia: como isso poderia ser ruim?

— Estou me sentindo observado. — Devon, em sua calmaria, de olhos fechados, me deu um sorriso. Sua mão estava no bumbum da nossa pequena bolotinha. — Ela está dormindo, por que você não está?

— Se você tivesse noção do quanto te ver com ela faz o meu útero ainda traumatizado com o parto revirar, não me faria essa pergunta.

— Sempre soube que a paternidade me deixaria sexy. — Deu o seu irresistível sorriso torto.

— Cretino. — Me inclinei e beijei sua bochecha. — Everly conheceu Halley hoje. Eu estava saindo do consultório médico e ela estava aguardando sua vez para um exame. Por alguns segundos, ficou em choque com a beleza da minha filha, ela nunca vai admitir, mas eu sei. Me parabenizou de verdade e então, colocou a máscara de cadela no lugar, nós nos provocamos e cada uma seguiu para um lado.

— Vocês não estão mais no ensino médio. — Sorriu, ainda de olhos fechados.

— Eu sei e não me importo. Não incentivo a rivalidade feminina e sei que no momento que ela precisar, se eu puder, irei ajudar. É coisa nossa... somos como água e óleo. — Deitei ao seu lado, dando um beijinho em seu ombro.

— Durma.

Tirei um cochilo e acordei com o suave resmungar da minha menina conversando com o pai. Ela não estava muito bem humorada, provavelmente começando a sentir fome e ele estava me deixando dormir até o último segundo. Ajeitei a minha posição na cama, soltando meu sutiã de amamentação, logo sua boquinha nervosa estava sugando meu seio com vontade.

Passei meu dedo por sua bochecha, indo para as perninhas cheias de dobras. Ergui o olhar e me deparei com os mais belos olhos azuis me admirando com amor. Devon estava vivendo a paternidade tão intensamente quanto eu. Ele me dava suporte em coisas que apenas eu poderia fazer e compartilhava todos os cuidados da nossa princesa, que tinha uma família inteira à sua disposição.

— Eu vou preparar o jantar — avisou antes de me dar um suave beijo nos lábios e sair do quarto.

Vanessa me fez companhia por um tempo, ficou paparicando a sobrinha enquanto eu tomava banho, com direito a lavar o cabelo e me depilar. Jantamos em família, com Halley acordada no carrinho e ainda matamos um tempo conversando na sala. Quando a fiz dormir e coloquei em seu berço, entreguei para sua tia o monitor do bebê. Meu corpo me avisava sempre que chorava, era impressionante o meu radar de necessidades da minha filha, mas naquele momento, a mamãe estava com outra necessidade.

— Está muito tarde para estar trabalhando. — Parei na porta do escritório, começando uma briga propositalmente. Devon, concentrado no computador, sequer olhou para o lado.

— Sim, é claro. Eu gerencio igrejas — ele rebateu secamente, movendo o mouse.

— Acho que deveria... porque estou disposta a te fazer implorar por misericórdia hoje.

Aquilo foi o suficiente para atrair a atenção dele. Meu cabelo estava bem escovado e jogado de lado, o decote da minha blusa pressionava meus seios turbinados de leite de maneira atraente e a minha calcinha era só um shortinho de renda.

— Para me fazer implorar, já te dei a receita... — Sorriu e começamos a rir. Me recompus, ficando séria e apontei em sua direção.

— Sim, espanhola ou garganta profunda. — Revirei os olhos. — Levanta essa bunda daí que hoje a sua esposa está solicitando os serviços particulares de diversão do sr. Winterfield.

Saindo de seu lugar, com uma expressão obediente, me seguiu tranquilamente, sem fazer barulho. Marco e Polo ergueram suas cabeças quando passamos, normalmente, eles acordavam Halley com suas bagunças, mas ela precisaria se acostumar com os irmãos barulhentos. Quando ficavam impossíveis, Rosa os levava para seu quarto, que era nos fundos, de frente para o jardim.

Assim que fechei a porta do quarto, Devon me pressionou contra ela, tomando a minha boca em um beijo possessivo e gostoso que me deixava tonta de prazer. Agarrando a minha bunda, me ergueu em seu colo. Meus lábios mal conseguiam se afastar de sua pele.

Devon me levou para a cama, me colocando no centro dela com cuidado, me fazendo sentir preciosa, mesmo com seus beijos mais intensos e um pouco mais rudes. Havia muita necessidade e uma busca por conexão, o prazer incrível que tínhamos juntos e a vontade de viver eternamente compartilhando a intimidade de forma tão crua. Seu sorriso safado ao tirar minha calcinha e jogar longe me fez rir.

A risada, no entanto, morreu com a sua língua explorando meu clitóris.

— Ah... pensei que fosse te fazer implorar primeiro — gemi.

— Nós dois sabemos que você adora provocar.

Idiota.

— Se isso é uma espécie de preliminar para atizar o meu lado competitivo, saiba que está dando certo. — *Ai meu Deus!* Soltei um gemido alto. — Você *vai* implorar.

— Pura pressão... — me provocou.

Foda-se ele!

— Devon! — Ergui o rosto, quase desfalecendo com a deliciosa visão de sua boca na minha boceta. — Tire a calça... e vem aqui.

— Claro, amor. — Piscou. O sorriso que me deixava maluca desde os meus treze anos de idade enfeitou seu rosto perfeito. — Eu te amo.

Ele me tinha em suas mãos.

— Também te amo, mas você vai aprender a não provocar uma competidora.

De todas as coisas que eu tinha certeza: Devon era o homem da minha vida, Halley era o meu maior amor, o casamento era uma gangorra de emoções, mas enquanto houvesse diversão, paz, respeito e muito companheirismo, vida a dois podia ser um jogo divertido de se jogar. Meu casamento foi o desafio que perder, me fez ganhar um prêmio que não tinha preço: meu marido e minha filha.

Epílogo | Katrina

Halley estava sacudindo as pernas gordinhas, sorrindo para o móbile que balançava com uma musiquinha irritante, mas ela gostava e estava feliz, eu podia suportar. Aproveitando a sua distração, parei para dobrar as roupas secas que estavam completando aniversário em cima da poltrona.

Atendi uma ligação do trabalho, aos poucos retornando à minha rotina, escrevendo matérias anonimamente e analisando a possibilidade de escrever um livro.

Os cachorros ergueram suas cabeças do lugar que estavam esparramados. Eles adoravam ficar perto de Halley, se a porta do quarto dela estava aberta, podia apostar para vencer, que os dois estariam deitados próximo ao berço.

— Kat? — Ouvi Vanessa me chamar pela casa.

— Quarto da Halley!

Não demorou muito para entrar e imediatamente parei o que estava fazendo. Vanessa estava com um olhar feliz junto com uma expressão meio culpada. Cara de quem havia aprontado algo e não se arrependia.

— O que aconteceu? Bateu com o carro do seu irmão? — Sorri. Eles discutiram pela manhã, ela saiu tão irritada e Devon estava tão chato que eu não a culparia por propositalmente bater um de seus carros. — Já se resolveram?

— Ainda não nos falamos e acho que ele não vai falar comigo tão cedo.

— Não seja dramática. É só mandá-lo tomar conta da própria vida.
— Peguei um vestidinho, esticando todas as partes para colocar em um cabide. — Pensei que ser pai faria com que ele relaxasse, mas o homem decidiu que quer controlar o mundo inteiro.

— Acho que é o reflexo de tentar fazer um mundo melhor para Halley.

Mesmo brigados, ela o defendia com unhas e dentes. Era tão fofo.

— Então, o que você fez? Te conheço, sei que fez alguma coisa. — Voltei minha atenção para seu rosto. Vanessa mordeu o lábio antes de erguer a mão e mostrar uma aliança ostentosa no dedo. — Você ganhou essa coisa aí em uma máquina de balas?

— Não. Eu casei hoje cedo.

Soltei o vestido.

— Sério? Henry Cavill estava na cidade? A não ser que você tenha uma nova melhor amiga, eu não sabia que você estava namorando. — Coloquei minha mão na cintura e com a outra, agarrei a dela, analisando o anel. Parecia de verdade. *Era de verdade!* — Vanessa Winterfield, com quem você se casou?

Exibindo um sorrisinho hesitante, como quem não sabia se eu ia explodir ou desmaiar...

— Meu sobrenome agora é Hedrer. Eu casei com Stuart.

Sobre a autora

Mari Cardoso nasceu no início da década de noventa, na região dos lagos do Rio de Janeiro. Incentivada pela mãe, que lia histórias bíblicas e entre outras, sempre teve aguçado o amor pelos livros.

Em 2008, passou a se aventurar no mundo das fanfics da Saga Crepúsculo até que, anos mais tarde, resolveu começar escrever originais. Em 2019 iniciou sua carreira como autora profissional e hoje possui duas séries em destaque: Elite de Nova Iorque e Poder e Honra, dezessete livros publicados e alguns milhares de leituras acumulados.

Tornou-se autora best seller no ano de 2020 com o romance Perigoso Amor – Poder & Honra.

Ela possui [algumas histórias publicadas na Amazon.](#)

Suas redes sociais:

<http://www.instagram.com/autoramaricardoso>

<http://www.twitter.com/eumariautora>

<http://www.maricardoso.com.br/>

OceanofPDF.com